



A História do Padre Kobeski

YITZHAK
BEN-GURION

A História do Padre Kobeski

Yitzhak Ben-Gurion

Título original: A História do Padre Kobeski

Copyright © 2020 by Yitzhak Ben-Gurion

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios sem autorização escrita do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Ben-Gurion, Yitzhak, 1967
A História do Padre Kobeski / Yitzhak Ben-Gurion

ISBN: 978-16-558211-6-5
B869.3 Romance; ficção e contos brasileiros. 2.Digital.
Ed. Amazon – São Paulo – 2020

Sumário

Dedicatória 5

Capítulo I 6

Capítulo II 12

Capítulo III 26

Capítulo IV 50

Capítulo V 78

Capítulo VI 110

Capítulo VII 152

Capítulo VIII 198

Capítulo IX 224

Yitzhak Ben-Gurion

Dedicatória

À Sirlene, minha inspiração.

Capítulo I

“E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.”

Apocalipse 12:9

N o dia em que foi se matricular para o curso de teologia da PUC Arthur Kobeski estava decidido. Agora era isso, não tinha mais jeito. Não outro jeito que ele conseguisse imaginar. Estava com um envelope de papel na mão direita com os documentos. Faltavam alguns minutos para o pessoal da secretaria voltar do almoço, então resolveu andar pelo amplo jardim do Campus Ipiranga, um bonito lugar. Era um rapaz do tipo que se entrega facilmente à contemplação das ideias e das coisas belas. Em muitas ocasiões orientava-se mais pela intuição do que pelo senso de razão, e por isso às vezes achava mais fácil congelar um problema do que de fato resolve-lo. Estava, como de costume, em um traje despojado, camiseta gola polo de cor vinho e calça jeans azul. Calçava um sapatênis de couro marrom novinho. Como a maioria dos rapazes de sua idade gostava de garotas, sexo, festas, sonhava viajar e conhecer muitos lugares. Isso mesmo, nenhum puritano com cara de nerd, mas tudo na medida certa, claro. Apesar de ser moderado, e algumas vezes até parecer tímido, gostava de conhecer coisas novas e estava aberto a experiências diferentes. Gostava de ver as coisas por ângulos diferentes para criar suas próprias opiniões. Sabia de suas limitações, mas isso, longe de o fazer uma pessoa fraca, o tornava um homem muito seguro de si.

Nunca fizera o tipo que se pudesse associar logo com um homem religioso ou dedicado a uma causa como tal. Um jovem bem normal. Sujeito prático, procurava compensar sua falta de atitude em algumas áreas procurando crescer em outras. Cabelos ondulados e macios castanho-escuros, penteados para o lado esquerdo. Estava de certa forma encantado, não conhecia ainda aquele lugar, esperava menos. Passaria ali muitas e muitas horas dos seus próximos anos. Foi até o final do corredor andando devagar, parou, olhou para trás e voltou, lentamente, conferindo tudo ao redor, imaginando como seria também por detrás das paredes imponentes. Conferiu o relógio, ainda tinha doze minutos, então resolveu sentar-se no banco de concreto. Abriu o envelope para conferir se estava tudo ali. Estava, e ele sabia, mas repentinamente subiu-lhe ao peito, talvez brotando da grama bem cuidada do jardim, ou de alguma daquelas pequenas rosas tão prosaicas, mas tão lindas, ou ainda daquelas paredes cheias de mistérios e significados uma sensação de bem estar, algo forte, uma vontade de sair andando e não parar mais, que ele se sentiu, e ele teve consciência disso, como no primeiro dia de aula de uma criança. Ele não se lembrava do seu primeiro dia de aula, mas devia ter sido com aquele sentimento. De repente uma brisa leve agitou as folhas do jardim e sacudiu a camisa dele. Uma sensação prazerosa, um ar gostoso. Enquanto se deliciava com o frescor da brisa se posicionou do lado esquerdo dele um ancião, coisa de uns sessenta e cinco anos. Calça social de poliéster preta com camiseta de malha branca por dentro da calça. Uma barriga bem saliente o precedia. Sem nenhum cumprimento o homem perguntou se Arthur Kobeski viera se matricular, ao que este respondeu que sim, mas continuou sentado e calado. Pensou em cumprimentá-lo, mas como o homem pulou essa parte, achou por bem só ouvir. O homem cruzou os braços para trás e olhou para a própria barriga, pensativo. Parecia preparar um conselho.

—Olha, não é um caminho simples e nem lucrativo. Já pensou nisso?

Aquele homem estava incumbido de fazê-lo desistir? Era isso?

—Você é jovem, tem várias escolhas, pode pensar melhor, para não desperdiçar seu tempo, para não desperdiçar sua vida. Pode escolher uma carreira para ganhar muito dinheiro e ter uma vida tranquila e independente. Comprar um carro bom, ter sua casa, uma linda esposa, filhos, uma bela carreira profissional.

A História do Padre Kobeski

Arthur Kobeski esperava ser parabenizado, elogiado. Não desanimado. Sim, ele já havia pensado nessas coisas, e já havia sido desaconselhado antes, mas todas essas coisas pareciam muito distante, a missão dele parecia mesmo a batina, o confinamento. O homem ainda teceu mais algumas argumentações, apontou vantagens e desvantagens dessa escolha. Kobeski mais ouviu do que respondeu, foi pego despreparado, estava sem argumentos. Foi bastante monossílabo. Ele até elaborou em poucos segundos uma justificativa que o apresentava como um sacerdote convicto e afinado com a fé, mas faltou um verniz de convicção. O homem percebeu e continuou sua argumentação. Explicou que muitos jovens, por não terem uma firme vocação, acabavam se arrependendo, desiludidos, sentiam que haviam perdido seu tempo, e ele não queria isso para mais ninguém.

–Você está deixando algum gancho lá fora? – O homem levantou o braço, em um gesto calmo e respeitoso, quase paternal, e apontou o dedo para o portão externo. – Carreira, oportunidade profissional, algum amor, ou qualquer sonho que ainda mova as suas atitudes e forças?

Kobeski balançou a cabeça, suave e negativamente, mudo, olhando nos olhos dele, imaginando um monte de coisas, mas sem conseguir chegar a qualquer conclusão aceitável. O homem se calou, baixou a cabeça e ficou olhando para o chão, pensando. A brisa cessou. Kobeski sentiu um repentino calor. O homem cruzou novamente os braços atrás de si, ensaiou um sorriso singelo para Kobeski e desejou boa sorte. Saiu andando lentamente rumo à secretaria. Repentinamente Kobeski se sentiu abandonado, e ficou confuso com esse sentimento. Ficou olhando fixamente até o homem sumir, depois baixou os olhos negros e ficou refletindo.

Olhou para o portão, ficou imaginando o mundo lá fora. As oportunidades, a trama toda de como a engrenagem funciona, os personagens, os figurantes, as armadilhas, toda essa coisa podre que nos consome todo dia. Olhou para a imensidão do céu azul, que naquele momento despejava fatura de calor sobre a criação. Alguns pássaros riscavam o profundo azul num balé suave, despreocupadas com as profundas questões existenciais que afligem a rasa compreensão humana. De repente sentiu-se seguro dentro daquela pequena fortaleza. As paredes pareciam fortes, até impenetráveis.

Yitzhak Ben-Gurion

Aquelas colunas, aqueles arcos, as paredes altas. Tudo isso remetia a histórias antigas, personagens do passado, coisas misteriosas que ele pretendia descobrir em breve. Toda aquela estrutura, física e social, estava encharcada de história e de fatos que serviram de ponto de inflexão para o curso de toda a humanidade. Então tudo ficou um pouco sombrio, sentiu um leve calafrio. Uma mistura de sentimentos o deixou momentaneamente meio tonto. Mas durou pouco, ele conseguiu racionalizar isso e deu curso ao seu objetivo. Era bom nisso. É isso, agora poderia se entregar a questões do passado, descobrir grandes mistérios, responder a perguntas há muito pendentes e, enfim, ter uma causa pela qual lutar. Sim, a vida é como um rio, sempre encontra um novo curso. De posse da consciência de que seu destino é o mar, desvia dos obstáculos e cumpre sua jornada. Não podia parar, tinha que encontrar novas motivações a cada amanhecer. Algumas questões da complexidade da alma estavam sempre martelando sua mente e requerendo atenção, perguntas das mais diversas ordens. Ia dar um rumo novo para sua vida. Levantou seu corpo magro de um metro e setenta e seis de altura e foi para a secretaria, para onde outras pessoas estavam agora indo também. Em uma parede perto de guichê de inscrição havia um panfleto com o seguinte dizer: *“Por que estudar Teologia na PUC–SP? O curso de Teologia da PUC–SP, dotado de um caráter humanístico, interdisciplinar e engajado socialmente, forma profissionais capazes de apresentar e testemunhar de forma racional os dados da fé revelada, dialogando com as demais ciências e expressões religiosas e convivendo de forma responsável com as instituições cívicas democraticamente instituídas”*. Essa inscrição ainda consta no site da instituição.

Pegou um formulário para preencher com dados pessoais e sentou-se numa carteira escolar. Ao preencher o nome da mãe lembrou-se de suas opiniões e conselhos. Suas palavras ponderadas e graves ainda estavam nos ouvidos dele, e se misturavam às palavras escritas no formulário. Parou, comprimiu os lábios, brincou um pouco com a caneta, olhando para sua mão branca. Continuou escrevendo. Nome do pai. Lembrou-se de que sua avó paterna havia morrido de Alzheimer, e agora seu pai andava muito esquecido e mal humorado, e não sabia se devia se preocupar com isso. A verdade era que os médicos nunca conseguiram precisar se era mesmo Alzheimer. Alguma coisa acometera sua memória, sua percepção e sua capacidade cognitiva a tal ponto que tornara-se outra pessoa, em um processo

A História do Padre Kobeski

lento, mas persistente de degeneração mental. Agora não estaria mais tão presente para cuidar dele. Sentia um desejo enorme de ser alguém, de ter uma causa importante, de ter uma existência plena e marcante. Ao terminar de preencher a ficha tampou a caneta e seu pensamento foi longe buscar um poema do carioca Francisco Otaviano, que lera em um livro emprestado da Livraria Saraiva, para avalizar sua decisão:

“Quem passou pela vida em branca nuvem,
E em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu;
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida, não viveu.”

Na segunda semana de aula, numa ministração sobre o Velho Testamento, mais especificamente sobre a Criação, Kobeski começou a elaborar uma teoria que pautaria de forma marcante o resto de sua vida. Ao ouvir sobre a traição da serpente, a maneira sórdida como esta induziu a mulher a pecar, ele estabeleceu uma fulminante analogia entre a história do gênesis e os tropeços de cada um de nós para alcançar nossos objetivos. Adão e Eva tinham uma vida tranquila e sossegada, tinham tudo, eram felizes. Mas um ser sem escrúpulos, sem piedade, por pura maldade, se infiltrou entre eles e rompeu a zona de conforto, a estabilidade, a paz, e assim criou-se um estado de tensão permanente em que o Bem trava uma luta difícil contra o Mal, e não se pode mais voltar ao estado original. Ele próprio sentia que estava no meio desse fogo cruzado, e sentia que estava perdendo. Sim, sofrera uma grande perda. E assim é, ainda hoje, a maldade se instala, como um ser que vem de outro planeta e se reproduz dentro do corpo humano, dentro da mente, e faz desandar tudo que há de bom, tudo que há de belo. Saiu da aula com ideias novas na cabeça. Tinha um plano, tinha um objetivo.

Foi para a biblioteca e abriu a bíblia no livro de Marcos, onde é contada a história de um homem que estava possuído por uma legião de demônios, e Jesus permitiu que eles entrassem na manada de porcos que estava ali perto. Amava livros, e estar naquela imensa biblioteca, com tanta variedade de livros e com toda aquela gente que ele supunha culta o fez se sentir especial. Então é isso, pensou, o diabo entrou na

Yitzhak Ben-Gurion

serpente, entrou nesse homem, entrou nos porcos. Ele tem feito isso desde sempre, inúmeras vezes, estragando vidas, torcendo a verdade, destruindo famílias. Plantando a infelicidade. Kobeski leu mais um pouco e ficou refletindo sobre essas coisas um bom tempo. Depois fechou a bíblia e os outros livros. Então baixou a cabeça e a apoiou sobre a mesa. Seus pensamentos ganharam asas e foram visitar momentos importantes de sua vida.

Capítulo II

Fechou a porta do quarto e colocou o cartão magnético no drive, para manter a porta trancada e as luzes acesas. Forçou a maçaneta levemente para conferir se a porta estava trancada. Virou-se para ela com sorriso gentil, juntou as mãos na altura do peito entrelaçando os dedos. Parou um instante em silêncio, perscrutando o olhar dela, tentando avaliar seus sentimentos, temores, insegurança. Continuou sorrindo, um sorriso funcional para oferecer a segurança que ela estava, naquele momento, buscando no olhar dele. Ela retribuiu o sorriso, mas carregado de dúvidas, um sorriso apreensivo. Estava ao lado da cama, de pé, ombros levemente arreados, cabeça sutilmente abaixada, de modo que seus olhos negros olhavam para ele com certa submissão, e visível insegurança. Ele deu um passo seguro em direção a ela, olhando firmemente nos seus olhos. Ela consertou os ombros, mas sua respiração estava densa e engasgada. Suas narinas aumentaram involuntariamente a abertura, para sugar o acréscimo de oxigênio que seu sangue precisava queimar para manter o coração a galope, enquanto olhava fixamente nos olhos dele. A boca estava seca. Sentia-se uma presa. Com as mãos penduradas e sem saber o que fazer com elas começou a quicar o polegar direito contra o indicador direito, e em seguida fez a mesma coisa com a outra mão. O ambiente de uns trinta metros quadrados era composto por uma cama *box king size*, com um tipo de cabeceira espelhada e coberta com uma colcha felpuda, com figuras geométricas em tons bege, branco e marrom; uma mesinha de mogno redonda toda laqueada, com um pé central que se abria em quatro pés no chão, um balcão de trabalho tipo de escritório, também de mogno, com um frigobar embaixo bem recheado de guloseimas e bebidas. Acima do balcão uma TV de LCD

de quarenta polegadas, para se ver da cama, e um espelho redondo grande. Quem sentasse ao balcão de trabalho tinha uma grande janela do seu lado esquerdo, para a avenida Ana Costa, coberta por cortinas entre bege e dourado. Todo o ambiente emanava graduações delicadas e de bom gosto entre bege claro, nos tecidos, passando por dourado, até o marrom do mogno, coisa muito fina e caprichada. Do lado direito da cama ficava a porta para o banheiro, com louças impecáveis e metais que brilhavam, quatro toalhas de banho embaladas em plástico, um kit de sabonetes finos, xampu e dois pares de chinelo. Ele deu mais um passo em direção a ela e parou. Tirou os sapatênis apenas com os pés e os jogou para perto da cadeira do balcão de trabalho, onde estava jogada sua mochila, sem se abaixar. Ficou só de meias. Meias, calça jeans tipo tradicional, com alguns pequenos rasgos de fábrica nas pernas e nos bolsos detrás, e camisa tipo *slim fit*, de manga comprida, abotoada nos pulsos. Camisa muito cara. Desabotoou os pulsos e abriu a camisa. Ombros largos e peito bem esculpido. A respiração trepidou e ela se encolheu um pouco mais, mas ele a abraçou com seus braços fortes. Nos últimos sete anos puxava ferro com frequência e fazia natação; era uma forma de se manter mentalmente são, diante da correria da empresa, e para não pensar na morte de Eliza. Encostou o rosto no dela e inspirou o perfume do desodorante Thaty, do Boticário. Acariciou as costas dela suavemente. Dentro dos braços dele, e rodeada pelo total silêncio entre aquelas quatro paredes, ela se sentiu abandonada. Não sabia se o que a enlouquecia era o silêncio palpável ou o fato de estar à disposição dele. Não sabia como devia agir ou reagir. Tinha feito a lição de casa, mas não sabia se estava suficiente. Vestido novo com saínia rodada, de lese azul claro, comprado no shopping Interlagos; conjuntinho de sutiã e calcinha de renda quase transparente, cor salmão, também comprado no mesmo shopping; sandália prateada com cordinhas trançadas com apenas seis centímetros de altura, para não realçar muito sua altura de um metro e setenta. Seus cabelos negros e lisos, que batiam pouco abaixo dos ombros largos, estavam devidamente hidratados, serviço feito pela Olinda do salão Poderosa. Então estava bom. Tudo isso em cima de uma pele lisa e bronzeada que combinava com a mesinha de mogno. Uma morena de dar gosto. Se conseguisse filtrar todo o seu misto de sentimentos, diversos e contraditórios, encontraria lá no fundo uma camada consistente de felicidade. E essa felicidade estava diretamente ligada à maneira como ele a estava conduzindo desde o começo.

A História do Padre Kobeski

—Fique tranquila, vou cuidar bem de você, disse ele suavemente aos seus ouvidos. Com os olhos fechados ela estremeceu de novo, mas tentava não transparecer a menina desamparada que havia debaixo daquele frágil sorriso, um sorriso que começou a se desenhar nos lábios de morango, pintados de vermelho.

Alisou a orelha dela enquanto lambia o rosto. Ele abaixou o zíper do vestido e acariciou a pele quase totalmente lisa. O coração de Núbia disparou de novo, a garganta ficou gravemente seca. Segurou a cabeça dela com as duas mãos, com firmeza e delicadeza, por baixo dos cabelos; olhou nos olhos dela e aproximou sua boca da dela. Ela reagiu deixando a boca entreaberta, esperando a próxima atitude dele. Os lábios se tocaram bem devagarinho, um toque suave, um antebeiijo. Mordiscou o lábio superior dela com seus lábios. Cada movimento era calculado para criar uma progressão de sensações e emoções. Para ser bom para ele tinha que ser ainda melhor para ela. O rapaz sabia controlar a situação como ninguém. Fora um bom marido para Eliza, um grande amigo e um amante dedicado. Quando ela adoeceu, procurou manter sua autoestima inflada para reduzir o impacto da degeneração implacável que a acometeu. Ele conseguira reduzir o sofrimento dela fazendo-a se sentir amada, querida e única. Núbia Caldeira estava prestes a conhecer, na prática, esse homem. Desabraçou e fez uma cara de garoto sapeca.

—Você é muito linda, — recitou sorrindo aos olhos dela. Ela não tinha forças nem direção para contracenar.

Apertou o dedo indicador direito na testa dela, com carinho, e ela entendeu que deveria fazer de conta que estava caindo de costas sobre a cama. Jogou-se na cama e sorriu timidamente. Ele se deitou do lado dela colocando a mão direita sob sua cabeça, e com a esquerda acariciou-lhe a barriga. Encostou o rosto no dela e sentiu de novo uma mistura do perfume com o cheiro do batom. Ela fechou os olhos, mas, ansiosa, os abriu de novo, discretamente, para conferir qual seria a próxima providência dele. Chegou a pensar, por um milésimo de segundo, que qualquer atitude daquele homem seria boa, mas recuou e preferiu aguardar o andamento dos fatos. Sentiu que estava jogada na cama e não sabia se devia consertar o corpo. Ele tirou rapidamente a camisa e a jogou no chão. Fez a mesma coisa com a calça e as meias, sem deixar de olhar para ela. Abaixou-se novamente. Encheu a boca

Yitzhak Ben-Gurion

com a boca dela, com vontade de fazer o que estava fazendo. Estava se deixando envolver, virando bicho, pegando fogo. Alerta vermelho de volúpia. Ele a arrastou para o meio da cama como uma onça pintada que arrasta sua caça para um lugar tranquilo e protegido. Colocou a mão direita sob a nuca dela como se estivesse segurando uma taça de vinho, levou a outra ao quadril e novamente se serviu da boca madura que ela tinha, começando suavemente e depois parecia querer engoli-la toda. Enquanto a boca testava o limite dos seus sentidos as mãos cavalgavam por toda parte. Ela estava louca de prazer e se sentindo completamente dominada. Mas estava gostando. Daquele dia em diante seria uma nova mulher.

Nesse momento, dentro dos braços dele, ela não tinha mais como recuar ou protestar; nem tinha motivos para isso, ele procurou ser suficiente. Otávio Ahmed Chafic era o nome que constava na cédula de identidade desse homem. A data de nascimento era nove de setembro de um mil, novecentos e setenta e sete. A carteira saía do bolso da calça ao bater no chão, aberta. Ele passeou com a mão esquerda debaixo da saia do vestido, e ela quase teve um troço.

Núbia ajeitou o cabelo, que nesse ponto já ficara desarrumado. Ficou só com o conjuntinho salmão e a sandália. Ela mesma esfregou um pé contra o outro e as jogou no carpete, olhando nos olhos dele. Novamente a beijou, pele na pele, um beijo quente.

Depois dormiram cerca de quarenta minutos, completamente exaustos e alheios ao que acontecia lá fora.

Helena Mesquita dormia um sono difícil. Havia enterrado seu marido dois dias antes e estava sofrendo. Estava sozinha naquela casa grande, construída pelo marido logo que se casaram, mais de trinta anos antes. Eram trezentos e quarenta metros quadrados de área útil, e seu quarto estava no final do corredor do piso superior. A noite estava calma, densa, profunda. Conseguiu dormir quase duas da manhã, depois de tomar um calmante que ela insistia em não precisar tomar. Acordou de novo. Ficou mudando de canal, mas nada interessante. As quatro xícaras de café estavam causando uma rebelião no seu estômago. Entrou no Netflix e ficou um bom tempo pesquisando até achar uma comédia três estrelas. Assistiu a menos da metade e sentiu o sono bater forte. Faziam doze graus de temperatura e ela estava coberta com duas colchas médias. Às três e quinze acordou,

mas não abriu os olhos. Estava encolhida. Muitas lembranças pousaram em sua mente. Começou a pensar em quando tinha seus vinte e cinco anos, um ano bom, a viagem para o Caribe, muitos planos, a empresa de engenharia do marido começava a prosperar. Tentou esquecer e dormir, estava cansada. Na parede do seu lado direito havia um quadro pintado a óleo, uma paisagem bucólica de um metro e dez por noventa centímetros. A luz da TV o colocava no seu campo de visão causando sentimentos desconexos. O passado não volta, precisava pegar no sono de novo para cuidar da vida. Os três filhos estavam casados; Izabel morava em um apartamento ali mesmo, no Alto da Lapa; Isadora em Moema e Pedro, o mais velho, que agora assumiria os negócios do pai, num apartamento no Itaim. Havia comido seis bolachas de sal às nove e meia, mas à uma da manhã sentiu vontade de comer uma pera, e comeu. Foi à geladeira no andar de baixo e pegou duas, e voltou rapidamente. Subiu a escada ouvindo um silêncio insistente, uma solidão dura. Usava um pijama de moletom azul escuro, comprado na Disney um ano e meio antes, numa super viagem com filhos e netos. Recostou-se debaixo dos cobertores e continuou mastigando. Precisaria estabelecer uma nova rotina dali em diante; agora devia ficar mais perto dos filhos e dos cinco netos, e talvez vender aquela casa. Onde já se viu uma mulher de sessenta e um anos morando sozinha numa casa daquele tamanho? Não podia.

A janela com vista para o norte devia estar com uma greta aberta, sentiu o ar se mexer ao redor. A porta anterior no corredor era o escritório onde o marido passava grande parte do tempo, lendo e fazendo contatos com clientes e fornecedores. Uma sala de quarenta e três metros quadrados. Ali também estavam algumas relíquias da família. Uma velha coleção de selos deixada por seu pai, uma coleção de carrinhos em miniatura que ele conseguiu em pelo menos nove países diferentes. Nos últimos oito anos havia se interessado muito por arqueologia, então tinha pelo menos uns quinze livros sobre o Egito, império Maia, Palestina, Roma, Grécia, China, Israel. Depois era o quarto de Pedro, e em frente a este estava o de Izabel. E do lado dele o de Isadora. Continuou com os olhos fechados, não queria despertar. Ao invés de se levantar para conferir a janela, apenas se encolheu um pouco mais. O que faria com todos aqueles livros? E com aquelas coisas velhas? Tinha que mudar radicalmente sua vida dali para frente, ou ficaria louca. Sentiu novamente o ar se mexer, e dessa vez os pelos

do corpo ficaram levemente arrepiados. Devia ter pego mais um cobertor, a temperatura devia estar caindo; vira na internet que os próximos dias seriam bem frios. Encolheu-se ainda mais debaixo das colchas para aproveitar melhor o calor do corpo. Administrar a empresa seria coisa para Pedro, ele é que tinha dom para isso; ela tinha outros planos. E para o Hernane, marido da Bebel. Ela até que gostava, mas na companhia do Mesquita. Ela não o chamava de Mesquita dentro de casa, apenas entre os amigos. Em casa era meu bem, meu amor ou Thomas, conforme a ocasião. Quanto a isso podia ficar tranquila, Pedro já vinha assumindo funções havia vários anos, então estava inteirado da rotina e do mecanismo que fazia aquela empresa lucrar. Sentiu o colchão vibrar, como se houvesse sido tocado. Parou de pensar em Pedro e na empresa e se concentrou neste fato. Ficou prestando atenção, ligou as antenas, tentou identificar cada microsom. Quando emitimos algum som com a boca ou batemos em algum objeto isso gera ondas que navegam pelo ar e fazem vibrar os tímpanos. Então o cérebro interpreta isso como som. Quando essas ondas são de baixíssima frequência não achamos que é som, mas os tímpanos percebem da mesma forma, e transmitem essa informação para o cérebro do mesmo jeito, mas aí dizemos que tivemos uma sensação, ou pressentimento. Não captou nada.

Agora teria que chamar o doutor Reinaldo de Bastos para providenciar a partilha dos bens; a sorte é que a família não inspirava discórdia, sempre foram unidos e respeitosos. Uma família harmoniosa. Não havia testamento, pelo menos o Mesquita nunca falou com ela sobre isso, e por isso a divisão seguiria as normas padrões da lei. Novamente os tímpanos dela captaram algo se mexendo dentro da atmosfera fechada do quarto, e em seguida pareceu que o colchão se abaixou um pouco no canto direito dos pés. A escuridão era total. Ela não tinha medo, era mulher forte, o Mesquita a tornara uma mulher guerreira, mas parecia que não era vento entrando pela janela. Não quis abrir os olhos, o sofrimento dos últimos dias a deixou exausta e desnorteada, e o cansaço estava afetando sua cognição. Com certeza era a imaginação sob o efeito do estresse e do calmante, só precisava dormir. Tentou se concentrar ainda mais para ser sugada para as profundezas de um sono reparador. Ficou quietinha, em posição fetal. Vagamente ouvia os sons dos carros lá fora. Havia neblina; lá pelo meio da manhã o sol deveria aparecer com força total. O calmante parecia

ter perdido o efeito, era para estar num sono profundo. Inspirou e expirou com mais intensidade. O telefone tocou.

–Alô? Mãe?

–Filha? O que foi? Algum problema?

–Não, só não estou conseguindo dormir, o Guilherme está com febre, já dei dipirona, mas nada da febre passar.

–Não é da garganta?

–Acho que é, ontem ele não comeu quase nada.

–se continuar assim não vai poder trabalhar amanhã.

–Como assim, trabalhar, filha? O Guilherme só tem sete anos de idade.

–Mas o mundo está muito mudado, ele já está até namorando.

–Meu Deus, Bebel, do que você está falando? Não estou entendendo nada. Que barulho foi esse aí?

–Não ouvi nada.

–Então de onde veio?

Helena acordou assustada depois de dormir quarenta e dois minutos. Bateu sentada na cama, firmada nas mãos. Abriu os olhos, mas era como se estivessem fechados, um breu só. Ofegava e seus olhos vasculhavam a escuridão para orientar os ouvidos, que estavam ligadíssimos. Novamente o ar se mexeu. Muita atenção. Agora não teve dúvidas, não era vento, nada de fora, era de dentro. Evitou até de respirar para não chamar atenção, mas sentia como se alguns olhos estivessem olhando para ela. Começou a entrar em pânico. Um ruído veio da biblioteca, um objeto foi arrastado. Alguma coisa de louça ou vidro. Não estava sozinha.

Saíram do hotel Parque Balneário, esquina da Ana Costa com a avenida da praia, às cinco e vinte da tarde, e foram ao shopping Praiamar, para comer alguma coisa. Atravessaram a avenida da praia, pegaram o calçadão no sentido sul e andaram quarenta e cinco metros. Ele enfiou a mão no bolso da calça e pegou a chave do Audi A5 preto. Clicou no botão, as luzes piscaram e ouviu-se o som do alarme desarmando, e os vidros baixaram automaticamente. Ele abriu a porta e ela, se sentindo uma princesa, abaixou-se gentilmente e fez gesto de gratidão. O ar condicionado já estava ligado.

–Você guardou seu RG? – perguntou ele colocando a chave na ignição.

Yitzhak Ben-Gurion

—Sim, está na minha bolsa, guardei antes de sair do quarto. Na esquina do shopping passaram por uma estátua de divindade grega que minava água, pelo lado direito do carro. Deu sinal para entrar à direita e subiu a rampa do estacionamento. Ele pediu uma lasanha no Spoleto, com duas porções de bacon, azeitonas, queijo branco, pepino, presunto e milho. Ela quis pedir um sanduiche do Burger King, mas preferiu não sair na presença dele, pediu o tradicional espaguete com molho vermelho. Na Stiletto comprou para ela uma bolsa do gosto dela, e na loja de perfumes importados deu a ela um Two One Two feminino.

Michel estacionou sua moto Kawasaki verde numa vaga do bolsão do Emissário. Ele e Arlete desceram e foram para a plataforma do Emissário, perto da nova estação do trem suspenso. Iam se juntar aos amigos para uma corrida na praia. Andaram dez metros e encontraram o Medeiros, a Pri, a Lídia, o Alan e o Jorginho. Arlete tirou a camiseta e a colocou na mochila de náilon, junto aos documentos e o cartão do banco. Alguns homens que passavam ficaram olhando o corpão de caramelo. O Medeiros e a Pri namoravam havia dois anos. Ele era gerente financeiro em uma empresa grande, e ela arquiteta, com escritório próprio entre Ana Costa e o Canal 3. O Alan já havia tentado namorar Arlete antes dela engatar com o Michel, e por isso Michel estava sempre prestando atenção nele. Jorginho era professor na academia e estava sempre com eles.

Conversaram animados, de pé, durante sete minutos. Se posicionaram num aparelho de ginástica da praia e fizeram alongamentos durante alguns minutos, para esquentar o corpo. Começaram a correr em trote leve, rumo ao Canal Um, mas combinaram de ir até o Canal Sete, e de lá voltariam até o Canal Um, onde iam parar para tomar água de coco. Partiram. Chegando à praça das Bandeiras, Medeiros deu sinal de cansado e pediu para esperarem uns minutos. Ficaram três minutos ali, enquanto ele se movimentava, tentando restaurar o vigor de quando fazia esse percurso duas vezes por semana. Procurou se recuperar rápido, estava com vergonha de parecer um velho decadente. Recomeçaram e foram até o Canal Sete.

—E aí, Medeiros, vai aguentar a volta? Perguntou Jorginho com ar profissional, tentando dar aquela animada.

—Sim, tranquilo, foi só o primeiro impacto, já estou bem.

—Daqui a pouco vamos parar para descansar e você se reanima.

–Tranquilo.

–Vamos todos? – Perguntou Jorginho, olhando para o resto da equipe.

–Sim, com força total.

Passaram em frente ao Aquário Municipal e continuaram em trote leve.

Chegaram ao Canal Um.

–Pessoal, como vocês estão? Alguém está se sentindo tonto ou com dor? – Perguntou de novo Jorginho.

–Eu estou tranquilo, respondeu Michel, no que foi seguido pelos outros, inclusive Medeiros. Medeiros não estava tão tranquilo quanto tentou parecer.

–Ok, então vamos sentar e descansar. – Todos pegaram água de coco gelada.

–Michel, viu aquela Yamaha MT03 vermelha lá no estacionamento do Emissário? – Perguntou Medeiros colocando o canudo na boca.

–Vi. – Michel puxou mais um gole de água de coco, estava bem gelada. Tentou visualizar a moto que Medeiros estava tentando explicar. Ele vira mesmo a tal moto?

–É minha.

–Sério? Comprou quando? Nem sabia que você pilotava.

–Já tem duas semanas, mas ainda quase não andei. Para trabalhar vou de carro. Preciso pegar o jeito de novo, estou enferrujado. Eu dirigia muito a moto do meu pai, mas depois ele vendeu. Aí comprei uma Honda 250, fiquei com ela dois anos. Vendi e fiquei muito tempo sem pilotar.

As meninas falaram de saúde, dieta, trabalho, viagens. Medeiros queria fazer concurso público para se libertar do ramo financeiro, que sempre perdia vagas para programas de computadores. Era gerente financeiro em uma multinacional de sistemas, recém instalada no Alphaville de Santos. Essa empresa ficava na Alexandre Dumas, em São Paulo, mas veio para Santos com a criação desse parque empresarial. Centenas de empresas de serviços e tecnologia se mudaram para Santos por causa de comodidade e benefícios fiscais. Com a mudança da empresa ele também se mudara para Santos. A maioria dos colegas ia trabalhar de ônibus fretados, um conforto merecido. Alan achava que devia ter feito medicina, ao invés de direito. Arlete Sabino puxou assunto sobre casamento, Michel tentou jogar

Yitzhak Ben-Gurion

panos quentes, mas perdeu para Lídia e Pri, que mostraram muito interesse no assunto.

–Quando vamos fazer isso de novo? Perguntou Jorginho, sobre a caminhada na praia.

–Sexta que vem?

–Para mim está bom, respondeu Michel. – Mas, já que o Medeiros está de moto nova, que tal subirmos a serra amanhã de manhã para ele sentir a sensação de voar sobre duas rodas?

–Oba, gostei, respondeu Arlete num quase grito de euforia. Muito simpática, animada, cheia de energia. Contrapunha um pouco o jeito sereno de Michel. Se conheceram quase três anos antes; ela era amiga de Leila Ventura, irmã de Michel. Demoraram um pouco até a amizade virar amor.

–Legal, também gostei, vou falar com a Rê. Se ela topa, vamos em três motos.

Na sala de operações financeiras da Veconinter um celular tocou. Ninguém atendeu. Tocou de novo até desligar. Nada.

–Renata, seu telefone estava tocando. – Uma colega que trabalhava ao lado da mesa dela avisou, uma mulher de quarenta e sete anos, loira e óculos fundo de garrafa. A mulher estava meio estressada e queria que aquele telefone parasse de tocar.

–Ah, obrigada, estava no banheiro.

Renata conferiu, era o número do Alan. Ainda de pé, ao lado de sua mesa, ligou de volta. Alan explicou sobre a intenção de subirem a serra de moto, os três casais. Renata era gerente financeira de uma multinacional que negociava fretes para cargas em navios. Precisou trabalhar até mais tarde; dois navios que estavam embaraçados foram liberados de uma vez, precisou acompanhar a equipe. Os dois estavam juntos havia sete meses. Ela tinha algumas ressalvas quanto a ele, precisavam conversar para acertar algumas excentricidades dele, e algumas mentiras que ela descobrira sobre cartão de crédito. Mas, fora isso, estavam indo bem, não existe ninguém perfeito, ela pensava. Ela aprovou o passeio, estava precisando ventilar a cabeça e a alma.

O padre Arthur Kobeski estava lá na frente, devidamente caracterizado, conferindo os últimos detalhes. O microfone estava ligado, as portas já estavam abertas, o piso da nave devidamente varrido e limpo. Conferiu o relógio. Olhou de novo para a única alma

no meio da igreja. Uma grande nave com pé direito de dezoito metros, arquitetura neogótica, estrutura pesada, várias imagens humanas e de seres alados pelas paredes. Diante dos olhos dele, lá do outro lado da avenida, a areia estava se aquecendo e o mar estava se empolando. Reconheceu aquele vulto. Saiu do altar e veio, olhos fixos e curiosos, querendo confirmar. Pôs as mãos atrás de si, segurando uma na outra, cabeça baixa. A mulher continuou a olhar enquanto ele vinha, calmamente, a se encontrar com ela. Lá na frente da igreja, atrás do altar, algumas estátuas empoleiradas davam o tom em um ambiente que pretendia impressionar pelos detalhes da complexa e rebuscada estrutura. Das janelas laterais, do lado direito de quem está de costas para o altar, fluíam luzes mornas, coloridas pelas lentes de vidro fabricadas no final da segunda guerra mundial. Um pouco do pó que se levantou da limpeza insistia em flutuar, criando contra a luz do sol uma atmosfera etérea; uma comunicação íntima entre aquelas paredes brutas e algo de dimensões astronômicas que vinha desde o firmamento para sensibilizar os peregrinos. Na quinta fileira de bancos ele saiu do quarto corredor e foi para o segundo corredor. Ela estava com a cabeça baixa e olhos fechados, precisava de forças para continuar a vida.

—Bom dia, irmã. Como tem passado? — Ele a cumprimentou de pé, mas olhou para o banco, ajeitou a batina e sentou-se do lado esquerdo dela, na borda do banco, de modo a ficar o mais de frente possível para a alma aflita.

—Estou tentando.

Com as mãos nos joelhos ela levantou o rosto suavemente e olhou para ele, olhar pensativo, abatida. Havia chorado. Escolheu um vestido azul florido, com flores brancas, cinturado, batendo na altura dos joelhos. Uma bolsa pequena, branca, e sandálias baixas, salto de dois centímetros, de tirinhas estreitas, da Carmen Steffens. Deixara os óculos de grau em casa, estava tentando se adaptar às lentes de contato. Mas os óculos de sol com lentes grandes estavam pendurados na alça da bolsa. No sábado à tarde havia feito cabelo no salão Haute, a meio caminho entre seu apartamento e a igreja. O castanho claro no cabelo liso com laquê lhe caiu muito bem. Debaixo daquela luz que fluía quase líquida das janelas sua pele e seu cabelo ganharam uma aura quase artística. Mulher muito elegante, sempre com gestos suaves e discretos.

—Entendo, não é simples. Perder alguém nunca é simples. O Mesquita era um grande homem, para mim também está sendo uma

Yitzhak Ben-Gurion

grande perda. Prefiro pensar que a missão dele terminou e ele foi descansar. Era dessas pessoas que deixam um vácuo de valores, difícil de ser preenchido por outros mortais. Me perdoe o trocadilho.

–Para onde vamos depois da morte? Tenho pensado muito nisso, e de um jeito que nunca pensei antes.

–Espero que para um bom lugar. É por isso que estou aqui.

Ele fez um gesto com as duas mãos e abriu os ombros, mas o cenho denunciou que não se convenceu com a própria resposta.

–Espera? Eu imaginava que você, na sua posição, tivesse uma resposta mais satisfatória para essa questão. E quem não está aqui como você?

–Questões complicadas, não é?

Ele pareceu incomodado com o rumo que o assunto ia tomar.

–Eu tenho certeza de que o Mesquita está em um lugar especial. Mas me fale sobre você. Esses últimos dias devem ter sido um martírio. Ele endireitou o corpo, mudou a posição da cabeça e cruzou os braços sobre a barriga, levando a mão direita à boca.

–E foram. Tenho ouvido coisas, não estou conseguindo lidar bem com a ausência dele. Pressentimentos ruins. Isso está me assustando. – Ele franziu a testa, apertou os lábios e uma interrogação surgiu entre seus olhos.

–Não acha melhor passar um tempo com cada filho? A companhia dos netos? Talvez viajar um pouco?

–Não quero incomodá-los, eles já têm a vida deles, e eu gosto da minha independência. Mas estou pensando em passar uma temporada no nosso apartamento aqui em Santos. Aqui eu pelo menos tenho a praia para andar, velhos amigos. Não é bom ficar dentro de casa.

–Faz bem. Ver o pôr-do-sol todo dia vai te fazer muito bem. Ver o movimento do mar liberta.

–Vai sim. Andar descalço na areia dá uma sensação de liberdade, eu amo o vento no rosto. Vou voltar a fazer minhas caminhadas; voltei a ficar sedentária.

Helena e Thomas Mesquita compraram uma casa na Ponta da Praia quatro anos depois de casados, na Avenida Senador César Lacerda Vergueiro, número 19. Não era luxuosa, mas era uma casa muito boa, confortável. Foram bons tempos ali, boa parte da infância dos filhos foi nesse endereço. Um quarto para cada filho, quintal, piscina, churrasqueira. Festejaram ali o nascimento de cada neto, várias confraternizações com amigos, casamentos, finais de ano, finais de

semana, feriados. Bem pertinho da praia, bares, restaurantes, a balsa para Guarujá. O próprio padre Arthur Kobeski estivera presente em vários desses eventos, com batina e sem batina. Era primo em terceiro grau de Thomas Mesquita; o pai de Thomas era primo segundo do pai de Arthur. Mas os últimos sete anos mostraram a força do aquecimento global, misturado a vários outros fatores que, todos juntos, fizeram o mar avançar para além da avenida da praia, chegando bem perto da rua da casa. Um apartamento moderno em um lugar menos suscetível à violência da maré foi a escolha do casal, quase dois anos antes da morte do Mesquita, à rua Doutor Epitácio Pessoa número 201, a poucos metros da igreja. Cento e quinze metros quadrados divididos em quatro dormitórios, duas garagens, terraço com vista para o mar, apesar de estar à rua atrás da avenida da praia. Um confortável espaço de veraneio.

Uma família entrou pela porta da frente e passou por eles, uns trinta e dois anos ela, e ele uns dois anos mais velho, com uma menina de sete e um menino de dez. O casal sorriu para o padre, que virou o corpo e retribuiu o sorriso, e fez um aceno de cabeça. Mais quatro pessoas passaram em seguida. Todos o cumprimentaram e receberam de volta o gesto.

—Preciso ir, são quase nove horas. Conversamos depois.

O sol estava prometendo um bom dia de praia, e o céu estava totalmente limpo. A cidade já estava de pé, muitas pessoas corriam pelo calçadão, várias pessoas já estavam nadando, carros passavam acelerados para todos os lados. Os turistas queriam aproveitar todos os momentos do final de semana. O fluxo de descida da Imigrantes estava intenso, trazendo mais turistas, mas sem congestionamento.

Às sete e quarenta e cinco da manhã de sábado a galera já estava à porta da casa de Michel Ventura, à rua Lucas Fortunato número 181, no segundo andar de um edifício comercial de três andares. Morava com o pai e sua irmã Leila Ventura.

O Medeiros estava agachado do lado direito da sua Yamaha MT03 vermelha, uma moto de asfalto, raçuda. Estava conferindo se todas as partes cromadas estavam refletindo corretamente o seu rosto. Não entendia muito de motos, apenas pilotava. Já tivera uma havia alguns anos, e agora comprara essa de um dentista de São Paulo, que mudara de planos e resolveu vender. Levantou-se e deu um beijo na Pri, que

Yitzhak Ben-Gurion

estava de pé ao seu lado. A BMW G 310 R de Alan estava estacionada ao lado, mas ele estava na calçada tentando encontrar sinal para o celular.

—Desculpem, pessoal, atrasei um pouco, foi mal. Acabei de comer pão na chapa com café, alguém aceita?

Michel Ventura e Arlete Sabino apareceram à porta do prédio de mãos dadas. Cada um segurando seu capacete na outra mão. Arlete já estava de jaqueta de couro preta, Michel estava com a dele dobrada no braço junto ao capacete. Óculos de sol tipo ray-ban, mas espelhado. Barba de uma semana bem aparada, tênis preto bem estiloso da Mizuno. Arlete estava de cabelo preso, camiseta branca e calça jeans bem colada. Alan respondeu que ele e Renata haviam tomado café em casa, e Medeiros e Pri tomaram lanche numa padaria. Como amanheceu de sol, Alan, Renata, Medeiros e Priscila ainda não estavam de jaqueta, mas todos vestiram ali na hora, e cada um montou na sua máquina. Três motores de causar inveja. Partiram rumo à serra do mar, pelo prazer de dirigir naquela belezura de estrada, com paisagens lindas, e para dar uma volta na capital.

Na madrugada do domingo, precisamente às duas e trinta e cinco da manhã, havia um pássaro pousado dentro da igreja do Embaré, perto do teto. No arco que está acima do pórtico da entrada da porta principal. Visto do altar ele estava parado, com as asas fechadas. Observando. Talvez aquela estrutura gigantesca atrás do altar que suporta a imagem de uma mulher segurando uma criança. Ficou ali, por longos minutos, inerte. Uma ave grande, talvez um metro e vinte dos pés à cabeça. Ave, ou seja lá o que fosse. A envergadura das asas devia ter mais de três metros. Não tinha uma pena sequer sobre a pele. Apenas pele, uma pele avermelhada e viscosa. Devia ser muito velha. Tinha um rabo que lembrava a cauda de um felino. Uma boca avantajada que seria um bico, e a cabeça era terrivelmente humana. Seus olhos avermelhados espreitavam o silêncio, o vazio. Procuravam alguma coisa? Vigiavam? Mexeu-se, abriu as asas para se equilibrar e pulou poucos metros abaixo. As luzes da iluminação pública que atravessavam as janelas de vidro projetaram aquelas asas contra as paredes e contra o teto. Assustaria qualquer mortal. As luzes vinham de várias fontes, e com isso várias sombras se faziam, e amplificaram seu corpanzil de forma assustadora. Pousou e mirou a parede à sua direita.

Capítulo III

O padre Arthur Kobeski e Helena Mesquita marcaram de se encontrar no Emissário na segunda de manhã. Ela estava sem rumo, e ele era uma das poucas pessoas em quem ela confiava para se expressar. Tinha assuntos existenciais para resolver, e ele parecia ser a pessoa certa. Era amigo de longa data da família e sempre estivera ligado às questões mais profundas que envolvem as estruturas sociais e emocionais do ser humano, o que geralmente é útil quando o mundo ao nosso redor começa a ruir. O Trem Panorâmico de Santos havia sido inaugurado um mês antes, e eles ainda não tinham experimentado a nova estrutura turística da cidade. Foi construída uma linha de ferro suspensa que ia do Emissário até à balsa para Guarujá. Uma bela locomotiva com três vagões de paredes transparentes estava agora conduzindo os turistas por toda a extensão da praia. Um luxo de passeio, deslizando por sobre as grandes árvores que margeiam toda a orla. Foram criadas várias estações de embarque, começando no Emissário, tendo uma parada a cada dois Canais, e a última parada na balsa. No final de semana a composição estivera lotada quase o tempo todo, mas na segunda feira estava tranquila. Helena Mesquita encostou seu Jeep Compass zero quilômetro no bolsão do Emissário às nove e quinze. Ele pegou o celular e baixou o aplicativo para comprar as passagens. Um dia lindo de início de inverno. A luz do sol estava na temperatura certa. Uma brisa fresca acariciava a pele de quem estava à sombra; mas a luz do sol dava uma grata sensação de aconchego. Os vendedores ambulantes ainda não estavam posicionados nos seus lugares, havia apenas algumas dezenas de pessoas conversando e se

Yitzhak Ben-Gurion

exercitando. Algumas mães brincavam com seus filhos, outras pessoas eram arrastadas por cães de todo tipo e tamanho por uma guia. Duas garotas passaram velozes de patins rumo ao monumento dos cem anos de emigração japonesa.

—Esse Trem Panorâmico ficou um show, colocou essa cidade no primeiro mundo. Vou trazer meus netos para dar uma volta. Olhe que vista linda. Como não pensaram nisso antes? — Helena levantou os óculos de sol para avaliar melhor a vista, mas logo os colocou de volta.

—Verdade. E o melhor é que perto da minha diocese tem uma estação, vou poder usar até como transporte urbano. — Padre Arthur era muito sociável, um amor de pessoa. Sempre disponível a acudir as almas aflitas. Estava de camiseta branca e calça jeans novinha, azul. Usava tênis Olympikus cinza e azul. Não tinha problema nas costas, mas estava sempre meio curvado para frente, como se quisesse demonstrar subserviência e disponibilidade. Um homem humilde, sempre pronto a servir.

A estação Emissário foi construída no final do jardim do Emissário, do lado de São Vicente, de modo que não usou quase nada do espaço já disponível para o público trafegar naquele parque. A cobertura era uma concha de ostra gigante, de concreto armado. As paredes privilegiaram as estruturas translúcidas de vidro. Uma escada de ferro subia em espiral, como um caracol, até à plataforma de embarque. Helena quis pagar o bilhete dele, mas ele não aceitou e pagou os dois. Subiram a escada para a plataforma de embarque, uns doze metros acima. Uma linda visão da baía onde os navegantes portugueses aportaram há quase quinhentos anos, e dali colonizaram todo o Brasil. Ainda não tinham visto a cidade por aquele ângulo, certamente uma experiência agradável. Ao sul, a orla de São Vicente, e ao norte, o maior jardim aberto e contínuo de que se tem notícia, segundo o Guinness Book. Lá no final da ilha ficava o canal por onde os navios cargueiros entravam para o maior porto da América Latina. Aguardaram oito minutos até o trem retornar.

—E essas vigas ali na praia de Itararé? — Ela quis saber, olhando para sapatas gigantescas cravadas ao longo da praia de São Vicente, onde dezenas de homens trabalhavam sobre andaimes.

—Vai ser a segunda fase da obra, a linha irá até à praia do Gonzaguinha. E num futuro próximo vai chegar até à Praia Grande e Guarujá. O governo estadual entendeu que esse empreendimento tem poder para

unir os municípios da baixada num grande parque temático. Isso vai ficar coisa de outro mundo.

—Você ainda tem algum familiar morando em São Paulo? — Perguntou ela enquanto abria uma latinha de chá gelado, olhando fixo para o lacre que começou a emperrar.

—Uma irmã. É viúva e tem duas filhas casadas. Depois que viemos de Limeira ela se mudou para São José dos Campos, mas atualmente está sem São Paulo.

—Acho que nunca te perguntei isso, mas você tem mais algum padre na família?

—Não que eu saiba. Acho que só eu. Não é uma escolha fácil de fazer, é preciso abrir mão da própria vida. Você força um destino, você direciona sua vida contra a correnteza, contra todo um fluxo do sistema social capitalista. É uma escolha que vai contra toda uma lógica estabelecida, contra um sistema que te faz pensar só em si, no lucro e no bem estar próprio. O sacerdócio te isola e te coloca dentro de uma bolha.

—Entendo. Mas você se arrepende?

—Não. Entendo que eu poderia ter abraçado uma empreitada de grandes conquistas próprias que poderiam me fazer feliz. Mas descobri que cuidar das pessoas também é um canal para fazer a vida fluir, e a grande satisfação não dá margem para o remorso.

—o outro canal é o do lucro do bem estar próprio. Foi o que eu escolhi. Eu e o Mesquita. E depois nossos filhos.

—Nenhum dos dois está errado, nem um é mais certo que o outro. Tem a ver com a vocação de cada um. Todos temos nosso papel na sociedade. Vocês ganharam muito dinheiro, mas criaram muitos empregos que alimentaram centenas ou milhares de famílias. Isso também é importante. Muito importante.

O trem chegou e eles entraram. Sentaram-se do lado direito, tendo a vista do mar ao seu dispor. Lá adiante, uns quatro ou cinco quilômetros, na área de fundeio, uns doze navios aguardavam a vez de entrar no porto e deixar ou levar suas cargas. Navios de várias nacionalidades. O motor elétrico do trem quase não fazia barulho, era quase que apenas uma vibração, como um carro novo. Começou a andar sem nenhum solavanco. Parecia estar flutuando acima dos trilhos, sem tocar neles. Como não viam chão dos lados tinham a sensação de estarem num avião decolando.

Yitzhak Ben-Gurion

—Muito confortável, disse ele. — Será que ele usa aquele sistema em que as rodas não tocam os trilhos depois que o trem começa a andar? Eu só sinto que estamos andando por que estou vendo a paisagem passando. Ele estava à janela.

—Eu estive na Disney com meus filhos, e diria até que é mais confortável que o de lá. Sem contar que aqui a vista é para o mar. Então, você estava falando da sua vocação. — Ela tomou mais um gole de chá, olhando para algum ponto no horizonte. Ele olhava para um navio que se dirigia para a entrada do canal, encantado com a paisagem. A luz batia suave no seu rosto e revelava vincos que iam aos poucos solapando a pele. Boa parte da barba já estava grisalha, e brilhava junto à janela de vidro. Sua atenção estava lá fora, mas voltou a si para responder.

—Sim, todos temos o nosso lugar na sociedade. Por exemplo, se todos fossem padres ou freiras não teríamos este empreendimento de primeiro mundo aqui em Santos. Isso vai trazer milhares de turistas, que vão alimentar várias famílias. Alguém precisa ser político, gracejou, enquanto virava o último gole de coca cola no queixo. — Santos precisava desse impulso, é uma cidade que não tem indústrias, depende exclusivamente dos negócios do porto e do turismo de médio porte. Poderíamos transformar essa cidade numa Cancun, ou Ibiza, que atraem turistas do mundo todo, e turistas endinheirados. Potencial tem. —Eu conheço Cancun e Ibiza, e concordo plenamente com você. Mas como você identificou essa vocação? Quero dizer, você não teve medo de estar enganado? Medo de depois não ser bem isso?

—Não sei se posso afirmar categoricamente que foi vocação no primeiro instante, no ponto zero. Em algum momento a vida começa a canalizar os nossos passos, e quando a gente percebe não tem mais como fugir. É um pássaro que caminha para a arapuca, uma sequência de fatos que vão selando quem de fato somos ou seremos. A gente vai respondendo aos estímulos externos. O meio nos influencia sim, não somos totalmente nós mesmos.

Meus pais vieram do Paraná para São Paulo quando eu tinha seis anos, e no ano seguinte me colocaram num colégio interno. — O trem estava andando; ele parou um instante para sentir a viagem, o movimento, e as pessoas lá embaixo. — Fiquei lá até os dezesseis. Quando eu tinha de dez para onze anos chegou uma freira nova, a irmã Mônica. Nunca consegui gravar o sobrenome dela, era muito complicado, tinha muitas consoantes, acho que era polonês ou ucraniano. Ajudava na ordem das

crianças, nas filas, entrega da merenda, resolvia pequenas questões do dia-a-dia. Um dia meu zíper emperrou e ela se ofereceu para me ajudar no banheiro. Foi uma experiência ao mesmo tempo assustadora e agradável. Além de abrir meu zíper ela tirou meu pênis para fora e o segurou para eu fazer xixi. No final ela o balançou e o guardou. Pensei naquilo durante toda aula e no resto do dia. Depois ela passou a organizar a turma de manhã para começar o dia, e à noite para nos pôr para dormir. Uma noite, estava bem frio, ela passou oferecendo mais cobertores para quem precisasse. Eu pedi mais um. Primeiro ela cobriu os outros. Quando foi a minha vez ela me cobriu, se abaixou e enfiou a mão debaixo do cobertor e abriu meu zíper. Enfiou a mão e fez um pequeno carinho. A mão dela estava gelada, mas nem me importei. Levantou-se e me desejou bom sono. Não consegui dormir. Alguma coisa começou a se mexer involuntariamente dentro da minha calça, e eu fiquei pensando no sentido daquilo.

O rosto dela era bonito, mas o resto estava encoberto pela vestimenta. Tinha uns vinte e seis anos, eu acho, cabelos loiros, olhos castanho-claros. Menos de um metro e setenta. Depois desse dia ela sempre arranjava um motivo para fazer isso de novo. Fosse para colocar mais cobertores, consertar o lençol que estava desarrumado, arrumar meus chinelos que estavam desorganizados ao lado da cama. Uma vez ela se abaixou para pegar uma caneta que eu juro que não caiu ali, e enfiou a mão dentro do meu short. Ninguém nos ensinava sobre esses assuntos tão mundanos, mas lá no fundo eu imaginava que não estava certo. Mas eu comecei a gostar da brincadeira. Como havia um armário ao lado da minha cama, e ela não acendia as luzes, acho que ninguém percebia. Numa dessas vezes ela se abaixou e colocou minha mão direita dentro do hábito para eu segurar o peito dela. Ela não estava de sutiã. Ficou ali abaixada, de joelhos, como se estivesse rezando.

Depois me deu um beijo no rosto e se levantou. Ela nunca dizia nada, e eu também não achei necessidade de falar. -o trem parou, algumas pessoas entraram e outras saíram. Ele parou de falar e ficou observando lá fora, o mar, os navios. Ela olhou para os passageiros, em silêncio, aguardando que ele continuasse sua história. – Foi nessa ocasião que eu aprendi a me masturbar. Depois eu mudei de quarto, e com a adolescência chegando ficou mais difícil ela esconder. Então às vezes ela me cercava num canto da biblioteca ou no depósito de

Yitzhak Ben-Gurion

alimentos. Esses encontros duraram dos dez até eu completar quatorze anos. Depois ela foi transferida para algum estado do sul.

O trem parou na estação do Canal Trê para embarque e desembarque. Entraram vinte e seis pessoas e só saiu uma. As portas se fecharam. Ele apontou a fileira de árvores que ladeavam o canal, observou que era uma vista linda, mas ela estava encantada demais com a história para prestar atenção numa paisagem tão comum. Então os olhos dela foram e voltaram rápido, aguardando o desenrolar da narrativa. A composição começou a deslizar de novo, suavemente. As grandes janelas translúcidas transformavam a vista numa paisagem de tirar o fôlego, além de iluminar o ambiente. A altura e a leveza davam a sensação de uma viagem de avião, mas o mar do lado fazia parecer que estavam num barco.

—É estranho você me dizer essas coisas. Vocês não chegaram às vias de fato?

—Não, ela tomou esse cuidado. Penso que ela foi até onde sua consciência permitiu.

—Ela nunca te explicou por que fazia isso?

—Não, mas também eu não esperava explicação. Por fim eu sentia falta, e para mim estava bom. De certa forma muitas de nossas atitudes são ditadas por hormônios. Depois de um período de êxtase emocional eu passei por um período de sentimento de culpa, talvez pelos ensinamentos que vieram com o tempo. Ficou meio confuso para mim. A princípio eu não questionava o que ela fazia, via como uma coisa normal, uma necessidade, talvez. Só quando saí de lá é que descobri que ela fazia a mesma coisa com pelo menos mais dois alunos. Foi aí que passei a sentir uma vontade imensa de fazer seminário e seguir a carreira clerical.

—Sério? Por culpa?

—Uma mistura de sentimentos. Inclusive saudade. Passei a sentir saudade dela. Ela passou a ser a minha amiga imaginária, confidente, conselheira. Eu confesso que às vezes me pego procurando por ela aqui na igreja. Fora dessas ocasiões a gente conversava, mas nunca sobre isso. Sobre coisas do dia-a-dia. Era divertido. Ela era divertida. Dentro do colégio ela era o meu ponto de referência. Era mais nova que minha mãe uns cinco anos. Incrivelmente eu passei a confiar nela.

—Então você nunca se sentiu abusado?

–Pelo contrário, eu me sentia iniciado. No começo eu fiquei assustado, mas com o tempo passei a vê-la como minha namorada.

Helena olhou para ele e deu uma risada contida. Seria uma gargalhada se estivessem em lugar público. Ele simulou um sorriso atrás dos óculos de sol, mas continuou olhando para o horizonte.

–Era boa para mim, me ajudava com pequenas coisas. Eu sentia que tinha uma atenção especial dela.

–Sentiu falta quando ela se foi? – Helena olhou sorrindo para ele, esperando uma resposta que, agora, poderia ser a mais inesperada possível. Como que um padre poderia ter passado por situações assim? Parecia um absurdo para ela. Mas a história estava divertida. Ele trouxe seu olhar para dentro do vagão e o pousou sobre suas próprias mãos, que estavam cruzadas no colo. Refletiu dois segundos, fez uma cara de riso, mas ficou sério de novo.

–Você não vai acreditar, mas ainda sinto. Sei que é besteira minha, mas algo dentro de mim ainda pertence a ela. Estranho, não é? Semicerrou os olhos e olhou para o horizonte de novo.

–Meu pai amado, que história interessante. Não sei se devo dizer que é bonita ou triste, mas estou surpresa.

Olhou para suas próprias mãos de novo, refletiu, e olhou para ela. Não viu os olhos dela, estavam atrás das grandes lentes escuras. Viu a si próprio nelas, e o reflexo do mar. Mas a expressão do rosto dela denunciava surpresa. Parecia ansiosa pelo desfecho da história.

–É bonita. E é a minha história, disse ele sorrindo, com ares de orgulhoso.

–Olhe, é a sua igreja. Já estamos aqui?

Passaram admirando a fachada da Igreja do Embaré, uma construção meio gótica, erguida no tempo da segunda guerra. Dois pináculos encimando cruzes, uma rosácea grande ao meio – objeto fundamental dessas construções –, uma janela em ogiva de cada lado da rosácea. Abaixo destas uma fileira de pequenas janelas também em forma de ogivas, e logo abaixo, duas outras grandes janelas no nível do salão. A porta principal também era nesse formato geométrico. A partir da idade média as ogivas foram muito usadas para distribuir o peso das construções, que eram cada vez mais altas. A escolha do estilo gótico para essa igreja foi puramente uma opção estética, pois na época já havia tecnologias mais modernas.

Yitzhak Ben-Gurion

–Estou surpresa com essa história. Eu nunca imaginaria que você ou o seu sacerdócio passaram por esses caminhos, digamos, tortuosos. – Ela riu com uma espontaneidade notável.

–Entendo, respondeu ele baixando os olhos e os lábios apertados. Fez menção de rir, mas segurou.

–Esperava algo mais comum, mais tradicional, do tipo incentivo dos pais ou exemplo de alguém da família. Até falta de outra opção. Menos isso.

Estavam chegando à última estação.

–Minha vida tem muitas coisas diferentes. Vamos voltar, ou vamos descer no mercado de peixes?

–Vamos descer, quero andar um pouco. Se tiver camarão vou fazer uma receita. Se não for exigir muito da sua companhia.

Um cargueiro gigantesco, de bandeira holandesa, singrava diante deles rumo ao porto, a poucas centenas de metros. Estava abarrotado de pequenas caixinhas coloridas, umas sobre as outras. Lembravam um brinquedo de grandes proporções. Mercadorias de todo tipo e valor estavam chegando para alimentar o comércio em várias cidades.

–Veja esse navio, as mercadorias que estão ali dentro são parte de uma lógica que define o ser humano aqui na terra. Nós construímos castelos como se fôssemos eternos aqui. Mas as fábricas alimentaram milhares de famílias. Há pessoas que têm vocação para gerar lucro e manter o sistema funcionando, e isso é válido.

–Concordo, mas um dia a matéria prima vai acabar. Consumimos mais do que a natureza consegue repor. E muitas coisas não serão nunca repostas, como o petróleo e outros minerais.

–Aí vai ser um caos total. Os dois riram desse arremate enquanto o trem começou a reduzir a velocidade.

–Espero que a natureza esteja conseguindo repor pelo menos peixes e frutos do mar. – Ela disse isso enquanto se levantava da poltrona e seus olhos varriam lá embaixo as lojas que vendiam peixes e frutos do mar. O trem abriu as portas e os passageiros começaram a descer. Helena e Arthur Kobeski pisaram na plataforma. Desceram a escada em formato de caracol. Ela continuou observando as pessoas indo e vindo lá embaixo, as bacias de peixes expostos, a celeuma dos vendedores, as grandes garças pousadas nos telhados e nas ruas esmolando restos de peixes. Nunca havia visto o mercado por aquele ângulo.

—Não gosto desse cheiro, mas gosto do movimento, da fatura, da pulsação. Kobeski seguia de ombros arreados e mãos entrelaçadas atrás de si. — Gosto desse comércio. Essas garças dão um toque especial. No ambiente selvagem são predadoras, aqui são mendigas. Me faz pensar nos milhões de refugiados pelo mundo, dependendo dos favores de governos que não os querem, apenas os tratam com alguma misericórdia.

—Mesmo no meio do comércio você só consegue pensar em ajudar as pessoas. Para quem teve um começo nada convicto você até que desenvolveu bem a sua vocação. Ele riu, um sorriso cortês, mas não comentou nada. Continuou com as mãos cruzadas atrás de si, vasculhando ao redor.

Entraram na praça Almirante Gago Coutinho. O cabelo dela estava bem cuidado, hidratado e escovado. Estava sem batom. O realce estava no vestido tubinho branco, que mostrava a mulher fina que ela era. Em cima das sandálias de salto quadrado, cor caramelo, de três centímetros, ela flutuava pela rua. A bolsa Loui Vuitton, rosa bem clarinho, tipo caixinha, contornada com metal dourado e pendurada no antebraço esquerdo deixava claro que não era mulher da lida doméstica, estava ali a passeio.

—Vou ver ali no box seis, disse ela apontando com a mão direita, com um gesto delicado, ao mesmo tempo sutil e chique. Ele fez um aceno servil com a cabeça e a seguiu, com meio sorriso no rosto. Várias bandejas de plástico expunham uma infinidade de peixes e crustáceos. —A Bebel gosta de molho de cação, eles virão almoçar comigo amanhã. Esse cação aqui está bonito. Por favor, moço, pese esses dois aqui para mim. Quero dois quilos desse camarão grande também. Passou no caixa, pagou e pegou a mercadoria.

—Agora preciso comprar creme de leite, leite de coco e mais algumas iguarias.

—Tem o Forte da Barra aqui pertinho.

—Ah, sim, é verdade. Vamos lá. Não vou tomar muito do seu tempo, vai ser rápido. Me perdoe abusar.

—Não tem problema, hoje é o meu dia de descansar, também sou filho de Deus e quero andar assim à toa. Ele torceu os lábios e esboçou um sorriso tímido. Ela franziu a testa, concentrada, estava pensando na lista de iguarias e no almoço que deveria fazer.

—Então, amanhã depois da missa de sétimo dia você já tem compromisso, a Bebel vai gostar de ver você lá. Ela tem uma grande

Yitzhak Ben-Gurion

consideração por você. É bem provável que a Isadora e o Pedro também venham.

Odilon Mendonça Albuquerque encerrou seu expediente na Mendonça Natural Intelligence Ltda às sete da noite. Apenas ele e mais três funcionários ainda estavam ali, os outros sessenta e dois já haviam cumprido seus horários. Era uma empresa de médio porte do ponto de vista de quantidade de funcionários, mas que tinha um faturamento mensal de dezenove milhões de reais. Assim como outras noventa e sete empresas, muitas delas maiores que a Mendonça Natural Intelligence Ltda, estava instalada no Alphaville de Santos. Um centro empresarial para empresas de software e serviços, que nos últimos quatorze meses transformou a pacata cidade de veraneio num grande centro tecnológico. A prefeitura criou um pacote de benefícios fiscais que, juntamente com a atratividade natural das praias e rodovias que dão fácil acesso, fez surgir um ambiente apropriado para mudanças de endereço. Ao invés de precisarem cruzar a capital por avenidas estranguladas e trânsito caótico, dezenas de empresários resolveram partir para uma vida mais prazerosa, trafegando por rodovias amplas. Para Santos a vantagem foi o sensível aumento de oferta de empregos, diretos e indiretos, além da revitalização do centro antigo, que estava decadente. E, mais riqueza para os cidadãos, é mais riqueza que volta para os cofres públicos. Odilon Mendonça não voltaria para sua casa em São Paulo nesse dia, tinha um encontro marcado com uma moça que conhecera através de um aplicativo. Negro, magro, alto e bem sucedido. O pai era um comerciante vindo da Namíbia, mas ele se deu bem como empresário de softwares. Despediu-se dos funcionários, que ainda ficariam alguns minutos, e foi para o elevador. Um dos vários edifícios modernos que surgiram para dar sustentação ao bem sucedido Alphaville de Santos. Dezenove andares, com fatura de espelhos, muito vidro, aço, desenho arrojado, vista panorâmica para o canal do porto, e estrutura tecnológica de primeiríssimo mundo. Tudo isso fincado ao lado da Praça Mauá, à avenida Visconde de São Leopoldo número trinta e um, onde fora um estacionamento. O elevador o deixou no segundo pavimento da garagem. Saiu e enfiou a mão no bolso direito. Pegou a chave da sua Kawasaki vermelha e foi em direção a ela, à sua esquerda. Mesmo na garagem a máquina reluzia. Então se deu conta de que o capacete poderia estragar o penteado da garota. Então se virou para o lado oposto e deu apenas um passo.

Sacou a chave do Mercedes C190 preto, clicou no botão e desligou o alarme. Entrou, colocou a mochila atrás do banco do passageiro. Ligou a máquina. Saiu de mansinho e foi para o shopping Praiamar. Ficou parado em frente à Vivenda do Camarão, observando, procurando uma moça de pele clara, cabelos curtos e castanhos. Devia estar vestida com calça jeans esverdeada com pontos específicos rasgados, uma blusa tomara-que-caia florida, de mangas compridas, com babados pespontados em vermelho e laranja. Mangas de balão logo abaixo dos ombros. Em cima das sandálias de tiras vermelhas com oito centímetros de altura ela seria um mulherão de um metro de setenta e oito. Viu uma moça nesse perfil dez metros adiante, com uma bolsa também vermelha. Estava sozinha, parecia nervosa. Seus olhos vasculhavam cada rosto do lugar. Estava com o polegar direito na boca, parecia estar ajustando alguma imperfeição do esmalte, mas sem tocar nos lábios para não borrar o batom. Ele deu um passo na direção dela, com um pequeno embrulho de presente. Gastara duzentos e setenta reais nesse embrulho. Ela o identificou e parou de respirar. Consertou os ombros, baixou a mão e esboçou um sorriso. O melhor que conseguiu. Olhou dentro dos olhos que estavam olhando para os seus.

A missa de sétimo dia terminou às dez e quarenta e cinco. Pouca gente. O Martinez, diretor da empresa, com a esposa; dois irmãos do Thomas com suas famílias, Rodrigo e Timóteo; o gerente financeiro, o contábil, a gerente de compras, o gerente de novos negócios. Três irmãos de Helena e uma irmã. Cinco amigos do casal. E os filhos, Pedro, Isadora e Izabel. Terça feira, de manhã. O dia e o horário não ajudaram, mas Helena não fez questão que fosse à noite. Queria ter o restante do dia de forma prazerosa com os filhos e netos. Tivera uns momentos angustiantes nas noites que se seguiram à morte de Thomas, uma forte sensação de estar sendo observada, de estar sendo vigiada. Ficou com medo de passar de novo por essa situação. Com exceção dos filhos, todos se despediram logo depois da missa.

No apartamento de Helena, na sala de estar, Pedro estava sentado, sozinho, pensativo. Era muito apegado ao pai. Com exceção dos cinco anos em que estudou direito na UFMG, em Belo Horizonte, e dos dois que morara em Frankfurt, sempre estivera perto do pai. Mas não foi uma época de relação simples. Quando voltou da Alemanha e foi trabalhar na empresa começou um novo nível de relacionamento com o velho, e estreitou os laços. Até sua ida para a Alemanha era rebelde

Yitzhak Ben-Gurion

e petulante, e sabia disso. Não tinha intenção de continuar os negócios do pai. Foi para a Europa para tentar se encontrar, achar seu rumo, algo que o definisse de verdade. Queria apenas viajar, conhecer pessoas e lugares. Thomas ficara inconformado; inúmeras pessoas fariam de tudo para ter aquela oportunidade que o filho estava dispensando. Foi um atentado terrorista que inverteu a curva do rio. Ele e Evelyn estavam namorando havia quase um ano e meio. Num sábado foram à Casa de Ópera de Frankfurt, na Untermainanlage 11, comemorar o aniversário dela. Às dez e quarenta da noite, quando estavam saindo, encontraram um tumulto à porta. Um grupo terrorista havia sido identificado pela polícia, e o ataque lá dentro foi evitado. Mas um dos terroristas conseguiu driblar a polícia. Ele se colocou no meio da multidão que saía e gritou alguma coisa em árabe. A polícia reagiu apontando armas para ele, enquanto gritou para que todos se jogassem ao chão. Evelyn, assim como várias outras pessoas, não conseguiu assimilar o que estava acontecendo. Uma bala saiu das fileiras policiais em direção ao homem. Mas ele tinha um cinturão de explosivos dentro do casaco. A bomba foi detonada e matou onze pessoas. Pedro entrou em choque ao ver o corpo da moça aos pedaços, como numa mesa de açougue. Três meses depois, com os nervos e sentimentos ainda em frangalhos, voltou para o Brasil e pediu emprego ao pai.

A campainha soou e Isadora foi atender à porta.

—Oi, padre, só estávamos esperando o senhor. Entre, minha mãe está na cozinha.

—Oi, querida, como tem passado? Vim o mais rápido que pude. Precisava trocar de roupa e fazer um telefonema.

A mãe foi à sala de estar.

— Filho, o padre Arthur chegou e o almoço está servido, venha.

Todos se puseram à mesa.

—Estou feliz que vocês estejam aqui com a mãe de vocês. Ela vai precisar da companhia de todos. Ela está trocando a solidão da casa da Lapa pela solidão deste apartamento aqui na praia. Mas aqui ela pelo menos estará em outro ambiente. Não deixem de visita-la. Eu perdi a minha mãe muito cedo, mas gostaria de tê-la aqui comigo. Cuidem bem dela. Os três jovens, de trinta e poucos anos, prestaram atenção nas palavras do amigo de longa data, com simpatia nos rostos, mas nada disseram.

Izabel estava sentada do lado esquerdo do padre, junto com seu marido, Hernane. Na ponta esquerda estava a mãe, e do outro lado estavam as cinco crianças tentando encontrar um equilíbrio entre a euforia de estarem ali e o momento solene da refeição. Os outros dois casais resolveram ficar cada um numa poltrona, pois a mesa não fora planejada para tanta gente.

Sobre a mesa havia uma travessa de camarões grandes fritos, uma abóbora com bobó de camarões menores, outra com molho de cação, outra com salada russa, outra com batatas soutê e outra com arroz. Uma garrafa de coca cola, outra de guaraná e uma jarra de suco de laranja.

—O que o senhor faz quando não está fazendo coisas para a igreja? — Padre Arthur havia acabado de levar um succulento camarão à boca. Sem olhar para Izabel ele terminou de mastiga-lo, com calma, tomou um gole do suco de laranja natural. Limpou a boca com um guardanapo de papel, raspou a garganta e olhou para seu lado esquerdo.

—Minha vida é a igreja. Eu não tenho um expediente para cumprir como um funcionário da empresa de vocês. Eu sempre estou fazendo algo relacionado com a igreja.

—Mas não cansa?

—O bom da gente fazer o que gosta é que sempre quer fazer mais e melhor.

—Filha, que conversa é essa? Não incomode o padre com perguntas tolas. De onde você tirou essa pergunta? Pelo amor de Deus, coma.

—Eu sempre tive vontade de perguntar, só isso. Ele não se ofendeu, ofendeu?

—Claro que não, minha filha, estou acostumado. Pode perguntar. Minha vida é transparente. Tudo bem que nem tudo o que faço é visível a todos e nem sempre está relacionado com a missa que você já foi tantas vezes comigo. Por exemplo, eu separo tempo para estudar história, geografia, astronomia e até arqueologia.

—Você estuda tudo isso?, admirou-se Helena Mesquita, com um grande camarão fincado no garfo e o levando à boca. —Não imaginava. Pensava que fosse só mesmo a bíblia.

—Deus criou o universo, então tudo que está dentro ou fora da terra é do meu interesse.

Yitzhak Ben-Gurion

–O senhor está estudando algo de especial atualmente? – Izabel ficou interessada. Ia colocar mais bobó no prato. Uma das crianças pediu mais refrigerante para a tia, e em seguida mais outra.

–Estou concluindo um estudo sobre os dragões.

–Dragões? – Helena estava com a boca cheia segurando um camarão, e fez cara de enjoada. Izabel pareceu decepcionada.

–Sim, esses dragões que a gente vê nos filmes, e que estão presentes na mitologia de quase todos os povos antigos. – Engoliu um bocado e limpou a boca com guardanapo de papel. – Você sabe que quando os anjos se rebelaram no céu, Deus os jogou aqui na terra, não sabe?

–Mais ou menos. Eu sei que tem algo assim na bíblia, mas não sei dos detalhes. Adão e Eva, certo?

–Você sabe que os anjos têm asas, não sabe? Que eles têm um corpo semelhante ao nosso, mas eles voam? Isso está na bíblia. – Izabel encarou o padre com a boca entreaberta, planejando levar um bocado de bobó de camarão à boca, mas ficou inerte com as informações.

–Bebel, filha, você vai babar. A comida vai cair fora do prato.

–Ah, sim. – Izabel refez o bocado com o garfo e o levou à boca. O padre fez uma cara de riso, mas segurou, e também levou um bocado à boca. Seu bigode ficou ligeiramente prejudicado. Mastigou, engoliu e tomou outro gole de suco.

–Eu tenho concluído que eles não deixaram de ter asas, mas mudaram muito sua fisionomia. A vida aqui na terra passou a ser um castigo para eles. Deixaram de ter penas, ficaram apenas com a pele lisa. E aquele lendário rabo que as pessoas imaginam deles, não é lenda, é verdade.

–A vida deles aqui na terra? Não entendi. Indagou Isadora da poltrona, enquanto lambia os dedos e tentava levar outro camarão à boca. –Eles estão aqui na terra? Eles ainda existem? Meu Deus todo poderoso. – Ela consertou o corpo para esperar a resposta, olhando nos olhos dele.

–Sim.

–Que sinistro. –Ela disse isso pausadamente, uma sílaba de cada vez.

–Me deu até um negócio aqui no estômago.

–Como assim? Como que o senhor sabe essas coisas?

–Gente, esse assunto está ficando meio cabuloso para uma conversa na hora do almoço, vocês não acham?

–Pedro, pare com isso, ele só está me explicando umas coisas novas, coisas que eu sempre quis saber. E você também não sabe, fala sério.

–Nem quero saber. E vocês não podem deixar para outra hora?

—Filho, não tem nada demais, é um assunto como outro qualquer, até eu estou ficando interessada. Pode continuar padre, me explique esse negócio direito.

—Pedro, eu prometo que vou resumir, e não vou entrar nos meandros dessa história. Mas, como eu estava dizendo, esses anjos caídos perderam sua forma original, ficaram realmente muito feios.

—Mas a bíblia não fala que os anjos são belos como a luz? — Tendo perguntado isso Izabel segurou o copo de suco e se virou para o padre, para ouvir a resposta olhando nos olhos dele. Bebeu um gole.

—Não, não é bem assim. A bíblia diz que o diabo pode se transformar em anjo de luz. Mas ele é mesmo muito feio. Eu arrisco até afirmar que toda essa problemática que nos acomete todo dia, que faz as pessoas lutarem pela beleza, que as faz se importarem tanto com a beleza, tem raiz nessa questão.

—Meu santo pai, como assim? Helena Mesquita limpou a boca, colocou os cotovelos sobre a mesa e cruzou as mãos sobre o prato. Olhou séria para o padre, ainda engolindo alguma coisa. —Eu me preocupo com a aparência sim, mas você quer dizer que é por causa desses diabos? Posso te afirmar que no meu caso não tem nada a ver.

—Eu falei que esse assunto não era para agora, vai dar indigestão. — Pedro olhou com um pouco de ironia para a mãe, que olhou para ele de esgueira, mas fez de conta que nem ouviu e nem o viu. Olhou de novo para o padre com uma interrogação na testa, aguardando uma resposta definitiva que a satisfizesse. Sempre vira essas questões espirituais com certo distanciamento, sem muita importância. Nunca considerou a hipótese de ser um assunto urgente nem grave, muito menos presente.

Um bando de macacos—prego estava vagando pelas copas das árvores; uma algazarra, uma celeuma. O pinheiro—do—paraná estava carregado, suas pinhas estavam maduras, suculentas. Era uma tarde de um dia qualquer do final de maio. O céu estava completamente azul e o dia estava quente. Um dos macacos, possivelmente o líder, deu um grito estridente, assustador, que ecoou por quilômetros. Por um instante a celeuma cessou. Mas o grupo logo voltou às suas peripécias. Lá embaixo corria um rio de águas tranquilas, cobertas até aquele ponto pela sombra das árvores muitas, mas daquele ponto em diante se desvelavam para o sol pungente. O sacolejar dos galhos fez soltarem-se várias pinhas, que romperam a altura, quicaram ruidosas nos galhos

Yitzhak Ben-Gurion

abaixo até se esborracharem no chão. Centenas, talvez milhares de pinhões, forravam o chão como um tapete feito à mão. Havia dezenas de pinheiros—do—paraná ali por perto. Do chão ouviam-se também mutuns, jacus, gralhas, além do farfalhar das águas viajantes. Uma cotia surgiu cautelosa de detrás de um arbusto. Perscrutou o espaço vazio. Seus olhos varreram cada centímetro do lugar, precisava se certificar de que era seguro sair do esconderijo. Se notassem algum perigo os macacos certamente alertariam; havia uma cooperação tácita que beneficiava os roedores. Deu um salto para frente e parou. Algumas folhas secas estalaram debaixo de suas patinhas sensíveis, mas era um som para ouvidos tarimbados. Vasculhou de novo o local. Não ouviu nada suspeito. Deu outro salto. Não identificou perigo. Baixou, pegou um pinhão com as duas mãozinhas hábeis, e o levou à boca. Cravou os incisivos e começou a cortar a casca. Virou a semente e cortou do outro lado. A castanha apareceu e ela fincou os dentes. Saboreou um pedaço, sempre atenta. Mordeu de novo e continuou olhando para os lados. Pegou outro pinhão e repetiu o processo, mas seus olhos grandes e brilhantes vigiavam sua vida sem cessar. Um reflexo surgiu no olho direito dela. Alguma coisa a poucos metros pousou no galho de uma árvore seca. Era um pássaro. Um grande pássaro. Ele foi fechando lentamente suas grandes asas. Não era negro nem colorido. Tinha a cor da pele humana, talvez um pouco avermelhada. Dava para ver pelo brilho que a cabeça era grande e tinha dentes como os de um crocodilo. A cauda era como uma cobra. A cotia continuou a saborear sua refeição tranquilamente. Pegou mais um pinhão e o devorou. O grande pássaro continuou olhando para ela. Tinha um objetivo, avaliava alguma coisa.

—Dona Julia, a senhora pode vir me ajudar amanhã e depois? Vou passar uma temporada aqui no apartamento, e por isso preciso de uma faxina geral. Quero lavar e passar todas as roupas de cama, cortinas, tapetes. Quero deixar tudo limpo para receber meus filhos daqui para frente. E devo precisar da senhora aqui com mais frequência também. —Não poderia ser na sexta? Uma amiga da minha filha sofreu um acidente de moto e o namorado morreu. Ela não teve nada, teve apenas ferimentos leves. Mas o rapaz faleceu. Então amanhã vou lá dar uma força para elas. A mãe da moça é muito minha amiga, as meninas cresceram juntas. E depois de amanhã tenho consulta médica. —Está bem, pode ser na sexta, não é urgente. Onde foi o acidente?

-Na serra. Três casais foram fazer um passeio de moto em São Paulo sábado, e na volta um deles perdeu o controle numa curva. Passou a reportagem na TV Tribuna, a moto jogou o rapaz na ribanceira. Caiu setenta metros abaixo, se arreventou todo. A sorte da moça é que ela foi jogada em cima de um barranco.

-Meu Deus amado, que triste. A moça deve estar arrasada.

-Está sim, e a minha filha também está. O enterro foi domingo à tarde.

-Moto é um negócio perigoso, ainda bem que o Pedro vendeu a dele pouco depois que se casou. O Hernane, marido da Bebel, disse que vai comprar uma, mas já desaconselhei.

Arthur Kobeski entrou na sua biblioteca olhando para a prateleira. Uma biblioteca pequena, mas rica em material de pesquisa. Mais de mil e duzentos exemplares de livros novos e velhos. Uma sala de quatro metros por três e meio no andar superior. Gostava de ler livros de papel, mas já estava se habituando aos livros digitais também. Afinal, uma tendência irreversível, notou. Havia cruzado informações de várias origens e de vários autores com a própria bíblia, e estava chegando à conclusão de que Deus havia resolvido criar a espécie humana logo depois da queda de Lúcifer. A princípio ficara confuso com a possibilidade de a existência humana estar relacionada com o próprio anjo caído, o satanás. Sentiu-se até um pouco perturbado. Mas resolveu deixar as coisas acontecerem. Era o que estavam apontando suas pesquisas, não podia fechar os olhos para isso. Lera alguma coisa sobre isso numa descoberta feita no Egito, no livro Revelações do Sinai. E fazia total sentido. Poderia ser uma forma de Deus querer repovoar o Paraíso. Um terço dos anjos se rebelou, insurgiu, e por isso foram todos descartados no planeta Terra. Seria o nosso planeta então uma latrina? Foram jogados aqui, mas não foram mortos. Talvez a morte não fosse um castigo suficiente; mas o degredo seria. Mas degredo eterno não faz sentido. Não pode haver degredo eterno num mundo temporal, onde as coisas envelhecem e por fim desaparecem. Continuou cogitando. Então esse castigo vai ter fim. Quando? Não sei, mas vai ter fim. E se esses anjos caídos vão ter fim, com certeza, nós, humanos, também teremos um ponto final na nossa existência. Nós e eles teremos um mesmo fim? Mas, se Deus criou a espécie humana para substituir os anjos caídos, por que então permitiu que convivêssemos no mesmo ambiente, no mesmo planeta? Arthur Kobeski baixou a cabeça, deu dois passos e sentou-se na cadeira atrás

da mesa de jacarandá, um móvel bem velho que ele comprou em uma loja de móveis usados. Muito bem conservada. Um metro e trinta de largura, três gavetas de cada lado. Sobre a mesa uma bíblia na versão grega, outra em português e um exemplar do livro Sapiens, Uma Breve História da Humanidade, de Yuval Noah Harari, que ele estava terminando de ler. Pegou esse livro e ficou longo tempo olhando para a capa. Estava de frente para a porta. Se Deus criara o homem no mesmo planeta onde havia jogado os anjos pecadores devia ter um objetivo para isso. Qual? Se queria repovoar o Paraíso, por que então não nos criou no Paraíso? Abriu o notebook e digitou a senha s@piens. Clicou no Explorer e procurou na pasta estudosepesquisas. Deu dois cliques no arquivo AnjosXHumanos.docx. Posicionou na página cento e trinta e sete e começou a escrever. Humanos e anjos caídos vivendo no mesmo ambiente, isso não parece bom. Como que o homem vai habitar o Paraíso sendo influenciado pelos demônios? Assim vamos ter o mesmo fim. A história de Eva e a serpente deixa isso bem claro. O diabo entrou em um animal para influenciar uma pessoa. E de uma forma ou de outra isso continua acontecendo até hoje; o ser humano continua mau, sempre. E a tendência parece ser piorar. Aperfeiçoamos a maneira de fazer guerras e de dominar as pessoas indefesas, mas moralmente somos os mesmos. O diabo continua exercendo grande influência sobre a raça humana.

Mas isso faz total sentido, concluiu, extasiado. Ele não quer ver o homo sapiens assumindo o Paraíso, o lugar que era dele. Deus do céu. É por isso que ele está sempre à espreita, sempre procurando ocasião para cooptar a nossa obediência e tirar a nossa lucidez. Colocou os cotovelos sobre a mesa e colocou a cabeça entre as mãos. Fechou os olhos e refletiu sobre o que acabara de escrever. Olhou para o teto e pediu inspiração a Deus. Respirou fundo. Minimizou o arquivo e clicou no navegador internet Explorer. Olhou alguns sites de notícias. Deteve-se num link do jornal A Folha que falava sobre uma descoberta arqueológica na Etiópia. Foi descoberto o fóssil de um crânio humano de quase quatro milhões de anos, o Australopithecus anamensis. Os feitos bíblicos alcançam no máximo doze mil anos. Onde está o resto da história? O ser humano está na terra há quase quatro milhões de anos.

Julia Sabino fazia faxinas esporádicas para Helena Mesquita. Uma vez por mês, duas. Sempre que Helena ou algum outro membro da família

ia passar alguns dias no apartamento da praia ela ia para preparar a higiene, organizar e cozinhar. Fazia isso havia oito anos, desde quando ainda tinham a casa na Ponta da Praia.

Estava terminando de arrumar a cozinha do almoço.

—Julia, agora fiquei preocupada, meus filhos estão subindo a serra neste momento. Aquelas curvas são perigosas. O Pedro ainda é meio aventureiro, ultrapassa sinal vermelho, avança na faixa dupla.

—Fique tranquila, dona Helena, eles estão de carro. De carro é mais seguro. Se fosse de moto eu também ia ficar preocupada. A Arlete disse que o corpo ficou parecendo gelatina, quebrou todos os ossos. Imagine, setenta metros. O caixão ficou lacrado.

—Essa moça, a namorada dele, teve foi muita sorte, era para estar no cemitério também.

—Ela sabe disso. E é por isso que está tão abalada. Nasceu de novo. Não conversa coisa com coisa.

—Rose. Esse é o seu nome verdadeiro?

—Claro que não.

—E qual é o seu nome?

—Prefiro não dizer, vamos ficar só no apelido. Você é mesmo de Santo André?

—Sim. E você é mesmo de São Paulo?

—Isso, moro no Jabaquara.

—Então somos quase vizinhos. Você estuda?

—Estou terminando o segundo semestre de publicidade, na Unip. Mas estou pensando em mudar.

—Quer fazer qual curso?

—Direito ou jornalismo. Ainda estou analisando. Estou gostando do curso, mas não sei se tem muito mercado de trabalho. Eu gosto de ler, de escrever, gosto de moda, de propagandas. Mas estou indecisa, e não sei se quero isso para trabalhar para o resto da vida.

—Não tem que ser para o resto da vida, depois você pode fazer as mudanças que quiser. Eu mesmo fiz engenharia mecânica, e trabalho com exportação de soja, milho e açúcar.

—Sério? E você, é o que nessa empresa?

—Sou o dono. Um dos donos, tenho dois sócios. O pai de um deles tem fazenda no Mato Grosso do Sul e precisava escoar a soja para a China, aí nos oferecemos para fazer a intermediação. Deu certo. Isso

Yitzhak Ben-Gurion

já tem onze anos. Hoje somos uma grande empresa que exporta milhões de toneladas todo mês. Então, em qual dia vamos comemorar? –Sexta feira. Vou faltar à segunda aula, aí você me pega na porta da faculdade, pode ser?

Orlando Vilasboas Andrade estava conversando com Rita Manuela, através do chat de um aplicativo de relacionamentos, o tulips.com. Estava prestes a completar trinta e nove anos, e estava numa fase maravilhosa de sua vida profissional. A empresa estava prosperando, as exportações para Ásia e Europa só cresciam. Agora estava em busca de prêmios e de relacionamentos efêmeros. Não muito alto, pele parda, de família pobre, mas um tino excepcional para captar e gerir oportunidades. Foi a sua percepção de negócios que fez surgir a robusta Nutritional Grains Brazil, por isso estava à frente da empresa. Nenhum negócio novo se fazia sem a sua opinião. Duas semanas atrás decidiu que seria melhor transferir o escritório da Faria Lima para o Alphaville de Santos. Estava em dúvida entre um novíssimo edifício perto da Praça Mauá, de duzentos e cinquenta metros quadrados, todo espelhado, e outro, também novo, na Conselheiro Nébias. Seus vinte e seis empregados desceriam a serra de ônibus todo dia, fretado pela empresa, e ainda contrataria outros nove em Santos. Conseguira alguns incentivos fiscais interessantes, como imposto sobre serviços pela metade durante oito anos, além de redução do imposto predial. A equipe estava toda animada, a expectativa era de uma rotina mais prazerosa; planejavam dormir no litoral uma vez por semana para curtir a praia. Cadastrou-se no aplicativo havia menos de trinta dias, indicado por um fornecedor de serviços. Clicou na opção indicar amigos e apareceram os contatos do facebook. Marcou oito nomes, dos quais três eram clientes.

Pela genealogia de Jesus, Adão e Eva existiram a no máximo doze mil anos atrás. Como então os cientistas encontraram provas de várias civilizações de milhões de anos antes? Kobeski estava fritando os miolos, tentando juntar as peças de um quebra-cabeça de milhões de anos. Entrou num link da revista Veja onde dizia “O diabo existe”. Era uma afirmação da Associação Internacional de Exorcistas. É que a atual administração do Vaticano estava dando margem para afirmações contrárias. Essa afirmação foi em resposta a uma entrevista do padre Arturo Sosa Abascal, superior da Companhia de Jesus, a uma revista italiana, onde ele relativizava a existência de satanás. Sim, esse

indivíduo existe, pensou o padre Kobeski, e está solto por aí. Não brinquem com ele.

Ao final do primeiro ano de faculdade de teologia Kobeski ganhara bolsa integral. Deixara o curso noturno para estudar dia e noite. Seus professores gostaram de suas pesquisas e de seus temas e o indicaram como pesquisador júnior. Passava horas intermináveis absorto em assuntos como a Criação, o Bem e o Mal, a salvação do homem.

Ela se levantou da cadeira do consultório médico com semblante fechado. Olhou de novo o envelope branco, tamanho ‘A4’, que estava na sua mão esquerda. Passou os dedos, indicador e polegar, ao longo do vinco que fechava o envelope. Estava tentando absorver as últimas palavras do médico. Quis perguntar alguma coisa para excluir qualquer mal-entendido, mas concluiu que o médico fora claro. Ele continuava sentado, olhando para ela de lado, semblante também grave. A mão direita sobre a esquerda, e ambas sobre uma ficha de prontuário. Ele usava um par de óculos com lentes grossas que distorciam um pouco a cavidade dos olhos, como uma lupa. Um homem branco com oitenta quilos distribuídos entre um metro e sessenta e cinco. Assentiu calada, com os olhos ainda no envelope. Agradeceu, virou-se de costas para ele pela esquerda, e foi até à porta.

Abriu a porta do seu apartamento e entrou rápido. Jogou o envelope sobre a mesa de vidro da sala como se estivesse tentando se livrar de um problema. Estava nervosa, estava angustiada. Uma nuvem negra se estacionou sobre sua vida. Não conseguia chorar, mas achava que devia chorar. Mulher prática, direta e bem resolvida, Renata Portela se via diante de uma das raras questões que talvez não conseguisse resolver de forma satisfatória. Sentou na poltrona grande, tirou o sapato bico fino de cor cobre, tirou a calça de linho jogging verde oliva. Olhou para a calça fixamente, mas não via a calça. Estava desolada. Apertou os lábios, abriu as narinas, inspirou e expirou sensivelmente. Jogou a calça para cima da mesa, mas com a força ela caiu do outro lado. Parou e ficou olhando a calça por baixo da mesa, caída no chão. Tirou a blusinha rosa, uma telinha de manga longa com corpinho de alcinhas, um tom mais escuro, por baixo. Jogou de propósito em cima da calça. Colocou a bolsa Gucci no chão e estendeu-se só de calcinha e sutiã no sofá. Esse conjuntinho da mesma cor do corpinho de alcinha. Cabelos pretos, havia cortado curto e repicado uma semana atrás. Batom cobre

Yitzhak Ben-Gurion

e brincos com três bolinhas, uma sobre a outra, também cobre. Sombra rosa nos olhos e lápis para deixar as sobrancelhas bem negras. Estava sufocada, precisava de ar. Cobriu a boca com as mãos e ficou olhando para o teto, lembrando do envelope. Cobriu o rosto com as mãos. Respirou fundo. Abriu os braços num gesto largo para dilatar os músculos. Estava com a boca amarga, precisava adoçar. Sentou-se num gesto abrupto. Olhou para debaixo da mesa, mas seu pensamento estava em algum outro lugar. Levantou-se e foi para a cozinha, à sua esquerda. Ligou a cafeteira, que estava no canto da pia, à tomada. Colocou pó e água para três xícaras de café. Sentou-se numa cadeira à mesa e colocou o braço esquerdo por cima do encosto, cobrindo o rosto com a mesma mão. Com trinta e cinco anos, recebera o diagnóstico bem mais cedo que sua mãe, que falecera na sua adolescência, depois de muito sofrimento. Tirara o útero, mas a degeneração não cessou, e a ceifou nove anos depois. Renata, sentada naquela cadeira, começou a ver um longo filme de sua vida, uma vida incompleta, repleta de planos e intenções. Como diria isso a Alan? Já estavam planejando se casar. Essa intercorrência mudaria tudo. Levantou a cabeça e olhou ao redor. Morava naquele apartamento desde os nove anos. Três anos e meio depois da morte da mãe, o pai se casara de novo, e deixara o apartamento para ela e sua irmã, Vanusa. Setenta e três metros quadrados, sétimo andar, na rua Alexandre Fleming, 565, no bairro Aparecida. O quarto que era dos pais virou um tipo de closet para elas. Vanusa era dois anos mais nova e tinha um bufê de festas. A cafeteira chiou pela última vez, todas as gotas de água já haviam passado o filtro. Mas estava inerte, sem ânimo. A fechadura da porta da sala girou e alguém entrou.

—Rê, você está aí?

—Aqui na cozinha.

Vanusa chegou à porta da cozinha segurando uma pasta cheia de papéis na mão esquerda, e uma sacola de loja na outra. Olhou a irmã na cadeira. Ficou confusa.

—O Alan estava aqui?

—Não é nada do que você está pensando.

—O que eu estou pensando? Vanusa fez cara de menina sapeca. —Que cara de derrotada é essa? Está de ressaca?

—Não, só estou cansada. Acabei de fazer café, aceita?

—Vou aceitar sim, mas preciso mesmo é de almoçar. Vou preparar alguma coisa. Quer omelete com salada?

—Quero, mas antes vou tomar um banho.

—Você não tomou banho antes de ir ao médico?

Renata abriu o chuveiro e ficou parada enquanto a água caía direto na sua cabeça. Sentia que precisava lavar alguma coisa imunda dentro de si.

Três motoqueiros começaram a descida da Serra do Mar pela Imigrantes. Era um final de sábado, no final do mês de junho. O dia havia sido ensolarado. O sol se punha por detrás daqueles promontórios à direita, depois do vale profundo de mais de setecentos metros de garganta. Os raios avermelhados cediam espaço ao negrume da noite sombria, que se avizinhava, criando sobre a montanha um halo de cores vibrantes, que contrastava com a escuridão que já engolia o vale lentamente. Uma óbvia exibição de força, beleza e magia da natureza. Essa beleza não passou despercebida aos pilotos e suas passageiras. Um deles divisou no horizonte, através dos poucos e tênues raios que já se recolhiam, alguns pássaros que lá adiante faziam uma revoada sonolenta, lânguida, acima do precipício. Eram pássaros grandes. Pareciam urubus. Talvez morcegos. Mas eram muito grandes. Nem urubus nem morcegos deveriam voar ali, naquela altitude. Quatro ou cinco, voavam em círculo. Deviam ter morada perto daquela cachoeira. A visibilidade diminuía sensivelmente a cada segundo, a cachoeira ia desaparecendo, e também os pássaros. Mas os pássaros continuavam seu giro sonolento.

—Amor, cuidado!

—O Medeiros! — Michel gritou, mas ninguém o ouviu, nem Arlete. Buzinou para o Alan, que estava ligeiramente à frente, mas ele já havia visto pelo retrovisor e também já estava parando no acostamento.

Arlete desceu da moto gritando, mas o capacete abafou seu desespero. Tirou o capacete e saiu correndo e gritando pela amiga Priscila e pelo Medeiros.

—Deus tenha misericórdia, essa ribanceira é muito alta. Cadê vocês? Medeiros, Priscila? — Alan estava em choque, não sabia o que pensar, muito menos o que esperar de uma situação como aquela. Tentou não entrar em pânico, tentou acreditar que estava tudo bem.

A motocicleta do Medeiros estava jogada contra a mureta de proteção de concreto, com a roda da frente deformada e a lateral direita toda arrebentada pela fricção. Mas o casal não estava lá. Resolveram pedir ajuda. Tentaram três telefones, até que um deles deu sinal e ligaram

Yitzhak Ben-Gurion

para o socorro. Alan e Renata olharam chocados para o fundo do despenhadeiro.

Capítulo IV

Helena Mesquita estacionou seu Jeep Compass na garagem do seu apartamento, à rua Doutor Epitácio Pessoa número 201. Foi ao porta-malas e olhou um embrulho de papelão, de mais ou menos um metro e meio de comprimento, e uns setenta centímetros de largura. Pesava uns vinte ou trinta quilos. Ficou alguns segundos tentando entender como carregaria aquilo. Foi até à portaria e pediu ajuda ao Gilson. Ele abraçou o embrulho, colocou-o no carrinho com cuidado e foram para o elevador de serviços. Helena destrancou a porta do apartamento.

–Com licença.

–Entre, Gilson. Por favor, coloque aqui neste quarto. Em cima desta mesa. Bem devagar. Muito cuidado, isso quebra.

Enquanto manuseava, Gilson ficou observando, tentando adivinhar o que havia dentro da embalagem, mas não quis perguntar. Havia bastante pó. Assim que ele saiu Helena pegou o celular.

–Arthur, acabei de chegar de São Paulo, e trouxe um presentinho para você. Que hora você pode vir aqui?

–Estou estudando. –Ele parou, colocou os cotovelos sobre a mesa e segurou a cabeça com as duas mãos, tentando emergir das profundezas do seu raciocínio, e refletiu um momento. – Mas posso interromper. Está bem, estou indo aí. Posso levar a Cleópatra?

–Helena sorriu e respondeu que sim.

–É claro que pode, estou com saudades dela. As crianças perguntaram por ela.

Yitzhak Ben-Gurion

Arthur tinha uma cadela Yorkshire de três anos. Ganhou de uma senhora de sua diocese que se preocupava muito com a solidão dele. Tornou-se companheira e confidente.

Assim que chegaram, Helena a pegou no colo e fez carinho. Afagou seu pelo macio, falou algumas palavras em tom lúdico. A cachorra retribuiu lambendo seu rosto.

Deu um abraço carinhoso em Arthur. Ficou alguns segundos assim, largada no abraço dele. Deu nele um beijo no rosto. Distanciou e olhou nos olhos dele. Ele tinha um sorriso tranquilo entre os pelos da barba grisalha. Olhava para ela com sobriedade.

—Precisava trazer alguns objetos de São Paulo e aproveitei para ajeitar algumas coisas que estavam bagunçadas. Preciso vender aquela casa. Esta noite tive de novo aquele mau pressentimento, parecia que tinha alguma coisa vagando pela casa, pelo quarto. Sei lá. Eu me senti sufocada, estava sem ar. Angustiada. O que pode ser isso?

—A morte rompe paradigmas, e também cria barreiras, e abastece a mente com uma farta mitologia. No primeiro momento é assim mesmo, seu subconsciente cria situações para afastar você do lugar onde viveu com uma pessoa que hoje não existe mais. A melhor maneira de conviver com o rompimento é se afastando de tudo o que te liga à pessoa que se foi. Posso fumar?

—Sim, claro. Aceita um whisky?

—Prefiro cerveja, tem?

A cachorrinha pulou no colo dele e se deitou.

—Sim, pode pegar na geladeira, comprei antes de ir para São Paulo.

Arthur limpou a boca da latinha com a própria camiseta e em seguida rompeu o lacre. Tomou um gole e sentou-se na poltrona menor. Helena puxou uma cadeira da mesa e se sentou diante dele.

—O Thomas tinha vários livros de história e arqueologia que eu trouxe para você. Você disse que gosta dessas coisas e eu não tenho mais ninguém para doar isso. Se não quiser, dê para uma biblioteca. Mas o motivo de eu chamar você aqui é um objeto, digamos assim, arqueológico, que o Thomas encontrou. Lembra da construção da estação de metrô Pinheiros?

—Nessa época eu estava no Paraná, passei um tempo numa igreja lá antes de vir para Santos, mas li alguma coisa nos jornais.

—Nossa empresa fez uma parte daquela obra, o Thomas estava maravilhado, se dedicou muito. Fizemos parte de um consórcio que

ganhou a licitação. Lembra do acidente? Uma parte da estrutura desmoronou. Foi um auê na imprensa, teve mortes.

—Sim, eu li sobre isso no jornal. Essas coisas repercutem mais que as coisas boas.

—Eu que o diga. O Thomas encabeçou uma equipe de relações públicas para suavizar o impacto negativo que isso causou, foi terrível. Mas, enfim. Uma coisa que a imprensa não notificou, mas também nem ficou sabendo, foi que esse desastre que matou algumas pessoas aconteceu dentro da área de um cemitério indígena.

—Cemitério? Indígena? Na estação Pinheiros?

—Isso mesmo. Tinham que esconder essa informação a todo custo, se não a obra seria embargada para dar lugar a longas pesquisas arqueológicas. Essas coisas. Você sabe.

—Sim, eu entendo, é padrão nesses casos. Mas, e aí?

—Aí que prometeram resolver o caso, e subornaram o funcionário da prefeitura que deveria levar essa informação aos técnicos que iam abrir uma sindicância, para começar uma investigação. Essas coisas. O pessoal da obra identificou, primeiro, duas ossadas. Depois, mais nove. No total encontraram vinte e três ossadas. Adultos, crianças. Alguns túmulos tinham algumas peças de cerâmica junto com os corpos, alguns artesanatos. Alguns corpos estavam envoltos em fibras de palmeiras, e depois foram envolvidos com peles de animais; várias peles costuradas umas às outras. O Thomas precisava liberar a obra, mas também ficou impressionado com os achados. O estado de conservação das ossadas não era bom, mas uma chamou a atenção. Dois corpos dentro de um mesmo invólucro. Não chamaram peritos para averiguar, lógico, mas pelo tamanho dos ossos deviam ser adultos. Era o túmulo mais bem conservado. Os ossos estavam meio quebradiços, mas dava para ver dois corpos perfeitamente, um de frente para o outro, ambos em posição fetal, talvez para fazerem um invólucro menor.

—E? —Arthur Kobeski estava sentado na beira da poltrona, com o corpo jogado para a frente, olhando para os olhos dela, curioso. Bebeu mais um gole e colocou a latinha no chão.

—Estão ali dentro. —Helena apontou o indicador direito para o primeiro quarto do corredor.

Arthur olhou fixamente para o local indicado e deixou o queixo cair. Ficou perplexo, não podia crer. Endireitou o corpo e tentou entender

Yitzhak Ben-Gurion

se estava acordado. Cleópatra pulou no chão e ficou olhando para ele, sentada.

—Meu—santo—Cristo. —Ele falou pausadamente. —Você trouxe dois cadáveres para a sua casa? Você não está falando sério. —Tomou mais um gole e colocou a lata de cerveja no chão de novo, e ficou aguardando a resposta.

—Não é bem assim, são duas ossadas históricas. São muito antigas.

—E quem te garante isso? E se forem de uma desova criminoso? E se a polícia estiver atrás dessas pessoas?

—Ficou louco? Vítimas de crimes são jogadas em buracos de qualquer jeito, esses aí têm toda uma circunstância, dá para ver que os corpos foram preparados, deve ter havido até algum ritual.

—E você acha que vou querer essas coisas de rituais pagãos dentro da minha igreja? Dentro da minha casa? Eu sou um homem cristão, tenho minha crença bem definida. Não faço essas coisas.

Helena jogou o corpo para o lado direito, colocando o cotovelo sobre a mesa, e fez cara de decepcionada. Empurrou sua lata de cerveja, pareceu ter perdido o gosto. Alguma coisa no estômago dela revirou.

—Me perdoe, eu não tinha pensado por esse lado, eu vi apenas um achado histórico que talvez pudesse ser do seu interesse. Era para você ficar feliz.

Kobeski estava sem graça com o ar de decepção que envolveu o semblante de Helena. Era para ser um presente, algo alegre, mas estava meio conflitante com a índole do padre. Ele sentiu que precisava reverter esse equívoco.

—Você não ia fumar? —Indagou Helena, simulando um sorriso, para quebrar o clima.

—Agora não, vou adiar. Estou tentando parar.

Arthur estava com dois dilemas, um moral e outro pessoal.

—Olha, me desculpe o mal jeito, mas é que eu não esperava ganhar uma ossada humana de presente, nunca me passou pela cabeça. Mas talvez seja bom ter algo assim. —Não era o que ele queria dizer, mas precisou inverter o curso do mal-estar.

—Mas o que você faria com isso? O Thomas nunca teve nada o que fazer, apenas guardou. Achava que era uma preciosidade.

—Em que estado está isso?

—Não quer ver você mesmo?

—Melhor sim.

Helena se levantou olhando para o quarto. Deixou a latinha sobre a mesa. Arthur pegou a sua no chão e também a deixou sobre a mesa, e seguiu Helena. Ela abriu a porta e ficou parada.

—É aquilo ali.

Arthur passou por ela e foi até a mesa onde estava o pacote. Cleópatra foi atrás. Chegou bem perto e ficou olhando. Não tocou. Colocou o polegar direito sobre os lábios fechados e ficou pensativo. Não estava conseguindo digerir.

—Não quer abrir?

Não olhou para ela, apenas continuou olhando o pacote, pensativo, por mais uns vinte segundos.

—Me empreste uma faca, por favor.

Helena foi até a cozinha e trouxe uma faca.

—Não vai encher a casa de pó? Acho que vai fazer sujeira.

—Não, o Thomas aspirou todo o pó, estão aí só os ossos limpos.

—Fez uma limpeza? — Arthur perguntou sem olhar para Helena, profundamente intrigado.

—Colocou todo o pó dentro de um jarro de plástico, está aí dentro.

—Para que isso?

—Sei lá. Identificação genética.

—Por favor me dê um pano para limpar por fora, tem pó aqui.

Helena foi à área de serviços e trouxe um pano úmido. Ele mesmo limpou.

Arthur levou a faca para cortar a primeira corda que amarrava o embrulho de papelão, mas parecia reticente.

—Está com medo?

—Medo não, isso é novo para mim, não sei o que pensar.

Cleópatra ficou na ponta das patinhas traseiras para tentar ver o que estava em cima da mesa. Arthur Kobeski a ignorou.

Cortou a cordinha em três pontos. Mexeu com cuidado o embrulho.

—Não quero que esses ossos caiam aqui no chão.

Helena deu uma gargalhada. Arthur também sorriu, pareceu mais à vontade.

Helena então gracejou: —Sei não, acho que você está é morrendo de medo deles.

O socorro chegou, um carro da Ecovias, com dois homens. Foram correndo para a beira do abismo, onde Alan, Renata, Michel e Arlete

Yitzhak Ben-Gurion

estavam, boquiabertos, olhando alguma coisa lá embaixo. No horizonte ainda havia alguma luz, mas lá embaixo já estava quase escuro. Alan e Michel haviam posicionado suas motos de modo a usar seus faróis para iluminar lá embaixo. De repente algo se mexeu no barranco atrás da mureta. Um pequeno barranco que precedia o abismo. Uma moita de capim alto, um arbusto. Havia alguém.

-a Priscila está viva, gritou eufórica Arlete. –Olhem, ela está no barranco. Ela está se mexendo. – Pri, nós estamos aqui, vamos salvar você, fique calma. -A moça tentou se levantar, mas foi desaconselhada.

–Tem mais alguém? Talvez lá embaixo? Perguntou um dos homens da Ecovias.

–Sim, o piloto da moto, deve estar lá embaixo. O nome dele é Medeiros. Henrique Medeiros Gonzales. Mas não dá para vê-lo daqui. Se ele caiu lá deve estar morto, é muito fundo. –Michel fez esse cálculo com cara de quem estava em choque.

O homem, Elton, foi rapidamente ao carro fazer contato e pedir a presença da polícia. Enquanto o outro, Cainan, tentou conversar com Priscila, para mantê-la animada e consciente.

O impacto da batida lançou Priscila a alguns metros adiante, num pequeno espaço de terra rebaixado, cheio de mato, pouco abaixo do nível da rodovia. Mas até onde se podia ver, Medeiros não estava lá. Elton veio trazendo um rolo de cordas de náilon de uns cinquenta metros. Amarrou uma ponta na carroceria do carro e jogou o restante perto de Priscila. Boa parte da corda caiu perto dela ainda enrolada.

–Aê, Pri, estamos com você. – Gritou Alan, no que foi seguido pelos amigos. Tentaram anima-la.

Aplaudiram a mira certa do salva-vidas e pronunciaram algumas frases de efeito para transmitir força à moça lá embaixo. Ele jogou corda mais por segurança, não parecia ser necessário. Segurou a corda e pulou a mureta. Desceu até Priscila.

Novamente os amigos irromperam em berros de felicidade. Arlete e Renata estavam chorando, de tristeza e felicidade, mas Michel e Alan também estavam visivelmente emocionados. Estavam todos agitados. Animados pela Priscila, mas temerosos por Medeiros.

Elton conversou com Priscila para entender o estado emocional dela, e para conferir se havia sofrido algum ferimento. Incrivelmente parecia ilesa. Alguns arranhões leves nas mãos, braços e pernas. Ele

sugeriu que ela aguardasse uma maca, mas ela insistiu que queria sair rápido dali.

—Cadê o Medeiros, cara, ele tem que aparecer, não pode estar lá embaixo. Isso seria o fim.

—Michel, tenho certeza de que ele está vivo, deve estar lá embaixo rindo de nós. Ele é forte, serviu dois anos no exército, fez cursos de sobrevivência. Alan estava arrasado, mas tentou consolar o amigo.

—Ele está vivo, eu sinto isso. Medeiroomooooos. —Michel fez um megafone com as mãos e deu um berro, emocionado, vindo do fundo do peito, com todas as suas forças, que ecoou longe. Renata e Arlete pararam de chorar por alguns segundos e apuraram os ouvidos, na esperança de ouvir uma resposta. Nada.

Michel desabou em lágrimas. —Responde, cara, não faça isso com a gente. Responde. Os olhos de Alan minaram algumas gotas de água. Estava olhando lá do outro lado do vale. Uma locomotiva estava subindo a serra lentamente, uma linha fina riscando a serra, bem distante. Bem que podia trazer o Medeiros lá do fundo.

Priscila estava sentada, mas parecia tonta, olhar frouxo. Elton a amarrou pelo peito, debaixo dos braços. Mais por segurança, não seria necessário içá-la, apenas andar até à mureta, e subir uns quatro metros de desnível.

Elton vinha com cuidado trazendo Priscila. Ela começou a mancar da perna esquerda. Elton novamente insistiu em que ela deitasse e esperasse a maca, mas ela não quis. Ambos estavam amarrados à corda. Cainan puxava a outra ponta da corda e conversava com Priscila para mantê-la alerta.

Alguns carros já estavam parados no acostamento, os passageiros olhavam curiosos, tentavam entender o que estava acontecendo. Uma viatura da polícia rodoviária parou também. Três policiais saíram e foram correndo para perto de Cainan. Nesse momento ele estava ajudando Elton a transpor a mureta com Priscila. Pularam a mureta e ela se sentou no chão. Parecia exausta, transtornada.

—Pri, temos fé que vamos encontrar o Medeiros vivo e são. Arlete se abaixou e abraçou a amiga, mas evitou forçar o tórax dela. Renata colocou a mão direita na face esquerda da moça, deu-lhe um beijo e tentou demonstrar segurança. Michel e Alan também se ajoelharam, olharam no rosto dela para oferecer conforto, mas os olhos dela se mantinham no chão, estava aérea. Queria chorar, mas não conseguia.

Yitzhak Ben-Gurion

—Ainda há mais alguém lá embaixo? — O policial com a prancheta perguntou, enquanto os outros dois foram ajudar Elton e Cainan. Quem respondeu foi Alan.

—Sim, o piloto deve estar lá embaixo, não o vimos ainda.

O policial, Araújo, chegou perto da mureta e, cautelosamente, se curvou para olhar lá embaixo. Fez careta, pareceu sem esperanças. Pegou a caneta e anotou alguma coisa no bloco de notas.

—Quem viu o que aconteceu?

—De certa forma nós vimos, nós estávamos com ele. Eu estava na frente com ela.

—Como assim, ‘de certa forma’?

—Eu olhei pelo retrovisor, foi tudo muito rápido.

—Nós estávamos atrás, acho que ele derrapou, ou desequilibrou na curva.

O policial novamente pegou a prancheta e anotou mais alguma coisa.

—Você está bem? Entende o que estou falando? —o policial se agachou e procurou se fazer entender para Priscila. Ela estava sentada no chão, pernas estendidas, escorada na mureta. Parecia não estar ali, seus olhos vagavam, sua mente não estava ali. Cainan ofereceu água e ela aceitou.

—Sim, estou entendendo.

—Você estava nessa motocicleta?

—Sim.

—Na garupa ou na direção?

—Na garupa.

—Sabe dizer o que causou o acidente?

—Não.

—Esse pessoal estava com vocês?

—Sim.

—De onde vocês estavam vindo?

—Fomos passear em São Paulo.

—O que o piloto é seu?

—Namorado.

Araújo fez algumas perguntas aos outros três também e preencheu uma longa ficha.

O caminhão do corpo de bombeiros estacionou. Araújo deu as coordenadas e eles foram conferir o cabo de aço. Encostaram o

caminhão o mais que puderam perto da mureta. Os carros continuavam a parar, os motoristas queriam ver, perguntavam o que houve. Uma fila enorme. Dois policiais foram cuidar do trânsito. Posicionaram três faróis potentes na direção do fundo do precipício. Ligaram os faróis e todos procuraram uma posição para enxergar lá embaixo. Viram uma mancha branca na copa de uma árvore, lá no fundo.

—Qual a cor da roupa que ele está usando? Araújo perguntou olhando para Priscila, que continuava sentada.

—Calça jeans, camiseta branca e jaqueta preta.

—Agora é com vocês, disse Araújo para o bombeiro.

—Vamos descer a maca, determinou Fontenele, o sargento bombeiro. O precipício parece ter uns setenta metros, talvez mais. Vamos descer um homem com a maca.

Morais deu um passo à frente e foi buscar a maca. Equipou-se com o cinto de ganchos, ferramentas, facão, lanterna, capacete. Amarrou a maca na ponta do cabo de aço e a colocou do outro lado da mureta. Em seguida passou do outro lado, se firmando na mureta. Baixou a cabeça e orou a Deus. Fontenele soltou alguns metros de cabo pelo controle do reboque. Moraes começou a descer. Fontenele pediu que todos se afastassem para evitar contratempos.

—Consegue ver alguma coisa aí embaixo?

—Ainda não, a maca está atrapalhando.

Fontenele soltou mais cabo. Renata, Michel e Alan sentaram-se ao lado de Priscila. Ficaram em silêncio um momento.

—Você acha que ele está bem, Alan? —Renata perguntou bem baixinho ao ouvido dele. Não queria que Priscila ouvisse a resposta.

—Sim, ele está bem. Aquelas árvores amorteceram a queda dele.

Os policiais continuavam na pista, mandando os motoristas seguirem viagem para não bloquearem o trânsito. Alguém do posto policial estava tentando fazer contato com os policiais para saber notícias, mas ninguém veio responder. A escuridão já estava quase completa. A lua ajudou um pouco. O céu estava quase limpo. Um silêncio ensurdecedor se fez naquele momento, o vale se encheu de vazio e esperança. O melhor momento para refletir sobre a vida é na proximidade da morte. Os amigos estavam ansiosos, mas no íntimo sabiam que não deviam se animar muito.

—Está aqui. Achei. Caramba.

Yitzhak Ben-Gurion

O rádio de Fontenele recebeu o sinal vindo do fundo do vale. Todos ouviram. Michel e Alan se puseram prontamente de pé, olhando para o sargento. A entonação da voz do bombeiro esvaziou todas as esperanças.

—Vou amarrar o corpo na maca, mas vou ter que cortar uns galhos.

Renata cobriu o rosto e abraçou as amigas. Arlete começou a chorar copiosamente, ao mesmo tempo em que dizia palavras de consolo para Priscila. Alan e Michel se olharam abatidos. Michel chorou e se abaixou para abraçar as amigas. Alan foi até Fontenele, parou diante dele. Fechou os punhos e bateu um contra o outro algumas vezes.

—Não dava para esperar outra coisa, não é mesmo?

—Muito alto, ninguém aguentaria, respondeu Fontenele. — Vocês vão ficar bem? Acho que não vão gostar do que vão ver, é melhor poupar as garotas.

Arthur Kobeski abriu com cuidado o embrulho. Cleópatra raspava com as patinhas na calça dele, insistindo que queria participar daquilo, mas de novo ele a ignorou. Helena a pegou no colo e a consolou.

—Meu santo Cristo, são dois corpos humanos. —Kobeski estava apavorado. Juntou as mãos atrás de si e inclinou o corpo levemente para trás, distanciando os olhos. Inconscientemente estava tentando se afastar daquilo.

—Sim, foi o que eu disse.

Os esqueletos ainda guardavam o aspecto de posição fetal por que estavam bem amarrados. A camada mais interna de envelopamento parecia ser de fibra de palmeira, e por cima várias tiras largas de couro animal, umas emendadas às outras, como uma rede de pescar. Mas o conjunto não podia ser manuseado à vontade, estava prestes a romper.

—Onde eu vou guardar isso?

—Quer preparar um espaço primeiro? Não precisa levar agora. Se não quiser, nem precisar levar, eu jogo fora.

Arthur Kobeski não podia fazer essa desfeita, não queria magoá-la.

—Vou ter que pensar. Talvez na minha biblioteca. Mas vai ficar apertado.

—De certa forma é uma relíquia. Talvez valha a pena estudar a história daquela região do bairro Pinheiros e saber quem viveu lá.

—Talvez. Seria necessário saber a idade desses ossos. O Thomas fez isso?

A História do Padre Kobeski

—Não. Não quis se expor, poderia comprometer o andamento da obra. Entende?

A Cleópatra estava elétrica, queria por tudo pular nos braços de Arthur Kobeski. Ele estendeu os braços e a pegou dos braços de Helena.

—Vamos sentar na sala, nossas cervejas já devem ter esquentado. Helena puxou-o pela mão esquerda, já que a outra estava segurando a cachorrinha ao peito.

Ele pegou a latinha de cerveja em cima da mesa e sentou-se novamente na poltrona, com Cleópatra no colo. Helena ajoelhou-se de frente com ele e o abraçou pela cintura, um abraço aconchegante. Tentou afastar a cachorrinha, mas não conseguiu. Ambos sorriram da cachorrinha ciumenta.

—Você é tão linda. Seu sorriso cai muito bem em você. Esse penteado te deixa bem mais jovem. Não que eu prefira você mais jovem, eu gosto de você do jeito que você é; mas é que essa visão mais jovial que você transmite te dá uma beleza adicional.

Ela sorriu gentilmente e mostrou os dentes perfeitos. Ele estava certo, ela tinha um lindo sorriso.

—Você é muito galanteador. Não precisa tentar me impressionar. Eu me aceito do jeito que sou, já aprendi a valorizar coisas mais concretas. Mas não quer dizer que vou me descuidar da aparência, isso jamais. Mesmo que você ache que isso tenha a ver com aquelas figuras horríveis.

Ambos sorriram às gargalhadas, e ele afagou o rosto dela, olhando profundamente seus olhos castanhos.

—Não é bem assim, eu já expliquei.

Ela estava em um vestido de malha, justo, até os joelhos. Fundo branco, mas repleto de ramos de plantas na cor cinza. Barriga quase zero. Um babadinho de oito centímetros na altura dos joelhos. Nos ombros, alças de cinco centímetros de largura. No peito a cava mostrava um pouco o vão entre os seios. Cabelos lisos, castanhos e bem hidratados, batendo na altura dos ombros. Colocou o cotovelo esquerdo no joelho direito dele, e também ficou olhando nos olhos dele. Olhos de jabuticaba, emoldurados por uma pele branca que já tinha alguns vincos, apesar de ter apenas cinquenta e nove anos.

Helena se levantou e foi até à cozinha. Encheu um prato com leite, colocou-o no chão e chamou Cleópatra pelo nome. Estalou o dedo médio contra o polegar direito e disse em tom lúdico que tinha leitinho

Yitzhak Ben-Gurion

para ela. Cleópatra pulou no chão e foi correndo à cozinha. Helena foi até à sala, pegou na mão direita de Arthur Kobeski e sorriu, um sorriso maroto. Depois piscou. Levou-o até o último quarto do corredor e fechou a porta.

No meio do terceiro ano de faculdade o pai de Kobeski precisou começar um tratamento mais sério. Sua memória estava piorando e as pernas estavam trêmulas. Às vezes caía andando pela casa, sem razão aparente. A mãe e a irmã pediam que ele parasse de andar e ficasse sentado, mas ele dizia que precisava cuidar da vida, arranjar outro emprego e pagar as contas. Às vezes esquecia que tinha tomado o café da manhã e se sentava à mesa de novo, e perguntava pelo pão. A esposa estava ficando preocupada. Mas ele não se esquecia do próprio aniversário, nem do aniversário dos filhos e da esposa.

O celular dele tocou.

—Alô? Pri? Você está bem?

—Sim, estou. Tem como me pegar aqui?

—Onde você está? O que houve?

—Acabei de sair do meu ateliê e vim andando até à praia, aqui no Canal Três. Estou sentada num quiosque.

Alan ficou um instante tentando entender a situação. Não assimilou por qual motivo Priscila estava ligando para ele, nem eram tão íntimos assim. Ela era mais amiga da Renata, Arlete e Michel. Pensou se devia ir, se não se complicaria.

—Ainda demoro uns quinze minutos para sair do escritório. Vou direto para aí.

Alan era advogado, tinha um escritório em sociedade com dois amigos. Conseguiram um contrato de prestação de serviços com uma empresa de softwares para equipamentos bancários, a Tecban, que fora transferida de Barueri. Essa empresa estava instalada no Alphaville de Santos, à rua Amador Bueno, perto do Poupa Tempo, nos quatro últimos andares de um edifício novo e moderno, de dezesseis andares. Centenas de funcionários. Os três andares inferiores, bem como metade do oitavo e do nono ainda estavam desocupados. O mezanino contava com um auditório espaçoso para quinhentas pessoas sentadas. No terraço, havia uma área aberta, onde havia um heliponto e um restaurante-bar, com cardápio oriental. Sem o Alphaville de Santos não seria possível esse contrato, e nem a contratação de quatro

funcionários administrativos e cinco advogados estagiários. O escritório de Alan estava no oitavo andar desse mesmo edifício.

Priscila andara cerca de mil e cem metros do seu escritório até à praia, fora a pé. Estava tomando um guaraná de latinha. Estudara Arquitetura na PUC de São Paulo. Dividia seu escritório de arquitetura com Marcela Aguiar, com quem se formara, e Samara. Nos últimos doze meses o centro empresarial Alphaville de Santos consumira metade dos esforços do escritório, o que o elevou a um novo patamar de serviços. Contratou duas arquitetas, estagiários, e duas pessoas para o administrativo. Eram cinco e quarenta da tarde. O Trem Turístico Suspenso estava vindo do emissário, parecia quase cheio de passageiros. Os trilhos estavam postos sobre uma estrutura fina de concreto e aço, mas resistente. As pilastras de concreto armado foram erguidas em formato de corpos humanos, corpos gigantes, representando as várias etnias que compuseram o povo brasileiro. Os postes de iluminação foram arrancados, e as lâmpadas foram fixadas na estrutura dos trilhos. As laterais de vidro translúcido da locomotiva permitiam ver lá dentro. A luz do sol do final do dia atravessava a locomotiva de um lado para o outro, o que dava a sensação de vê-la flutuando; uma linda visão. Priscila bebeu um gole de guaraná e ficou observando. A locomotiva passou, quase em silêncio. Ela pegou o celular e entrou no facebook. Viu alguns posts, curtiu algumas fotos e comentários. Entrou no perfil de Alan e olhou os posts dele. Viu também os perfis de Arlete e Michel. Ascendeu um cigarro Dunhill e tragou. Usava uma bermudinha bege de sarja, lisa, com cós até o umbigo. Cinto vermelho de fivela prateada do tamanho de um punho. Blusinha branca de alcinha fina, com figuras geométricas, pequenos quadradinhos onde o vermelho sobressaía, mas tinha também azul, preto e laranja. Sandálias sem salto, de tiras vermelhas, e uma tira no calcanhar. O dia havia sido quente; máxima de trinta e dois graus; mas naquele momento baixara para vinte e seis. Alta, pele morena, cabelos negros e ondulados. Lábios grossos, nariz largo, testa grande. Olhos grandes e curiosos. Antes do acidente era uma pessoa falante, mas agora estava retraída, conversava pouco. Estava sempre pensativa.

Alan desceu do seu Hyundai Creta, branco, a cinquenta metros dali, antes do quiosque. Foi observando, procurando o rosto da Pri. Estava receoso. O Trem Turístico Suspenso vinha voltando da Ponta da Praia, ele ficou observando. Ainda não tivera a oportunidade de fazer o passeio, mas tinha a intenção, parecia ser bem legal. Sair do chão, ver

Yitzhak Ben-Gurion

o mar lá de cima. Estava em um terno cor grafite, liso, bem cortado, novinho. Cabelo curto, já ficando grisalho, liso, com uma ondinha na testa, feita com gel que ele havia retocado antes de sair. Os sapatos pretos brilhavam como os olhos negros, que estavam a um metro e setenta e dois de altura. Era bem magro.

–Oi, Pri, tudo bem com você? Fiquei preocupado. Não consegui sair antes. O que houve?

–Tudo bem. Precisava de alguém para conversar.

–Sei. Não deve estar sendo fácil para você, nesses últimos dias, não é mesmo? Você já está trabalhando?

–Sim, não posso parar. Tenho vários projetos em andamento, estamos num momento muito bom. A vida segue. –Tragou, brincou com a língua nos lábios e afastou a mão esquerda com o cigarro para não incomoda-lo. O corpo estava levemente torcido para a esquerda. Postura charmosa e olhar insinuante. Dava um caldo.

–Ainda bem que você pensa assim, se não ficaria louca, não é mesmo? –Ele estava procurando assunto.

–Eu estou louca.

Ele simulou um sorriso, mas não sabia se podia se expressar à vontade. Ela o olhou de lado, sem sorrir, e não tentou suavizar o que disse. Levou o cigarro à boca e tragou de novo, olhando para o céu.

–Vou pedir um sanduíche, você não vai comer? –Ele queria achar um rumo produtivo para a conversa. Olhou para os lados, conferiu se conhecia alguém.

–Daqui a pouco eu peço. –Ela respondeu dando a última tragada. Pegou o maço em cima da mesa, tirou outro cigarro e o acendeu com a bituca.

Ele ficou observando. Chegou o corpo para frente e firmou os braços sobre a mesa. Chamou a atendente e pediu um *cheese bacon* com um ovo a mais. Para beber pediu coca cola.

–Não me lembro de ver você fumando.

–Tinha parado há muito tempo. Desculpe, estou incomodando. Já vou parar. –Afastou um pouco a cadeira da mesa. Olhou nos olhos dele sem muita expressão. Colocou o cotovelo esquerdo sobre a mesa e levou a unha do polegar aos dentes, segurando com os outros dedos o cigarro. Olhou para o celular sobre a mesa. Alan ficou meio tímido, não sabia o que dizer.

–Vocês namoravam há muito tempo?

–Dois anos. Ele queria casar.

A História do Padre Kobeski

–Olha, você não tem culpa de nada. Foi uma escolha dele fazer aquela viagem. Foi uma escolha de todos nós. Foi só uma fatalidade.

–Eu sei. Mas incrivelmente estou com vontade de fazer outra.

–Sério? Não ficou com medo?

–Nadinha.

–Muitas pessoas ficariam traumatizadas, isso mudaria muita coisa para elas.

–Para mim não. Vejo a vida de outra maneira. Quero recomeçar, viver a vida intensamente. Não posso me apegar ao passado.

–Gostei, é assim que se fala. Pessoas vêm e vão o tempo todo, e a vida é muito curta para a gente viver lamentando. Isso mesmo, arrisque de novo, não se intimide.

Ela olhou nos olhos dele. Virou o rosto levemente para a direita e soltou uma baforada, mas os olhos continuavam nele. Jogou o cigarro no chão e pisou na brasa. Olhou para a atendente, que estava à esquerda, postada ao lado do quiosque, com um cardápio à mão.

–Moça, por favor.

A atendente veio, sorridente e solícita. Era uma adolescente, devia ter uns dezenove anos. Cabelos curtos, pretos e cacheados. Pele parda. Camiseta gola polo, vermelha, com o nome do quiosque na altura do peito. Boné vermelho, também, com o logo do quiosque.

–Pois não.

–Quero um *cheese salad* com dois hambúrgueres. E uma coca.

O quiosque estava perto da ciclovia, e ao fundo havia outros quiosques. Ao lado da mesa deles havia uma mesa com quatro pessoas, duas mulheres e duas meninas, de oito ou nove anos. As mulheres eram gordas, pele muito branca. Usavam bermuda de brim; uma marrom e outra verde. Comiam uma porção de frango à passarinho com muita vontade, devia estar muito bom. As meninas comiam, gritavam e riam, e as mulheres não pareciam preocupadas com isso. Na mesa seguinte um homem de uns sessenta anos, uma mulher da mesma idade e uma moça de uns vinte. O casal comia uma porção de camarão, e a moça um sanduíche. O casal conversava descontraidamente, enquanto a moça mexia no celular. Na ciclovia passaram vários ciclistas. Uma senhora estava vindo do outro lado da avenida com um *Golden Retriever* muito bem cuidado. Uma moça que vinha do Canal Quatro de bicicleta reduziu para ela passar. Agradeceu gentilmente e passou por Alan e Priscila. Conversaram descontraidamente durante quarenta e dois minutos. Um homem de cabelos grisalhos vinha do lado do Emissário.

Yitzhak Ben-Gurion

Estava de óculos. Usava uma camiseta marrom e calça jeans, e segurava um par de sandálias nas mãos. A barra da calça estava dobrada para cima. Devia ter quase sessenta anos. Sentou-se à mesa ao lado e pediu água mineral gelada. Parecia cansado. Olhou para o casal, observou-o e depois desviou o olhar para o mar. Alisou a barba grisalha, talvez conferindo se estava bem penteada. O sol já estava posto, mas o mar estivera encantador a tarde toda.

Renata chegou em casa por volta de sete da noite. Para tentar esquecer o envelope trabalhou a parte da tarde, mas não rendeu muita coisa. Agora teria que começar um tratamento agressivo, que a deixaria fragilizada e insegura. Precisava do colo de Alan. Vanusa não estava em casa, tinha um evento para sexta-feira à noite e precisava fazer as coisas andarem. Pratos quentes e frios, sobremesas, garçons, arrumação do local. Era a inauguração da nova sede da Microsoft, que deixara a Berrini pelo charmoso Alphaville de Santos. Tirou a roupa na sala e a jogou no chão; ficou só de calcinha e sutiã. Pegou o controle da TV e se deitou no sofá. Ligou a TV, colocou no Netflix e escolheu o primeiro filme policial que apareceu. Meia hora depois interrompeu o filme e foi à cozinha. Colocou dois ovos para cozinhar. Ligou o rádio na Mix FM e deixou o volume baixo. Pegou alface, uma cenoura média, um tomate, um rabanete e um pedaço de repolho. Lavou tudo, encheu uma bacia com água e esguichou vinagre à vontade. Colocou tudo dentro. Foi ao armário e pegou um pote de palmito. Tentou cantarolar uma música, mas logo desistiu. Tirou três postas de palmito, colocou no refratário e guardou o resto na geladeira. Pegou uma das postas e comeu. Limpou as mãos e a boca no pano de prato. Voltou à sala e assistiu a mais quinze minutos do filme, sentada sobre os pés, escorando o braço esquerdo no braço da poltrona. Interrompeu e foi à cozinha novamente. Escorreu a água, enxaguou e picou tudo no mesmo refratário. Picou os ovos de comprido duas vezes e depois os partiu ao meio, e jogou os pedaços sobre os vegetais. Jogou sal, vinagre e azeite. Puxou um banquinho da mesa da cozinha e comeu quase tudo. Pegou o pano de prato e limpou as mãos e a boca. Ficou parada, pensativa, olhando para o prato. É isso, pensou. A vida continua, nada de desistir, nada de esmorecer. Não posso me tornar uma pessoa apática e vazia. A gente precisa fazer o que tem de ser feito, só isso. Lavou as louças, deixou-as no escorredor de pratos e foi tomar outro banho.

-Me dá uma carona?

-Sim, claro. Onde você mora?

-No Canal Cinco.

-Quer ir agora?

-Gostaria sim.

Alan chamou a atendente e pediu a conta. Quis pagar a de Priscila, e ela aceitou. O chiado das rodas de aço deslizando sobre os trilhos ecoou bem no momento em que Alan estava digitando a senha na maquininha. Terminou de digitar e olhou para cima. A criatura de aço estava indo para o Emissário. Naquele momento, sem a luz do sol e com todas as suas luzes cintilando, parecia um dragão em pleno voo. Alan correu os olhos por trezentos e sessenta graus, conferiu se não havia nenhum conhecido por perto. Foram para o carro.

-Obrigada por essa gentileza. Hoje você foi uma boa companhia para mim.

Ele agora já estava mais à vontade. Passaram em frente à igreja do Embaré, arquitetura neogótica, mas nem olharam. Estavam conversando sobre a perspectiva arquitetônica da cidade de Santos. Entraram na avenida Almirante Cochrane. Ela pediu para ele parar no número cento e quatorze.

-Você mora neste prédio? -Alan baixou a cabeça e olhou pelo para-brisa um edifício velho, bege, de três andares.

Ela soltou o cinto e foi dar um beijo no rosto dele.

-Obrigada pela companhia, gostei mesmo, você é um cavalheiro. - Ela falou isso segurando o rosto dele entre as mãos. Ele ficou um tanto confuso. Ela tascou nele um beijo na boca que o deixou tonto. Ele arregalou os olhos e ficou olhando os olhos dela. Mas ela não se intimidou, apertou de novo a boca dela contra a dele num beijo frenético, sem paciência, desinibido. Inicialmente ele não sabia o que fazer com as mãos, estava surpreso demais. Mas logo descobriu. Chamou o corpo dela para perto do seu e mostrou que também sabia beijar. Ela usava um perfume maravilhoso, que ele não conseguira identificar. Mas nem precisava saber o nome, estava bom. Ela parou repentinamente e olhou para ele com os olhos sedentos.

-Precisamos sair daqui. Conheço um lugar aconchegante, vire à direita na próxima esquina.

Yitzhak Ben-Gurion

Bem de manhã Arthur Kobeski estava em seu escritório, o segundo quarto do corredor, a começar pela entrada do portão. Pegou o notebook que estava na segunda gaveta do seu lado direito, abriu-o e digitou a senha s@piens. Clicou no explorer e procurou na pasta estudosepesquisas. Deu dois cliques no arquivo AnjosXHumanos.docx. Posicionou na última página. Minimizou o arquivo e abriu o site onde havia lido sobre o Australopithecus anamensis. Ficou remoendo as informações. Estava convencido de que Deus fizera várias criações, e não apenas Adão e Eva. O surgimento do primeiro casal da bíblia coincidia com a época em que o homo sapiens deixara de ser nômade para fazer suas primeiras moradias fixas, e com isso passara a plantar e colher. Foi quando também começou a domesticar o boi, a cabra e o cachorro. Coincidentemente foi quando Deus disse a Adão que ele teria que trabalhar pela sua subsistência, quando fora expulso do Paraíso. Deus fizera várias criações, em lugares diferentes e em tempos diferentes. E foi aperfeiçoando essa criatura, até chegar ao casal bíblico, que era a imagem e semelhança de seu criador. Os anteriores não eram. Começou com um ser que era pouco mais que um animal. Foi acrescentando capacidades e habilidades a cada nova criação. Então, Adão e Eva eram a criação definitiva. Fantástico. Isso é perfeito. Arthur Kobeski estava maravilhado com essas ideias. Levantou-se, deu três passos para a porta, com as mãos atrás de si. Parou, virou-se e ficou olhando o notebook aberto. Mas, como explicar que o material genético ainda permanece parcialmente o mesmo de uma espécie para outra, em tempos e lugares diferentes? Bem, se Deus criou Eva com parte do corpo de Adão, pode muito bem ter repetido essa prática em outros momentos, ao criar outras espécies humanas. O que nos impede de pensar assim?

Então é isso, Deus teve esse trabalhão todo para chegar a um ser que deveria substituir os anjos caídos. Os anjos caídos, até onde se sabe, estão na Terra. Foram jogados aqui. Por que o homem não fora criado em outro lugar? Por que justamente onde estava o desafeto? Então é isso, é por isso que o diabo não desgruda do homem, quer se vingar, quer impedir a nossa ascensão. É um teste, é por isso que estamos aqui. Escreveu freneticamente cinco páginas.

Depois desocupou um velho baú ali no canto; na verdade uma caixa retangular com tampa, quatro pés pequenos, de madeira, de guardar roupas de cama. Jogou fora algumas coisas que não considerava

importantes. Pegou um pano úmido e limpou a caixa por fora e por dentro. –Vai servir, pensou em voz alta.

–Padre Arthur, o almoço já está servido. Hoje tem aquele escondidinho que o senhor pediu.

Ao abrir a porta para anunciar o almoço Cleópatra entrou agitada na sala, ansiosa por subir no colo de Kobeski.

–Ok, Hermínia, obrigado. Estou terminando aqui e já vou. Olha só quem está aqui, –disse ele olhando sorridente para a cachorrinha. –Minha criancinha, venha aqui no papai. Papai vai pegar você. Cleópatra se assanhou toda, tentava de todo jeito lambe o rosto dele. –Não precisa tudo isso, não vou fugir, pare com isso. –Sentou-se de novo na cadeira e ficou alguns minutos conversando com ela, e alisando seu pelo macio e bem cuidado. Estava pensando no que acabara de escrever.

A mesa estava posta, e ele almoçaria sozinho. Uma panela pequena de arroz, outra de feijão preto, uma travessa com escondidinho de carne de boi com mandioca. Hermínia tinha a mão certa para a cozinha. Tinha também uma travessa pequena com salada de tomate com alface. Cleópatra ficou deitada sobre o tapete, observando de longe. Depois do almoço ligou a TV, assistiu a trinta minutos de jornal local. Foi para seu quarto e dormiu quase uma hora. Cleópatra dormiu aos seus pés, sem incomodar.

Às três da tarde ligou para Helena.

–Posso ir aí? Já separei um espaço para aquela coisa. –Deu uma risadinha sarcástica.

Helena consentiu e ele foi, mas não levou Cleópatra. Desceu do seu apartamento na casa paroquial, no fundo da igreja, e foi andando até à rua Doutor Epitácio Pessoa, número 201. O porteiro fez sinal para ele entrar.

Helena abriu a porta e seus olhos buscaram a cachorrinha ao redor dele.

–Oh. Não trouxe a Cleópatra? –Ela postou uma mão contra a outra na altura do estômago e fez cara de garotinha decepcionada.

–Não, melhor não, ela não sabe me dividir com ninguém. –Ele fez cara de garotão que sabe o que faz.

–Poxa, que pena!

Deu um abraço caloroso em Helena.

Yitzhak Ben-Gurion

—Você me leva de carro? Não dá para carregar dois cadáveres pela rua. Imagine se a polícia pega um padre passeando tranquilamente com dois cadáveres por aí? O que não vão dizer? —Soltaram uma gargalhada frouxa e bem descontraída. Ela o abraçou.

—Eu nunca imaginei você na cadeia, acho que não lhe cairia bem. Você é um homem correto e digno.

—Deus me livre de uma enrascada dessa. Não quero nem imaginar.

—Claro que levo você. Já almoçou?

—Sim, claro, e já até dormi um pouco. A Hermínia está sempre se superando. Estudei bastante de manhã, isso me cansa muito.

—Então foi um sono merecido. Sobre o que você estava estudando?

—Sobre aquele assunto que conversamos outro dia, com a Bebel. Lembra?

—Ah, sim, sobre os dragões e os anjos que viraram demônios. Deus que me defenda. —Ela se benzeu dizendo isso e ficou séria.

—Anjos que viraram dragões. Não precisa ter medo, estamos sob o comando de Deus. Ele vai dar a cada um a sua destinação, de forma justa.

—Eu sei. É que é meio assustador. Você sabe.

Foram até o primeiro quarto. Ele amarrou de volta as cordas que havia cortado e conferiu se estava tudo firme. Ela abriu a porta da sala e ele veio com o embrulho, com muito cuidado.

—E se me virem aqui com esse sarcófago?

—Não é um sarcófago, é uma caixa de papelão.

—Um sarcófago de papelão.

—Ninguém sabe o que tem aí, —ela disse em voz baixa, chegando ao elevador de serviço. —Nunca irão imaginar.

Ela tentou ajuda-lo a carregar o volume, mas ele dispensou, disse que estava leve. Ela apertou o botão da garagem.

Quando a porta do elevador se abriu ela clicou no botão da chave do carro para desativar o alarme. Colocou o volume no porta-malas com cuidado e o fechou.

Ao sair do portão do prédio virou à esquerda. Foi até à esquina e entrou à direita, e na avenida da praia entrou à direita novamente. Seguiu até à rua da lateral esquerda da igreja e entrou nela. Passou pela igreja e seguiu até o portão da garagem da casa paroquial. Abriu o portão e entrou com o Jeep Compass branco, de ré.

—Boa tarde, dona Helena, tudo bem com a senhora?

A História do Padre Kobeski

—Boa tarde, Hermínia. Estou bem sim, graças a Deus. E você, como está? Seu marido está melhor?

—Melhorou um pouco, mas o médico disse que ele vai ter que operar para tirar as pedras do rim, elas não vão sair só com água. Ele não toma água, é teimoso, e gosta de comida salgada. Come torresmo, batata frita. Não há quem aguento.

—É verdade, a gente precisa se cuidar melhor antes de adoecer. Depois, complica.

—Vocês querem ajuda?

Hermínia foi se chegando curiosa, observando o que iria sair daquele carro.

—Não precisa, Hermínia, obrigado.

Arthur pegou o volume, ensaiou um pouco e o levantou com as duas mãos.

—É alguma peça nova para a igreja?

—Sim, é um objeto de estudo.

—Ah, entendi. O senhor estuda muito, vai ficar maluco. Por isso que é um homem sabido. —Helena ensaiou um sorriso, mas logo desistiu.

Arthur Kobeski não respondeu, continuou olhando para o chão e para o embrulho, mas fez uma cara simpática para a mulher. Hermínia estava com quarenta e dois anos, tinha um filho de doze, que ficava com sua mãe quando ela saía para trabalhar. Trabalhava na casa paroquial das oito às cinco da tarde, de segunda a sexta. O marido, Olegário, havia ficado internado dois dias na Santa Casa de Misericórdia para retirar cálculos renais. Uma mulher um pouco ingênua para a sua idade, mas muito dedicada e prestativa. Trabalhava ali havia quase três anos.

Arthur Kobeski entrou na casa, à esquerda, e subiu a escada para o andar de cima. Helena veio atrás.

—Por favor, abra essa porta.

Helena apertou a maçaneta e empurrou a porta.

—Quer que abra o baú?

—Acho que vou deixar em cima dele, por enquanto.

Abaixou-se devagar e depositou o embrulho sobre a tampa do baú.

—Obrigado pela ajuda. —Ele agradeceu ainda de costas, ajeitando o embrulho.

Desceram a escada, se despediram e ela voltou para sua casa. Ele ficou ao portão, vendo o carro se distanciar. Quando estava quase

Yitzhak Ben-Gurion

fechando o portão ele parou. Olhou para o mar e ficou pensativo. A pulsação das águas o fazia viajar, uma sintonia perfeita com o próprio coração. Estava com um monte de ideias na cabeça, precisa organizá-las.

—Hermínia! —Ele virou-se para trás e gritou.

—Pois não, padre. —Ela apareceu na porta da sala com um pano na mão. Saiu para o alpendre e ficou olhando para ele.

—Vou dar uma volta na praia. A tarde está muito bonita para eu ficar dentro de casa. Vou ver o sol se pôr e daqui a pouco eu volto.

Trancou o portão, colocou a chave no bolso e se foi. Atravessou a avenida da praia e entrou no calçadão, à direita. Dois ciclistas vinham velozes da Ponta da Praia e ele precisou se esquivar. Tirou os óculos e limpou as lentes na camiseta marrom. O reflexo dos raios do sol mostrou que estavam embaçadas. Colocou as mãos atrás de si e deu alguns passos para o sul. Assim a camiseta ficou levemente esticada, o que fez sobressair saliência abdominal. Estava precisando fazer exercícios, tinha que perder aquela barriga. Noventa e cinco quilos distribuídos por um metro e setenta e seis de altura não era exatamente o fim do mundo, mas a barriga destoava de seus objetivos mundanos. Mundanos por que para muitos um padre deve ser totalmente desprovido de vaidade; mas Arthur Kobeski pensava diferente. Vaidade, no caso dele, não era um senso de estética exagerado, mas um profundo amor próprio que faz o homem grande para si mesmo. Precisava perder a barriga e pronto. Definitivamente Arthur Kobeski tinha conceitos bem próprios sobre sua relação com a vida clerical e a mundana. Viu várias pessoas correndo, outras malhando e outras jogando futebol. Sair da inércia não seria fácil. Passou pelo Canal Três e andou mais alguns metros na calçada, mas resolveu andar na areia. Tirou as sandálias, dobrou a barra da calça jeans e começou a caminhar. Olhou o sol acima das águas serenas, entre nuvens esfogeadas, os navios pequenos diante da grande curva do horizonte. Uma paisagem fulgurante. Continuou para o Emissário a passos lentos. Refletiu sobre como devia ser aquela ilha quinhentos anos antes, quando os portugueses lá chegaram pela primeira vez, e encontraram índios nus vivendo na mata primitiva. Nenhum prédio, nenhum porto, nada de tecnologias modernas. Só a mata verde cobrindo todo o horizonte sem fim. Avistou adiante a praça das Bandeiras, onde várias bandeiras representavam as várias unidades da federação. Entre elas, o vagão de um antigo bondinho, que agora era apenas um ponto turístico.

Pensando bem uma cidade tão rica em histórias poderia ter preservado melhor a sua biografia. E por falar no passado, lembrou de quando tudo começou. Deus fez o homo sapiens à sua imagem e semelhança, e não o Australopithecus, e nem o Cro-Magnon. Mas o abestado pecou, e aqui estamos, numa existência difícil, numa saga desvirtuada. Fomos criados à imagem e semelhança de Deus, mas não vivemos como tal, estamos longe disso. O que será de nós? Coexistimos com os seres que serão substituídos por nós; uma coexistência conflitante, cheia de interferências, ataques. Toda essa gente, esses jovens, com tantos planos, tanta energia. Vícios, condutas tortuosas, egoísmo, vaidade, desamor. Cada um é senhor de si mesmo, dono de seu próprio destino. Mas isso é bom? Isso tem algum valor se cada um só cuida dos seus próprios interesses? Poderíamos ser todos aliados, amigos uns dos outros. Mas somos competidores. Muitas vezes inimigos mesmo. Mas, de onde vem isso? Essa sede de sobressair, de obter vantagens sobre os outros, de crescer a qualquer preço? O diabo nunca foi criança, nem jovem. Os anjos foram criados adultos. Nós temos essa fase cheia de graça, de energia, quando podemos fazer qualquer escolha. É isso, os dragões tentam viver no ser humano a vida que nunca tiveram. Incitam nos jovens os seus próprios anseios, as suas próprias frustrações. Por que os jovens têm uma força infinita, apesar de não terem direção. Isso precisa mudar. Os caídos ainda estão soltos por aí. Não é apenas Lúcifer, o líder, mas uma multidão. Talvez milhões. As coisas por aqui ainda devem piorar muito.

Foi andando e refletindo. Olhava para os prédios, pessoas, animais, o sol. Mas não via nada, estava absorto em suas maquinações. Viu uma mulher com uma menina de uns dez anos e um *schnauzer* de porte médio. O cachorrinho estava na guia, e parecia arrastar a dona. A menina ia atrás, sorrindo, animando o cãozinho. Arthur Kobeski parou para olhar. Com as mãos atrás de si ficou quase dois minutos observando com semblante feliz a trinca, e desejou ter trazido Cleópatra. Melhor não, poderia pegar algum micro-organismo, ou até carrapato estrela. Olhou os prédios, construções velhas e novas. Alguns edifícios modernos e vistosos; outros, já bem decadentes. Chegou ao Emissário. O trem turístico suspenso havia acabado de chegar, e enquanto os passageiros saíam, outros aguardavam para entrar. As luzes dele contra a estrutura suspensa criavam uma leve sombra na calçada da praça. Estava com sede, mas também com fome. Parou ao lado de um vendedor ambulante e pediu um cachorro quente

Yitzhak Ben-Gurion

e um guaraná. Pagou e saiu comendo rumo ao quebra-mar. Diante dele se erguia um grande monumento vermelho, de ferro, doado pela comunidade japonesa, em homenagem ao centenário de sua imigração para o Brasil. Mordeu um bocado do sanduiche e continuou olhando. Bebeu um gole de guaraná. Curiosamente era um dragão. Um grande dragão vermelho mirando o mar. Um ícone presente em várias culturas desde tempos imemoriais. O sol já estava quase se pondo. Alguns casais se sentiam à vontade para expressar seus sentimentos, e muitas crianças corriam para todos os lados. Umas jogavam bola, outras corriam de patins ou skate. Um bom lugar para terminar um belo dia de sol. Resolveu voltar. Procurou ser um pouco mais rápido. Foi pelo calçadão para evitar o cansaço que a areia causa nos músculos. Já perto do Canal Três sentiu sede novamente e resolveu parar. Passou por um casal que estava conversando, sentado à mesa. Ele, muito elegante, estava em um terno cor grafite, liso, bem cortado, novinho. Cabelo curto, já ficando grisalho, liso, com uma ondinha na testa. Devia ser algum advogado. Ela usava uma bermudinha bege de sarja, lisa, com cós até o umbigo. Cinto vermelho de fivela prateada do tamanho de um punho. Blusinha branca de alcinha fina, com figuras geométricas, pequenos quadradinhos onde o vermelho sobressaía. Pareciam num clima de paquera.

Pegou a garrafa, tirou a tampa e virou no queixo. A água estava de fato gelada. Engoliu um bom gole e saiu andando para a casa paroquial.

—Filha, seu telefone está tocando.

—Ô, mãe, atende, por favor, estou debaixo do chuveiro.

—Alô? Quem é?

—Alô, esse telefone não é da Arlete?

—É sim, aqui quem fala é a mãe dela. Ela está tomando banho. Qual é mesmo o seu nome?

—Renata. Mas eu ligo depois, não tem problema.

—Só um minutinho. —Filha, é a Renata.

—Já estou saindo, espere aí.

—Alô, Renata, ela já vai te atender.

Julia enfiou a mão pela porta do banheiro e pôs o telefone sobre a pia. Arlete se enxugou rapidamente, secou bem as mãos e as orelhas. Não deu para enxugar bem os cabelos.

A História do Padre Kobeski

—Alô, Rê? Como vai, menina? Estou com saudade. Estava pensando em te ligar amanhã. Vou a São Paulo sábado, quer ir comigo? Vou à José Paulino comprar umas roupas.

—Sábado? Talvez dê sim, ainda não tenho nada marcado. Estou mesmo precisando sair. Amiga, preciso conversar com você, quando podemos nos encontrar?

—São oito e dez, se quiser pode vir aqui, não vou dormir agora.

—Agora? —Renata pensou por dois segundo e decidiu. —Ok, estou indo, devo chegar em uns trinta minutos.

Arlete comentou com a mãe que Renata devia estar com algum problema.

Saíra da rua Alexandre Fleming, 565, fora para a casa de Arlete, em São Vicente. Estacionou seu Fiat Punto vermelho no número seiscentos e quarenta e seis, da rua Américo Martins dos Santos. Colocou o celular na bolsa pequena à tiracolo e saiu do carro. Apertou o botão da campainha apenas uma vez e Arlete veio atendê-la. Abraçaram-se calorosamente. Julia também veio cumprimentar a moça, queria conferir se havia algum problema visível. Era uma casa modesta; precisava de uma reforma. Arlete a levou até seu quarto e sentaram-se na cama.

—Você não está de plantão hoje?

—Não, eu agora estou em período fixo, só das oito às dezoito, e para mim está muito bom assim. Ganho menos, mas vivo mais.

—Isso é bom. Não sei se aguentaria trabalhar em sistema de escalas, deve ser muito cansativo. Não tenho estrutura.

Julia pediu licença, empurrou a porta e entregou um potinho de iogurte para cada, com uma colher pequena. Olhou nos olhos da moça, queria extrair alguma informação. Renata agradeceu, mas sem muito entusiasmo.

—Você parece meio ansiosa, o que houve?

Arlete consertou o corpo, colocou dois travesseiros e se recostou na parede ao lado da cama, sentando-se sobre os pés. Renata continuou sentada à beira da cama, com os pés no chão, corpo pendido para a frente. Renata tirou a bolsa do ombro e a colocou sobre a cama. Ajeitou os cabelos com as duas mãos, olhando para o chão, mas seus pensamentos estavam distantes. Não conseguia sorrir.

Arlete abriu o iogurte e começou comê-lo. Fez cara de que estava bom para animar a amiga e ficou observando os gestos dela. Renata simplesmente colocou o seu sobre a cama e o ficou segurando.

Yitzhak Ben-Gurion

—Está uma delícia, coma. —Renata não respondeu, apenas olhou para o pote.

—Estou com câncer.

Arlete segurou a colher cheia de poupas que ia levando à boca, parou um pouco com a boca semiaberta. Inspirou e expirou. Precisava dizer alguma coisa, e coisa boa. Voltou a colher para o pote.

—Oi?

—Isso mesmo, peguei o resultado hoje de manhã.

—Sério? E onde é? —Arlete continuou segurando o pote de iogurte com a colherzinha dentro.

—No útero. Minha mãe morreu assim, eu era bem nova.

—Arlete ficou parada, franziu os lábios, com ar sério, olhando a expressão da amiga. Mas sentiu que, como amiga e profissional da saúde, devia tentar contornar o clima de tragédia.

—Fique tranquila, Rê, esse é mesmo um dos mais comuns, mas também o que apresenta índices mais altos de tratamentos bem sucedidos. Anime-se, melhore essa cara. Pode contar comigo.

—Eu sei, mas, uma coisa é eu falar isso para outra pessoa. Outra bem diferente é eu pensar que é comigo.

—Você não está sozinha. Mas o médico falou que é câncer mesmo ou algum tipo de tumor benigno?

—Câncer mesmo. Maligno. Disse que está num estágio bem inicial. Mas não estava preparada para isso, eu e o Alan fizemos muitos planos.

—Cadê ele? Não veio com você?

—Ainda não falei nada para ele, estou ensaiando. Ninguém quer dar uma notícia dessas para o namorado. Preferia dar a notícia de um teste de gravidez positivo. Mas câncer?

Renata colocou os cotovelos sobre os joelhos e cobriu o rosto com as mãos. Arlete colocou o pote de iogurte sobre uma mesinha velha ao lado da cama e se aproximou da amiga. Abraçou-a com a mão esquerda. Não sabia o que dizer.

—O médico já marcou o início do tratamento?

—Sim, e passou uns remédios. Amanhã vou comprar e começar a tomar. Mas o governo fornece, vou me inscrever para pegar a partir do mês que vem. Se não der certo terei que fazer radioterapia.

—Fique tranquila, vai dar tudo certo. Vejo pacientes com câncer se recuperando bem o tempo todo. Você só precisa buscar suas forças interiores, pedir a Deus paciência e determinação. Você agora vai passar por um período de desgaste físico e mental, mas não será para

derrubar você, será para provar a grande guerreira que você é. Renata se esforçou e deu um pequeno sorriso para a amiga, em gratidão às palavras de conforto.

–Vou poder contar com você?

–É claro que vai. Estou aqui é para isso mesmo. O Alan está em casa?

–Não sei. Às vezes ele fica no escritório até mais tarde. Não quis ligar ainda, acho que só vou contar amanhã. Hoje estou sem forças.

–E você e o Michel, como estão?

–Eu sou meio geniosa, você sabe. E o Michel é muito calmo. Às vezes me dá nos nervos. Tem hora que me dá vontade de matar aquele negão. –Arlete disse isso com um semblante grave.

–Ah, sim, mas esse tipo de coisa a gente vai aprendendo a conviver. Tem coisa que a pessoa não muda.

–Ah, mas tem coisa que vai ter que mudar. Eu não aguento a paciência dele. Além disso agora está bancando a Leila, aquela folgada.

–Quem é Leila?

–a irmã dele. Eu gosto dela, mas é folgada. Ela está sem trabalhar e ele fica bancando o irmão bonzinho. Dorme até tarde, e quando precisa de dinheiro ele empresta, e nem sabe se vai receber de volta. Ela apareceu na janela do apartamento no dia em que subimos a serra, não lembra?

–Devo tê-la visto, mas não me lembro.

–E a Priscila, você tem visto? –Renata fez essa pergunta e resolveu abrir o pote de iogurte. Estava com a boca amarga. Arlete estava raspando a última gota do fundo do pote. Colocou o pote vazio sobre a mesinha e respondeu.

–Ela está muito abalada. Não aceita falar sobre o acidente, e muito menos sobre o Medeiros. Depois do acidente ainda não veio aqui. Antes ela vinha pelo menos uma vez por semana, e me ligava bastante. A mãe dela esteve aqui hoje depois do almoço, reclamou para a minha mãe que ela ficou descuidada, desatenta.

–Umas sessões com uma psicóloga devem ajudar. Mas, convenhamos, ver o Medeiros como ele ficou, e saber que ela só escapou por um triz, deve mexer profundamente com a pessoa.

–Eu concordo, não estou condenando. Se fosse comigo não creio que seria diferente. Arlete limpou a boca com a mão e colocou o pote vazio sobre a mesinha.

–Vamos chama-la para um chá da tarde?

Yitzhak Ben-Gurion

—Boa ideia. Mas prefiro café. —Arlete sorriu. Renata se esforçou um pouco e também conseguiu sorrir.

—Ah, sim, é só maneira de dizer. Eu também prefiro café.

Capítulo V

Andriele Botafogo Figueiras entrou no site tulips.com. Ficou em dúvida se deveria instalar o aplicativo. Queria conhecer. Duas amigas já haviam se cadastrado e recomendaram. Leu as regras e ficou pensativa. Que conceitos tinha de si mesma? Quais valores deveria impor para sua pessoa? Trabalho é trabalho. Mas sobre uns as pessoas podem comentar. Outros, é melhor manter em segredo. Queria entrar para uma faculdade, e poderia ganhar o suficiente para pagar um semestre inteiro. Mas teria que abrir mão de alguns pudores, de alguns tabus. Letícia já estava matriculada e pagara um semestre adiantado. Obteve um bom desconto. Iria arrumar um trabalho e continuar pagando o segundo semestre. Mas isso seria outra história. Algumas coisas a gente só aprende fazendo, os livros e revistas não ensinam tudo. Existem coisas que a gente faz e depois se arrepende para o resto da vida. Mas muitos se arrependem pelo que não fizeram também. Algumas oportunidades a gente só tem uma vez na vida. O pai não tinha condições de mantê-la numa faculdade, teria que procurar seus próprios meios. Mas ele não aprovaria todos os meios. Muito nova para tomar decisões tão difíceis. Na dúvida, resolveu se cadastrar, e depois ia ver no que daria. A página inicial do site era bem jovial, transmitia emoção, energia, engajamento. Informou seu e-mail e uma senha. No nome da cidade informou São Paulo. No campo bairro informou Vila Prudente. Informou a data de nascimento completa e o programa mostrou a idade completa no outro campo. Dezesete anos. Faltavam vinte e um dias para completar dezoito. Entrou no site e

Yitzhak Ben-Gurion

navegou pela página dos outros usuários. Tinha cabelos castanhos, quase loiros, que batiam um pouco abaixo dos ombros. Lábios vermelhos e finos, mas muito bem desenhados. Olhos claros, levemente azuis. Quadris e pernas bem definidos. Um metro e setenta e oito, e sessenta e cinco quilos. Fazia natação desde os treze anos no centro esportivo do bairro, e no clube do SESC. Era dependente do pai, que era vendedor em uma loja de eletrodomésticos. A mãe era balconista em uma farmácia. Andriele estava trabalhando como recepcionista em uma clínica médica havia dois meses, e sabia que isso não pagaria os seus sonhos.

Adriano Ferraz Batista instalou o aplicativo tulips. Clicou no ícone laranja e apareceu a página inicial. Eram seis e meia da tarde e estava em seu escritório, à avenida Luiz Carlos Berrini, número quinhentos e cinquenta. Sua empresa importava medicamentos de alto custo para doenças crônicas. Importava da Alemanha, França, EUA, Inglaterra e Itália. Um mercado pulsante e promissor. Estava consolidado. Estava divorciado havia dez meses. Aos cinquenta e seis anos não queria mais se casar. A não ser que brotasse de uma rocha uma mulher tão espetacular que dominasse definitivamente o seu coração. Tinha um filho de vinte e sete anos, uma filha de vinte e cinco e outra de vinte e quatro. Todos já estavam formados e cuidavam de suas vidas sozinhos. A filha do meio já estava casada. Trabalhava muito e queria um pouco de diversão. Queria algo diferente para contar para os amigos. Conheceu esse aplicativo através de um amigo que era seu vizinho, e já era usuário. Informou seu e-mail e digitou uma senha forte. Apareceu a mensagem dizendo para ele entrar na conta de e-mail e confirmar o cadastro. Ele confirmou e apareceu uma página onde deveria informar o número e a senha do cartão, e pagar uma taxa de adesão de oitenta e cinco dólares. Refletiu sobre o valor, pareceu muito caro. Mas o amigo fez uma propaganda tão boa que resolveu arriscar. Vai valer o investimento. Informou os dados do cartão e confirmou. Apareceu uma tela parabenizando pela boa escolha. Clicou num botão e apareceu uma lista de produtos e serviços disponíveis.

—Acho que não vou me arrepender, pensou em voz alta. —Eu trabalho muito, preciso pensar mais em mim. —Continuou navegando, olhando as imagens. Entusiasmou-se. —Olha isso, que espetáculo.

A História do Padre Kobeski

—Qual o seu nome? —Ela perguntou digitando no chat do aplicativo tulips. Ela estava vendo a foto de um homem, de meio corpo, no canto superior esquerdo. Aparentava ter uns cinquenta e poucos anos. Estava acima do peso e era calvo na parte superior da cabeça. Clicando no botão Mais Fotos ela viu mais seis fotos dele; ao volante de um bom carro, perto da janela de um avião, numa praia só de sunga, com uma lata de bebida na mão, segurando a chave de um carro novo.

—Fernando. E o seu?

—Prefiro não dizer ainda.

—Então Thais é só um apelido?

—Sim, eu gosto desse nome. Você é mesmo daqui de Araçatuba?

—Sim, nascido e criado aqui. Você também é daqui?

—Sim, também nasci aqui. Você trabalha com que?

—No agronegócio. De pai para filho.

—Você esteve na última Barretesão?

—Sim, vou a todas. Já fiz muitos negócios lá. Muito bom, vou com os amigos. Mas conheço um pessoal lá também. Gosto de ver os rodeios. Gosto de boi gordo e de cavalo de raça. Você gosta de rodeio?

—Sim, já fui lá duas vezes, e o rodeio é tudo de bom. Eu vi um vaqueiro sair de lá quase morto. Ele caiu e o boi bateu a pata em cima da canela dele. Foi horrível, quase vomitei.

—Aquele pessoal é louco. Eu gosto de ver, mas nunca montaria. Quando era criança eu brincava, na fazenda do meu avô, fazia muita estripulia. Mas uma vez eu caí do cavalo e cortei a cabeça. Não foi nada grave, mas fiquei assustado. Aí eu entendi que não era coisa para mim.

—Você é casado?

—Já fui. Agora sou livre como um passarinho. Ela não deu valor. E você, é casada?

—Claro que não. —Ela postou uma carinha de surpresa com a pergunta. Depois postou outra com o rosto vermelho.

—Claro, não. Poderia ser. Sei lá. Cada um faz o que quer. Achei você muito linda. —Ele estava olhando a foto do perfil dela, de meio corpo, olhando meio de lado. Pele cor de chocolate escuro, lábios bem pronunciados, com gloss. Cabelos à moda africana, espetados como um ouriço, e glitter sobre os olhos. Brincos coloridos com temas tribais pendiam das suas delicadas orelhas. —Você está em contato com mais alguém pelo aplicativo?

—Sim, tem mais dois que de vez em quando me mandam mensagens. Estamos nos conhecendo. Um é daqui mesmo e o outro é de Barretos.

Yitzhak Ben-Gurion

—Posso te dar uma dica? Esqueça eles. Fique comigo. Gostei mesmo de você. Que lugar você tem vontade de conhecer?

—a Grécia. Eu vejo fotos das praias de lá e fico babando.

—Quer saber? Você merece conhecer a Grécia. Já imagino você andando de biquíni naquelas ilhas com praias de areias brancas, com um chapéu cheio de flores. Você tem razão, as praias de lá são lindas.

Ela postou várias carinhas dando gargalhada.

—Você parece ser legal.

—Estou vendo sua foto com biquíni azul claro, pode até levar esse. Que coisinha linda.

Novamente ela postou várias carinhas de gargalhada. Depois mostrou uma de rosto vermelho.

—Eu estava gorda, nem sei por que coloquei essa foto no meu perfil.

—Gorda? Você está maravilhosa. Onde foi isso?

—Na piscina do prédio onde uma amiga mora. Era uma segunda feira, só nós duas estávamos na piscina.

—Grécia, aí vamos nós. Uhuuu!

O Fiat Punto da Renata parou em frente à Padaria Roxy, no Canal Um. Desceram ela, Priscila e Arlete. Eram quatro da tarde; o sol estava ameno, vinte e quatro graus. Havia bastantes turistas na cidade, o trânsito estava intenso. Priscila estava em um vestidinho azul da cor do céu, cinturado com elástico, que batia acima dos joelhos. Cabelos pretos e lisos. Havia feito escova; batiam na base do pescoço. Renata vestia um macacão short branco, com barra tipo italiana. Por baixo, uma camisetinha rosa. Tinha nas orelhas brincos vermelhos em forma de rosas, e calçava um tênis também vermelho. Arlete vestia um vestidinho ombro a ombro cor cobre, com babados nos braços e na saia. Cachos bem anelados quedavam vívidos por causa do baby liss que fizera um pouco mais cedo. Boca grande, nariz largo, olhar felino.

—Boa tarde. Fizemos uma reserva para esta tarde. Está no nome de Renata Portela.

A moça do caixa indicou a escada em forma caracol para subirem ao piso superior. Identificaram a mesa e sentaram—se.

—Eu não conhecia este piso, nunca tinha vindo aqui, —observou Priscila chegando perto da janela para observar a paisagem. —Gostei.

—Eu já estive aqui duas vezes com as meninas da empresa, disse Renata enquanto tentava ajeitar a bolsa numa cadeira ao lado. Tirou

um guardanapo de sobre a mesa e limpou o batom rosa claro dos lábios, olhando pela câmera do celular. –Estou parecendo uma defunta com esse tom–sobre–tom. Onde eu estava com a cabeça quando passei esse batom? –Salmão ou vermelho? –Perguntou ela para as duas amigas mostrando dois batons que tirara da bolsa.

–Vermelho, respondeu Arlete. – Já que vai mudar, mude de verdade, se liberte.

Arlete e Priscila riram, enquanto Renata tentava fazer o retoque, olhando pela câmera bem de perto.

–Que nada, a defunta aqui sou eu, olhem para mim. – Priscila torceu os lábios e fez cara de quem está no mundo errado por causa da aparência.

–Mas, que vai ficar parecendo a Penélope Charmosa, isso vai.

As três riram, mas Renata não perdeu o foco olhando-se pela câmera.

–Arlete, seu penteado ficou bárbaro. Arrasou, observou Priscila, fazendo um gesto com os dedos para se referir aos cabelos espetados.

–Eu não tenho muito o que fazer, não é? Meu cabelo não ajuda. A origem não ajuda.

–Qual é? Seu cabelo está lindo mesmo, acudiu Renata. –Pare de se fazer de coitadinha e pôr defeito onde não há. Você tem tantas opções quanto qualquer pessoa.

–Eu prefiro quando aliso, é bem mais fácil de cuidar. Vida de negra é difícil.

–Você não pode se comparar com outras mulheres, todas nós temos nossas individualidades, nossos valores. É por isso que somos únicas. Menina, somos únicas. –Renata disse isso concentrada na câmera, concluindo o retoque.

–Vamos tirar uma selfie, –propôs Renata, já preparando a câmera do celular. Elas se abraçaram, fizeram várias poses, riram muito e tiraram várias fotos.

–Pri, preciso te contar uma coisa. Não é legal. -o clima descontraído se fechou um pouco.

Priscila franziu o cenho e fez cara de curiosa. Sacudiu os ombros e respondeu:

–Pode dizer.

Renata ficou um momento calada. Arlete baixou os olhos, olhou para as próprias unhas, sem saber como contribuir para iniciar o assunto.

Yitzhak Ben-Gurion

—N que foi? Que mistério esse? —Perguntou Priscila olhando para Arlete e depois para Renata. — Está grávida?

—Antes fosse. —Renata tentou não fazer drama, apenas contar o que precisava. —Eu falei anteontem com a Arlete, estive na casa dela. Não tive forças para ligar para você.

—Diga logo.

—Estou com câncer de útero. O médico disse que é bem inicial, mas preciso levar a sério.

—Meu Deus, Rê, que chato. E quando você soube?

—Tem dois dias. Estou meio aérea ainda.

—E?

—E, que vou começar um tratamento muito chato com medicamentos, e se não der certo vou ter que fazer radioterapia. Aquela coisa que faz cair os cabelos, sabe?

A conversa se prolongou um pouco nesse clima de tragédia, mas logo as amigas mudaram o rumo da conversa e salvaram o passeio. Priscila fitou os olhos no infinito e ficou pensativa. Essas fatalidades que nos acometem ao longo da vida são acontecimentos aleatórios, ou somos escolhidos a dedo? Alguém administra isso? Tem alguém para ditar os sofrimentos que cada um vai passar?

Arthur Kobeski abriu seu notebook e digitou a senha s@piens. Clicou no Internet Explorer e digitou o endereço tulips.com. Informou a senha de usuário máster e entrou na página principal. No menu, clicou no botão Usuários Ativos. Apareceu uma longa lista. Filtrou a lista para trazer apenas os usuários cadastrados no mês de junho. Um número muito bom. Fez a mesma coisa com a lista de prestadoras de serviços. Um número ainda melhor. Ordenou a lista por unidades da federação e viu que quase todos os estados do país já tinham clientes. Muito bom. Pegou seu celular e clicou no aplicativo bancário. Informou a senha numérica e clicou no ícone extrato. Conferiu se o valor estava condizente com a quantidade de novos clientes no mês. Estava certo. Clicou no ícone do google Chrome e abriu sua conta de e-mail. Escreveu um e-mail para a MobiVibe Systems para solicitar umas melhorias na tela de consultas. Queria ver os clientes por cidades e por idade também. Precisava entender quem eram os clientes para fazer as campanhas. Também precisava de uma página para os clientes

opinarem sobre os serviços do aplicativo. Mas, no geral estava satisfeito. Fechou o notebook e foi para seu quarto.

Depois que terminara o internato, na adolescência, a família de Arthur Kobeski se mudou para Limeira. O primeiro emprego do pai lá foi de coveiro. Trabalhou um ano e meio enterrando pessoas. Arthur em várias ocasiões ia até o cemitério ajudar o pai. Não que gostasse do ofício, é que tinha uma curiosidade imensa sobre essa linha divisória entre a vida e a morte. Queria saber mais sobre a vida após esta vida. Via o cemitério como o barranco de um grande vale. Lá embaixo, nas profundezas do fim do mundo, estavam as vidas concluídas. Olhava para as lápides como se olhasse para um período pré-histórico. Tentava se colocar na história daquela pessoa, no tempo dela, nas experiências vividas. Agora estavam ali, depositadas, estocadas. Não eram mais pessoas, eram lembranças de alguém; eram registros de um cartório. Quando chegava um caixão observava o momento em que este era baixado à cova. Imaginava-se dentro daquela caixa de madeira fechada, imóvel, sem respirar. Devia ser horrível ficar sem respirar. E se acordasse e não pudesse mais sair? Uma vez chegou um jovem num caixão, da mesma idade. A família abriu a tampa para vê-lo pela última vez. Ficou ali perto, observando. Houve choro, lamentações, gritos. Mas o rapaz continuou imóvel lá dentro, sem respirar. Por fim fecharam a tampa. Arthur imaginou que daquele momento em diante o coitado não teria outra oportunidade de respirar. Tampou o nariz com a mão e começou a contar quanto tempo aguentaria sem respirar. Seis homens pegaram o esquife, cada um em uma alça. Começaram a leva-lo para a tumba. Arthur já havia contado quarenta segundos e estava entrando em pânico. Aquele defunto ia sofrer muito se não abrissem aquela tampa. Continuaram andando em passos lentos. Setenta segundos. Soltou a respiração, exausto, ofegante. Arregalou os olhos e respirou profundamente. Como aquele defunto ficaria depois que jogassem a terra sobre ele? Não ia aguentar, ia se pôr sentado, desesperado. Ia bater na tampa, angustiado, e ia gritar até alguém perceber o seu sofrimento. Ficou olhando e esperando a cena. Estava ficando sem ar. Colocaram o esquife na vala e começaram a jogar terra por cima. A angústia dele começou a aumentar. À medida que o caixão foi desaparecendo debaixo da terra o pânico foi tomando conta, diante da possibilidade de não poder respirar de novo. Foi ficando mais ofegante, mas ninguém ao redor notava isso, só tinham olhos para o

Yitzhak Ben-Gurion

defunto. Arthur sentia como se seu pescoço estivesse sendo estrangulado, como se alguém estivesse em cima dele para mata-lo asfixiado. Até que não conseguiu mais respirar. Acordou atordoado, ofegante, com o próprio grito. Bateu sentado na cama, com a boca seca, arquejando, suando. Olhou ao redor, mas não viu nada, era noite densa. Cleópatra se jogou para cima dele aflita, para lambê-lo, para salva-lo de algum perigo invisível. Apenas passou a mão no pelo dela. Enfiou a mão debaixo do travesseiro e pegou o celular. Eram três e quinze da manhã. Respirou fundo. O coração estava acelerado. Foi muito real. Acendeu a luz e foi à cozinha tomar um copo de água. Voltou, sentou-se de novo. Tentou recordar o que havia sonhado, tentou separar o que era real e o que era maquinação da mente. De onde vieram essas lembranças? Havia muito tempo que não pensava mais nessa época. Seu pai fora um grande homem, lutava com bravura para manter a família alimentada e unida. A noite estava fria. Estendeu mais um cobertor sobre a cama e se colocou por baixo dos dois, mas os pensamentos ainda o mantiveram desperto por mais uns vinte minutos.

No meio do quarto ano de faculdade Kobeski estava preocupado, seu pai estava piorando. Toda esperança que os médicos tinham pareciam estar se evaporando. Nada fazia regredia o estado clínico dele, e nem sequer tinham um diagnóstico preciso para apresentar. Dizia coisas desconexas, às vezes parecia ser outra pessoa. O homem passou duas semanas internado sob medicamentos fortíssimos. Kobeski ia visita-lo e ficava se perguntando o porquê daquilo. Isso é algum castigo? Ele se indagava. Não pode ser, ele mesmo se respondia. Meu pai é um homem bom, sempre foi. Cada um tem uma sina, só pode ser isso. Não tem a ver com castigo, estamos debaixo de uma grande teia de causas e consequências. Mas, e aquele pobre homem que ficou possuído no livro de Marcos? Aquilo foi castigo? Também não, creio que não, foi apenas uma ocasião para Jesus fazer mais um ensinamento. Então tudo tem um motivo, embora quase nunca saibamos esses motivos. Cada um tem a sua sina e cada um deve tirar suas próprias lições, seus próprios ensinamentos disso.

—Alan, tem como você me dar outra carona? Não estou me sentindo bem, acho que estou com febre.

—Eu vou ficar até mais tarde hoje. Devo sair por volta de dezoito e quarenta. Vamos começar uma reunião aqui na empresa agora e só vou embora quando terminar. Acho que seria melhor você pegar um taxi.

—Por mim tudo bem, eu também preciso adiantar uma apresentação da fachada de uma casa, que vai ser construída no Canal Dois.

Alan desligou e ficou pensativo. O que estava acontecendo com a Priscila? Bem, não sabia, mas não podia desperdiçar uma oportunidade como essa. Não é todo dia que cai de paraquedas no colo da gente um mulherão daquele. Essa reunião tinha que ser muito rápida. E se desse para remarcar para amanhã? Não podia adiar. Mas ia tentar encurtar.

Às dezoito e vinte e seis ele ligou para Priscila e disse que já estava indo. Dezenove minutos depois já estava na porta do prédio do escritório dela. Ela já estava saindo pelo portão. Ele buzinou e ela sorriu e acenou. Veio até o Creta branco dele, abriu a porta e entrou. Ela estava sorridente. Trajava calça jeans com vários rasgos nas pernas e bolsos, e uma blusa de malha bege. Por cima usava um casaco de linha, com fibras que variavam desde a cor bege, passando por goiaba, marrom até verde escuro. Usava um sapatinho também bege. A bolsa era marrom. O coração dele acelerou quando ela entrou. Uma fragrância maravilhosa quase o fez flutuar. Que mulherão. Ele nunca tinha notado o quanto ela tem presença. Cumprimentaram-se com beijo no rosto. Ela colocou o cinto e pediu:

—Podemos passar em algum lugar para eu comer? Estou faminta, não comi nada à tarde.

—Ah, sim, tudo bem. Tem alguma preferência?

Alan ficou pensando se alguém os visse juntos. Que explicação teria? Ficou emparedado entre a oportunidade de uma carne nova e a possibilidade de ser flagrado por algum conhecido. E se a Renata estivesse lá?

Ela colocou a mão sobre a perna dele e falou de uma hamburgueria no Canal Dois, três esquinas acima da avenida da praia. Foram para o lugar que ela escolheu. Alan estava meio aéreo, parecia um adolescente indo para o primeiro encontro. Segundo, vai. Foi simpático e concordou com tudo o que ela falou pelo caminho. Chegando no Canal Dois ele entrou à direita e foi até o primeiro retorno à esquerda. Retornou e entrou na rua à direita, e parou, em frente à Hamburgueria Cachorrão. Era um lugar simples, uma casa de esquina dos anos cinquenta ou sessenta, que fora transformada numa lanchonete. Ambos pediram *cheese salad* tradicional. Para beber ele pediu coca e ela

Yitzhak Ben-Gurion

guaraná. Resolveu desligar o telefone. Vai que... Depois inventaria uma desculpa. A noite estava fria, não deu para ele tirar seu fino paletó azul marinho, e nem ela seu casaco. Mas ela o desabotoou. Ele perguntou o que ela achava sobre a arquitetura daquela casa, e ela teceu uma enorme explicação sobre como o movimento rococó deu lugar à art déco, e depois ao modernismo. O assunto nem era tão interessante para ele, mas sentia que devia manter a conversa animada. Priscila estava com as sobranceiras finas e bem delineadas. Lápis preto contornando os olhos também negros. Havia passado batom no elevador; mas agora, comendo, o batom desapareceu. Ele nunca havia se dado conta de como a Priscila era linda e apetitosa. Falava pouco, mas naquele dia estava bem falante. Ele ouviu mais do que falou, durante uma hora e meia. Já estava cansando.

—Podemos ir? Estou com frio.

—Ah, sim, está esfriando mesmo. Esta noite vai ser bem gelada, eu vi na internet.

Ele pagou a conta e foram para o carro.

—Hoje seria tão bom dormir agarradinho com alguém. —Ela disse isso enquanto prendia o cinto, olhando para baixo, com um sorriso cínico.

Ele também sorriu, olhando de esgueira para ela.

—Com certeza. Eu já sei o caminho que você me ensinou outro dia. Sorriu de novo.

—Vamos?

—Vamos.

Ele ligou o carro e saíram.

—Você quer mesmo saber?

—Quero. Se for legal eu também quero participar. Você participou mesmo?

—Sim, mas isso morre aqui, você nunca vai poder contar para ninguém. É um segredo para o túmulo. Certo?

—Certo.

—Funciona assim, primeiro você se cadastra no aplicativo. Não paga nada. Só os homens que pagam para se inscrever. Não sei quanto, mas sei que é uma pequena fortuna. Você precisa estar quase fazendo dezoito anos. O lance é você sair com o cara no dia do seu aniversário de dezoito anos. É para isso que serve o aplicativo.

—Nossa.

A História do Padre Kobeski

Elizabeth ficou chocada com a frieza dos homens. Queria levantar uma grana fácil, para morar no Canadá. Núbia Caldeira já tinha as dicas.

—Esses caras só querem a gente no dia do aniversário de dezoito anos. É tipo um fetiche deles. Por isso pagam uma bolada. Tem que ser no dia. O cara com quem eu saí já tinha saído com outra menina alguns dias antes. Mas eles têm muita grana, podem gastar.

—E quanto é esse valor?

—Eles chamam de dote.

—Dote? Tipo aquele negócio de casamento arranjado dos árabes?

—Isso mesmo. Não sei quanto eles pagam para o aplicativo, mas a parte nossa, o dote, é de mil e trezentos dólares.

—Caramba, Núbia. Puta que pariu. Tudo isso? Eu acho que nunca vi tanta grana assim. Caralho, é muito dinheiro, vai dar para comprar a passagem de ida e ainda pagar aluguel.

—E tem mais, se saírem duas gotinhas de sangue, aí você ainda ganha algum presente extra. Mas aí é por conta do cara.

—Duas gotinhas?

—Você sabe, não é? —Núbia fez um biquinho e arqueou as sobrancelhas, com cara de garota esperta. Deu uma piscadela para cair a ficha da amiga

—Ah, entendi. —a assimilação da garota foi meio lenta, e pareceu chocada. —E você, ganhou alguma coisa?

—Sim, ganhei perfume, sapato, bolsa.

—Como assim? E o Henrique? Vai dizer que...

—O Henrique era um babaca, nunca gostou de mim de verdade, só queria se aproveitar. Quando eu falei não, ele inventou um monte de histórias e desapareceu.

—É que eu pensei que você e ele...

—Nada disso. E foi até bom, ele não ia me dar nada mesmo.

As duas riram de gargalhada da desgraça do Henrique.

—E como foi esse encontro? Me conta.

—Foi tudo de bom, o cara foi perfeito. Não sei se vou encontrar outro algum dia.

Estavam na praça de alimentação do shopping Interlagos. Eram duas e quinze e estavam esperando o pedido, dois sanduíches. Uma de frente para a outra; se aproximaram os rostos para ninguém ouvir os segredos.

—Então você não pode sair com outro cara?

Yitzhak Ben-Gurion

—Não. É igual palito de fósforo, só queima uma vez. Por isso pagam bem. E tem que ser no dia do aniversário, não pode ser no dia seguinte. Uma amiga minha do colégio não pôde ir no dia. Estava tudo marcado. Aí a família fez uma festa surpresa para ela. Ficou arrasada.

—Mas os caras podem.

—Eles podem, quantas vezes quiserem. Você não está entendendo, esses caras são podres de ricos. Quando você vai fazer dezoito?

—Daqui quarenta dias.

—Então precisa ser rápida, para dar tempo de os caras conhecerem o seu perfil. Coloque umas fotos bem legais. Eu vou te maquiar.

—Núbia, posso te contar um segredo?

—Pode. Morre aqui.

—Eu vou ganhar muitos presentes.

De novo elas riram de montão.

—Bom dia. Tudo bem com você? O Pedro está vindo almoçar comigo. Ele está trazendo uns documentos para eu assinar, coisas de herança. Você não quer vir almoçar com a gente?

Arthur Kobeski aceitou o convite. Havia acabado de sair do confessionário, duas almas precisaram de assistência naquela manhã. Uma mulher de sessenta e oito anos se apropriara da coisa alheia havia doze anos. Era cuidadora de crianças. Um dia a mãe do garotinho esquecera um relógio novo sobre a mesa da TV, na sala. Não tinha necessidade, foi coisa de ocasião. Ajeitou o relógio na sacola da marmita e o levou para casa. Vendeu pela metade do preço. O dinheiro evaporou, não lhe foi útil. Dinheiro errado não enriquece ninguém, pensou na época. Nunca se livrou das acusações de sua própria índole. Agora o médico a sentenciara de um distúrbio no coração, e ela queria partir aliviada. A outra foi um rapaz, na casa dos trinta e quatro anos. Arthur Kobeski ficara surpreso, jovens dificilmente procuram a religião para dirimirem os seus conflitos. Trabalhava no porto, era operador de guindastes. Pardo, quase negro, bem apessoado, musculatura bem definida. Cabelos negros, encaracolados e curtos, e barba de uma semana. Um amigo seu havia falecido havia coisa de um mês, num acidente de moto na Imigrantes, e a ex-namorada do amigo o estava assediando. Ele tinha namorada, um relacionamento sério de uns dois anos, e por isso estava se sentindo mal com a situação. Ele já havia saído com a moça algumas vezes, sempre a convite dela. Era uma mulher linda e sedutora, por isso não estava conseguindo resistir. O

A História do Padre Kobeski

padre perguntou se ele ia parar com aquilo, mas ele não tinha certeza. O padre disse que os pecados dele estavam perdoados até aquele momento, mas se pecasse novamente o arrependimento seria necessário de novo. No final o padre disse a ele as mesmas palavras de Jesus à mulher adúltera: “Vá e não peques mais.”.

Arthur Kobeski ficou tão intrigado por ver aquele jovem ali que só esperou que ele saísse pela porta principal da igreja e foi atrás. O rapaz atravessou a avenida da praia e montou uma moto Kawasaki verde. A manhã estava fria. Vestiu a jaqueta de couro preta, ajustou o capacete novinho e se foi. Kobeski o acompanhou com os olhos, depois olhou os ciclistas passarem na ciclovía.

Arthur Kobeski foi até sua casa, vestiu uma calça jeans, uma camiseta branca e calçou um tênis cinza da Olympikus. Abriu a outra porta do guarda roupas, pegou um casaco de linha, cor caramelo, e o vestiu.

A porta do elevador de serviços se abriu e Kobeski saiu com a Cleópatra nos braços. A porta do apartamento estava aberta. Ele parou e se anunciou, gracejando e sorrindo.

–Pode entrar, o Pedro está aí na sala, vá conversando com ele.

–Olá, Pedro, como tem passado?

Trocaram aperto de mãos.

–Essa é a cachorrinha do senhor? Como cresceu. Eu a vi ainda era filhotinha. A Maísa adoraria brincar com ela. Qualquer dia eu venho com mais tempo.

Pedro estava sentado à mesa, escrevendo alguma coisa em seu notebook. Ele convidou e Arthur Kobeski se sentou na cadeira ao lado, de modo que ambos estavam de frente um para o outro, e a mesa ao lado. Pedro empurrou o computador um pouco, para dar atenção ao visitante. O rapaz estava na casa dos trinta e oito anos, cabelos curtos e castanhos. Pele branca, magro. Devia ter um metro de setenta e oito da sola dos pés até o alto da cabeça. Inteligente e perspicaz, mas não muito falante. Vestia uma jaqueta preta, de couro. Muito elegante.

–Eu entendo. Agora está cuidando sozinho da empresa, não é mesmo?

–Também não é bem assim, tem vários gerentes bons que me ajudam, gente competente que meu pai contratou. Alguns já estão lá há mais de dez anos.

Yitzhak Ben-Gurion

—É importante ter uma equipe unida e de confiança.

—Sim, e são bem qualificados também.

—É muito importante a gente observar o comportamento das pessoas. Às vezes fico pensando, cada um tem uma cabeça, ideias diferentes. Mas se as pessoas forem bem administradas podem trabalhar pelos mesmos ideais.

—É verdade, eu acho isso fascinante.

—E isso vale para os filhos também.

—Olha, que coisinha linda, você veio? Dê um sorriso para a titia. Olha o rabinho dela. —Cleópatra estava aninhada sobre a poltrona menor, toda enroladinha. Mesmo assim despertava emoções e elogios. Helena só chegou perto dela, não a tocou; estava segurando um pano de prato. —Bom dia, padre Arthur. Seja bem-vindo. Estou sem ajudante hoje, mas não demora muito mais. Converse um pouco com o Pedro. O cumprimento foi sem troca de apertos de mãos.

Helena Mesquita recolheu o forro de mesa finamente bordado à mão e o dobrou. Levou-o para a cozinha e o colocou em uma gaveta do armário, abaixo do balcão de granito. Na gaveta abaixo pegou outro, uma toalha azul celeste de tecido. Voltou à sala e o estendeu sobre a mesa. Voltou à cozinha e trouxe pratos, talheres e copos, e os dispôs para três pessoas. Deu um sorriso para o filho e voltou à cozinha.

—Como está o mercado imobiliário na capital?, —perguntou Arthur Kobeski a Pedro, que ainda estava com o sorriso trocado com a mão no rosto.

—Está indo muito bem, não tenho do que reclamar. É um mercado pulsante. Mesmo quando a economia geral está fraca as pessoas continuam comprando apartamentos. Elas precisam investir em algo seguro. E o mercado no qual atuamos, do pessoal mais endinheirado, nunca falta recurso.

—Entendo. Seu pai se posicionou do lado certo desde cedo. E parece que você tem o mesmo tino para os negócios, não é mesmo?

Pedro riu com modéstia à tentativa de afago do visitante.

—Não, meu pai era muito bom. Eu estou apenas começando. Sou um aprendiz. Um aprendiz dedicado, eu diria.

Os dois riram com modéstia.

—Nada disso, ele é mesmo muito bom. Sim, puxou ao pai. —Helena veio da cozinha lambendo os dedos e segurando um pano de prato, só para elogiar o filho. —O pai teria orgulho de ver como ele está se saindo.

A História do Padre Kobeski

—Mãe é mãe, não é mesmo? —Brincou Pedro para justificar as flechadas de amor da mãe. —Estava encostado na cadeira, corpo jogado para trás, e o braço direito apoiado na mesa. Levou a mão direita à boca.

—Já está pronto, —anunciou a matriarca. — Só falta colocar na mesa.

—Dizendo isso Pedro foi à cozinha e a ajudou com as panelas quentes.

Helena sentou-se à ponta da mesa, e Pedro e Arthur Kobeski se sentaram um de frente para o outro.

—Visitas primeiro, —decretou Helena com ar de mãezona.

Arthur então pegou seu prato e o levou perto da panela de arroz, enquanto mãe e filho ficaram olhando, sorridentes.

—Seu pescoço está vermelho, o que foi?

—Ah, deve ser do frio, minha pele é muito sensível ao frio. Olhe o meu rosto, fica todo escamado. Vou ter que usar creme hidratante de novo.

Depois do período ajudando o pai no cemitério Arthur Kobeski conseguiu seu primeiro emprego de verdade, em uma grande floricultura, a Jardim do Éden. Entrava às oito e saía às dezoito. Aprendeu a selecionar rosas, fazer os ramalhetes, fazer laços nos embrulhos. Viu que não era tão simples assim transformar uma simples planta em um presente para os apaixonados. Gostava do cheiro de terra, quando tinha que descarregar as plantas dos caminhões e acomoda-las lá no fundo. O serviço pesado sempre ficava para ele, e não para a dona, e nem para a filha dela que ajudava. A Bárbara, de dezoito anos. Ele tinha uma grande afinidade com a natureza. As árvores, animais, flores, a terra, a chuva. Ficava encantado quando aparecia alguma borboleta, ou mesmo uma joaninha, que ousasse passear pelas plantas. De onde é que vinham aquelas cores tão lindas? E a diversidade de seres e formas? Quando uma planta dava sinais de que estava mal cuidada, ou mesmo morrendo, ele se desdobrava para reanima-la. Usava um avental verde para atender os clientes. Fazia isso como se fosse a função mais nobre do planeta. Só tinha olhos para as plantas. Um garoto de dezessete para dezoito anos estava se tornando homem. Mas não um homem qualquer, tinha sensibilidade e força. Um dia Bárbara chegou bem arrumada e cheirosa para trabalhar. Cabelo feito, vestido cinturadinho batendo acima dos joelhos. Um metro e setenta e seis. Morena, olhos negros. Estava sem os costumeiros óculos

Yitzhak Ben-Gurion

que escondiam boa parte do seu valor estético. Ele a viu entrando como se estivesse chegando uma carga de flores, das mais belas. Nunca tinha atinado para o encanto daquela menina. Não piscou desde o momento em que ela surgiu na porta até o momento em que entrou atrás do balcão. Boca aberta e olhos fixos. Ficou por ali, ajeitando as prateleiras, papericando as flores. E de tempo em tempo olhava de soslaio a nova flor. Como não tinha ainda percebido como é linda aquela moça? Daí a pouco entrou um rapaz, queria comprar um buquê de rosas. Olhou o catálogo, olhou os arranjos prontos. E por fim resolveu levar um vaso de tulipas vermelhas. A moça tinha outro compromisso naquele dia, logo saiu, e Arthur Kobeski continuou trabalhando. Desde então passou a dar uma atenção especial à Bárbara. Mas nunca fora notado por ela. Mas o perfume dela, aquele cheiro gostoso de terra, de plantas, e aquelas flores representando grandes histórias de amor, nunca lhe saíram da memória. Ao completar dezoito anos ela recebera permissão especial dos pais para fazer uma pequena tatuagem atrás da orelha esquerda. Uma tulipa amarela, para contrastar com a cor da pele. Claro que ele nunca pôde vê-la de perto. Foi a primeira moça da sua idade a conseguir um lugar especial no seu coração.

Logo depois do almoço Pedro se pôs de pé para ir embora.

—Filho, você pegou o envelope com os documentos?

—Sim, mãe, peguei. Está aqui na mochila.

—Mochila? Você veio de moto?

—Não, mãe, eu já disse que ainda não comprei moto, estou de carro.

Mas sempre carrego mochila

—Esqueça esse negócio de moto, filho, você pode ter um carro. É mais seguro.

—Minha mãe não entende. Não tem a ver com necessidade, é que eu gosto. Eu quero ter moto de novo. —Pedro desviou os olhos da mãe e olhou sorrindo para o padre, se sentindo sufocado com o excesso de zelo. Sacudiu a cabeça em desaprovação a essa atitude dela.

Arthur Kobeski riu educadamente, apenas arqueando as sobrancelhas. Não disse nada. Não podia ir contra os conselhos de uma mãe e nem contra os impulsos do rapaz, não queria criar um mal-estar.

—No fundo ela entende, mas quer o seu bem. As mães nunca deixam de lutar pelo nosso bem.

A mãe e o padre desceram até a garagem para acompanhar o rapaz. Lá se despediram e ele se foi.

—Agora preciso ir, tenho que preparar a próxima missa.

—Não, espere um pouco. Vou fazer uma mousse de limão. É rapidinho. Depois você vai.

Ele cedeu sem contestar, e voltaram ao apartamento. Ela abriu a porta e ele se sentou na poltrona. Enquanto ela tentava trancar a porta ele comentou sem olhar para ela:

—Você tem uma bela família. Não deve ficar parada no tempo. Precisa pensar mais em si mesma. A vida vai continuar, como os rios. Os homens constroem barragens, e por algum tempo o rio parece que não vai mais fluir. Mas depois da represa cheia e ele volta a correr com toda a sua bravura.

—Eu estou parada no tempo? —Ela trancou a porta e, ainda de pé, ficou parada diante dele.

—Não foi isso que eu quis dizer. Eu sou apenas um padre, não posso te dar a atenção que você merece.

Ela puxou uma cadeira e sentou-se diante dele. Pendeu o corpo para frente e colocou os cotovelos sobre os joelhos.

—Você acha que os meus filhos desconfiam de alguma coisa?

—Acho que não. Eles convivem comigo desde que eram crianças. Mas, e o Mesquita? Você acha que ele já desconfiou alguma vez?

—Eu tenho certeza que sim. —Ela apoiou o rosto com as mãos e ficou olhando para o chão. Mexeu os pés e ficou olhando para os próprios dedos dos pés.

—Como assim? Ficou louca? —Ele arregalou os olhos, chegou o corpo para frente e falou com voz grave e pausada. —Ele sabia sobre nós?

—Até ele fazer aquela cirurgia de próstata eu acho que ele tinha uma vaga imaginação. Mas depois dela ele não se importou mais com isso. Foi o fim para ele. Ele tinha diabetes e fumava muito. Notei que ele às vezes até me incentivava a passar algum final de semana aqui, sozinha. Um grande homem, ele. Sempre procurou me fazer feliz. Acima de qualquer coisa. Fique tranquilo, você acabou fazendo por ele o que ele não poderia mais. Acabou sendo de grande utilidade.

—E você me deixou ignorante esse tempo todo? Eu corri risco de vida. Devia ter me avisado. Fiz papel de palhaço. Como você fez isso comigo?

Yitzhak Ben-Gurion

Arthur Kobeski ficou repentinamente transtornado, perdeu o norte. Começou a tremer. Mudou de posição na poltrona, ergueu o corpo. Levantou-se e andou alguns passos para a janela, à direita da poltrona. Em seguida voltou, com a mão direita sobre a boca, olhando para ela. Estava realmente indignado.

—Calma, você nunca correu risco nenhum. Pode confiar em mim. Eu teria dito se notasse algum problema.

—Era problema sim, claro que era. Minha nossa. Então quando ele vinha aqui e conversava comigo...

—Isso mesmo. Você sempre foi uma pessoa da família. A quem mais ele poderia confiar uma tarefa tão dolorosa?

Arthur corou as faces, ficou mudo. Ficou aéreo por alguns instantes olhando para ela. A luz da janela entrava por detrás dele, assim o pó que estava em suas lentes ficou exposto.

—Você está tratando esta situação com uma naturalidade que eu não posso entender. Você não compreende? Isso é grave, é gravíssimo.

—Veja pelo lado bom, —Ela disse, tentando acalma-lo. —Você está livre. Agora somos só nós. Não precisa se culpar de nada, nunca mais.

—Mas vocês chegaram a falar abertamente sobre isso?

—Não, abertamente não. Thomaz era um grande homem, mas não era de ferro.

—Minha nossa, agora estou com vergonha do Thomaz. Eu não devia ter feito isso com ele, era meu amigo. Como eu pude fazer uma coisa tão errada? Espero que Deus me perdoe.

Kobeski se sentou de novo na poltrona, mas não recostou, ficou com o corpo inclinado para frente, batendo os dedos de uma mão contra a outra.

—Você, com vergonha? Pare. Não há o que perdoar, se acalme, somos adultos. Não fizemos nada forçados. Sabemos fazer nossas escolhas. Certo?

—Mas eu traí a confiança dele. Eu não tinha me dado conta disso até agora, vivi numa bolha de ilusões.

—Uma vez estávamos conversando. Ele havia terminado de ler umas páginas de um livro e eu estava lixando minhas unhas. Estava frio. Estávamos sentados na cama com os pés cobertos. Ele se virou para mim, do nada, e disse: Se eu morrer primeiro que você, não fique sozinha. Mas não procure nenhum estranho, valorize as pessoas que estão perto de você e te dão valor. No momento achei que fossem

palavras tolas. Mas, depois que ele morreu, entendi que ele estava falando de você.

—De mim? —Arthur Kobeski tirou os óculos, os pendurou na gola da camiseta, e colocou as mãos sobre os joelhos, apertando-os, olhando firmemente nos olhos dela. Parecia envergonhado, aflito. — Não fale besteira. Que homem em sã consciência diria isso? Eu sou um crápula.

Helena chegou a cadeira para mais perto dele e pôs suas mãos sobre as dele.

—Escute. —Estava séria, tinha algo importante a dizer. Ele ficou imóvel, olhando nos olhos dela, aguardando ansioso alguma palavra que o redimisse de seu pecado. —Que papo é esse? Você nunca demonstrou nenhum remorso, e agora está se comportando como um garotinho assustado? Já passou da hora de ter esse comportamento, você é um homem. Você sempre foi e continua sendo responsável pelas suas escolhas. Pare com isso. Já passou. Somos adultos, podemos fazer o que bem quisermos agora.

Sobre a mesa de vidro da sala, como em muitas ocasiões, Helena havia posto um vaso com seis tulipas. Antes da morte de Thomaz enchia o vaso sempre que ia passar alguns dias no apartamento. Agora renovava as flores uma vez por semana, e cada semana de uma cor.

Arthur segurou as mãos dela com força. Colocou a cabeça sobre os joelhos dela e fechou os olhos, descansando. A janela que estava à direita dele estava com a cortina aberta e, portanto, a luz externa entrava generosa, de modo a iluminar mais o lado direito dele e o esquerdo dela. O ambiente estava gostoso. Na parede oposta o sol iluminava uma pintura a óleo, o jardim de uma casa velha com uma mulher ao fundo. Helena se abaixou e colocou seu queixo sobre a nuca dele. O cabelo dela estava impecável. Havia feito hidratação e escova no salão Haute. A luz morna criava um halo de especial fulgor sobre seus cabelos, e fundia dois corpos em um só coração.

A igreja do Embaré estava aberta. A mesma luz do sol penetrava por suas grandes e coloridas janelas, e a inundava de um grande vazio, com objetos e sombras a desenharem uma fé diferente da que Moisés ensinou por parte de Deus. “Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; por que eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos,

até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam.”. Algumas pessoas estavam ali sentadas, pensativas. Contemplavam o ambiente, contemplavam a si mesmas, suas vidas. Os peregrinos se sentiam pequenos diante da majestosa construção. Estavam em busca de proteção, de direção. Olhavam descrentes para as figuras inertes, para as representações inanimadas.

Naquela noite seu passado voltou a incomodar. Na época da floricultura Arthur Kobeski fizera amizade com um produtor de plantas. Era numa fazenda a quarenta quilômetros da loja. Às vezes ele ia passar um dia lá, pescar, mergulhar no açude coalhado de taboas, pegar frutas no pé. O fundo do açude era um caldo grosso de folhas apodrecidas, no qual ele não gostava de encostar os pés; sempre achava que podia ser engolido pela gosma lamacenta. Mergulhava com os rapazes da fazenda, nadava até o outro lado e voltava. Havia um jirau de madeira bruta para irem do barranco até romperem o amontoado de taboas e chegarem à água. Cair no meio daquele caldo de folhas podres não parecia ser coisa agradável, então ele evitava. Mas no seu pesadelo ele caiu no maior taboal do mundo, onde não havia água para nadar, apenas um sem fim de água escura, funda e juncada. Nada era impossível. Lá no fundo a morte abria uma garganta na proporção de abismos colossais, num lugar escuro e sem respiração. Começou a ficar sufocado. A respiração foi sumindo. Estava se afogando sem a perspectiva de salvação, estava só, num caldo grosso, numa lama viscosa, num barro nojento. Ia se afundando, tragado pelo vazio da solidão, pela frieza da sepultura. Toda luz do mundo foi findando, toda esperança desaparecendo. Acordou gritando, com os latidos assustados de Cleópatra. Ela estava em cima dele, latindo, tentando salva-lo de alguma coisa.

—Cleópatra, minha princesinha. O que houve? Eu assustei você? Ou foi você quem me assustou? —Não conseguiu rir da própria piada, estava, ofegante, muito cansado. Boca seca. Olhou no celular, eram cinco e dez da manhã. Levantou-se e foi à cozinha, no andar de baixo, tomar água. Levou Cleópatra nos braços, ela se recusou a ficar.

Voltou e sentou-se na cama, com Cleópatra no colo, e ainda assustada. O coração dele estava diminuindo o ritmo. Ficou de cabeça baixa, alisando os pelos da cachorrinha, pensativo. —Por que estou sonhando com isso? Nem me lembrava mais dessa época. Reviveu em pensamento vários momentos da vida. Ficou sem sono. Deitou-se de

novo com Cleópatra e cobriu-se com dois cobertores, mas não conseguiu mais dormir.

Levantou-se e foi ver notícias na internet. Às sete e meia foi à cozinha, ligou a cafeteira elétrica Britânia e colocou três medidas de pó. Foi ao armário e pegou um pacote de pão de forma Panco. Na geladeira pegou um pote de margarina e um pote com queijo fresco. Pegou os talheres e sentou-se à mesa. Cleópatra, como sempre, postou-se do lado dele, no chão, esperando a parte dela. Ele passou margarina em duas fatias e as colocou sobre um prato. Pegou outra fatia, rasgou um bocado, molhou-o na xícara de café com leite. Abaixou-se e o colocou na boca da cachorrinha. Ela abocanhou ligeira, e lambeu os beiços, e com os olhos pediu mais. Repetiu esse gesto três vezes.

—Pronto, agora é a minha vez.

Pegou as fatias com margarina e deu uma mordida generosa. Tomou um gole gostoso do café com leite. Estava delicioso o pão com margarina. O café passou um pouco na quantidade de açúcar, mas não desperdiçou. Pegou mais duas fatias de pão e as recheou com uma fatia grossa de queijo. Mordeu, com os olhos fechados, saboreando. Muito bom. Uma delícia. Baixou a cabeça sobre o prato para não cair farelo no chão.

O pai de Kobeski continuou piorando. No início do quinto ano da faculdade o homem falava pouco, mas dizia muito. Recordava histórias que ninguém mais se lembrava e as misturava com imaginações próprias. Misturava fatos com maquinações da mente e assim criava histórias bem absurdas para contar à família. A esposa e os filhos ficavam surpresos, quando não chocados, com os disparates. Às vezes esses disparates revelavam os mais íntimos e profundos anseios, coisas que nunca seriam ditas por uma pessoa no seu perfeito juízo. Certa vez se recordou do tempo em que trabalhara como coveiro e disse que era um garimpo, e que ao cavar uma mina bem profunda encontrou uma pedra de diamante que o deixara rico. Com essa riqueza ele se casara com uma antiga namorada. Em outra ocasião ele imaginou que era um capitão na primeira guerra mundial, num embate na França. As covas do cemitério eram trincheiras em que os soldados dele se enfiavam para se proteger da morte. Os inimigos atiravam lá do outro lado, mas sua tropa estava protegida pela trincheira que ele mesmo cavou. E a história foi se delongando, ganhando requintes de detalhes que deixaram os ouvintes boquiabertos. Tanques de guerra foram se

Yitzhak Ben-Gurion

aproximando, aviões modernos despejando bombas, mas ele conseguiu salvar seu batalhão. Até Hitler apareceu nessa história.

Renata estava à mesa, perto da parede. Naquele momento a pizzaria Massenaria já tinha alguns clientes. Além dela tinha mais três mesas ocupadas. Uma tinha um casal, e havia cinco e sete pessoas nas outras. O Hyundai Creta branco de Alan surgiu na rua lateral. Ela o viu fazendo as manobras de estacionamento. Ele desceu do carro, apertou o botão para acionar o alarme e veio. Estava de terno cinza, sem gravata. A camisa parecia meio desalinhada. Ele a viu e sorriu para ela. Ela retribuiu. Renata se levantou e ele a abraçou e beijou.

–Você está bem? –Ele perguntou sorrindo. Sentou de frente com ela.

–Sim, estou.

–Parece pensativa. Já pediu alguma coisa?

–Só um suco de melancia. Esperei você para pedir a pizza.

Ele tentou disfarçar o semblante preocupado. Expirou profundamente. Ficou calado. Olhou para a TV. Estava passando uma novela, mas ele nem prestou atenção, apenas ficou olhando.

–Ei, onde você está? –Ele olhou para ela e consertou o paletó.

–Estou aqui. Estou aqui com você. –Apertou as mãos dela e ficou sorrindo. –Trabalhei muito hoje. Estou precisando de férias. Que tal viajarmos?

–Podemos pensar. Gostei da ideia. –Ela fez cara de satisfeita. – Escolha alguma coisa para comer. Pode ser uma pizza de dois sabores?

–Claro. Para mim pepperoni.

–E para mim palmito com muçarela.

–Feito.

Chamaram o garçom e fizeram o pedido.

–Tenho uma notícia um tanto triste para te dar.

Alan deitou um pouco a cabeça e olhou nos olhos dela com uma tentativa de sorriso. Pensou um monte de coisas em um milésimo de segundo. Descobriu sobre a Priscila. Não, está grávida.

–Estou com câncer.

–O quê? –No primeiro momento ele tentou repetir o nome da doença, mas engasgou e ficou com a boca aberta. Continuou olhando para ela em silêncio. Tentou de novo. –Câncer? Mas você tem uma saúde de ferro.

—Não tenho mais. Estava procurando um momento para te contar. Eu entendo que isso possa mudar as coisas entre nós. Você pode fazer o que quiser. Não precisa persistir numa escolha que vai interromper sua vida.

—Como assim? Eu estou com você de qualquer jeito, venha o que vier. Estamos juntos. Mas, e aí? Já vai começar o tratamento? Como vai ser isso? Quando ficou sabendo? Me explique.

—Sim, o médico já me passou os remédios.

—Que tipo é?

—No útero. Fiquei sabendo tem dois dias.

—Útero. —Ele refletiu dois segundos olhando para ela e sacudiu a cabeça. —Fique tranquila, dizem que é um dos mais fáceis de se tratar. Você tem plano de saúde, tem a sua irmã e tem a mim. Eu vou te ajudar e você vai vencer mais essa etapa. Veja isso apenas como mais uma etapa que vai ter que passar. Mas vai passar, vai vencer. Nós vamos vencer.

—Obrigado pelo seu apoio, eu vou precisar. Mas, e se eu morrer?

—Você não vai morrer. Não dessa doença. Tire isso da cabeça, acredite que vai dar certo. Ficar encabulada vai te deixar psicologicamente suscetível, então veja as coisas pelo lado positivo. Eu vou cuidar de você. Mas você não pode pirar, precisa ser forte.

O homem estava pegando no sono. Tinha uns sessenta e poucos anos. Parcialmente calvo, mas usava um bigode bem cuidado. O metro e setenta e cinco de altura desviava um pouco a atenção da barriga que se avantajava. Tivera um dia cheio, duas reuniões no sul do país; uma com o prefeito e outra com um possível psócio. O empreendimento seria um trecho de estrada estadual, incluindo duas pontes. Teria que formar um consórcio para ter a robustez exigida pela legislação do município, para pleitear a obra. Não estava fácil, mas estava no caminho certo. Havia tomado um banho quente e colocado seu pijama. A noite estava fresca, apagou a luz e cobriu-se com um cobertor. Acordou engasgado. Tossiu. Sentou-se na cama. Só tinha dormido uns vinte minutos. Deitou-se de novo. Uma TV estava ligada em algum lugar, e estava interferindo no seu sono. Concentrou-se e dormiu de novo. Acordou de novo engasgado e sentou-se. Não conseguia respirar. Levou as mãos ao pescoço para aliviar a respiração. Respirou fundo com certo esforço. Estava difícil sorver o ar. Tentou inspirar com a boca, abrindo-a ao máximo. Esfregou as mãos do alto da cabeça

Yitzhak Ben-Gurion

até à base do pescoço num esforço de abrir os canais aéreos, mas não estava dando certo. Na TV alguém estava gritando, parecia uma festa. O médico receitara um remédio para asma alguns dias antes, mas ele não quis usar. Pensou que deveria ter obedecido à prescrição. Sentia que o ar do quarto estava sumindo e não tinha como pedir ajuda. Devia ser um sonho, não era verdade que não podia respirar. Bateu no próprio rosto duas vezes, mas sentiu dor. Abriu e fechou a boca várias vezes para lubrificar os lábios, mas a língua estava ficando seca. Sentia um peso em cima do peito, como se houvesse alguém sobre ele. A garganta, ela estava apertada. Alguém a estaria apertando? Não via ninguém. Olhou para o lado esquerdo e, através da penumbra, viu o espelho da porta do guarda-roupa, mas não via ninguém. Agitou os braços para sentir se realmente não havia ninguém ali com ele. Não notou nada, mas a angústia da asfixia aumentava. A agitação fez disparar o coração. Mas não estava entrando ar suficiente para manter o ritmo acelerado. Não conseguia falar nem gritar. Bateu no peito três vezes, pálido, estático, olhos perdidos e arregalados. Virou o corpo para o lado direito, estava ficando fraco. Faltou completamente o ar. Apagou e pendeu o corpo imóvel.

Às oito e doze da manhã Helena Mesquita estava no calçadão da praia, vindo da Ponta da Praia. Trajava camiseta de malha branca, com um casaco da Adidas, cor verde água, por cima. O casaco estava aberto. Calça de malha apertada também verde água, com estampas azuis abaixo dos joelhos. Tênis branco da Puma. Estava ofegante, um pouco suada. Tentou trotar, mas desistiu e veio a passos largos. Parou na travessia para a rua Oswaldo Cochrane para esperar a abertura do semáforo. Ficou se movimentando para não gelar. Tirou uma garrafa de água da cintura e bebeu dois goles. Pegou uma toalhinha e enxugou o rosto. O sinal abriu e ela atravessou. Entrou na Oswaldo Cochrane, foi até à esquina da Dr. Epitácio Pessoa e virou para o seu apartamento. Havia um homem conversando com o porteiro pela portinhola da portaria. Cabelos curtos e grisalhos, mais ou menos sessenta anos, calça jeans nova e jaqueta raglan de suede marrom. Usava óculos de armação clara.

—Ei, você está por aqui a essa hora?

—Oi. Bom dia. Eu te liguei várias vezes e caiu na caixa postal, fiquei preocupado.

A História do Padre Kobeski

–Fui fazer uma caminhada. Estou comendo demais, preciso me libertar das gordurinhas desnecessárias.

Ela sorriu, mas procurou manter a postura.

–Vamos entrar.

Helena estava tentando iniciar uma rotina de exercícios físicos, e uma nova forma de vida. Entraram no elevador. Ela bebeu mais um gole de água.

–Parece que você está levando a sério essa nova rotina. É isso aí.

–Preciso. Não vou deixar a vida me engolir, eu quero é viver. Entendeu? –Fez cara e boca de impaciente com ele e virou para outro lado. Tampou a garrafinha e a guardou de novo na cintura.

–Me perdoe vir aqui tão cedo, mas é que estou preocupado.

Ela abriu a porta do apartamento.

–Eu ainda não tomei café, vou preparar um. Você aceita?

–Não, obrigado, já tomei o meu, estou satisfeito. Levantei cedo hoje.

–Venha aqui para a cozinha. Sente-se, enquanto eu preparo alguma coisa. –Ela passou no corredor, abriu a porta do quarto e jogou a jaqueta sobre a cama. Voltou à porta da cozinha e ficou parada, olhando para ele. Sorriu docemente. Ele estava de pé, esperando por ela.

–Você está linda vestida de atleta. –Ele estava olhando nos olhos dela. Deu um passo à frente e a abraçou. Um abraço gostoso os envolveu. Ele sentiu um misto de cheiro de perfume e suor, mas estava agradável. Ela se encolheu nos braços dele, sentiu-se amada e protegida. Ele acariciou as costas dela. Deu vários beijinhos no rosto dela. Ela se contorceu manhosa, disse que a barba estava fazendo cócegas. Por vingança ele deu um beijo apaixonado na boca dela.

–O que mesmo você ia dizendo? –Ela se afastou e virou-se.

Ele se sentou numa cadeira e ela abriu o armário para pegar os potes de café e açúcar.

–Eu tive um sonho estanho esta noite.

–Que tipo de sonho?

Ela ligou a cafeteira. Abriu a geladeira e pegou requeijão, geleia de morando, queijo branco e leite. Ele começou a falar, acompanhando com os olhos o movimento dela.

–Estranho. Muito estranho e muito real.

Ela abriu o armário e pegou bolachas de sal e de doce, além de pão italiano.

Yitzhak Ben-Gurion

–Estou ouvindo.

–Na verdade dois sonhos. Ontem eu também tive um sonho assim. Acordei assustado. Ainda estou.

Ela se sentou de frente para ele enquanto o café passava no coador, e colocou os braços sobre a mesa para ouvi-lo.

–Seu pescoço está vermelho de novo. Isso não parece ser do frio.

Arthur Kobeski parou seu relato, passou a mão direita no pescoço e ficou olhando para ela, pensativo. Levantou-se e foi ao lavabo. Parou em frente ao espelho e se olhou.

–Por tudo que há de sagrado, o que está havendo? –Ele ficou um instante pasmo, vidrado no espelho. Baixou os olhos e fez menção de voltar para a cozinha, mas Helena já estava postada do lado dele.

–O que houve? Isso dói?

A cafeteira chiou, passando as últimas gotas de água.

–Venha, o café está pronto.

Eles voltaram a se sentar na cozinha. Ela pegou uma fatia de pão com requeijão e levou à boca. Estava crocante a casca do pão, e o requeijão estava especialmente cremoso.

–Coma alguma coisa, não quero comer sozinha.

Ele pegou uma bolacha de sal, passou geleia e comeu. Ela ficou esperando que ele continuasse o que estava dizendo.

–Nos dois sonhos eu estava me sufocando; o primeiro num cemitério, e o de hoje dentro de um açude. E nos dois casos eu amanheci com marca vermelha no pescoço. –Ela interrompeu um bocado de queijo branco que ia levando à boca. Ficou dois segundos de boca aberta, olhando nos olhos dele com semblante confuso. Devolveu o queijo ao prato.

–Você está relacionando uma coisa com a outra?

–Sim. Eu estava pensativo, mas agora confesso que estou preocupado. Não tinha notado esse sinal no pescoço. –Passou a mão no ponto vermelho e disse que doía um pouco sim.

–Não tem nada a ver. Como pode? No que você está pensando?

Ele fixou os olhos nos olhos dela. Pegou outra bolacha e passou mais geleia. Comeu. Bateu uma mão contra a outra sobre a mesa e limpou a boca. Seu pensamento foi longe, muito longe. Ela continuou comendo, mas esperando as palavras dele.

–Me fale sobre os pesadelos que você teve na sua casa em São Paulo.

—Não foi bem pesadelo, foi pressentimento. Eu não estava dormindo. Helena parou de comer, pegou um guardanapo e limpou a boca e as mãos. Não parou de olhar para ele. —Aliás, dormindo também. Encarou-o com gravidade, limpando os lábios com a língua. Não ficou nada de batom. —Você está me assustando. O que quer dizer com isso?

—Não quero dizer nada, só quero juntar os fatos.

—Que fatos? Eu só tive uns pressentimentos, mas foi só isso. Por favor, pare com isso, não tente colocar drama nessas coisas; você deveria me acalmar, e não me assustar. Eu pareço forte, mas sou cagona. Não quero ficar lembrando essas coisas, me faz mal.

—Me explique, exatamente, como foi que o Thomas morreu.

—Arthur, acho que você está indo longe demais. Está confundindo tudo. São coisas completamente diferentes. Não faz sentido essa linha de raciocínio.

Ele continuou olhando para ela, com uma interrogação na testa, exigindo explicação

—Ele só morreu. Eu estava na sala vendo TV, e ele no quarto. Eu estava sem sono e ele havia chegado de uma viagem em Porto Alegre. Estava cansando e foi dormir mais cedo. Quando cheguei ao quarto já estava morto. A cama estava bagunçada e a expressão dele era de assustado. O médico disse que foi uma crise de asma que desencadeou um ataque do coração.

—Desde quando ele tinha asma?

—Ele descobriu poucos meses antes de morrer. Às vezes acordava sem conseguir respirar. Ai, meu Deus! —Ela olhou para ele com expressão repentinamente assustada. Ficou toda arrepiada, passou as mãos nos pelos dos braços. Ele assentiu com a cabeça, calado, e ela continuou, com angústia crescente na voz, olhos arregalados. —Ele foi ao médico e o médico receitou um remédio, mas ele nunca tomou.

—Acho que não foi asma.

Ela sentiu de novo um arrepio subir a espinha dorsal e alcançar todo o corpo. Apertou um lábio contra o outro, apertou uma mão contra a outra. Estava ficando tensa. Ficou olhando nos olhos dele em busca de resposta. Ele fincou um olhar grave nela, pensativo.

O rapaz saiu de seu escritório, no oitavo andar de um edifício à rua Amador Bueno, perto do Poupa Tempo, no Alphaville de Santos. Estava em uma reunião com os diretores da Tecban. Foi para o

Yitzhak Ben-Gurion

estacionamento e entrou no seu Hyundai Creta, branco. Saiu e passou o portão do prédio que dava acesso à rua Amador Bueno. Havia uma mulher parada na calçada, bem na saída da garagem. Alta, pele morena, cabelos negros e ondulados. Lábios grossos, nariz largo, testa grande. Olhos curiosos. Apesar do frio estava de vestido azul turquesa de alcinha, de saia rodada até os joelhos. Vestia por cima do vestido um casaquinho fino, cor cinza. Ele não a reconheceu. Ela acenou sorrindo e ele parou. Não esperava vê-la ali. Ela explicou que chegara de taxi app, queria fazer uma surpresa a ele. Ele ficara visivelmente embaraçado, e até constrangido, com a atitude dela. A moça pediu para entrar no carro. Ele hesitou um momento, mas permitiu. Ele saiu da calçada, mas estacionou logo adiante para ouvir a história dela. Ela não entendeu por que ele parou, mas continuou explicando que tentara ligar para ele avisando que estava ali, mas ele devia estar no elevador no momento, por isso não deu sinal. Ela perguntou se poderiam sair para beber e conversar, mas ele, já nervoso, explicou que tinha um compromisso. Ela insistiu, fez algumas insinuações, mas ele ficou firme no propósito dele. Ela então pediu carona até sua casa. Ele aceitou leva-la, mas estava nervoso e desconfortável. No caminho ela continuou jogando flechas para convencê-lo, mas ele resistiu. Ao chegarem na porta do prédio ela se jogou para cima dele e deu-lhe um beijo comprometedor. Ele tentou derreter-se e vazar pelos orifícios do carpete, mas não conseguiu. Quando se despediram ele ajeitou seus cabelos, seu paletó cinza e arrancou a gravata. Acelerou e partiu para o seu encontro na Francisco Glicério, na pizzeria Massenaria.

A cotia parou de comer o pinhão. Ficou estática e ligou as antenas. Moveu a cabeça, apurou os ouvidos. Uma folha seca estalou de forma estranha. Precisava conferir a procedência do ruído. Não teve tempo, deitou-se de um só gesto, para o lado esquerdo. Tombou vencida. Esperneou por três segundo, mas cedeu em silêncio e sem lutar. O sangue escorreu do pescoço, deslizou sobre os pelos dourados e pretos, e foi manchar as folhas secas no chão. A seta de madeira atravessou seu pescoço de forma impiedosa e ainda fincou no chão úmido. Minava sangue da violenta ferida. Os olhos dela continuavam abertos, refletindo o grande pássaro que estava pousado logo adiante. A pele dele não tinha penas, e tinha dentes como um crocodilo, ou talvez um rato. Um homem nu abaixou-se, pegou a cotia. Arrancou a seta e a limpou. Colocou-a de volta numa aljava. Colocou a cotia num

tipo de embornal de fibras de palmeira, sobre outra cotia que já estava lá. Era um homem bem jovem. Sua única vestimenta era um fio torcido de fibras de palmeira, que envolvia a cintura e cobria apenas a genitália. Seu rosto estava parcialmente coberto com tinta vermelha, extraída da semente do urucum. Seu cabelo era liso e bem curto. Estava sozinho em meio a uma mata densa e repleta de animais. O grande pássaro se mexeu no galho, desajeitado como um papagaio no poleiro. Seus dedos longos, com garras afiadas, andaram para um lado e para o outro. Esticou o pescoço para observar. Empinou o corpanzil e abriu lentamente as asas. Mesmo com as asas abertas sua pele continuava como a cutis enrugada e pálida de um homem muito velho. Mas seus olhos eram impiedosamente vorazes. Bateu as asas, ganhou altura e se foi, desengonçado. O homem pensou ter ouvido o som de asas, mas olhou e não viu nada. Colheu alguns pinhões e saiu dali. Seguiu o fluxo do rio, que corria para o norte. Foi se esgueirando por entre a folhagem, arbustos, espinhos, chão lodoso. A mata foi ficando menos densa, de modo que o sol iluminava sua pele. Ainda se ouviam gritos e assobios vindos de vários lugares dentro da mata. Estava sozinho debaixo de um céu limpo e profundo, e cercado por vários tipos de aromas naturais. Foi comendo pinhões. Andou ainda cerca de três mil metros, até encontrar um velho jatobazeiro caído sobre o leito do rio. Um vento forte o teria derrubado. Suas raízes, uma infinidade de ramificações pontiagudas, outrora dezenas de metros no fundo da terra, agora uma cabeleira desgrenhada, entregue aos vorazes elementos da natureza. O turbilhão de águas corria sem pressa, uma força avassaladora. Muita água. Árvores e arbustos cobriam a margem, criando esconderijos convenientes para presas e predadores. Muitos galhos se movimentando ao sabor da força das águas, pendidos de pouca altura, quase no nível do rio. Um martim-pescador saiu de seu poleiro e mergulhou, e saiu com um lambari no bico. Na outra margem a floresta começava a ficar densa novamente. Abaixou-se com cuidado, olhando para trás e para os lados, e bebeu um bom gole de água. Olhou de novo para os lados, abaixou-se de novo e lavou o rosto. Aproveitou para urinar. Notou à sua direita um pequeno remanso, onde uma porção de água estava estancada por conta de um alongamento no barranco. Chegou-se devagarinho para espiar. Viu lá embaixo três dourados comendo frutas frescas. Uma pequena goiabeira que nasceu ao lado do leito estava fazendo a alegria dos peixes. Ficou parado. Deitou-se no barranco com discrição. Sorrateiramente puxou uma

flecha e retesou o arco com ela em riste. Quando soltou os dedos o dourado do meio boiou. A flecha o atravessou perto da cabeça. Quase quarenta centímetros de carne de boa qualidade. Precisou descer um desnível de quase um metro e meio, segurando-se em raízes expostas, para pegar o peixe. Uma raiz rompeu e o homem se estatelou na água. Colocou o peixe no embornal e se preparou para continuar. Pegou algumas goiabas maduras e as comeu. Subiu a coroa de raízes e se equilibrou sobre o tronco deitado, que tinha uns quatro metros de altura. Ajeitou o alforje com as flechas e o embornal com as cotias. Levantou os cotovelos para se equilibrar e foi andando, para o leste. Parecia querer voar. Abaixo do tronco as águas turvas corriam silenciosas, como uma composição descendo desenfreada a serra. Esquivou-se dos grandes galhos secos sem titubear. Tinha uma missão, precisava cumpri-la. Um bando de maritacas estava fazendo uma revoada ruidosa sobre o rio. Centenas de aves gritando, todas ao mesmo tempo, num canto rouco e desafinado. Deviam estar a caminho daquela paineira enorme por onde ele acabara de passar, para comer vermes. Chegou do outro lado do rio e continuou andando. Adentrou a mata novamente. Encontrou outro jatobazeiro, uns quarenta metros de altura. Estava florido. Debaixo dele havia centenas de flores caídas pelo chão. Pouca luz vazava a copa da árvore e criava no chão um belo mosaico com as flores e folhas secas. Uma imagem rara, um feito da natureza para poucos afortunados. Parou, ligou as antenas. Olhou para o alto, de onde vinham os feixes de luz. Um feixe despejou luz no rosto dele, expondo a pele suada, o cabelo sebo e o mais profundo de seus olhos castanhos. Filtrou cada ruído. Sabia que os veados e as antas pastavam essas flores. Observou as flores no chão. Abaixou-se para conferir e pôs as cotias sobre a relva. Andou de cócoras para ver mais. Notou que algumas estavam com as pétalas furadas. Um pequenino furo. Colocou o dedo sobre o furo e pressionou um lábio contra o outro. Havia sido pisadas pelas patas duras de algum veado. Pelo estrago devia ser um animal grande. Levantou os olhos e vasculhou o local, fez uma varredura de trezentos e sessenta graus. Pegou o embornal com as cotias e foi dar um passo, mas alguma coisa fez estalar as folhas secas logo adiante. Abaixou-se para se esconder. Pegou uma flecha da aljava e a colocou no arco. Esticou o pescoço. Os ouvidos treinados procuravam a origem do ruído. O barulho continuou em compasso de pegadas. Eram passos curtos e arrastavam alguma coisa. Eram dois passos. Quis andar, mas

A História do Padre Kobeski

faria barulho. Resolveu esperar mais um pouco; os passos estavam se aproximando. Esperou mais dois minutos e surgiram, a quatro metros de seus olhos, dois mutuns descuidados. Aves lindas e majestosas.

Yitzhak Ben-Gurion

Capítulo VI

"Andava pastando naquela região uma manada com muitos porcos. Então os demônios imploraram a ele: Já que nos expulsas, permita que entremos naquela manada de porcos. E ele respondeu: Podem ir. E, saindo eles, entraram na manada de porcos; então toda aquela manada se precipitou no mar por um despenhadeiro, e morreram nas águas." Mateus 8:30–32

Arthur Kobeski tinha cinquenta e cinco anos. Era professor de história antiga e arqueologia, sua paixão. Sim, amava o que fazia. Acompanhava o aprendizado dos seus alunos quase com a mesma dedicação de um pai que zela pela educação dos filhos. Se tivesse filhos cuidaria bem deles, dedicaria sua vida a eles. Mas o destino não quis assim, sua melhor esperança havia ficado num passado longínquo. Mas como bom professor de arqueologia às vezes se punha a vasculhar esse passado, desenterrando artefatos, limpando peças, remontando pequenos trechos de bonitas histórias. Às vezes tinha vontade de voltar no tempo e começar tudo de novo, de outra maneira, com outra atitude, com mais empenho. Não ia largar o osso assim com facilidade. Foi nessa época que ele começou a perceber que sua memória não estava boa. Durante uma certa aula ‘deu branco’ e não conseguia progredir na explicação. Os alunos acharam estranho, olharam uns para os outros com semblante interrogativo. Tentaram

Yitzhak Ben-Gurion

ajuda-lo a recordar a matéria, mas naquele dia a aula foi interrompida mais cedo. Alguns dias depois ele foi ao mercado, mas não conseguiu se lembrar o que fora comprar.

O padre Arthur Kobeski abriu a porta da frente da sua igreja, a igreja do Embaré. O frio da noite estava se dissipando pelos mornos raios de sol. Estava um dia bonito. Andou uns cinco metros em direção à rua e ficou olhando o mar. Estava calmo. Diante da igreja havia um espaço contíguo calçado de uns quinhentos metros quadrados, com alguns bancos, que servia como praça. Um quintal da igreja. Do outro lado da avenida, lá bem adiante, alguns navios se movimentavam para atracar no porto e descarregar suas mercadorias. O mundo físico, o mundo material. O ouro, o dinheiro, a ganância. Olhou para o banco da praça da igreja, do seu lado esquerdo, e viu dois mendigos; estavam revirando um saco sujo em busca de alguma coisa. O lucro daqueles navios não era para eles. Alguns ciclistas passavam tranquilos pela ciclovia, e outras pessoas andavam pelo calçadão e pela areia. O mar expirava no rosto dele uma brisa morna, gostosa de ser sentida. Limpou os óculos rapidamente na camisa e continuou olhando. Cruzou as mãos na altura do peito, estava encantado com tanta beleza. O trem turístico suspenso passou majestoso, vinha da Ponta da Praia. Seus vagões brancos contrastavam com o céu azul, mas logo se foi, silencioso. Baixou os olhos e viu do outro lado da rua a estátua de santo Antônio. Basílica Menor de Santo Antônio do Embaré, esse é o nome correto da igreja. Ficou pensando se aquela estátua de fato representava os ideais bíblicos, já que tinha todos os indícios para ser considerada idolatria. Mas se fosse assim a igreja estaria perdida e condenada, estava cheia de imagens de todo tipo até ao pescoço. Precisava refletir seriamente sobre isso.

—Padre, o senhor pode me dar um lanche? Não comi nada desde ontem.

Um dos mendigos se aproximou e o interpelou. Ele estava meio aéreo, tinha muita coisa passando em sua cabeça naquele momento, por isso levou alguns segundos até voltar para a terra e processar o pedido.

—Bom dia. —Fez questão de pôr um sorriso no rosto para emoldurar o dia daqueles infelizes, e bateu uma mão contra a outra levemente. —Ah, sim. Venham.

Kobeski parou, esforçou um pouco mais o sorriso e olhou para ele. Assentiu sem dizer mais nada. Olhou para ela, já se levantando.

A História do Padre Kobeski

Ele apontou a direção e os levou pela lateral esquerda da igreja, por onde dava acesso à casa paroquial. O mendigo pegou uma parte da bagagem, que não era grande, e a colocou nas costas.

—Qual o seu nome?

—É Paulo, como o apóstolo. Essa é a minha esposa, Marcia. Na verdade não somos casados no papel. —Paulo nunca dizia isso, mas diante de um padre sentiu que precisava ser honesto.

Ela pegou a outra parte dos pertences e seguiu os dois, andando a passos lentos, dois passos atrás deles, sem dizer nada.

—De onde vocês são?

—De Minas, Uberaba. Estamos passando uns dias aqui.

—E como vieram?

—É uma longa história. Eu sou de Uberaba, ela é de Limeira. Estou na estrada há quatro meses.

—Quatro meses andando? Dormindo na rua?

—É. Mas existem muitas pessoas caridosas, a gente quase sempre consegue o que precisa. Mas tem que ter paciência, às vezes a vida é ingrata. A verdade é que muitas pessoas viram as costas, entende?

Pararam em frente ao portão.

—E vocês têm família? Quero dizer, mais família?

—Eu sim, tenho pai, mãe e irmãos. Ela não, é quase sozinha. Era.

Arthur Kobeski abriu o portão e os convidou a entrar. Era um pátio, que era também a garagem. Ao redor, a casa paroquial, em forma de letra “C”, de dois pavimentos. Havia uma mesa ali adiante, com seis cadeiras. Ele as ofereceu para que se sentassem. Eles se sentaram e Kobeski foi buscar pão. Além de pão de forma, trouxe margarina, leite, café e queijo. Orou com eles e agradeceu a Deus pelo alimento. A mulher era muito tímida, mas Paulo agradeceu pelo gesto de caridade do padre. Cleópatra apareceu correndo, fazendo muito escândalo. Latiu muito e fez menção de agredir os intrusos, mas o padre conversou com ela e a pegou no colo. Mesmo assim ela continuou na defensiva, rosnando, para protege-lo.

—Não se preocupem, ela é assim mesmo, quando está perto de estranhos. Eu passei alguns anos da minha vida em Limeira, quando era adolescente.

Paulo tentou conversar com Marcia, incentivar mais socialização, mas não teve sucesso. Ela apenas sorriu para eles, não quis arriscar um contato mais próximo com o estranho. Colocaram seus pertences ao lado dos pés.

Yitzhak Ben-Gurion

—É, eu também fui para lá bem jovem, dezenove anos, —continuou Paulo, enquanto mastigava. —Um amigo se mudou para lá, e eu queria morar em São Paulo. Este queijo está muito bom, fresquinho como os queijos de Minas, —Comentou Paulo com um meio sorriso, enquanto pegava outro pedaço. —Tenho saudade de comer coisas da roça na casa dos meus pais. —Marcia colocou outro pedaço de queijo entre duas fatias de pão e levou à boca, discreta.

Paulo comia com muito gosto. Pela gana com que levavam o pão e o queijo à boca deviam estar sem se alimentar havia uns dois dias. Ambos deviam ter mais de sessenta anos, a julgar pelo cansaço do rosto e pela frouxidão da pele.

—Podem comer à vontade, temos bastante aqui.

—Deus lhe pague, estávamos mesmo precisando. Não é sempre que a gente encontra uma alma generosa assim.

—Você gosta de chocolate no leite?, —perguntou Arthur Kobeski a Marcia. Ele notou que ela não gostava muito de conversar e tentou desinibi-la.

—Não, obrigada. Para mim já está bom. Estou agradecida pelo que já fez por nós.

—Ok. Então você se mudou para Limeira? —O padre virou para Paulo e tentou continuar o assunto.

—Isso. Consegui um emprego num lava-rápido e trabalhei lá quase dois anos. Lá eu via as pessoas comprando e vendendo carros, então aprendi. Havia juntado um dinheiro e comprei um VW Gol, bem usado. Vendi e ganhei algum dinheiro. Comprei outro e vendi de novo.

—Eu nunca aprendi a compra e nem vender. É uma grande frustração minha, —confessou o padre de cabeça baixa. Mas parecia interessado na história de Paulo. E Paulo parecia satisfeito por estar sendo ouvido por um homem importante. Marcia parecia estar satisfeita em ver os dois conversando animadamente.

—Eu aprendi por necessidade. Não tive outra escolha.

Arthur Kobeski estava atrás da mesa, tendo Paulo na ponta da esquerda e Marcia na ponta da direita. Cruzou o braço esquerdo sobre a barriga, colocou o cotovelo direito sobre essa mão, e a mão direita colocou sobre a boca, em posição de expectador atento.

Marcia estendeu a mão para pegar outra fatia de queijo, e o padre apenas assentiu com a cabeça, sem dizer nada. Cleópatra entendeu a atitude como uma intrusão e disparou a latir de novo.

—Pare, Cleópatra, ela é amiga. Tenha modos, que chata.

Marcia pareceu se retrair com essa atitude da cachorrinha.

—Foram anos difíceis, —continuou Paulo. —Entrei para a faculdade de Economia, fiz três anos. Aí me casei e não consegui continuar. Vou comer mais um pedacinho desse queijo, —informou Paulo sorrindo, sem muita cerimônia.

—Já disse, fiquem à vontade. —Kobeski empurrou o prato com o queijo dois centímetros mais perto de Paulo.

—Com vinte e sete anos tivemos nossa filhinha, a Juliana. —Marcia pareceu estar sentindo a história de Paulo. —Dois anos depois nasceu o Felipe. —Paulo estava mastigando queijo e falando. Parou um instante, apertou o pão sem conseguir leva-lo à boca. Uma tristeza veio do coração e embargou-lhe a garganta. Os olhos ficaram úmidos. Kobeski percebeu e baixou a cabeça. Paulo puxou o nariz, raspou a garganta e recobrou a força. Tomou mais um gole de café. —Eu estou falando sem parar e nem sei se o senhor está interessado na minha história. Acho que estou precisando falar. Tem muita coisa aqui dentro de mim, muita dor, muita angústia.

—Sim, eu quero te ouvir, eu gosto de histórias. Eu também tenho muitas histórias. Umas lindas, e outras nem tanto. Mas são a minha história. Pode falar, quero ouvir você. E você também, Marcia. Você também deve ter muitas histórias. —Ele falou e sorriu. —Pode se abrir. Aqui é a hora e o lugar.

Paulo engoliu seu último pedaço de queijo, tomou mais um gole de café e bateu uma mão contra a outra, para limpá-las.

—Tem um tanque ali, podem lavar as mãos.

Paulo apenas ficou em silêncio por alguns segundos. Marcia estava de cabeça baixa, com os cabelos pretos e desgrenhados cobrindo seu rosto. Os cabelos eram lisos, mas estavam sujos e embaraçados. Era alta e magra, mas parecia estar sempre curvada, então parecia mais baixa. Os dentes estavam mal cuidados, bem amarelos, placas à vista e a pele morena gordurosa.

—A gente tinha uma vida muito legal. As crianças estavam na escola, tínhamos muitos planos. No natal estávamos indo visitar minha mãe. Meu pai se separou dela e arrumou outra família. Um caminhão me fechou, eu estava a cento e dez por hora.

Os olhos de Paulo se turvaram de novo e as palavras começaram a sair cobertas de sentimentos tristes. Marcia se incomodou e sentou-se do lado dele, para o consolar. Sentou-se bem perto dele. Ele não olhou para ela, apenas continuou de cabeça baixa, encolheu-se e tentou não

Yitzhak Ben-Gurion

parar de contar a história. Os lábios tremeram. Arthur Kobeski ficou repentinamente comovido, olhou para os dois e sentiu que havia muita dor ali. Não sabia o que fazer para ajudar. Continuar ouvindo pareceu ser um tipo de ajuda.

—Minha esposa morreu no acidente, ficou irreconhecível. O carro acabou. Eu tive apenas ferimentos leves, quebrei a perna, duas costelas e escoriações fortes na pele. Juliana teve fratura craniana, além de outras coisas. Faleceu quinze dias depois. Felipe também teve fratura craniana, hemorragia interna. Ficou em coma quarenta dias.

Paulo tremeu os lábios, enrugou a pele do rosto em um choro desconcertante. Baixou a cabeça novamente e cruzou os dedos de uma mão contra os dedos da outra. O padre chegou sua cadeira perto da dele e passou a mão sobre o ombro dele. Não sabia o que dizer. Marcia o abraçou mais forte, estava emocionada.

—Minha esposa era linda. Meus filhos eram lindos. Com o tempo eu fui perdendo as rédeas da minha vida. Tinha uma pequena loja onde eu comprava e vendia carros, mas com o tempo fui perdendo o tino para os negócios. Até acabar tudo. Depois perdi minha casa. Daí para frente tudo desandou. Aí, nas minhas andanças pela rua encontrei a Marcia. Conta para ele a sua história.

Marcia franziu a testa, apertou os lábios e deu a entender que não estava a fim de contar histórias. Seus olhos já tinham chorado o suficiente.

—Ela estava sentada numa calçada. Isso já tem onze anos. Eu a achei muito linda. Estava chorando. Sentei do lado dela e ofereci um pedaço de sanduíche. Ela aceitou. Fiquei sentado do lado dela um bom tempo sem conversar. Dormíamos debaixo da marquise de uma padaria, era conveniente por que sempre tinha alguém que dava um salgado. Aos poucos ela foi me contando a vida dela. Os pais vieram de Alagoas. Quando ela era criança abriram uma floricultura. Ela cresceu nessa floricultura, era a vida dela e da família.

Arthur Kobeski mudou a posição do corpo e trocou a mão que estava segurando o queixo. Olhou para ela e em seguida olhou para ele de novo.

—Quando ela tinha de dezenove para vinte anos aconteceu um incidente, pegou fogo na floricultura, —continuou Paulo.

—Tinha muito papelão, galhos secos que a gente usava para fazer arranjos e jardins. Meus pais faziam reformas de jardins também. E o teto era de madeira e piaçava. —Marcia agora resolvera a falar. Talvez

estimulada pela emoção do companheiro. Arthur Kobeski olhou para ela, na tentativa de extrair daquele relato a sua própria história. —O fogo destruiu tudo, —disse ela com a voz pesada. —Eu não tinha mais família, era filha única. Eu me desequilibrei emocionalmente. Tive que entregar a nossa casa, não tinha emprego. Eu só ajudava meus pais na floricultura, não sabia fazer outra coisa. Como sempre fui retraída tive dificuldade para fazer amizades, pedir ajuda. O fogo não destruiu apenas a madeira, destruiu a minha vida.

—Qual era o nome da floricultura de vocês?

—Jardim do Éden.

Arthur Kobeski ficou pasmo. Literalmente ficou de boca aberta, com um meio sorriso no rosto. Quis gritar, mas se conteve. Chegou mais perto dela e olhou bem fundo nos olhos dela. Paulo ficou olhando para ele, sem entender a repentina reação.

—Então o seu nome não é Marcia, é Bárbara.

Paulo franziu a testa com uma enorme interrogação entre os olhos e inclinou o corpo para trás. Apertou os lábios e ficou olhando para os dois. Bárbara fez cara de confusa, também não entendeu nada. Todos se calaram repentinamente, aguardando alguém esclarecer a situação. Arthur fechou os olhos por três segundos, com as sobrancelhas arqueadas, e os abriu de novo, com certa satisfação no semblante, como quem ia tirar um coelho da cartola. A falta de resposta de Marcia pareceu ser uma resposta positiva. Consertou o corpo e encostou na cadeira, mas repassou toda a história na cabeça antes de abrir a boca. Marcia continuou confusa, procurou respostas dentro de si. Escaneou o rosto do padre, mas não se lembrou de nenhum padre com aquela fisionomia. Nem ia à igreja com frequência naquela época.

—Não entendi. Como você sabe o meu nome verdadeiro? —Ela pensou se poderia estar usando algo como um crachá, uma pulseira ou mesmo uma gargantilha, mas não tinha nada disso.

—Você a conhece?, —indagou Paulo olhando direto nos olhos do padre.

—De onde? —Paulo olhou de novo para Marcia, que olhou para Kobeski.

—Você tem uma tatuagem atrás da orelha esquerda? Quero dizer, uma tulipa amarela?

—Sim, tenho, mas, me explique. Como sabe disso? —Marcia passou a mão na orelha esquerda involuntariamente.

—Eu trabalhei com vocês, eu sou o Arthur Kobeski. Lembra?

Yitzhak Ben-Gurion

—Eu me lembro do Arthur, mas não lembro do sobrenome. Só o chamávamos de Arthur. —Marcia ficou aérea, tentando relacionar o garoto da sua adolescência àquele homem, agora um padre respeitado. Não podia ser. Até podia, mas será que era verdade? Ensaiou um sorriso, mas ele não saiu. Preparou uma pergunta, mas não aconteceu. Estava surpresa demais para outra atitude que não fosse olhar para o rosto do padre em busca do garoto.

Paulo colocou o cotovelo direito sobre a mesa e a mão sobre a boca. Começou a rir. Achou engraçada demais uma coincidência desse porte. —Vocês estão de brincadeira. —Tentou fazer o sorriso parecer maior do que era de fato, forçou uma cara engraçada.

—Seus pais, Moacir e Sandra, te permitiram fazer essa tatuagem quando você completou dezoito anos. Eu estava lá e me lembro de sua mãe conversar com você sobre isso.

—Meu Deus todo poderoso, que mundo pequeno, —exclamou Paulo, estupefato.

—Muito pequeno mesmo, —concordou Kobeski. —Eu abri a igreja como sempre faço, e fiquei lá fora um pouco, para tomar um ar marítimo. Como sempre faço. E hoje Deus colocou vocês no meu caminho. Isso deve ter algum propósito.

—É inacreditável. Estou pasma. Você andou tanto, nós andamos tanto. O mundo deu muitas voltas, e aqui estamos, de novo.

—Aqui estamos, —Respondeu o padre com um sorriso largo entre a barba bem cortada e já grisalha.

—Eu me lembro de que você era muito dedicado, minha mãe até falava sobre isso. Fazia tudo com muito capricho, tudo direitinho.

Arthur Kobeski deu uma risada tímida.

—Eu sempre procurei fazer direito tudo que chegava às minhas mãos. Até hoje procuro ser assim.

—Tenho certeza disso, —respondeu Marcia, assentindo com a cabeça, com olhar ainda surpreso e meio sorriso no rosto.

—Mas, me explique, por que se chama Marcia?

—Sei lá, queria esquecer meu passado. Não consegui lidar com uma perda tão grande, não estava preparada.

Paulo estava incrédulo, só observando os dois conversando. Olhou para uma janela aberta no andar superior da casa, do outro lado do pátio. Teve a sensação de que tinha alguém lá, mas não viu ninguém.

—E os seus pais, como ficam nessa história?

—Quando o fogo começou, eles estavam dentro da floricultura, foi um curto circuito no disjuntor geral. O teto era de piaçava. Lembra? Não tiveram muito tempo para raciocinar, desabou em cima deles. Ficou difícil separar os corpos dos troncos de madeira, tudo virou carvão. -a voz dela ficou embargada.

Marcia fechou o semblante, quase não conseguiu conter as lágrimas. Arthur Kobeski ficou desolado com a desgraça da família. De certa forma o acolheram no passado.

—Entendo. Não é uma coisa fácil para se lidar.

—Eu estava em casa, assistindo TV. Me senti muito culpada. Se fosse mais responsável poderia estar lá, poderia ter ajudado de alguma forma.

—Não, você estava no lugar certo, —acudiu Paulo, tentando acalmá-la.

—Olhe, nada escapa da providência de Deus. Eu também não entendo os motivos, mas sei que Deus tem lá seus planos. Hoje eu entendo o que aconteceu com a minha família também. —Paulo disse isso olhando para o padre. —Na época eu entrei em parafuso, não estava preparado. Com o tempo as coisas foram clareando. O problema é que eu já havia afundado muito. Usei drogas durante dois anos, mas fiquei internado numa clínica evangélica. Foi a minha libertação, tanto química quanto espiritual.

—Aceitam mais alguma coisa? Leite? Café? Queijo?

Hermínia apareceu com sorriso largo diante dos visitantes.

—Não, muito obrigado. Eu não quero mais nada, estou super satisfeito, protestou Paulo.

Essa é a Hermínia, me ajuda muito aqui. Hermínia, estes são meus amigos, Paulo e Marcia.

—Eu também não. Muito obrigada mesmo. Você já fez demais por nós. Para quem não teria nada para comer de manhã, já abusamos até demais. Precisamos ir agora.

—Como? Ir para onde? —Kobeski olhou para ela, e depois para Paulo.

—Temos que ir, —respondeu Paulo, sorrindo. —Estamos sempre indo. —Os dentes dele estavam em situação lastimável. Entre os dois incisivos superiores já se esboçava uma mancha negra, uma cárie estava instalada ali. Os outros também deviam estar comprometidos. Os restos da refeição que acabaram de comer ainda estavam impregnados entre os dentes, e ali deviam ficar por muito tempo. —O país é muito grande, ainda temos muito o que explorar.

—Mas isso não é vida, vocês já estão ficando velhos, precisam de um endereço para voltar todo dia. É muito cansativo viver sem destino.

Yitzhak Ben-Gurion

Vocês são meus convidados, vão dormir aqui hoje. Depois vamos ver algo para vocês fazerem, alguma coisa para ganharem o seu sustento.

–Não podemos aceitar, você já fez muito por nós, –interferiu Marcia.

– Agora precisamos ir. Cada um tem a sua sina.

–Nada disso, eu tenho uma obrigação com você e com seus pais. Tenho certeza de que eles fariam isso por mim. E tenho certeza de que eles gostariam que eu fizesse isso por você. A não ser que não tenha gostado da minha companhia. Além do mais, deve cair uma tempestade hoje, deu na TV.

–É claro que gostamos, não é nada disso. É que você já tem a sua vida, suas obrigações. E nós nos atrapalhamos bastante no passado. Não queremos incomodar mais ninguém.

–Não vão incomodar. Está resolvido. Hoje vocês dormem aqui, tem espaço para vocês. A propósito, como devo chamar você, de Bárbara ou de Marcia?

–Marcia.

Lá no andar de baixo, debaixo do telhado da varanda, aquele homem de barba grisalha acabara de receber dois visitantes. Um casal. Ele acabara de os conhecer lá fora, no pátio na frente da igreja. A mulher que cuida da casa levou para os três algumas bandejas, cheias de alimentos, leite e um líquido preto, que é servido quente. O casal parecia necessitado, deviam estar em busca de algum tipo de ajuda. O homem grisalho, que cuida dessa igreja, os recebeu e conversou longamente com eles. A cachorrinha desceu daqui correndo, parecia ansiosa, mas ficou agressiva com os visitantes. A conversa parece comovente, a mulher está prestes a chorar. Parece que também vão ficar aqui esta noite. O vulto se recolheu da janela.

Depois de terminar a faculdade Kobeski teve algumas namoradas, mas nenhuma que o fizesse sucumbir de amor. Foi sincero e recebeu de volta sinceridade, mas o coração parecia sufocado por algo muito grande, não conseguia se apegar a ninguém o suficiente para se sentir pleno. Alguns casais despertavam bons sentimentos nele, e assim se via em cenas semelhantes, imaginando como seria se fosse ele. Sentia que seu coração faltava um pedaço, ou talvez fosse ele próprio apenas o pedaço de algo muito maior. E com os anos essa força foi assim começando um redemoinho ao redor dele.

Marcia levantou-se por volta de meia noite e quarenta. Precisava fumar. Os trovões fortes e a chuva intensa a acordaram. Relâmpagos riscavam o céu a todo instante. A maré estava subindo, quase alcançando a avenida da praia. Uma noite chuvosa e fria. Estavam acomodados no último quarto do corredor; a primeira janela à esquerda para quem entra no pátio. Trajava uma calça de moletom preta, muito surrada, e uma camiseta amarela, igualmente puída. Pegou um casaco de lã verde-água que caberia seu corpo duas vezes. O casaco era dois números maior que o seu, e ela estava muito magra. Pele nos ossos. Abriu a porta bem devagarinho para não acordar Paulo. Suavemente esgueirou o corpo para fora do quarto. Havia dois esqueletos parados, de pé, olhando para ela, a dois metros de distância. Todos os seus pelos arrepiaram instantaneamente. Ficou imóvel por dois segundos, totalmente inerte e espantada. Abriu a boca para gritar, mas imediatamente teve a compreensão de que isso não a salvaria. Um impulso forte e inesperado, para quem acabara de acordar, a levou de volta para o quarto. Moveu-se para dentro numa ligeireza inexplicável. Bateu a porta e a trancou num só movimento.

—O que foi isso? —Paulo acordara assustado com a forte batida da porta, e prontamente se colocou sentado. Arregalou os olhos e perguntou de novo.

—Você não vai acreditar, tem duas caveiras humanas ali no corredor. Estão vivas. —Marcia estava transtornada.

Paulo fechou o semblante e a encarou. Ela não podia estar falando sério.

—Você só está cansada. E nunca dormiu numa igreja. Essa igreja é medonha. Não tem nada lá fora. E você ia parar de fumar. Paulo olhou na mão dela e viu um cigarro. Ela escondeu a mão atrás de si.

—Tem alguma coisa lá fora, é sério.

Paulo estava incrédulo. Empurrou os cobertores e se colocou de pé. Estava de cueca e camiseta. Torceu o trinco com segurança e puxou a porta. Quando pôs o corpo para fora ficou horrorizado, aterrorizado, todos os seus pelos se eriçaram instantaneamente. Os esqueletos estavam um passo mais perto da porta. Tentou gritar, mas a garganta o traiu. Voltou para o quarto e bateu a porta numa reação impressionante.

—Porra! Caralho! Que merda é essa? Me belisca, acho que estou sonhando. Isso é impossível, eu não vi nada. —Ele fechou os olhos e

Yitzhak Ben-Gurion

disse para si mesmo: —Eu estou sonhando. —Em seguida abriu os olhos de novo.

As lâmpadas do corredor estavam apagadas, mas a luz dos postes, lá de fora, entravam pelas frestas das janelas, e permitiam divisar muito bem as formas.

—Não, deve ser um sonho meu, eu que vi primeiro, —retrucou Marcia, tomada pelo desespero.

Paulo se beliscou no rosto e agitou os braços, tremendo e desesperado. Ficaram dez segundos olhando um para o outro, se perguntando se seria possível aquela porra de caralho.

—Eu vou abrir a porra dessa porta de novo, e não vou ver nada desta vez. É só uma sombra.

Marcia ficou olhando para ele. Ele olhou para a porta e deu um passo em direção a ela.

—Não vá, não sabemos o que é isso.

Ele a olhou nos olhos, e em seguida olhou para a porta fechada.

—Que merda esse padre está querendo fazer com a gente? Quer nos assustar? Está bem, ele conseguiu, e agora? Vai nos fazer prisioneiros? Cobaías?

Paulo continuou olhando para a porta. Pediu silêncio para Marcia, queria sondar se havia algum ruído lá fora. Nada.

—Eu vou lá, não vou deixar isso me assustar, nada me assusta.

Ele deu mais dois passos, miúdos. Parou perto da porta. Olhou para Marcia. Levou a mão direita à fechadura e destrancou a chave. Abriu-a em um só movimento e se jogou no corredor.

Marcia ficou tensa

—E agora? —Perguntou ele, olhando para onde havia visto os esqueletos. —Não havia nada. Ninguém.

Marcia quase enlouqueceu. Seu coração deu um tranco, faltou ar nas narinas. Ele olhou de volta para dentro do quarto, e ela estava com os olhos arregalados, com os dedos na boca, pronta para gritar. Mas notou uma interrogação no semblante dele. Isso reduziu a pressão do medo.

—Não tem nada aqui. Eu não disse? Você teve um pesadelo e eu fui na sua onda, só isso.

Ele continuou parado, tentando avaliar a situação. Olhou para o final do corredor de novo. Olhou para ela, pensativo. Ela resolveu ir até ele para conferir. Abraçou-o instintivamente.

—O interruptor está perto da escada, —Ela disse para ele.

Ele olhou para a janela. Era a janela que ele havia visto aberta de manhã, mas agora estava fechada. Resolveu abri-la. Era uma janela de correr, de duas partes, de vidro e ferro. Destravou-a bem devagar para não fazer barulho. Com as duas mãos fortes abriu uma parte para cada lado. Dava para ver, parcialmente, a mesa onde estiveram de manhã. Viram por debaixo daquele telhado a parte inferior de duas caveiras andando de volta para a casa.

—Porra! Caralho! Merda! Aquela coisa está voltando. Estão de conchavo com o padre.

—E agora?

Paulo deu três passos rápidos em direção à escada para alcançar o interruptor. Queria acender as luzes. Mas ouviu barulhos apressados subindo as escadas e resolveu voltar. Mas notou que a porta ao lado do quarto deles estava entreaberta. Voltou correndo para o último quarto, onde estavam hospedados. Ele e Marcia entraram correndo e fecharam a porta. Ofegante, ele parou estacado na porta. Ele a segurava com toda a força. Estava apavorado. Ventava forte lá fora.

—E se essa coisa passar por debaixo da porta? —Marcia tentou pensar em todas as possibilidades.

Instintivamente ele saiu de perto da porta e deu dois passos para o meio do quarto.

—Eu duvido. —Paulo retrucou olhando para o vão debaixo da porta. — Se pudesse já teria entrado.

Ele sentou-se na cama e continuou olhando para debaixo da porta. Pediu silêncio novamente, pensou ter ouvido alguma coisa. Nada.

—Vou fumar aqui dentro. Preciso fumar, se não, vou explodir.

—Não faça isso, vai emporcalhar o quarto do padre. Mas que porra é essa de vocês dois? Não acha muita coincidência a gente estar bem aqui na igreja dele? Depois de tantos anos? Como você explica? Isso deve ser armação dele.

—Estava justamente pensando nisso. Não estava conseguindo dormir. Muito estranho. A vida nos prega cada surpresa. Como pode? Depois de tantos anos, tanto chão. Ele trabalhava para os meus pais, e agora estou aqui, dependendo dele.

—Surpresa? Você acha mesmo que é surpresa? Não sei não. Vocês já transaram?

—Claro que não.

—Para mim não tem nada claro, —respondeu Paulo.

Yitzhak Ben-Gurion

—Eu até achava que ele era gay. Era muito bobão naquela época, muito tímido. Só falava o necessário. Eu também era caladona, a gente quase não conversava. Um dia eu fui trabalhar com um vestido mais curto. Não era tão curto. Teve um momento que fui lá no fundo buscar um rolo de cordas para fazer um arranjo. Fui devagar, não estava com pressa. Ele estava de costas, parado. Estava mexendo a mão direita. Acho que estava se masturbando. Eu me assustei e voltei na hora. Acho que ele não me viu.

—Um padre? —Paulo ficou intrigado com a possibilidade de um padre ter uma vida sexual.

—Não era um padre, era um adolescente. Ele não falava nada sobre ser padre nessa época. Mas passava a ideia de ser um religioso.

—Ele parecia ter contato com ocultismo?

—Nunca notei isso.

Os dois estavam nervosos, conversando em voz baixa, ao lado da cama. Sempre observavam a porta.

—Você viu o pinto dele?

—Não, claro que não, que pergunta idiota. Ele estava de costas. Que cabeça, essa sua. Eu, heim!

—Padre não precisava ter pinto, eles nem usam.

—Não diga essa besteira, ele está nos fazendo um favor. Mais respeito. Ele não tinha obrigação. Se ele usa ou não, é problema dele.

—Ui, senti uma pontada de ciúme. Está defendendo ele. Gostou de vê-lo de novo depois de tantos anos? Estava com saudade? Vá lá, dê um abraço apertado nele. Acho que só não fez isso por que eu estava por perto, certo?

—Não é nada disso. Comporte-se, tem alguma coisa estranha lá fora, ponha a mente para funcionar para nos salvar disso.

—Acha que ele está querendo nos assustar?

—Não, não tem nada a ver.

—Então o que é isso?

Marcia não respondeu, apenas olhou para a porta de novo, apreensiva.

—Será que já foi embora? —Paulo perguntou para si mesmo, em voz bem baixa. Mudou o corpo de posição para refletir.

—E se já estiver aqui dentro? —Marcia fez essa pergunta pronta para chorar. Paulo prontamente a repreendeu pelo palpite idiota, e a excomungou tenazmente.

—Vou lá fora de novo. Não podemos ficar acuados aqui dentro. Quero respostas, precisamos saber o que é isso.

Paulo se levantou da cama de novo. Ficou de pé, encheu o peito de ar e fechou as mãos com força.

—E se estiver lá fora de novo?

—Vou descobrir agora.

Paulo foi determinado até à porta, destrancou a fechadura e torceu o trinco. Num movimento se jogou no corredor. Nada. Tudo escuro. Ele olhou para Marcia espantado. Apenas a luz vinda de fora, e mais a que saía do quarto, iluminava o corredor. Ela foi depressa até ele, conferir se estava tudo bem. O vento cantava lá fora em algum canto do telhado. Outro relâmpago iluminou a noite.

—Vou acender as luzes.

Marcia estava assustada, mas concordou com Paulo.

—Eu vou com você.

Foram até à escada e ligaram as luzes do corredor. Mas o corredor continuava para mais adiante, à direita, para o quarto do padre. A casa tinha um formato de meia lua quadrada, e eles estavam na parte que ficava emendada com o fundo da igreja. Agora estava tudo claro, mas estava um grande silêncio. Ouviam apenas os ruídos externos; os carros, pessoas gritando, música nos quiosques da praia. Lá dentro, só um silêncio assustador.

—Vamos voltar para o quarto e esperar, propôs Paulo.

—Sim, estou com medo.

Eles voltaram, pé por pé. Ele olhou de novo para a porta ao lado do quarto deles, estava fechada.

—Essa porta estava entreaberta.

—Certeza?

—Tenho muita certeza.

—Não está pensando em entrar aí, não é?

—Só pensei, mas não quero entrar.

Passaram direito para o quarto deles. Sentaram-se na cama e ficaram em silêncio um instante. Marcia pegou o cigarro que havia colocado sobre um banquinho de madeira que estava ao lado da cama. Pegou um isqueiro e o acendeu. Paulo a olhou com ar de repreensão. Ela deu apenas duas tragadas e o apagou no chão. Soltou uma baforada, fez gestos largos com as mãos para dissipar o nervosismo e rompeu o silêncio. O vento frio estava atravessando a janela e passando sob a porta.

Yitzhak Ben-Gurion

—Não podemos ficar assim, precisamos fazer alguma coisa. Estou com muito sono e temos uma boa cama para descansar. Não podemos perder essa noite de sono.

—No que está pensando?, — perguntou Paulo.

—Vamos ter que ir lá fora de novo, não vou conseguir dormir sem resolver isso. Eu vou com você.

—Está sugerindo que eu vá na frente?

—Agora está com medo?

—Você sabe que não. Já demonstrei medo com você?

—Várias vezes. Está bem, desta vez eu vou primeiro.

—Você? Duvido. Você não tem noção do que é isso.

—E você, tem?

—Não, e é por isso que não sei o que fazer.

Marcia ficou de pé em um salto. Olhou para Paulo, ainda sentado, e em seguida encarou a porta fechada. Fechou os dedos com força, bateu uma mão contra a outra, como um pugilista. Paulo ficou olhando para ela, admirado com a repentina coragem. Quis rir, mas segurou. Ela foi, passos curtos e lentos, mas determinada, para a porta. Virou a chave e torceu o trinco. Paulo ficou sentado, curioso, vendo no que ia dar. O coração dele acelerou. O dela também estava a milhão. Ela abriu a porta em um movimento e se jogou de uma vez no corredor. Paulo piscou no exato momento em que ela saiu do quarto. E quando abriu os olhos novamente ela já estava estirada no chão, com um fio de sangue escorrendo da boca e se espalhando pelo chão. Durante o meio segundo seguinte ele tentou entender o que teria acontecido, mas no segundo seguinte já estava de pé. Hesitou um momento, sem saber se devia correr para fechar a porta ou se devia encarar o que fosse para trazê-la de volta para o quarto. Correu para fora e se plantou, de pé, ao lado dela, com os punhos fechados, para defendê-la. Instintivamente fez cara de mal e encheu o peito. Não viu nada. Não tinha ninguém lá fora. Mas Marcia estava deitada no chão, desacordada.

—Apareça, seu filho de uma quenga. Está com medinho, é? Vai ficar se escondendo até quando? Arrombado, covarde, filho da puta que o pariu.

De repente Paulo se deu conta de que não deveria estar ali, esbravejando, sabe-se lá com quem. O impulso de bravura passou e ele se abaixou rapidamente para arrasta-la para o quarto. Ele a puxou pelas pernas até perto da cama. Enquanto fazia isso ficou morrendo de medo de alguma coisa aparecer e entrar por debaixo da porta. Soltou as

pernas dela e voltou correndo para trancar a fechadura. O sangue que estava no chão foi limpo pela roupa dela. Trancou a porta e num impulso de autodefesa ficou estacado nela por alguns instantes, ofegante, até desacelerar o coração. Olhou para Marcia, estirada no chão, e achou que devia fazer alguma coisa para ajuda-la. –Pense rápido.

–Marcia. Amor, por favor, diga alguma coisa. Está me ouvindo? Acorde. O que aconteceu?

Ele estava tremendo e ainda com a respiração acelerada. Chegou-se perto do rosto dela e notou que a respiração estava normal. Um trovão fez tremer a igreja toda. Paulo olhou em volta e conferiu as paredes, como se estivesse se certificando de que estava tudo bem.

–Putaquepariu, Marcia, responde, mulher. Estou ficando preocupado, ajuda, né.

Ele sentou-se no chão, encostou na cama e colocou a cabeça dela no colo.

–Marcia, não faça isso comigo, você precisa acordar e me dizer o que houve. Ajuda.

Ele mexeu o rosto dela, sacudiu o corpo, mas ela não reagiu. Jogou o próprio corpo para trás e inspirou e expirou fundo. Baixou a cabeça de novo e olhou para o rosto dela, com ar de súplica. Acariciou o rosto dela, passou a mão na testa dela. Enrugou o rosto e se preparou para chorar. Mas, então ouviu algo se mexendo no corredor. Movia-se lentamente. Arrastava-se. Apurou os ouvidos e achou que estava se aproximando. Com cuidado, mas rapidamente, colocou a cabeça de Marcia no chão e se pôs de pé. Ficou parado, olhando para o vão debaixo da porta. Havia uma sombra. O coração foi a milhão de novo. A sensação de impotência o martirizava. Fosse o que fosse, estava parado do outro lado da porta, o espreitando. O estaria vendo? Tocou na porta. A boca dele estava seca, começou a tremer. Seu olhar grave estava cravado na porta. Alguma coisa estava ali, do outro lado, olhando para ele. Agitou as mãos, sem saber o que fazer com elas. Olhou para Marcia e tentou dar um passo para trás, mas a cama o impediu.

Toc, toc. Duas batidas leves ecoaram como uma buzina de navio dentro do quarto, e fizeram disparar de novo o coração de Paulo. As pernas ficaram bambas e ele não se segurou, precisou sentar-se na cama, sem tirar os olhos da porta. Mas procurou ficar com as pernas sobre o corpo de Marcia, para a esconder.

Yitzhak Ben-Gurion

—Paulo. Marcia. Está tudo bem aí?

A voz do padre entrou nos ouvidos de Paulo como uma bela música de festa. No primeiro momento a voz dele não saiu, para responder. Ficou de pé, respirou fundo e foi até à porta.

—Graças a Deus você veio.

—O que está acontecendo? Eu pensei ter ouvido vozes e vim.

Paulo se afastou e Arthur Kobeski olhou atrás dele. Viu Marcia estendida no chão, com sangue na boca. Seu semblante mudou-se rapidamente de sonolento para um aspecto grave e preocupado. Ele baixou a cabeça e seus olhos saíram do corpo da hóspede e vieram lentamente até seus próprios pés. Ficou calado.

Lá fora o vento uivava pelas quinas das torres da igreja. A natureza esbravejava e rugia. Um relâmpago chicoteou o céu e clareou o corredor atrás do padre, criando contra o corpo estirado no chão uma sombra com o formato do corpo do padre, além de alguns acréscimos de causar arrepios.

Paulo estava tentando organizar as palavras para explicar, mas enquanto isso o padre já estava criando sua própria explicação.

—Vimos uns esqueletos andando aí no corredor.

O padre continuou pensativo.

—Por que você fez isso?

—O que? —Paulo se deu conta de que o padre não entendera nada. — Não é nada disso. —Em quarenta segundos Paulo fez um resumo do que acontecera, mas o padre continuou incrédulo. Estava pensando em ligar para a polícia, mas isso atrairia os holofotes da imprensa, e criaria um alvoroço desnecessário.

—Acredite em mim, eu não fiz nada, ela estava no corredor. Aí eu a puxei para cá. Venha, vou te mostrar.

O padre vestia um conjunto azul escuro de moletom, que comprara na C&A, e meias marrons. Calçava uma sandália de couro, de arrastar, bem velha.

Paulo o levou até à janela e mostrou o que viu. Explicou também que a porta do quarto ao lado estava entreaberta, mas depois estava fechada. Então Arthur Kobeski começou a juntar as informações. O coração dele disparou. Mas ficou calado. Voltou um pouco e parou diante da porta fechada, e a ficou olhando, com olhos arregalados. Ouviram Marcia balbuciando alguma coisa e voltaram para o quarto. Quando entraram, Paulo fechou rapidamente a porta. O padre o olhou com estranheza por causa desse gesto, mas logo concluiu que talvez

ele tivesse razão. Marcia estava tentando se sentar no chão. Parecia assustada.

–Zzzocooooorro. Ela estava de cabeça baixa, tentando falar, mas estava afetada. Da boca saía sangue com saliva. Quando ela levantou a cabeça e viu o padre, instintivamente se contraiu, juntou os braços e o queixo no peito.

–Está tudo bem, é o padre Arthur. Fique tranquila. Conte para nós, o que você viu? O que bateu em você?

–Aquela coisa. –Ela se esforçou e conseguiu se expressar. –Uma caveira humana. Duas caveiras.

–Meu santo Cristo. Eu sei o que é, concluiu Kobeski.

–Sabe?, –perguntou Paulo, ainda atordoado. Marcia ficou olhando surpresa para ele.

–Tem um sarcófago nesse quarto com dois esqueletos humanos, são uma relíquia, talvez de centenas de anos.

–Esqueletos humanos dentro da igreja?, –questionou Paulo com semblante incrédulo. Até mudou a postura do corpo.

–Aqui não é a igreja, é a casa dele, –defendeu Marcia.

–O Vaticano está cheio de múmias, fazem parte da história da igreja. A igreja tem uma tradição histórica.

Algumas coisas começaram a ficar claras para Arthur Kobeski. Estava lidando com algo que estava fora do seu controle.

–Que merda é essa? E você sabia que essa coisa está viva e sai andando por aí?

–Paulo, tenha modos. Estamos na casa dele. Você está me envergonhando.

Paulo continuou olhando para os olhos do padre em busca de respostas, sem se intimidar.

–Ele tem razão em querer uma explicação, –disse o padre, olhando para Marcia. Kobeski olhou para Paulo e continuou. –Não, eu não sabia disso. Eu até já suspeitava de algumas coisas, mas isso foi a confirmação. Peço desculpas pela situação.

Ajudou a colocar Marcia sentada na cama.

–Como foi isso? –Perguntou Arthur Kobeski.

–Quando saí para o corredor um vulto me golpeou. Não deu tempo de ver quem era.

Ele resolveu ir ao quarto ao lado para conferir. Outro relâmpago ziguezagueou pelo céu. O trovão que veio a seguir foi ensurdecedor. O vendo não parava, continuava assobiando pelo telhado.

Yitzhak Ben-Gurion

—Paulo, você vem comigo?

Kobeski pôs a mão na fechadura e respirou fundo. Estava hesitante. Paulo estava atrás dele e percebeu isso. Marcia ficou deitada. Kobeski torceu o trinco e empurrou a porta. Escuridão e silêncio. Acendeu prontamente a luz. Tudo no seu devido lugar. Foi até à arca de madeira para conferir. Seu coração disparou. Fez o sinal da cruz para se benzer e no ato seguinte abriu a tampa. Olhou espantado. Estava tudo como ele deixou.

—É isso aí? —Paulo se aproximou e viu dentro da arca um conjunto de ossos decrépitos, maltratados pelo tempo, dentro de um invólucro artesanal. —Não tem nada a ver. O que eu vi foram dois corpos bem vivos, pareciam cheios de energia. Não tinham olhos, mas olhavam direto para mim. Pareciam ter uma aura sobre eles que substituía a pele. Kobeski fechou a tampa rapidamente e voltaram para o outro quarto onde estava Marcia.

—O que vocês viram?, —ela quis saber.

—Nada de especial, respondeu Paulo.

—Estava tudo normal, tudo como deixei, —disse Kobeski.

—E qual é a explicação?, —continuou Marcia. Paulo estava olhando para o padre, fazendo a mesma pergunta, mas sem palavras.

—O diabo se manifesta através de corpos de pessoas ou de animais. Ele marca uma pessoa e depois a segue. Ele escolhe alguém para tentar, para destruir. E depois de marcar, ele começa a executar seus planos malévolos. Ele marcou Eva, e se aproximou dela através do corpo de uma serpente. Conversou com ela, de igual para igual. Fez algumas sugestões, insinuações. Ele está aqui na terra para ferrar com a gente. Me perdoem a expressão, mas é isso mesmo. Ele fica observando, procurando uma presa. Vocês conhecem a história de Jó?

—Eu conheço mais ou menos, —respondeu Marcia. Paulo não quis responder, parecia estar criando suas próprias explicações.

—Mas, o que isso tem a ver com este caso de hoje?

—Esses esqueletos podem ser de alguém que ele marcou, em algum dia.

—Que paciência. Não larga a pessoa nem depois de morta?

—Pois é.

—Você não devia fazer esse tipo de comentário. —Marcia olhou para Paulo com um ar de reprovação pelo comentário inconsequente. — Isso pode atrair azar para você. —Marcia pensou em dizer ‘para nós’, mas achou mais seguro não se colocar no meio de uma maldição.

—Ela tem razão. Precisamos medir as palavras. Esse ser pode pedir a Deus autorização para tentar você. Um dia Jesus encontrou um homem que estava endemoniado. Ao chegar perto dele Jesus perguntou: “Qual é o seu nome?”. Jesus estava se referindo ao demônio que estava no homem. Então a resposta veio da boca do homem: “Somos vários, e não apenas um.”. Então Jesus mandou que eles saíssem do homem. Mas eles pediram permissão para entrar numa manada de porcos que estava ali perto. Jesus permitiu, e eles jogaram a manada num precipício. Eles gostam de entrar em pessoas, para influencia-las, para viver a vida delas.

—Viver a vida delas? Tipo parasita?, —indagou Paulo, que estava com olhar compenetrado no rosto do padre.

—Sim. Principalmente dos jovens. Os anjos foram criados adultos, nunca tiveram infância nem juventude. Uma parte virou demônios. Eles entram nas pessoas para que cometam excessos, para destruí-las. É um misto de inveja com uma sensação de impotência.

—Isso me dá medo. —Marcia estava sentada na cama, escorada na cabeceira que dava para o quarto ao lado. Parecia estar bem melhor.

—A bíblia chama o diabo de dragão. Diz que o dragão, a antiga serpente, que enganou todo mundo, foi lançado à terra. Isso está no livro do apocalipse.

—Dragão? Ele é um dragão? —Paulo estava começando a ficar curioso com esse assunto.

—É uma figura de linguagem, mas estou fazendo um estudo, e acho que ele realmente se manifesta nessa forma, acho que é a aparência que Deus deu a ele. Um tipo de castigo. No céu ele era um anjo muito bonito.

—Como você sabe tudo isso?, —questionou Paulo, já se preparando para duvidar da resposta.

Arthur Kobeski baixou a cabeça com semblante sóbrio e respondeu lacônico:

—Leia a bíblia.

—Você tem razão, sou bastante ignorante sobre essas coisas.

—Você acredita mesmo que o diabo existe?

—Aposto a minha vida que sim. E está à solta.

Conferiram de novo o rosto de Marcia, estava ficando roxo. Mas, aparentemente era só isso. Kobeski resolveu dar uma volta pela casa para ver se estava tudo em ordem. Paulo sentiu que precisava ir junto.

Yitzhak Ben-Gurion

Marcia não quis ficar sozinha. Chegaram à janela do corredor e espiaram lá embaixo. Tudo certo. Avançaram para o corredor e contornaram à direita, no final. Tudo certo. Continuaram até o final e entraram à direita de novo. Conferiram cada quarto. Olharam pela outra janela para ter outra visão lá de baixo. Tudo certo. Voltaram até à escada e desceram para o térreo. Kobeski foi à frente e Paulo o seguiu. Marcia ia quase colada em Paulo. No meio da escada Kobeski fez sinal com a mão para pararem, deu a entender que queria ouvir alguma coisa. Nada. Continuaram e chegaram ao térreo. Conferiram a cozinha, sala, despensa, lavanderia, o pátio. Muita chuva descia pelo telhado e escorria pelas canaletas. O pátio estava cheio de água, a varanda onde estava a mesa onde tomaram café estava molhada pela chuva que caía lateralmente. A maré já estava alcançando a avenida com águas violentas. Marcia cochichou no ouvido de Paulo que se estivessem na rua estariam fodidos. Debaixo do quarto dos hóspedes havia um cômodo que dava acesso ao fundo da igreja, passando pela lojinha que fica do lado esquerdo do altar. Estava entreaberta. Kobeski olhou para os dois com estranheza. Colocou a mão na maçaneta hesitante. Abriu a porta devagar. Olhou de novo para os dois e deu um passo. Procurou o interruptor e acendeu a luz. Andaram para dentro do corredor sombrio que dava acesso à igreja. Paulo ficou mais perto do padre e, instintivamente, Marcia se aproximou ainda mais dele, encolhida. Uma galeria de fotos de padres mortos se estendia pelas paredes, com olhos antigos a espiarem os intrusos. Chegaram perto de outro interruptor e o ligaram. Chegaram à lojinha. Um cheiro terrível de velas queimadas impregnava o ar e dificultava a respiração. Paulo e Marcia olhavam curiosos cada parede, cada objeto. Outro clarão iluminou o céu e denunciou as formas das paredes e objetos que estavam ao redor, distorcendo o contexto e o propósito de cada um. Depois do clarão veio um estampido ensurdecador, como um chicote vindo do céu. De repente o mundo inteiro se cobriu de uma escuridão sem fim. Todas as luzes se apagaram, dentro e fora da igreja. Kobeski, que ia à frente, se retraiu instantaneamente. Paulo e Marcia quase tiveram um infarto.

—Cacete, só faltava essa. —A coragem de Paulo imediatamente se apagou também.

—Arthur, e agora? Tem lanterna? —Marcia grudou em Paulo com um abraço de urso.

—Tem sim, mas está na minha casa, dentro da minha gaveta. Agora vamos ter que improvisar. Mas fiquem tranquilos, vai dar tudo certo, eu conheço aqui. —Kobeski não estava inteiramente convicto de sua afirmação.

—Tranquilos? Esqueceu que tem um capeta aqui dentro? —Paulo estava cedendo à pressão das circunstâncias.

—Dois, —corrigiu Marcia, com pânico na voz.

Kobeski juntou forças e deu três corajosos passos. Já ia entrar no salão da igreja. Parou, engoliu em seco, e deu mais dois passos cautelosos. Paulo e Marcia fizeram o mesmo. Pisaram dentro do salão da igreja, mas estava tudo escuro. Muito escuro. Ficou parado, precisava pensar rápido. De repente irrompeu do céu outro clarão que inundou a igreja de luz. Não viram nada de anormal. Com o clarão, conseguiram mentalizar o caminho para chegar à capela menor, que ficava do outro lado do altar. Precisavam dar poucos passos, não muito mais que uns vinte.

—Precisamos conferir a capela menor. É onde os fiéis vêm fazer suas orações.

—Para que devemos conferir isso? O que queremos encontrar? O capeta?

—Eu também acho que devemos voltar. Deixa isso para lá, —opinou Marcia. Falavam quase cochichando um com o outro. —Além do mais estou morrendo de frio. Você não está com frio? Esse vento está cortando a minha pele. —Brincar de procurar fantasmas não pareceu boa ideia para Paulo e nem para ela.

—Vocês não estão entendendo nada. Se essa coisa continuar por aí pode voltar a nos assombrar, não vai nos dar sossego. Ela ia matar vocês. Tiveram sorte de estar acordados. Essa coisa sufoca as pessoas até mata-las.

—Caralho, que boca maldita. —Paulo continuava no limite do seu autocontrole.

—Paulo, por favor, controle-se, não estamos na nossa casa. Você precisa pensar antes de abrir a boca. Está ficando insuportável com os seus comentários indelicados.

—Eu entendo, também estou nervoso. Não o culpo. Precisamos resolver isso o quanto antes, para não sermos as próximas vítimas.

—‘Próximas’ vítimas?

—Precisamos não, eu vou embora. Não vou segurar esse ‘BO’. Não vou lutar contra o capeta.

—Ah, é? E você vai para onde? Olhe o temporal lá fora? As calçadas estão todas alagadas. Seja mais grato por estarmos aqui. Nossa vinda para cá foi providencial, não entendeu isso ainda? —Marcia estava tentando chamar Paulo à razão, mas o pânico o estava cegando.

Kobeski lembrou-se de onde o atendente da lojinha guardava uma caixa de fósforos que às vezes ele emprestava para alguns fiéis. Voltou tateando e a encontrou. Encontrou também um maço de velas. Acendeu quatro e as fixou sobre o balcão. Foi o melhor que conseguiram. Mas o vento que entrava pelas gretas das janelas e portas fazia as chamas tremeluzirem. Cada um acendeu mais duas para levar. Era uma imagem medonha de se ver, os três carregando velas pela igreja escura, seus rostos refletindo a luz nevoenta, como abóboras flutuando com uma vela dentro. Entraram no salão e foram para a capela. Deram cinco passos oscilantes e as velas se apagaram. Ficaram acesas apenas uma na mão de Marcia e outra na de Paulo.

—Meu Deus todo poderoso, livrai-me do mal, —disse Kobeski em voz baixa, fazendo o sinal da cruz.

—A mim também, repetiu Marcia bem baixinho.

Paulo ia soltar outro palavrão, mas mudou de ideia e também repetiu as palavras do padre.

Deram mais três passos e o vento apagou as outras duas velas. A chuva continuava insistente e a temperatura caiu mais um pouco. A maré continuava invadindo a avenida em alguns pontos. Podiam ouvir o barulho das ondas se dobrando umas sobre as outras.

Marcia chegou ao ouvido de Kobeski e disse baixinho: —Arthur, eu estou com medo, isso não está certo. Vamos embora, não podemos fazer nada assim. Não podemos ver, como vamos procurar? Vamos é ser achados.

—Já estamos chegando, está mais perto para ir do que para voltar. Vamos na fé.

—Que caralho de fé você tem?, —esbravejou Paulo, também em tom de sussurro para não atrair atenções indesejáveis. —Deixe isso para outro dia. Ninguém vai nos incomodar hoje, parece que eles estão é com medo de nós também.

Arthur Kobeski deu mais dois passos tímidos e parou diante a capela. Estava tudo completamente escuro. Paulo e Marcia o seguiram a contragosto. Também não viram nada, mas ficaram com os olhos arregalados, para filtrar qualquer vestígio de luz. Outro relâmpago clareou o mundo, fora e dentro da igreja. Os três estavam olhando

atentos para dentro da capela. Com o clarão viram, lá no fundo, um mini altar, todo feito em madeira marfim, finamente trabalhado, como uma toalha de renda. Nas paredes laterais a benfeitoria continuava desde o chão até um metro de altura. No mini altar, duas pequenas estátuas ofendiam o segundo mandamento. Duas grandes janelas laterais receberam a luz que veio do lado direito da igreja, e delineou, no primeiro banco, dois seres sentados, assustadores, olhando para trás, direto nos olhos deles. Eram como duas pessoas, mas sem a pele, apenas os ossos. Não tinham olhos, mas tinham olhar penetrante. Os ossos eram brancos e brilharam com a luz. Depois do clarão ficou tudo escuro novamente.

Na vila de São Paulo de Piratininga alguns homens, vindos de outros mares através de grandes embarcações, estavam planejando novas incursões pelas matas. Tinham barbas densas, usavam grandes chapéus, botas de couro e roupas de fios de algodão. Usavam armas que causavam explosões, e da boca delas saía fogo. Precisavam capturar homens selvagens para escravizá-los para trabalhos duros. Comprar escravos negros demandava um custo muito alto. Algumas aldeias já haviam se mudado para mais longe desses homens, para evitar sua maldade. Mas isso fez com que se chegassem perto demais de outras aldeias que já estavam lá, estabelecidas. Isso causou rivalidades e disputas por territórios e recursos. Uma nova aldeia havia se instalado não muito longe da aldeia de Itibirá. A aproximação havia gerado intrigas, e um homem de sua aldeia fora ferido numa disputa. Desde então o clima estava tenso entre os dois povos. Ele aprumou o corpo de entre os arbustos e retesou o arco com uma flecha na mira e a soltou. A flecha rasgou o ar e cravou no corpo da fêmea. O macho ficou ligeiramente desorientado, e Itibirá pegou um pedaço de galho seco e o arremessou contra ele. O mutum macho não resistiu ao golpe. A caçada estava completa. Estava exausto, precisava descansar. Limpou o suor da testa e dos olhos com a mão. Inspirou e expirou com as narinas bem abertas. Colocou as aves no embornal, junto com as cotias, e continuou sua caminhada. Chegou a uma clareira e viu três casais de tucanos voando em direção ao rio. Batiam os bicos e faziam um barulho seco. Ele sorriu. Estava feliz. Encontrou algumas crianças brincando, todas nuas e pele bronzeada. Algumas o reconheceram e se aproximaram para saber o que ele tinha na bagagem. Ele apenas sorriu, passou a mão na cabeça de algumas e continuou. Andou mais algumas

dezenas de metros e chegou a uma pequena aldeia. Havia cerca de trinta pequenas casas circulares de madeira rústica, cobertas com folhas de palmeiras. Algumas mulheres socavam alguma coisa em pilões. Uma delas apontou o dedo para a direção dele e comentou alguma coisa com outras duas que estavam do seu lado. Elas sorriram. Alguns homens estavam conversando no meio da aldeia, e de repente pararam e também olharam para ele. Sorriram e assentiram com a cabeça, com gestos positivos. Um deles deu alguns passos na direção dele, sorrindo, para o encontrar, mas parou e o deixou passar. Ele passou orgulhoso. Lá do outro lado da aldeia uma criança olhou para ele fixamente, sorriu e entrou na sua choupana. Em seguida um homem mais velho saiu, postou-se diante da porta e o esperou. Itibirá continuou andando, cansado, mas não podia parecer trôpego, precisava chegar, como um homem, como um guerreiro. Parou diante daquele homem e colocou o embornal com as caças aos pés dele, de cabeça erguida. Potimandu o olhou nos olhos com gravidade, abaixou-se e abriu o embornal. Conferiu o conteúdo e ficou de pé novamente.

–Itibirá, você é um homem, você é um guerreiro, um vencedor.

Todos que estavam por perto ouviram essa proclamação, que fez daquele jovem um homem pronto, um exímio provedor. Os outros homens repetiram o nome dele em alta voz, com gestos de aprovação, e sorriram ruidosamente. Itibirá voltou cinco choupanas à sua direita, onde Abá-açu, com pouco mais do dobro da idade dele o esperava, com expressão de orgulho no rosto. Itibirá sorriu para ele e entrou na choupana. Potimandu entrou em sua choupana com as caças que recebera e as apresentou para uma mulher de sua idade, fez um comentário e olhou para outra mulher, muito jovem, que os olhava curiosa. A mulher mais velha viu a caça, ouviu o comentário e olhou sorrindo para a jovem. A jovem também sorriu, tímida e orgulhosa.

Quando o sol despontou de novo algumas mulheres estavam se movimentando de uma choupana para outra. Os homens estavam no centro da aldeia carregando alguns objetos, outros passando tinta pelo corpo, fazendo grandes coroas e colares de penas e dentes de animais. Coroas coloridas e vistosas. Botipoti, estava tecendo um colar e uma tiara com as penas dos mutuns. Também estava se pintando. Estava feliz. Algumas crianças trouxeram para o centro da aldeia muita mandioca, bata-doce e banana. Fizeram um braseiro e colocaram as batatas-doces e uma parte das bananas. Iguarias finas. Também colocaram para assar carnes de aves, roedores e peixes. Em breve

várias pessoas cobertas com tintas, e vestimentas de folhas e penas começaram a dançar na área comum, no centro da aldeia. Dançaram e comeram toda a manhã. Itibirá estava especialmente pintado. Seu cabelo estava empastado de gordura animal colorida, e seus olhos rodeados de tinta vermelha. Na cabeça, o crânio de uma onça, cujos caninos eram bem pronunciados, que estava fixado ao seu pescoço por uma corda de fibras. No pescoço um colar com pedras de corvinas. No tronco fizera várias manchas com tinta, imitando vagamente as manchas de algum felino. Nos calcanhares, cordões de fibras seguravam sementes secas de jatobá que chacoalhavam quando marchava. No resto estava tão nu quanto os outros. Botipoti pôs o colar e a tiara de penas. Trajava também um avental de flores de ipê. Mas o seu melhor adereço era mesmo o seu sorriso. Estava linda como um ipê florido quando os primeiros raios do dia o beijavam, brilhava em meio a tanta gente.

Adumaré pulou de sua rede bem cedo. Recolheu alguns cocos e estava retirando as castanhas para comer. Colocou as castanhas na pedra quente do braseiro e esperou até começarem a fritar. Soprou e comeu. Estava agachado. Mais três rapazes se aproximaram trazendo mais cocos. Conversaram alguma coisa sobre o cheiro bom das castanhas queimadas. Quebraram mais alguns e acharam algumas larvas. Colocaram as larvas na pedra quente e esperaram que elas fritassem também. Comeram, conversaram e riram bastante, durante um bom tempo. Lá adiante surgiu outro rapaz, da mesma idade deles. Fez sinal que queria conversar em particular com Adumaré. Ele se levantou e foi. Ouviu alguma coisa que o deixou contrariado. Ficou um momento sem ação, pensativo. O rapaz se foi, e Adumaré voltou, calado. Estava refletindo. Comentou alguma coisa com os rapazes e se foi também. Entrou numa choupana e pegou seu arco e suas flechas. A mulher que estava lá perguntou alguma coisa, mas ele saiu sem responder nada. Entrou na mata e se embrenhou. Árvores cada vez mais altas surgiram diante dele. Ouviu um alvoroço lá adiante, galhos se batendo, folhas secas sendo jogadas. Vários gritos ecoaram nas copas das árvores. Mas ele sabia que eram os macacos pregos fazendo sua algazarra matinal. Esgueirou-se por entre os arbustos, moitas de espinhos e cipós, e foi se enfiando para o coração da mata. Andou cerca de uma hora e chegou a um rio largo de águas volumosas e turvas. Era um lugar onde a vegetação era menos densa e bem baixa, de modo que o local estava

iluminado. Havia algumas bananeiras; ele colheu algumas bananas e comeu. Na margem do rio, dezenas de borboletas brincavam no chão. Pousavam, batiam asas, e voavam de novo. Adumaré se abaixou para conferir. Cheirou o chão. Era urina, de anta ou de capivara. Mas não podia se ater ali, precisava prosseguir. Seguiu o curso do rio. As árvores começaram a ficar grandes novamente, e a mata mais densa. Andou mais duas horas e chegou a um velho jatobazeiro caído sobre o leito do rio. Antes de atravessar abaixou-se para beber água. Raízes enormes estavam agora expostas, como uma grande coroa, secando ao sol. Viu uma goiabeira com frutas maduras e encheu as mãos, para comer pelo caminho. Subiu pelas raízes para alcançar o tronco, cerca de quatro metros de altura. Fez da árvore sua ponte, e foi, se equilibrando. Ergueu os cotovelos para se equilibrar, como um urubu se preparando para levantar voo. Abaixo dele as águas turvas passavam tranquilas. Passou do outro lado e continuou. Andou mais quase uma hora. Estava exausto. Estava chegando a uma clareira. Parou para descansar. Ouvia vozes, parecia de pessoas cantando, um ritmo primitivo e monótono. Talvez uma festa. Mas ele não parecia feliz. Não quis ir pela clareira, preferiu a discrição dos arbustos. Abaixou-se e andou cautelosamente até conseguir ver a aldeia. Olhou receoso para trás e para os lados, não queria ser notado. Era uma festa. As crianças brincavam e os adultos dançavam e riam. Todos comiam. Também estavam bebendo alguma coisa que os deixava com os sentidos afetados; muitos adultos estavam visivelmente alterados. Um ancião estava organizando as pessoas em alas. Uma parte ficou do lado direito dele, e as outras do lado esquerdo. No extremo do lado direito ficou o noivo, Itibirá. E na outra ponta a noiva, Botipoti. Pela lógica estabelecida pelo ancião ambos vinham dançando, lentamente, abaixados, num compasso desengonçado, acompanhados pelos demais, que gritavam e pulavam, cada um no seu próprio ritmo e vigor. Os noivos vinham, passavam um pelo outro, e se cumprimentavam. Depois mudavam de extremos. E assim fizeram várias vezes, socando os pés contra o chão duro. Enquanto isso o ancião ia pronunciando palavras que pareciam sair do fundo da alma entorpecida, envoltas de fumaça. As palavras saíam embaladas por uma cantiga triste e agonizante. Ele ia batendo o pé direito no chão enquanto pronunciava o seu lamento. Mas o corpo envelhecido comprometia o equilíbrio. Adumaré ficou de longe, observando. Perto do pôr-do-sol o ancião encerrou a cerimônia. Todos pareciam muito cansados. A maioria se enfiou em suas choupanas. Alguns procuraram

um lugar para se sentar e conversar, mas pareciam afetados pelo que estiveram bebendo o dia todo. Mesmo as crianças davam mostras de exaustão e também entraram para suas ocas. O ancião levou o casal de noivos até à porta de uma oca e os fez sentar-se no chão. Essa oca parecia mais nova que as outras, as folhas de palmeiras ainda não estavam totalmente secas. Dois outros homens, adultos, também os acompanharam. O ancião pegou um cachimbo e o acendeu. Tragou a fumaça e em seguida baforou-a sobre eles. Pelo movimento da boca Adumaré notou, de longe, que ele proferiu algumas palavras ao casal, mas não entendeu nada. Pegou uns ramos e os colocou sobre os ombros deles. O ancião fez sinal para se levantarem e todos se puseram de pé. O ancião e os outros dois homens se despediram e foram, cada um para sua choupana. O casal se virou e entrou na choupana deles. Adumaré baixou os olhos para o chão e ficou pensativo. Pegou um galho e ficou rabiscando figuras abstratas, desgostoso, sem nenhuma coordenação.

Os homens que vieram de longe, das terras distantes, que usavam chapéus de couro e roupas de fios de algodão, haviam acuado algumas tribos, em busca de escravos. A tribo de Adumaré foi uma que precisou ser realocada vários meses antes. Foi numa de suas incursões para caçada no novo assentamento que Adumaré conhecera Botipoti. Seu sorriso sincero e gratuito acendera rapidamente uma chama no coração do rapaz. Ela estava à beira do rio, tomando banho, junto com outras moças e algumas crianças. Ele ficara surpreso, estava fazendo reconhecimento da nova região de caça. Ele se apresentou, mas ficou receoso, não sabia como seria a receptividade por parte dos homens da tribo dela. Tirou um colar de sementes que trazia ao pescoço e o ofereceu a ela. Ela o colocou no pescoço e sorriu. O sorriso dela foi como uma flechada no coração do moço. Ele se foi, mas às vezes aparecia para encontrar com ela, sempre no mesmo lugar. Com o tempo foi também aceito pelos rapazes da tribo, que se tornaram amigos. Nem todos. A competição pela mesma região de caça começou a se tornar problema, a ponto de começarem rixas e ofensas verbais. Certo dia o pai de Adumaré desafiou um dos homens da tribo de Itibirá, e na briga os dois se feriram. Desde então o contato entre as duas tribos foi proibido. Poucos dias depois o pai de Botipoti a prometeu a Itibirá, seu sobrinho. Adumaré ficou desolado, a culpa das desavenças não era sua, e ele não tinha que pagar por isso com o seu

Yitzhak Ben-Gurion

amor. A partir de então, muitas vezes se embrenhava na mata e ficava de longe, observando Botipoti brincar com as outras moças. Não podia mais falar com ela, nem ver de perto aquele sorriso encantador. Isso o consumia. Foram cinco luas nessa aflição, nesse castigo. Mas ele alimentava esperanças de que as coisas fossem se ajeitar entre as duas tribos. Agora, estava diante dele a prova de que as rixas criaram cicatrizes permanentes. Aquele jeito gentil e encantador da moça agora pertenceria a outro homem, de forma inarredável. Ela não iria mais sorrir para ele quando conversassem. Ele seria um estranho para ela, um passado distante. Isso não estava certo, ele não cometera nenhum erro. Ele notou que uma fomalha foi acendida dentro da oca do casal. Olhou para os lados e para trás. Ninguém por perto. Levantou-se e foi, discretamente, para a oca deles. Contornou por detrás das choupanas, se valendo dos arbustos. Teve vontade de urinar, parou para se aliviar. Estava nervoso, sentia que estava fora de si. Chegou por trás da choupana de Itibirá e Botipoti. Muitas frestas nas paredes permitiam acompanhar a vida íntima dos dois. O casal estava se amando. A moça estava sendo abraçada e beijada, e seus lindos cabelos, acariciados. Itibirá colocara uma flor no cabelo dela, e dissera alguma coisa que a deixou maravilhada. A rede onde o casal estava deitado balançava suavemente. Um observador atento poderia ter visto os olhos grandes e curiosos, cheios de inveja, do rapaz intruso, sob a iluminação fraca, por entre os paus roliços que serviam de paredes para aquele novo lar. Estava entregando seu corpo para a obra da maldade.

A energia voltou e toda a igreja ficou iluminada. Tudo bem claro. O coração de Marcia quase saiu pela boca. Se tivesse um ralo no chão, Paulo teria derretido e vazado por ele. Arthur Kobeski quase desencarnou. Rapidamente olharam de novo, apreensivos, para dentro da capelinha, mas não viram mais nada. Num impulso inexplicável os três se abraçaram em busca de socorro. Mas imediatamente desabraçaram de novo.

—Esse capeta quer nos assustar, eu sei disso. Ele está aqui, está em algum lugar aqui. —Paulo estava aflito, olhando para todos os lados. Olhou para cima, para ver se não tinha nada suspeito no teto. Deu três passos para dentro da capelinha, num surto de adrenalina, para conferir se as coisas não estavam mesmo lá dentro.

—Arthur, você também viu aquilo? —Eles olharam para nós, eles nos viram. Sabem que estamos aqui.

—Eu vi, sim, Paulo. Eu vi. Vamos sair daqui. Aquela coisa pode estar em qualquer lugar. Amanhã cuidamos disso. Vamos voltar.

—E você viu o tamanho dos olhos deles? Gigantes.

—Aquilo não tem olhos, porra, são só buracos, —consertou Marcia, sem paciência com Paulo, sem paciência com a situação.

—Até que enfim entendeu que essa é uma luta desigual, não é? Se essa coisa quiser, pode nos matar. Não sei como não nos matou. Você sabe de alguém que essa coisa matou? —Paulo perguntou a Kobeski, mas olhou nos olhos de Marcia; ela agora estava xingando também.

—Sei, —respondeu Arthur Kobeski. —E tentou matar mais gente. Vamos.

Voltaram rapidamente para a casa paroquial. —Kobeski resolveu não apagar as luzes da igreja, nem dos corredores. Fechou bem a porta que dava acesso à igreja. Passou direto para ir ao quarto dos hóspedes, para acomodá-los. Ao chegar perto da escada ouviu os latidos histéricos de Cleópatra, que ficou trancada no quarto. Ele a pegou e foi para o quarto dos hóspedes. Ao passar em frente ao quarto ao lado, seu escritório, teve o ímpeto de abrir a porta, mas desistiu e passou direto. Paulo e Marcia se sentaram na cama. Arthur Kobeski se sentou no chão, escorado na parede do quarto ao lado. Estavam ofegantes. Ficaram alguns instantes calados, tentavam organizar as coisas nas cabeças. Eram duas e quinze da manhã. A chuva estava bem mais fraca. Vez ou outra algum relâmpago ainda riscava o céu. Paulo queria respostas.

—Então, Arthur, o que você sabe sobre essa coisa?

—Isso, diga-nos, —completou Marcia, revirando uma sacola cheia de roupas que Helena Mesquita havia dado a ela no meio da tarde. — Vou usar esse casaco que a Helena me deu, estou com muito frio. Que coisa linda. —Era um casaco xadrez, da Colcci, preto e com listras beges, que Helena havia comprado em Madri, quatro anos antes. Fizera uma viagem para lá de bacana com Thomas e mais dois casais de amigos.

O casal de visitantes havia almoçado com Kobeski naquela tarde, apreciaram os dotes culinários de Hermínia. Bife acebolado, abobrinha recheada com queijo, milho verde refogado com cheiro verde, arroz e tutu de feijão com bacon. Arthur Kobeski havia ligado para Helena e falou sobre os convidados, e a convidou para conhece-los. Ela levou um mousse de maracujá, de sua autoria, e duas sacolas de roupas que não lhe serviam mais, para Marcia. Também levou para Paulo roupas que eram de Thomas. Ficaram conversando na casa paroquial por

Yitzhak Ben-Gurion

cerca de três horas. Todos ali sentados, na varanda, ao redor da mesa, um de frente para o outro. Paulo achou meio suspeito aquela mulher, sozinha, viúva, elegante, cheirosa e, por que não dizer, linda, com toda aquela intimidade com o padre. Naquela madrugada, sentados ali no chão do quarto, tentando lidar com aquele estresse todo, chegou até a pensar que talvez o pinto do padre não fosse tão inútil assim. Abaixou a cabeça para disfarçar o sorriso involuntário. Depois concluiu que era muito maldoso.

—De que você está rindo?

—Eu não estou rindo.

—A dona Helena me deu essa relíquia, —contou Kobeski aos dois, de cabeça baixa e olhar vazio. —Paulo lembrou-se de que durante o dia o padre não se referiu a Helena por “dona Helena”. Em seguida Kobeski contou sobre a morte do marido dela, que ele achou suspeita. Contou sobre a experiência de Helena sozinha na casa e, por fim, a experiência dele próprio, que também se sentiu sufocado durante a noite.

—E qual conclusão você tira disso?, —questionou Marcia, já vestida com a blusa nova.

—Nenhuma. Mas eu preciso me livrar dessa coisa.

—Como?

—Não sei. Mas acredito que enterrar seria a melhor maneira.

—Eu também acho. —Paulo se levantou da cama e ficou de pé. Passou a mão na cabeça, pensativo. Colocou a mão direita no queixo e continuou com a cabeça baixa. Kobeski e Marcia ficaram olhando em silêncio para ele. Ele deu dois passos para a frente, depois voltou. Enfim, disse: — Se meus ossos estivessem vagando para lá e para cá, o que eu mais iria querer é que alguém os enterrasse. Não é certo um morto estar fora da sua sepultura.

—Não seria melhor cremar para se livrar de vez?, —sugeriu Marcia.

—Com certeza eles teriam sido cremados, se essa fosse a vontade deles, —considerou Kobeski, ainda sentado no chão e olhando para os próprios pés.

—Isso é verdade, —respondeu Marcia, com a cabeça baixa e olhando para o vazio.

—Mas, também não pode ser em qualquer lugar, —ponderou Paulo.

—Como assim? —Marcia olhou para Paulo com uma interrogação entre os olhos.

—É, como assim? —Completo Kobeski.

—Qual a idade desses ossos?

—Não tenho nem ideia. O marido da Helena não chegou a fazer o exame de datação. Mas, dadas as circunstâncias, ele calculou algumas centenas de anos.

—Então isso tem chance de ser de alguma tribo indígena da época do descobrimento.

—Sim, tem razão. Uma das primeiras vilas do Brasil, São Paulo de Piratininga, foi fundada a alguns quilômetros de onde os ossos foram encontrados. E a história relata que havia povos indígenas ao redor. Muitos foram transformados em escravos, e muitos fugiram para dentro das matas para se esconder dos bandeirantes. Eu já pensei nisso, mas nunca saberemos a verdade.

—Então você devia procurar um cemitério indígena, —sugeriu Marcia.

—Talvez. Mas as tribos que ainda existem não iriam aceitar esses intrusos. E nem sabemos se eram mesmo índios, isso é apenas um palpite. Apenas um palpite.

Alguns meses depois dos primeiros sintomas Kobeski procurou um médico. Não achou nada nos exames. Mas o médico pediu para ele repetir os exames dentro de quatro meses, e nesse tempo deveria anotar qualquer indício novo. Não surgiram muitos novos sintomas nesse período.

Às nove da manhã Arthur Kobeski sentou-se à beira da cama. Esfregou os olhos, bocejou. Fincou os cotovelos nos joelhos e colocou o rosto entre as mãos, olhando para o chão. Seu corpo ainda estava sob o impacto da noite tensa. O ar gelado da noite fez soltar coriza, que agora o estava incomodando. Os cabelos estavam desgrehados. Já havia passado do dia de cortar, estava ficando incômodo. A barba, não. A barba ele mesmo podava todo dia. Helena já o havia elogiado por causa do cuidado dele com a barba. Homem que não cuida bem não deve ter barba, pois fica coisa nojenta. Ele não queria ficar coisa nojenta para ela. Estava exausto. Tentou recordar cada momento da madrugada, precisava de respostas. Precisava achar um jeito de resolver aquela questão, —Aquela coisa ainda está por aqui?, pensou, ainda esfregando os olhos. —Se eu tirar esses ossos daqui a coisa vai embora? Sentiu que estava com fome, e lembrou-se de que tinha hóspedes. Tirou o pijama e vestiu um conjunto de moletom preto, da Puma, com o nome da marca bem grande no peito, e logo do felino saltando bem visível. A chuva e o vento já haviam passado, e o céu tinha poucas

Yitzhak Ben-Gurion

nuvens, mas estava frio. Nas ruas, algumas árvores caídas, galhos espalhados pelas calçadas, muitas folhas, bueiros entupidos. Estabelecimentos comerciais ao longo da orla alagados, com mesas e cadeiras do lado de fora. Escovou os dentes e foi falar com Hermínia. Ao chegar perto da escada pensou em ir ao penúltimo quarto do corredor, à sua direita, para ver se os ossos ainda estavam lá, mas mudou de ideia e desceu. Ao chegar à varanda viu Hermínia varrendo o quintal.

—Bom dia, padre, eu pensei que o senhor estava doente.

—Não é nada disso, é que tive uns contratempos à noite e fui dormir muito tarde. Meus hóspedes ainda não levantaram?

—Não senhor. Posso pôr a mesa do café?

—Pode sim, por favor.

Hermínia achava a casa paroquial um bom lugar para trabalhar. O padre era um homem muito humano, e o serviço era tranquilo. Pretendia se aposentar ali.

Paulo abriu a janela do corredor, mas apenas o suficiente para pôr um olho para fora, e viu Hermínia carregando algumas coisas. Em seguida o padre chegou lá embaixo e conversou com ela. O dia estava claro, sem promessa de chuva, mas estava frio. Ele voltou para o quarto.

—O seu amigo padre já se levantou.

—Por que está falando assim?

—Assim como? Não é seu amigo? E não é padre?

—Eu já te expliquei, e não vou explicar de novo. —Ela ficou irritada com as insinuações de Paulo. Olhou para ele com ar de repreensão, falando entre os dentes. —Temos que levantar.

—E para onde vamos depois? O convite foi só para esta noite.

—Não sei. Mas seria muito bom se ele nos convidasse de novo. Apesar do estresse desta noite.

—Eu não sei se seria bom passar mais uma noite aqui. Não foi uma experiência boa. A comida sim, é muito boa. Se não fosse essa, coisa bem que a gente podia ter aproveitado melhor essa cama, né? —Paulo deu uma piscada insinuante para ela.

—É. E o que você sugere? Dormir na rua? A chuva passou, mas as ruas estão molhadas. E pode chover de novo a qualquer momento. Muita chuva.

—Temos feito isso há vários anos, podemos dar um jeito.

—Fala sério. Quando você vai pensar num jeito de trabalhar para ganharmos a nossa vida?

—Trabalhar sem ter onde morar? Sem ter onde tomar banho? Ir trabalhar fedendo roupas de uma semana sem lavar?

—Quem sabe o Arthur não nos ajudar a sair dessa vida? Já pensou? Seria tudo de bom. Um recomeço. Precisamos de um recomeço. Acho até que merecemos um.

Trocaram de roupas, arrumaram suas coisas nos sacos e desceram a escada, com os sacos nas mãos.

Enquanto Hermínia preparava o café, Kobeski pôs seu notebook na mesa da cozinha e o abriu. Digitou a senha s@piens. Clicou no ícone do Chrome, digitou o nome do site tulips.com. Informou a senha master e foi para o menu do administrador. Conferiu quantos clientes novos haviam se cadastrado nos últimos dias e quantas vendas haviam sido concretizadas. Pegou o celular e entrou no aplicativo do banco. Puxou o extrato e conferiu se o valor dos depósitos estava correto. Estava tudo certo. Ficou satisfeito. Muito satisfeito. Transferiu treze mil e oitocentos reais para a conta de poupança. Depois precisava contribuir com as obras de caridade da igreja. Ouviu vozes vindas do corredor. Cleópatra ficou imediatamente agitada e começou a latir ferozmente.

—Marcia. Paulo. Podem entrar. Pare, Cleópatra, eles são amigos, deixe de ser histérica e chata.

Eles deixaram a bagagem na varanda e entraram para a cozinha.

—A Hermínia preparou um café delicioso, fiquem à vontade. —Todos se sentaram à mesa. —Vocês conseguiram dormir bem?

Cada um foi se servindo de café, leite, pão, bolachas, margarina e queijo branco.

—Ah, sim. Eu estava tão cansada que dormi muito bem. Acordei agora há pouco, dormi direto. Mas ainda estou abalada.

Eles se sentaram. Cleópatra chegou perto de Marcia e disparou a latir de novo. Estava brava, mas Kobeski a pegou no colo e a acalmou.

—Eu também apaguei, —disse Paulo. —Dormi um sono só. Mas tive uns pesadelos. Sonhei que estava andando sozinho dentro da igreja, à noite, toda escura. E a igreja estava cheia de morcegos. Morcegos grandes e rabudos. Eles queriam me morder, aí eu tinha que correr, me esconder debaixo dos bancos, atrás do altar. Foi um sufoco.

—Depois do café vamos dar uma volta no calçadão. A maré já recuou, mas o mar ainda está agitado. A tempestade fez muito estrago. Vamos andar para refrescar a cabeça.

Yitzhak Ben-Gurion

Hermínia sentiu que tinha alguma coisa estranha ali.

—Padre, acho que as luzes da igreja estão acesas. Foi o senhor quem acendeu? — Hermínia estava nos seus afazeres. Kobeski engoliu, limpou a boca e respondeu:

—Foi sim, fique tranquila.

A resposta dele não foi satisfatória, ela continuou achando estranho. Ele tinha acabado de acordar, não tinha como ter ido lá. Ela olhou de novo para eles, pegou um balde e um rodo e foi para a lavanderia.

Paulo aproveitou o momento e disse:

—Queremos dar uma volta, mas precisamos mesmo é caçar o nosso canto.

O padre engoliu mais um gole de café, colocou a xícara na mesa e olhou para Paulo. Depois olhou para Marcia.

—Como? Caçar o canto? Qual canto?

—É, precisamos ir.

—Para onde vocês irão?

—Ainda não sabemos, mas precisamos ir. A verdade é que estamos sempre indo.

—Vocês precisam quebrar essa sina, precisam parar de andar sem rumo. Precisam ter uma casa, um lar, para poderem sonhar e construírem um futuro juntos. As coisas que levaram vocês a essa vida, os desastres, os infortúnios, precisam ser vistos como etapas do crescimento humano, não como o fim da vida. Que tal se darem outra chance?

—Tipo um recomeço?, —perguntou Marcia, com os olhos cheios de esperanças, levando um pedaço de queijo à boca.

—Tipo isso, —respondeu Arthur Kobeski, com um sorriso animador no rosto, olhando para ela, e depois para ele. — Kobeski ergueu os ombros e fez um gesto com as mãos para deixar claro que estava dizendo uma coisa óbvia.

Paulo ficou calado, apenas mordeu mais um pedaço de pão; mas o silêncio denunciou suas mais profundas esperanças.

—Não temos onde morar, não temos emprego. Não temos nada. Não somos ninguém.

—Posso tentar ajudar, se vocês quiserem. — O padre firmou os olhos neles enquanto se abaixava para dar mais um pedaço de bolacha molhada no café-com-leite para Cleópatra.

Marcia colocou mais um pedaço de queijo na boca, e em seguida sorveu outro gole de café. Estava pensando. Paulo apenas bebeu seu

café com leite de cabeça baixa. Alguém realmente estava interessado em ajuda-los.

—E como você pode nos ajudar?, — indagou Paulo, colocando a xícara de volta no pires.

—Vou tentar arrumar um emprego para vocês. Vou procurar um quarto para vocês começarem.

—Eu confesso que fico feliz, mas reconheço que tenho medo de recomeçar. Já estou acostumado com a derrota, não sei se saberei vencer. Já me acostumei com as portas fechadas para mim. O sucesso é para os outros. Para mim é só a derrota.

—Chamam isso de síndrome do cachorro vira-lata.

—É bem isso. É como me sinto depois de tantos anos vivendo de migalhas. As pessoas são muito egoístas, só pensam em si mesmas. Só pensam no lucro. As pessoas usam umas às outras como objetos para chegarem aos seus objetivos. É uma sina triste.

—Você tem razão, o ser humano é mesquinho. Mas você precisa acreditar em você mesmo, não pode se sabotar. Precisam entender que as coisas podem melhorar, se vocês tomarem as atitudes certas.

Terminando o café Kobeski pediu para eles guardarem de volta as coisas deles no quarto. Depois foram andar na praia. O céu estava bonito de se ver, um azul profundo, mas uma brisa gelada soprava insistente. Cada um colocou seu agasalho e foram para a rua. Atravessaram o pátio na frente da igreja e pararam para atravessar na faixa de pedestres.

—Achei lindo esse trem turístico suspenso, —comentou Marcia. — Lembra o da Disney. Nunca fui lá, mas já vi na internet. Ela estava olhando apenas a estrutura suspensa, o trem não estava passando.

—Deve estar fechado agora, por causa do temporal. —Marcia usava um casaco doado por Helena.

O mar ainda estava revolto, e cobria mais da metade da areia que normalmente ficava exposta. Ainda havia pela rua folhas e galhos que o vento derrubou. Algumas pessoas estavam limpando objetos que foram molhados. A água invadiu dois bares que ficavam de frente para a praia. A brisa fresca trazia esperanças de que o dia seria melhor que a noite.

—Essa pilastra tem o formato de uma pessoa, certo? —Perguntou Marcia a Kobeski, se referindo a uma das vigas que sustentavam os trilhos do trem.

Yitzhak Ben-Gurion

—É verdade. Cada pilastra dessas homenageia duas personalidades da história brasileira. Esse aí é o bandeirante Raposo Tavares. Atrás dele está o bandeirante Fernão Dias. Dois gigantes sertanistas que abriram fronteiras para o país. Os métodos deles são questionados hoje em dia, eu não concordo com o que fizeram. Escravizaram e mataram muitos índios. Mas na época deles isso era válido. E dentro do contexto deles, fizeram o melhor que puderam.

—De certa forma eles sustentaram o progresso do país, acrescentou Marcia. —Eu estudei sobre eles. Lembro-me de bem pouco.

—É bem isso, —concordou o padre, enquanto andavam devagar.

Paulo olhou bem no alto da pilastra e percebeu alguns pequenos furos, um do lado do outro.

—O que são aqueles buraquinhos lá em cima? Parecem casinhas de pombos.

—Na verdade não é bem isso. —O padre fez uma cara sarcástica, mas em seguida consertou e fez uma cara triste. —Aquilo é um incinerador de pombos.

—Santo Deus. —Marcia franziu a testa e fez cara de cética. —Incinerador? Tipo, assa os pombos?

—Tipo, transforma os pombos em cinzas que o vento leva.

—Misericórdia. É sério isso? —pareceu também não acreditar. Tentou rir, mas não conseguiu.

—É sério. No começo eu também achei o fim do mundo, mas depois concordei. Os bichos não sofrem; é uma morte instantânea. Viram cinzas, e o vento leva. Cada pilastra tem um aparelho daquele.

—Que nojento. — Marcia fez uma cara de enjoada e colocou a mão abaixo da garganta, pareceu que ia vomitar.

Kobeski apresentou a explicação dele.

—Esses bichos são bonitinhos, mas são uma praga, uma verdadeira peste. As pessoas nem imaginam as doenças que eles transmitem. Transmitem vírus que se instalam no nosso sistema nervoso e o destrói. Não tem cura. Eu vejo isso como matar mosquitos, ou bactérias.

Paulo olhou de novo, atentamente.

—Aquela ali deve estar com defeito. Tem um pombo lá dentro. Ele está vivo.

—Isso só é ligado à noite, quando eles procuram lugar para dormir. E também para as pessoas não verem o show. — Kobeski franziu o rosto e torceu as sobrancelhas para expressar que seria um show de horrores.

—Muitos ficariam chocados com a violência do método. Quando amanhece, o serviço já está feito, e ninguém percebeu nada. Fica todo mundo feliz. Menos doenças de pombos, mais pessoas saudáveis.

—Bem, vendo por esse lado, não parece tão desumano.

—Pode acreditar, isso tem feito mais bem do que mal à cidade.

Apesar dos vestígios do temporal, muitas pessoas estavam pedalando, e muitas estavam se exercitando na areia. Kobeski viu uma mulher de uns sessenta e poucos anos conduzindo uma *poodle* com uma guia, no calçadão, e desejou ter levado a Cleópatra.

—Santos é uma cidade que tem seus problemas, mas é um bom lugar para se viver. Vocês vão gostar. O casal olhou para ele com os olhos semicerrados por causa da luz do sol.

Kobeski sentia mesmo que era sua obrigação ajudar Marcia a voltar para os trilhos da sociedade civilizada. Não poderia deixá-la ir como se nada tivesse acontecido. Assim que chegou em casa ele fez quatro ligações. Conseguiu emprego para Paulo numa loja de veículos usados sem dificuldade, em São Vicente. Paulo chorou como criança quando Kobeski chegou à sala e deu aos dois essa notícia. Abraçou o padre numa demonstração de gratidão que este não se lembrava de ter visto igual. O padre ria de alegria, enquanto Paulo chorava pelo mesmo motivo. Marcia pareceu anestesiada no primeiro momento, não conseguia acreditar. Mas quando viu os dois abraçados, se rendeu aos abraços também. Hermínia estava passando na porta nesse momento, segurando uma caixa de sabão em pó. Quando viu a cena, parou, olhou, e ficou emocionada. Cobriu a boca num gesto de felicidade. Não disse nada, apenas saiu e continuou o seu trabalho.

Kobeski olhou para os dois, que estavam limpando as lágrimas dos olhos, e disse:

—Agora vamos conseguir um lugar para vocês morarem. E um emprego para você, Marcia.

Kobeski voltou ao quarto, onde era seu escritório, com o notebook na mão. Estava receoso. Conferiu tudo. Os ossos estavam no lugar. Precisava resolver isso, mas precisa descobrir ainda o que fazer. Não quis ficar, foi para a cozinha. Colocou o aparelho sobre a mesa, informou a senha s@apiens. Clicou no ícone do Chrome e pesquisou quartos para alugar em Santos e São Vicente. Apareceu uma lista com dezenas. Achou três opções interessantes. Ligou e marcou as visitas. Estava com uma boa quantia na poupança, dava para estruturar uma família. E não era uma família qualquer.

Yitzhak Ben-Gurion

—Fiquem aí à vontade, a Hermínia vai cuidar de vocês. Tenho umas coisas para resolver e estarei de volta mais tarde.

Ele entrou no aplicativo da Uber e chamou um taxi app. O primeiro endereço era no Canal Um, na rua Carlos Gomes, número cento e setenta e sete. Um prédio antigo, de três andares. Tinha uma sala, dois quartos pequenos, uma cozinha e um banheiro. O prédio estava decadente, mas a sala estava reformada. Os outros dois eram em São Vicente, um no centro e outro na Biquinha. O do centro estava com uma infiltração horrorosa na parede do banheiro. O da Biquinha estava na mesma condição do Canal Um. Ele optou pelo do Canal Um. Pagou três meses adiantados. Sentiu-se bem, sentiu o coração aliviado. Passou numa loja de móveis usados e comprou uma geladeira, um fogão, um armário e uma cama, e mandou entregar. Passou no mercado e comprou o básico para o primeiro mês, além de panelas e utensílios da lida diária. Não disse nada ao casal. Pela manhã Arthur Kobeski convidou-os para uma volta pela cidade. Chamou outro taxi app e rumaram para o Canal Um. Pediu ao motorista para ir pela avenida da praia para curtirem a paisagem. Paulo notou que alguns edifícios estavam fora do prumo, pendendo para o lado. Kobeski explicou que o terreno lodoso do mangue foi o culpado por essas inclinações nas construções mais antigas. Subiram o canal Um e entraram à esquerda antes da Carvalho de Mendonça. O motorista estacionou na porta do prédio e eles se aproximaram do portão.

—Quem mora aqui?, —quis saber Marcia, estranhando o passeio repentino e sem propósito.

—Dois amigos meus.

Ambos desenharam um sorriso simpático no rosto. Afinal, ele vinha sendo muito generoso com eles, precisavam compartilhar da alegria do padre.

Kobeski pegou uma chave e abriu o portão que dava para a rua. Eles acharam estranho ele ter a chave da casa dos amigos, mas ficaram calados. Subiram os degraus e chegaram ao primeiro andar. Havia seis apartamentos. O padre pegou outra chave e abriu a porta número quatorze. Eles ficaram observando. Ele torceu a chave e empurrou a porta. Eles ficaram imóveis, olhando para dentro do apartamento. Esticaram o pescoço, mas não viram ninguém. Olharam para o padre com uma interrogação entre os olhos. Kobeski estava com um sorriso contido no rosto. A barba grisalha estava bem baixa, dava para ver bem o formato da boca. Ele levantou as chaves com o dedo indicador e o

A História do Padre Kobeski

polegar e a mostrou para eles. A ficha ainda não tinha caído. Não esperavam tamanha demonstração de amor e humanidade, e nem que fosse tão rápida. De repente Marcia levou a mão direita à boca. Tapou a boca e o nariz para não gritar, e arregalou os olhos. Paulo também entendeu e deixou o queixo cair. Ficaram adormecidos.

—Você não fez isso. —Por alguns instantes Marcia não conseguiu dizer mais nada além destas palavras.

—Aqui moram dois amigos meus. Desde hoje.

Os olhos de Marcia se encheram de água. Ficou pasma.

—É de verdade? Nós podemos morar aqui? Quero dizer, é para nós mesmo?

Paulo entrou, calado, e ficou olhando para as paredes, para os móveis. Olhou para o padre. Estava sem reação. Deu dois passos e deu um abraço forte no padre.

—Obrigado. Obrigado mesmo, cara, você salvou a minha vida. Você salvou a nossa vida.

Paulo estava aéreo, parecia uma criança quando ganha a primeira bicicleta. Contemplou tudo arrumado e começou a chorar.

Yitzhak Ben-Gurion

Capítulo VII

“Sejam sóbrios; vigiem; por que o diabo, vosso adversário, anda ao redor, rugindo como leão, buscando a quem possa devorar. A ele resistam, firmes na fé, sabendo que as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos pelo mundo.”

Pouco mais de um ano depois de surgirem os primeiros sintomas de amnésia Kobeski começou a entrar numa crise existencial. A vida não estava no eixo que ele gostaria, e ainda poderia piorar muito. E se suas escolhas tivessem sido outras? E se tivesse lutado por seus objetivos como um valente? E se tivesse sido o homem forte e determinado que gostaria de ser? Se. Não sabia o que tinha pela frente, estava sozinho, uma vida solitária e monótona. Sentia uma vontade enorme de começar tudo de novo, de um jeito bonito, como um vencedor. Tudo do jeito como deveria ser.

–Hermínia, estou indo a São Paulo, tenho uma reunião com o bispo.

–O senhor volta hoje?

–Não, só amanhã. E por favor, cuide bem da minha Cleópatra. Se ela ficar tristinha, pegue ela no colo.

Ele pegou a cachorrinha nos braços e a acariciou. Alisou os pelos, deu alguns beijinhos e fez juras de voltar em breve.

Depois pegou uma sacola e uma mochila, que parecia pesada, e saiu. O taxi *app* o estava esperando na rua atrás da igreja. Ele entrou e o carro partiu. Continuou na rua Doutor Epitácio Pessoa, sentido Ponta

Yitzhak Ben-Gurion

da Praia. No final dela continuou pela avenida dos Bancários. O motorista entrou na rua do Peixe, e Arthur Kobeski pediu para descer na esquina da Avenida da Praia. Ele andou com a sacola e a mochila uns quinze metros, até um Jeep Compass branco, que estava estacionado.

—Está descuidada, poderia ter sido assaltada.

Helena Mesquita estava mexendo no celular, alheia ao mundo ao redor. Ela levou o maior susto. Colocou a mão no peito e arregalou os olhos. Soltou a respiração. Deu um sorriso espontâneo e sincero para ele.

—Você quase me matou de susto. Por que fez isso? Eu poderia ter um infarto, você entende?

—Queria que eu mandasse um arauto tocar trombetas para dizer que estava chegando? Você assustaria do mesmo jeito.

Ele também sorriu, e deu um beijo nela pela janela do carro. Abriu a porta de trás e colocou a bagagem. Deu a volta e entrou pela porta do passageiro. Deu um forte abraço nela e um beijo gostoso. Ficou olhando para ela através dos óculos.

—Você está a cada dia mais linda. Eu amo você e quero te fazer muito feliz, apesar das circunstâncias.

—Meu Arthur, você é muito importante para mim. Eu me sinto tão pequenina nos seus braços, tão consolada e tão protegida.

Ele sorriu, colocou um óculos de sol e um boné. Bem garotão. Ela ligou o carro e saíram. Ela entrou na avenida da praia à direita, fez um contorno à esquerda e foi para a balsa. Estacionou na fila de carros. Desligou o carro por que notou que teriam que esperar a próxima balsa para fazer a travessia para Guarujá. Um vendedor ambulante apareceu e ele comprou amendoins torrados e duas garrafas de água. Começaram a comer amendoins.

—Então os seus amigos já estão instalados?

—Sim, graças a Deus. O Paulo começou na loja de carros, está feliz. A Marcia, ou seja, a Bárbara, vai começar segunda feira na floricultura da dona Vanessa, aquela que te falei.

—Sei. Mas que coisa. Que história interessante. Se outra pessoa me contasse eu não acreditaria. Mais de quarenta anos depois você encontra, na condição de mendiga, uma mulher por quem você foi apaixonado na adolescência. Arthur, isso dá um filme.

Helena estava com uma cara de admirada com os acontecimentos, gesticulava para tentar se expressar melhor, enquanto comia os

amendoins e prestava atenção na fila à sua frente. No fundo não tinha certeza se deveria sentir algum ciúme também.

—Dá sim. —Kobeski estava se deliciando com os amendoins, mais do que com o assunto. —Como o mundo dá voltas. Tinham uma vida tranquila na época, e eu que precisava deles. Eu gostava dos pais dela. O pai era meio sério, não gostava de falar muito. Mas a mãe era uma simpatia. A Márcia disse que tudo virou carvão, inclusive os pais. Difícil imaginar uma coisa dessas. Às vezes eu fico pensando, nada é por acaso. Deus realmente escreve reto por linhas sinuosas. Eu saí naquela manhã para ver o mar, para respirar a brisa fresca. Eu nem vi os mendigos. Sempre tem mendigos ali. Ele me chamou e pediu comida. Normalmente eu daria alguma coisa na porta da casa e os despediria ali mesmo. Alguma coisa me moveu a chamá-los para entrar. Eles precisavam conversar, pedir ajuda. Estou feliz por ter podido ajudar.

—Então foi ela quem inspirou o nome do seu aplicativo.

—Foi ela.

—Devia ser linda. —Helena viu a balsa voltando. Os motoristas começaram a se colocar a postos. Afivelaram os cintos e Helena ligou o motor e o ar condicionado.

—Era muito linda. Não diria que era apaixonado, mas tinha uma admiração.

—Mas parece que mudou muito. —Helena disse isso em tom de provocação, motivada por uma centelha pequenina de ciúmes.

Kobeski percebeu o veneno e não respondeu, apenas sorriu discretamente, olhando para a embalagem dos amendoins. Era homem perspicaz e pacífico. Amassou a embalagem vazia e a colocou no saquinho de lixo. Mexeu a língua para limpar os dentes e limpou a barba e as mãos com um guardanapo.

—Fique tranquila, você é única. O seu reino não corre perigo.

Ela soltou uma gargalhada gostosa, espontânea.

—Espero que não, mesmo. —Ele também sorriu à vontade.

A balsa estava manobrando para receber uma nova carga de veículos. Todos os motoristas estavam com seus motores ligados. O manobrista deu sinal e a fila começou a andar para dentro da balsa. Ele ficou orientando e os motoristas foram se alinhando dentro da balsa, de modo a formar pequenas filas.

—Eu sempre fico tensa quando tenho que entrar nessa balsa. Lembra do acidente em que um homem caiu da balsa com o neto?

Yitzhak Ben-Gurion

A balsa começou a travessia. Um motor potente moveu um grande volume de água para trás e impulsionou a barca para frente.

–Lembro sim, ele avançou no momento errado e o carro caiu na água. Não gosto nem de pensar nessas coisas. Não sei como seria se fosse comigo.

–Deviam construir logo o túnel submarino, seria mais rápido e mais seguro.

–Isso não vai acontecer tão cedo, duvido.

–Mas, voltando ao assunto, por que você escolheu esse nome para o seu aplicativo?

A balsa continuava deslizando sobre a água para Guarujá.

–Tulipas. São as flores mais lindas que eu já vi. Eu tinha uma afinidade muito grande com as plantas, quando trabalhava na floricultura. Ficava hipnotizado quando chegava um carregamento de flores. Elas chegavam viçosas, exuberantes, cheirosas.

Do lado direito da balsa eles avistaram um navio gigantesco, abarrotado de contêineres, se alinhando para entrar no canal do porto. Assim que a balsa terminasse a travessia ele avançaria para descarregar a mercadoria. O piloto iniciou a manobra para aportar. Algumas pessoas que haviam descido dos carros durante a travessia já estavam voltando para seus assentos; a outra margem estava próxima.

–Essas lembranças sempre estiveram na minha memória.

–Tipo, no inconsciente?

–Isso. Então não foi uma escolha consciente. Mas teve outro fato que se somou a tudo isso. Eu li uma vez que na década de 1630, na Holanda, surgiu um mercado negro de tulipas.

–Mercado negro de tulipas? – Ela estava a postos no volante, dividindo a atenção entre a história e a movimentação da balsa.

–Um tipo de bolsa de valores de tulipas. As pessoas pagavam fortunas por um bulbo de alguma espécie rara. A mais rara de que se tem notícia foi uma branca com rajas vermelhas. Havia os pregões, e quem dava mais, arrematava. Teve gente que vendeu casa para comprar uma tulipa.

A balsa ancorou e os carros começaram a descer em Guarujá. O navio acelerou e foi se aproximando. Devia ter mais de trezentos metros de comprimento e mais de quarenta de altura; um colosso. Helena acelerou e desceram da balsa. Pegou a avenida Ademar de

Barros e foi, sentido Bertioiga. Passou perto da praia da Enseada, rumou para o Canto do Maluf.

–Essa história é maluca. Onde já se viu dar uma casa em troca de uma flor? –Helena fechou o semblante e pareceu horrorizada.

–Houve quebradeira também. Como no tempo das pontocom. Lembra? Hoje temos muitas pessoas apostando alto nas criptomoedas. Tem chance de repetir a bolha.

–Aí muita gente se dá mal, como sempre.

–Mas, até aí, muita gente já se deu bem, como sempre.

–A história se repete, é sempre assim. As pessoas nunca aprendem. Então, quer dizer que você gosta de meninas novas e lindas.

–Essa conclusão é equivocada, está contaminada com o rumo que a conversa tomou. Não é bem assim.

Helena ensaiou uma cara grave e definitiva, e disse, dividindo a atenção entre a direção e Arthur:

–Preste bem atenção, já passei dos meus vinte e poucos anos. Não estou mais tudo isso. Então eu não sou nenhuma tulipa.

Arthur engoliu um gole de água, limpou o bigode com o dorso da mão direita, e disse, sem olhar para ela:

–Uma, não. Você é a soma de todas as tulipas da minha vida. Arrematei você e quebrei a bolsa.

Helena soltou um sorriso do fundo da alma, coberto de contentamento, uma bela gargalhada. Olhou para Kobeski. Olhou para frente. Olhou para Arthur de novo. Depois ficou ligeiramente constrangida com a demonstração espontânea de afeição.

–Você me saiu melhor que a encomenda, Arthur. Você me deixou sem graça. Eu sempre quis ouvir isso de você.

–Eu sempre quis te dizer isso, assim, desse jeito.

Helena sentiu por um instante seu corpo flutuando, borboletando, como a Sininho, das histórias infantis. Ficou em silêncio um instante, absorvendo a sublime declaração de amor.

Já estavam terminando de atravessar Guarujá e estavam saindo do outro lado, para Bertioiga.

–Quer passar no shopping Jequiti?

–Por mim, não, vamos direto. E você, quer passar lá?

–Eu gostaria. Quero tomar um café, sei lá.

–Você quer é gastar dinheiro, provocou ele. Kobeski fez esse comentário e ficou olhando pela janela, vendo a praia da Enseada, de

Yitzhak Ben-Gurion

óculos de sol, com um sorriso de provocação no rosto. —Mas não acho uma boa ideia.

Helena torceu os lábios, olhando para frente, e fez cara de pensativa.

—É, você tem razão.

Ela estava de cabelo solto, brilhoso, atrás das orelhas. Usava um macacãozinho de algodão fino, cor azul-bebê, na altura do meio das coxas. Calçava um tênis branco com meias socket também brancas. Batom rosa, bem clarinho. Uma garotona atraente. Ele estava o tempo todo com a mão sobre a coxa dela, acariciando.

Passaram perto da praia de Pernambuco e seguiram para a balsa Guarujá-Bertioga.

Ao chegarem perto da balsa foram parados por uma pequena fila de carros. Desligou o carro e ficou esperando.

Ela olhou à direita do carro e viu uma mata fechada. Havia uma trilha estreita que subia serpenteando o morro. Viu um casal jovem subindo com dificuldade a trilha.

—Você conhece a Prainha Branca? É bem ali.

—Estive lá uma vez. Estava terminando meu curso de teologia. Tinha uns colegas que não tinham muita vocação, entende? Me chamaram para passar um feriado aí. Era doze de outubro. Era para estarmos em atividades em alguma igreja, mas eles não queriam saber de nada. Me chamaram para vir com eles. Eram três. O Humberto já faleceu. O Joaquim e o Denis combinaram com umas meninas de irem também. Três garotas. Não contaram comigo, eu decidi na última hora. Eu só soube das meninas quando chegamos aqui.

—Se soubesse das meninas você teria recusado convite?

—Claro que não. Eu sou de carne e osso. Fala sério. —Ela fez cara safadinha.

Ele olhou para ela e sorriu. Olhou de novo para a trilha e pareceu recordar alguma coisa. Essa trilha começava a menos de vinte metros do carro, à direita dele, e se estendia pela mata adentro, subindo uma pequena colina. Alguns mochileiros estavam parados ali, prontos para fazer o percurso, de algumas centenas de metros, a pé.

—As meninas trouxeram cigarros e cervejas. Duas eram muito lindas.

—Duas tulipas? —Alfinetou Helena, olhando de esguelha.

—Sim, tulipas raras. Subimos essa trilha segurando as sacolas. O Joaquim e o Denis já começaram a beber bem aqui. O reitor nunca descobriu.

–Você não bebia?

–Lá na frente peguei uma latinha. Não tinha pousada. Uma mulher nos alugou a casinha dela. Não tinha estrutura, mas era um lugar bonito. Ela puxou uma lona ao lado da casa, pois só tinha dois quartos.

–Arthur, você nunca me contou essas coisas. Nunca pensei que você tivesse uma vida assim. Estou surpresa.

–Você nunca me perguntou, e eu não vou sair por aí contando a minha vida. A mulher fez uma comida deliciosa. À noite cada casal ficou num quarto, um na sala, e eu fiquei na lona, sozinho. Eu estava quase dormindo, muito cansado, quando uma das meninas chegou perto da minha cama, completamente nua, com um copo de uísque na mão. Ela contou que o Humberto arrumou um monte de desculpas, falou que estava passando mal do estômago. Aí ela deixou ele lá e veio, para o meu quarto.

–E? – Helena arregalou os olhos e fez cara de curiosa, aguardando a bomba.

–A bola ficou quicando no chão na minha frente, aí eu chutei no gol.

Ela soltou uma gargalhada que veio lá do fundo do peito. Se não estivesse sentada no banco do carro teria rolado no chão de tanto dar risada. Ele também caiu na gargalhada, chorou de rir.

A balsa chegou e fizeram a travessia. Era meio dia e quinze. Resolveram passar no centro para almoçar.

–Acho melhor almoçarmos aqui, –sugeriu Kobeski.

–Concordo. Você prefere pizza ou comida?

–Comida, – respondeu ele.

Bem no comecinho da avenida Vicente de Carvalho encontraram o restaurante Acqua Azul. Ela estacionou e eles entraram. O garçom chegou à mesa.

–Eu vou querer espaguete com camarão, – disse ele ao garçom.

–Dois, – disse ela. –Isso me parece muito bom.

–E, por favor, me traga a carta de vinhos.

Kobeski trocou os óculos de sol pelo seu de grau, mas pegou um modelo quadrado, que tinha de reserva. E continuou de boné. Ele pegou o celular e ligou para o Hotel Ilha da Madeira Resort, na Riviera de São Lourenço, e confirmou que estavam a caminho.

Yitzhak Ben-Gurion

—E agora, o que você está pensando em fazer com os esqueletos? Foi mal eu ter te causado essa confusão. Eu nunca imaginaria que isso pudesse causar tanto problema.

—Você não tem que se desculpar, não foi culpa de ninguém. Aqui na baixada tem algumas tribos, vou ver se alguma delas aceitaria receber esses ossos. O problema é que eles têm muito problema com rivalidade entre si. Esses esqueletos provavelmente são de alguma tribo que vivia em cima da serra, que eram rivais das que viviam aqui na baixada.

—E se nenhuma aceitar?

O garçom trouxe a carta de vinhos e eles escolheram uma garrafa de um tinto português.

—Se nenhuma aceitar eu não sei o que fazer ainda. Preciso pensar. Não tive mais problemas depois daquela noite. Acho que as coisas não querem fazer mal a ninguém, só querem um lugar para chamar de seu. Afinal, nunca ouvi falar que tenham atormentado alguém antes de serem retirados no cemitério deles, lá em Pinheiros.

—Faz sentido. E acho que o Thomas foi a primeira vítima, certo?

—Sim, ele foi o responsável pelo desassossego deles. E depois dele você ficou responsável.

—E agora a batata quente está com você, certo?

—De certa forma sim. Eles estão na minha casa. Quer saber? Eu daria metade do meu reino para saber quem eram essas criaturas. Quero dizer, as pessoas que foram, como viviam, onde viviam. O que as levou a esse estado?

Um homem mais experiente teria se pintado para a guerra, mas Adumaré era apenas um jovem amante dominado pelos instintos mais básicos da nossa espécie. O sol já estava posto atrás da mata, e na aldeia o silêncio só era interrompido por poucas vozes contidas, algumas risadas de crianças, e pelas maritacas. No coração da mata alguns pássaros davam pios fortes que ecoavam longe. Adumaré sentiu, de repente, que não podia nem respirar mais alto, ou seria percebido. Sacou do alforje uma flecha que ele mesmo fizera. Durante sua caminhada, enquanto seu desgosto aumentava, resolvera mergulhar a ponta de suas setas num preparado especial, para que levassem o recado da sua vingança de forma fatal. Endireitou o corpo e se afastou o suficiente para manobrar o arco. Retesou o cordão do arco com uma flecha calçada nele, apontando para a rede. Inspirou fundo e o soltou.

A flecha voou, e foi girando, sem oscilar, até cravar no pescoço dela, atravessando a garganta do lado esquerdo para o direito. Um filete de sangue começou a esguichar. Antes de conferir o estrago puxou rapidamente outra flecha e mirou de novo. Itibirá estava se levantando para ver de onde estava vindo o líquido quente que escorreu no peito dele. A segunda flecha cravou debaixo do braço direito dele, e foi levar veneno até o pulmão. Botipoti ainda estava viva e consciente, mas não conseguia reagir, nem gritar. Itibirá viveu minutos suficientes para perceber que sua amada fora covardemente atingida, mas também não conseguiu reagir, nem salva-la. Percebeu sua aflição, sua angústia. O sangue estava bloqueando as vias respiratórias dela, estrangulando a respiração, causando sufocação. O peso dos dois corpos entrelaçados impedia que um ajudasse o outro. Adumaré correu até o braseiro onde haviam assado carnes e batatas, pegou um tição e voltou correndo para onde estava. Soprou as brasas para acender labaredas. Olhou pelas frestas e viu lá dentro o casal, agonizando. Pensou por um instante. Não teve piedade, jogou o tição sobre as palhas do telhado. Olhou de novo pelas frestas, sem nenhuma expressão de remorso, e saiu correndo pelo caminho de onde veio. Mergulhou no anonimato da escuridão. A brisa leve foi suficiente para manter as labaredas vívidas. Logo a cobertura da choupana estava ardendo em chamas. O cheiro de fumaça rapidamente alertou os habitantes que já estavam dormindo. Ficaram sufocados e olharam para ver onde estava o fogo. Os primeiros saíram aos gritos de seus aposentos. Em alguns segundos a aldeia toda já estava a postos, assistindo a um show horroroso.

—Itibirá. Botipoti. —Uma mulher de meia idade começou a gritar escandalosamente o nome do casal e saiu correndo em defesa deles. Vários homens atravessaram na frente dela e arrebentaram o cipó que fazia as vezes de uma fechadura. Dentro da choupana uma fina chuva de faíscas de fogo e cinzas caía sobre o chão e sobre a rede do casal. Ela estava imóvel, mas ele ainda se mexia. Tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Pendeu a cabeça para o lado e também ficou imóvel. Os homens gritavam uns aos outros, pedindo ajuda, dando ordens, direcionando o salvamento. Buscaram alguns potes de água. Arrastaram os dois corpos sem vida para fora da choupana. A mulher que estava gritando foi aos berros quando os viu. Urrava de angústia. Nesse momento o telhado todo desabou. Um dos homens que estavam lá dentro não conseguiu sair a tempo. Uma viga incendiada bateu na cabeça dele, e ele caiu inconsciente. As palhas em chamas o

cobriram por inteiro. Houve tumulto, desespero, gritaria. Muita comoção. Conseguiram resgatar o corpo todo desfigurado. Colocaram os três corpos estendidos no meio da aldeia. Os mais velhos ficaram chocados, e os mais novos, horrorizados. Nunca haviam presenciado tamanha tragédia. Duas mulheres se prostraram diante do casal, desesperadas. Não sabiam o que fazer com as flechas ainda cravadas nos corpos. Alguns homens se abaixaram para tira-las, mas hesitaram.

Depois de algum tempo olhando os corpos e as cinzas, finalmente entenderam que a desgraça não tinha volta. Então começaram a preparar a eterna despedida. Algumas mulheres buscaram ervas para lavar e embalsamar os mortos. Depois de um dia de festa, a noite foi toda um grande lamento. Prepararam, habilmente, duas grandes urnas de fibras de palmeiras. Em uma colocaram o homem queimado, e na outra, o casal. Os jovens foram colocados juntos, abraçados. Depois os envolveram com tiras de couro, de antas e de capivaras. As tiras foram colocadas desde os pés até à cabeça, para firmarem os corpos juntos. Deveriam passar a eternidade juntos. Ao amanhecer, as mulheres, ainda chorosas, colocaram muitas flores debaixo das tiras de couro. Alguns homens fizeram suportes para carregarem os corpos. Então pegaram os dois volumes de corpos e partiram para o interior da mata. A maior parte ficou na tribo, não podiam deixar a aldeia vazia. Seguiram o fluxo do rio, pela margem direita, e andaram duas horas até chegar a um lugar descampado e tranquilo, cerca de cem metros da margem do rio. Olharam para a direita e lá adiante havia uma colina, um elevado, onde os homens que vieram de terras muito distantes, em grandes embarcações, haviam construído uma pequena vila, e de lá partiam para procurar escravos e ensinar uma crença nova. No local havia formações geométricas de pedras que sinalizavam sepultamentos anteriores. Pegaram pedaços de madeira seca pontuda e começaram a escavar o chão. Fizeram duas covas e colocaram os mortos. Cobriram os corpos com pedregulhos, e depois jogaram terra até cobri-los totalmente. Dois dos homens que estavam ali se abraçaram e choraram. Estava pronta a nova morada do casal, onde passariam a eternidade. Uma nuvem de borboletas estava passando ali naquele momento. Talvez centenas de borboletas multicoloridas, e resolveram pousar sobre a terra revirada. Todos ficaram observando. As borboletas brincaram sobre a terra alguns instantes, subiam e desciam, umas sobre as outras, inquietas, brincalhonas. Depois foram embora.

As pessoas olharam umas para as outras, encantadas. Em seguida partiram, para suas casas. Levaram apenas a tristeza de volta.

–Você tem alguma explicação para isso?

–Isso o quê?

–Esqueletos que andam, mortos que voltam do passado.

–O diabo marca as pessoas. Ele usa as pessoas. Os ossos não fazem nada sozinhos.

–Tanto tempo assim?

–Tanto tempo assim. E você entende que, por conta disso, a história de pessoas que nem conhecemos passou a fazer parte da nossa história? O nosso destino não é fruto apenas das nossas escolhas.

–Você parece muito seguro do que está falando.

Ele olhou para ela, sorrindo, sem dizer nada. Olhou para a direita para apreciar os barcos pesqueiros que estavam atracados ali. Vários barcos, pequenos, médios, mas bem coloridos.

Pagaram a conta e pegaram a estrada para a Riviera de São Lourenço.

Atrás daqueles óculos de sol, debaixo daquele boné de playboy, tomando vento na cara e ao lado daquela mulher charmosa, ele era um homem feliz. Ela estava dirigindo. Olhou para a mão dele sobre sua perna e se sentiu amada.

Quem entra pela porta da frente da igreja do Embaré, à sua direita, entre o segundo confessionário e a última porta lateral, vai notar um oratório. Entre outros ídolos, vai notar no alto a representação de uma mulher, de tamanho próximo ao natural. Logo abaixo, uma mesa. Tudo ricamente trabalhado em madeira. A madeira, na bíblia, simboliza a natureza humana e suas limitações, suas fraquezas. Sua temporaneidade. Logo acima dessa mesa, na parede, havia uma faixa entalhada, na horizontal, com a representação de dois dragões. Suas bocas deixavam nítida a vontade de devorar. Suas caudas prolongadas denunciavam seu parentesco próximo com alguma serpente antiga. Aquelas patas de abutres, com andar desengonçado, caminhavam para a destruição. As asas transportavam traição, maldição e morte. Estavam na posição de espreita, à espera de alguém para sucumbir à sua maldade. Não eram apenas dois, tinha mais. E do outro lado da igreja, mais ainda. Um verdadeiro ninho de basiliscos.

Yitzhak Ben-Gurion

Eram onze e quinze da noite. Uma noite amena, calma e escura. As nuvens cobriam a fraca luz da lua. Um dos dragões mexeu a cabeça. Depois mexeu as patas. Mexeu de novo a cabeça. Deu uma chicotada com a cauda. Começou a se desprender da escultura de madeira, como se estivesse vivo. O outro dragão fez a mesma coisa. Ganharam vida, libertaram-se da madeira. Pularam para o chão. Um metro e meio de altura cada um. Ficaram agitados, deram pulos como abutres ao redor da carniça, agitaram as asas. Estavam se preparando. Estavam protegidos pela penumbra colorida das janelas de vidro. Todos os dragões se libertaram. Todos foram pulando até o altar—mor, perto do púlpito. Ficaram pulando como loucos, soltando um chiado horrível. De repente todos bateram asas e saíram, num voo desengonçado, cada um para uma janela. Tinham destinos previamente calculados. Atravessaram as janelas batendo asas, como se as janelas não existissem. De repente emanava do interior da igreja um silêncio sólido, um silêncio sombrio. Mas seus ídolos continuavam lá, estáticos, cínicos, insultando o mandamento antigo.

A janela do piso superior da casa paroquial, no final do corredor, estava aberta. Um grande pássaro de pele quase humana, bem enrugada, pousou nela. Tinha grandes asas e uma boca cheia de dentes, como um rato. Tinha uma cauda enorme que lembrava um dragão. Parou e ficou observando o interior do corredor. Tudo escuro, ninguém à vista. Estava tudo em paz no pátio da casa, apenas a luz da sala estava acesa, e o movimento de sombras dava a entender que a TV estava ligada. O pássaro pulou para o corredor, em silêncio, como um urubu. Parou e espreitou novamente. Virou à direita, para onde ia o corredor. Foi andando até à segunda porta, desengonçado, à sua esquerda. Virou a maçaneta com a boca, e a porta se abriu, com um pequeno rangido. Caminhou à esquerda, até uma arca de madeira, que estava posta junto à parede. Abriu a tampa com a boca. Deu um pulo desconjuntado e pousou sobre a borda da arca. Havia dois esqueletos humanos lá dentro. Dois mortos. Assim como dentro da igreja. Lá também havia um conjunto de mortos, personificados em estátuas, trazidos ao imaginário dos vivos com um propósito sórdido. Baixou a cabeça e lambeu os ossos com a língua pegajosa. Um visgo grosso e verde que lhe saiu da boca percorreu todos os ossos. Houve um momento de espera. Uma energia podre eletrizou cada peça. Os esqueletos se articularam e se mexeram. Ganharam ânimo e

compostura. Levantaram e se colocaram de pé, fora da caixa. Saíram do escritório e foram para o corredor.

Hermínia não quis deixar Cleópatra sozinha, então resolveu dormir na casa paroquial. O padre não se importaria com isso, estava fazendo um favor a ele. Assistiu às novelas e depois viu um filme, mas dormiu no sofá antes do final. Cleópatra estava aninhada no sofá entre as pernas dela. Havia uma latinha de cerveja quase vazia no chão, ao lado do sofá, que ela pegara na geladeira. A TV estava ligada, com volume baixo. A luz do teto estava apagada. Estava passando um filme de comédia de segunda categoria. Hermínia começou a sonhar que estava se sufocando. A maré subiu a ponto de entrar na casa paroquial, e ela estava debaixo d'água, se afogando. Um sonho terrível. Tentava respirar e não conseguia. Cleópatra notou a agitação dela e ficou nervosa. Pulou ao chão e ficou correndo para lá e para cá, mas não latiu. Sentou-se e ficou olhando Hermínia se debater sozinha. Às vezes mudava a cabecinha de posição, mas continuava observando, atenta. Hermínia estava se sentindo asfíxiada, mas não conseguia acordar. No pesadelo ela sabia que estava sonhando, mas não conseguia acordar para respirar. Na testa estavam brotando gotículas de suor. Logo o corpo todo estava suando, apesar da noite amena. Já estava havia alguns segundos sem sorver nenhum oxigênio. A agitação dela estava aumentando, e Cleópatra soltou um pequeno uivo de desespero. Hermínia caiu no chão, se debatendo com todas as suas forças, mas não conseguia respirar. O cabelo crespo esbarrou na latinha de cerveja e a derramou, encharcando o cabelo. Cleópatra tentou se aproximar para ajudar, mas instintivamente se afastou de novo. Hermínia começou a diminuir a agitação, suas forças estavam terminando. Seus lábios estavam roxos. Num reflexo extremo ela cedeu, bateu o corpo com força contra o chão e relaxou. Ficou ali, estática, com os olhos abertos. Cleópatra ficou ainda mais agitada, soltou outro uivo e parecia chorar, mas não sabia o que fazer. Então se aproximou do corpo imóvel e começou a lamber o rosto da mulher, parecia tentar reanimá-la. Fez isso com muita dedicação durante alguns minutos. Depois deitou-se sobre o braço dela. Estava desolada.

Outro pássaro pousou no topo de uma palmeira, na praça das bandeiras. Era quase meia noite. Ficou observando por alguns minutos os adolescentes lá embaixo. Um carro parou e desceram quatro jovens com garrafas de bebidas. Conversaram com os que já estavam lá e em

seguida abriram as garrafas e começaram a beber. Todos beberam, beberam muito. Quarenta e dois minutos depois, dois deles sacaram dos bolsos cigarros feitos à mão, e ofereceram. Todos fumaram. Abriram uma pequena caixa e ofereceram um cigarro para cada, e todos aceitaram. Fumaram e beberam por mais uma hora e meia. Estavam alterados, dominados pelas substâncias que se tornaram maiores que eles. Outro carro estacionou. Desceu um homem de uns trinta e poucos anos. Olhou para os lados, conferiu o ambiente e andou. Estava com os bolsos cheios de pequenos tubos plásticos, onde havia uma substância branca em forma de pó. Conversou um pouco com os jovens. Eles riram um pouco e se animaram. O homem recolheu dinheiro, entregou os tubinhos e saiu, discretamente. O pássaro desengonçado estava olhando, captando cada detalhe. Balançou a cabeça como se estivesse concordando com alguma coisa. Abriu as asas e ensaiou um voo. Tinha movimentos bem desengonçados. Fez um esforço e saiu voando, foi-se para alguma outra parte do mundo.

Outro grande pássaro, com dentes de rato e pele flácida, quase humana, pousou sobre o prédio da prefeitura. Seu rosto semi-humano causava náuseas. Ficou posicionado de frente para a Praça Mauá, como um maestro que vai reger sua orquestra. Lá embaixo havia poucos pedestres. Alguns mendigos já estavam alojados para dormir, no chão, nas escadas, nas bordas dos canteiros. Uma mulher ia atravessando a praça sozinha. Havia saído do trabalho. Dois adolescentes se jogaram na frente dela, vieram correndo com um estilete na mão. Anunciaram o assalto e puxaram a bolsa. Ela se assustou e recusou entregar seus pertences. Eles nem pensaram, passaram o estilete na alça da bolsa e cortaram o braço dela. A lâmina cortou uma veia e um nervo do pulso. A mulher, gritou, chorou, berrou, mas ninguém apareceu para socorrê-la.

Quatro mendigos começaram a discutir por causa de um local para dormir. Um casal estava deitado, e chegaram dois homens, reivindicando o lugar. Os dois homens estavam drogados e agitados. O casal se recusou a sair, pois haviam chegado primeiro. O bate-boca esquentou quando um dos homens pegou um pedaço de ferro pontiagudo de sua carroça de objetos recicláveis e ameaçou machucar a mulher. O companheiro dela, que estava deitado, levantou-se rapidamente com uma faca enferrujada e a cravou na barriga dele. O homem já caiu sangrando. Quando a polícia chegou o casal já não

estava mais lá. Na torre de uma igreja, ali bem perto, o relógio continuou marcando o compasso desconcertante da vida, para o corredor da morte.

Um carro novo parou ao lado da praça. Passava da meia noite. Um homem de pouco mais de quarenta anos pôs a cara para fora e sorriu para duas garotas que estavam paradas ali. As duas de minissaia. Uma de quinze e a outra de dezesseis. Ele falou alguma coisa e elas se aproximaram e sorriram. Continuaram conversando. O grande pássaro, de olhar cínico e cauda de serpente, continuava lá em cima do prédio, como uma gárgula. Despejava seu ranço sobre o mundo. Parecia consentir com o que estava vendo. As garotas deram a volta e entraram no carro, uma pela porta da frente e a outra pela detrás. O motorista acelerou e se foi com elas.

Um homem chegou no meio da praça, cauteloso. Sentou-se na borda de um canteiro, debaixo da sombra de uma árvore. Dentro de poucos minutos alguns mendigos chegaram e entregaram alguns trocados para ele, e cada um recebeu em troca uma pequena pedra, de um composto químico maligno.

Uma família muito fina estacionou o carro na porta do restaurante. Um veículo moderno e luxuoso. Era um sofisticado lugar de cozinha italiana. Desceram do carro o casal e dois garotos, um de doze anos e um de quatorze, todos muito bem vestidos. O homem tinha quarenta e dois, e a mulher, trinta e nove. Deixaram o carro na rotatória e atravessaram a rua, poucos metros do restaurante. Na praia, a poucas dezenas de metros, havia vários coqueiros. Lá do alto uma gárgula viva espiava. Quase viva. Observou atentamente cada movimento da família. Endireitou a cabeça, agitou as asas e soltou um chiado sombrio. Parecia que ia mergulhar em cima da família. Quando pisaram o limiar do restaurante uma caminhonete preta, com cabine dupla, parou abruptamente na rua, diante do restaurante. Vinha veloz. Desceram três homens armados. Imediatamente quatro homens, também armados, saíram de um carro logo atrás do carro da família. Os que desceram da caminhonete começaram a atirar na família, mas foram interceptados pelo outro grupo. O homem com a esposa e filhos sacou uma arma e se escondeu atrás da porta, e fez sinal para a família entrar correndo. Os dois grupos começaram a trocar tiros, mas o primeiro chegou até à porta e deu vários tiros no rumo da família. A mulher começou a correr para dentro do restaurante, mas levou um tiro pelas

costas. O mesmo atirador correu atrás do garoto mais velho e o acertou na cabeça. O mais novo se abaixou e se misturou por entre os outros clientes. O Restaurante estava cheio, uma música suave dava um tom de tranquilidade ao ambiente. Começou um alvoroço. O homem continuou atirando. O primeiro grupo de atiradores sentiu que estava sendo cercado, e então recuou. Um deles levou um tiro no ombro, mas conseguiu entrar na caminhonete. Um atirador do segundo grupo chegou perto da caminhonete e conseguiu acertar a cabeça do motorista. O passageiro da caminhonete puxou o morto para o lado e assumiu a direção. Continuaram trocando tiros e a caminhonete saiu. O garoto mais novo entrou debaixo de uma mesa e foi, passando de uma mesa para outra. Uma mulher de meia idade o viu, desesperado, e o acolheu.

- Venha, garoto, fique aqui. O que está havendo? – A mulher tremia.
– Aquele que está atirando é seu pai?

O garoto estava tremendo, não conseguiu responder. Apenas disse que sim com a cabeça. Continuou encolhido enquanto as balas quebravam copos, garrafas, pratos. A agitação aumentou e houve grande gritaria. Pessoas correndo, mudando de lugar, deitando-se no chão. Muita bagunça. Mesas caídas, talheres e pratos espalhados pelo chão, comida jogada para todo lado. O homem do caixa conseguiu ligar para a polícia. Uma cliente e um garçom foram baleados e caíram. O marido da mulher, um homem grisalho e de barba, se ajoelhou no chão e abraçou o garoto, para o acalmar. Estavam todos em pânico.

–Vai ficar tudo bem, não tenha medo.

–A minha mãe, mataram a minha mãe. Ela está morta.

–Ela não está morta, apenas machucada.

O homem olhou para a esposa com olhar pesaroso, enquanto abraçava o garoto. Lá fora o tiroteio estava diminuindo. O motorista da caminhonete acelerou de novo e saiu cantando pneu. Os homens do outro grupo entraram no carro e os perseguiram por dois quilômetros. Houve mais trocas de tiros, pessoas baleadas na rua, acidentes de carros. Mas não conseguiram detê-los.

A gárgula viu tudo. Balançou a cabeça algumas vezes e abriu a boca sem lábios. Pareceu um gesto de satisfação, um sorriso sem alegria. Aprumou o corpo tortuoso, abriu as asas e voou. Mergulhou na escuridão e desapareceu. Um homem que andava solitário pela praia viu o grande pássaro voar, mas não soube identificar se era um urubu

ou um grande morcego; seus olhos estavam embaçados, e estava bêbado demais para tirar qualquer conclusão.

Arthur Kobeski e Helena Mesquita chegaram ao Hotel Ilha da Madeira Resort, na Riviera de São Lourenço, às duas e quinze da tarde. Fizeram *check in* e foram para o quarto. Ele jogou a bagagem no chão e a apertou contra a parede, ao lado da porta. Deu-lhe um abraço gostoso, como só os verdadeiros amantes conseguem dar. Beijou a boca dela, as orelhas, o pescoço. Foi se abaixando e ela foi ficando sem fôlego.

—É muito bom estar aqui com você, —ele disse, tentando se conter.

—Também estou feliz. Obrigada por estar aqui comigo. Fizemos uma ótima viagem. Agora vamos aproveitar. Preciso de um banho. Hoje está muito quente.

Ajeitaram a bagagem no canto da cama e foram tomar banho. Ele tirou a roupa dela, peça por peça. Depois ela entrou debaixo do chuveiro e ele esfregou o sabonete, suavemente, no rosto dela, no pescoço, nos seios. Depois se ajoelhou e lavou as pernas dela, os pés. Depois de se lavar ele a enxugou primeiro. Foi até sua bolsa e pegou um embrulho prateado. Dentro havia uma caixa, também prateada. Ele a entregou para ela. Ela fez cara de surpresa. Mordeu levemente o lábio inferior, revirou os olhos para mostrar que estava tentando adivinhar o que havia dentro. Não conseguiu. Abriu, ansiosa, a embalagem. Era um conjunto de *lingerie* rosa-claro. Ela ficou exultante. Abriu um sorriso do fundo do coração e o abraçou. Eles se abraçaram e se beijaram. Ele pegou o conjunto e a vestiu. Primeiro a calcinha, como um cavalheiro. Depois o sutiã. Então ele a pegou pela mão e a levou para a cama. Ele a empurrou com carinho, apertou o dedo indicador na testa dela, e ela se jogou na cama. Ele se deitou ao lado dela e começaram um jogo de delicadezas. Conversaram um pouco. Ele a beijou de novo. Beijou a testa, a mão, o braço, o ombro. Ele se jogou para cima dela e a dominou. Ela ficou estática, ficou séria. Em seguida sorriu e se fez de dominada. Ficaram nesse jogo de delícias um bom tempo, até não aguentarem mais. Depois dormiram uma hora e vinte minutos, exaustos.

Arlete estacionou seu Fiat Siena preto na porta do prédio de Renata. Apertou o botão do interfone e esperou.

—Sou eu, estou te esperando.

Yitzhak Ben-Gurion

Renata desceu e encontrou Arlete, de pé em frente ao portão. Trocaram cumprimentos e beijos.

—Que hora mesmo vai ser a sessão?

—Três e meia. Estou com medo.

—Não precisa. Você está sofrendo por antecipação, isso é tortura, é sofrimento desnecessário. Manter a calma e a sobriedade é tão importante quanto o tratamento em si. Você precisa entender isso. Eu tentei ligar para a Priscila, mas ela não atende o telefone.

—Eu entendo, mas continuo com medo. O Alan vai nos encontrar lá. Ele está saindo de uma reunião, e vai ser mais rápido ir direto.

—O pessoal da Santa Casa é legal, vou te apresentar para eles. Vão cuidar de você com carinho.

Renata ia fazer sua primeira sessão de radioterapia. Estava nervosa e insegura. Chegaram à recepção da Santa Casa com oito minutos de antecedência. Renata apresentou a carteirinha do plano de saúde, identidade e fez a ficha. Ela já tinha terminado o protocolo quando Alan chegou. Ele a abraçou e tentou animá-la. Ela ouviu o nome dela pelo autofalante e foi até à sala do tratamento. A apreensão dela aumentou, mas aumentou também a determinação de lutar pela vida. Deitou-se e o técnico ligou o aparelho. Ela procurou relaxar. Tentou se lembrar de coisas boas. Uma vez ela fora convidada para ser madrinha de casamento de uma amiga, Letícia Bizinoto. Quatro anos antes. Ainda não namorava Alan, então fora com um irmão da noiva. Foi uma linda festa, o noivo tinha uma concessionária de veículos. Foi tudo de primeira qualidade, na Mansão da Ilha. Coisa linda, o sonho de toda noiva. A noiva tinha uma prima que não deve ter recebido uma boa educação, pois chegou perto da mesa de docinhos e, sem muita cerimônia, puxou vários doces para dentro da bolsa. Renata estava perto e viu tudo. A moça já tinha um saco plástico dentro da bolsa. Fora premeditado. Renata sentiu vontade de fazer a mesma coisa, mas seus escrúpulos não permitiram. Muita variedade de pratos, muita fartura, muito luxo e muito desperdício. Mas, afinal, para que uma festa tão opulenta? Onde está o limite entre a decência e a ostentação? Para onde iriam todos aqueles balões? E as flores? E as comidas e as bebidas? Tinha suficiente para o dobro de convidados. As pessoas não precisam de tudo isso. Mas a Letícia estava radiante, parecia estar muito feliz. Renata sentira um pontinho de vazio no coração. Estava ali com um par emprestado, não tinha ninguém, era sozinha. Certamente seria

muito bom ter alguém para compartilhar a vida. As alegrias e as derrotas.

Desde cedo se sentiu sozinha no mundo, se tornara batalhadora por necessidade. No meio daquela música alta, daquelas pessoas gritando, falando alto, dançando, bebendo. No meio da solidão daquela festa ela desejou ter um marido, um companheiro e cúmplice para toda a vida. Alguém com quem pudesse contar nas horas difíceis, nos momentos de dor. Nem precisava uma festa daquele porte, estava acostumada às coisas simples. De repente a música da festa sumiu e ela ouviu o som do aparelho radioativo, onde ela estava. Agora, pelo menos ela tinha Alan. Um bom companheiro, um homem educado, fiel e prestativo. Mas essa doença podia pôr fim aos sonhos dela. Como seriam os próximos dias? E os próximos meses? E se não aguentasse o tratamento? E se não pudesse ser mãe? Ela teria que ser fiel ao tratamento, iria fazê-lo até o fim. Não ia desistir, pois isso não fazia parte da índole dela. Não ia morrer na praia depois de tanta luta.

–Terminou, pode se levantar. Passe na recepção e marque a próxima sessão.

Renata estava meio zozna, com um leve enjoo. Pegou sua bolsa e calçou a sandália. Endireitou o corpo, fechou os olhos, respirou fundo e saiu. Venceu a primeira batalha.

–Como foi? – Perguntou Arlete. – Como você está?

–Está se sentindo bem?, – perguntou Alan.

–Estou bem sim, deu tudo certo. Se for sempre assim, está bom.

Alan se aproximou para dar um beijo nela, mas ela hesitou. Por um instante teve receio de que seus lábios estivessem com gosto de alguma substância química. Mas logo percebeu que isso não fazia sentido. Então disfarçou e deu o beijo nele. Ele achou estranho, mas não questionou nada.

–Vamos comer um sanduiche na praia amanhã à noite?

–Boa ideia, eu topo, – respondeu Renata, com ar de aliviada. – Preciso ocupar meu tempo, não quero chegar em casa e ficar sem fazer nada.

–Não sei se vou poder ir. – Alan olhou para as duas com expressão de pesar. – Tenho uma audiência amanhã à tarde. Mas se terminar a tempo eu vou também.

Arlete se despediu e Renata agradeceu a preciosa companhia da amiga. Renata perguntou a Alan se poderiam ir ao Toninho do Bacalhau comer bolinhos de bacalhau, no Embaré. Ele concordou e

Yitzhak Ben-Gurion

combinaram ir para casa trocarem de roupas. Ele a pegaria em casa às sete e meia da noite. Às sete e trinta e cinco ele apertou o interfone do prédio.

–Só falta pentear o cabelo, já vou descer. Você quer subir?

–Não, vou esperar aqui. – Ele sabia que se subisse a demora seria maior.

Alan estacionou na Oswaldo Cochrane, a vinte metros de distância do restaurante-bar.

–Ainda bem que o bar não está muito cheio. – Renata estava puxando uma cadeira para se sentar, na calçada.

–Ainda não, mas deve encher daqui a pouco. O que você vai querer?

–Bolinhos de bacalhau, lógico.

–Quatro para cada?

–Para mim está bom. A gente podia ter convidado a Arlete e o Michel. Poxa, nem lembrei. Ela foi tão prestativa comigo hoje.

–Verdade. Mas vamos ter outras oportunidades para retribuir. E para beber?

–Suco de goiaba. A Pri também. Ela anda muito solitária. – Alan fechou o semblante e abriu o cardápio. Passou o dedo sobre uma página qualquer e fez um comentário para mudar de assunto.

–Outro dia, hoje podemos ficar só nós dois. Você tem notícias do Michel?

–A Arlete disse que ele deu entrada num apartamento no Canal Dois. Ela está muito feliz. Como ficou a sala do seu escritório? Vocês vão conseguir compra-la?

–Vamos sim, ganhamos duas causas bem robustas na semana passada. Ainda faltam algumas burocracias, mas acreditamos que vamos pegar uma bolada nos próximos quinze dias.

–Que bom, parabéns. Qual a sua expectativa com relação ao meu tratamento? Quero dizer, não é o que você esperava, certo?

–Que pergunta sem cabimento. Já vi que você está insegura. Não é por aí. Ninguém espera ficar doente, mas se ficar, é só fazer o tratamento. Eu não tinha certeza que íamos ganhar essas causas, e ganhamos as duas. Já perdemos também. Mas é do jogo. Não desista de acreditar em você.

–Eu sei que você fala assim para me animar, mas no fundo sei que isso te incomoda.

–Olha, essa conversa está ficando chata. Pode acreditar, eu estou com você, só tenha mais segurança em você mesma.

A História do Padre Kobeski

—É que eu só tenho você, sabe. Eu confesso que tenho medo que isso te desanime. É um tratamento de alto risco.

—Eu sei disso, eu entendo, mas não quero ver você triste, se lamentando. Cadê a Renata batalhadora? Cadê a Renata forte?

—Acho que ela está meio abalada. Ela precisa de você agora.

Renata pensou em falar sobre casamento, projetos para o futuro, mas ficou receosa, achou melhor deixar para outro momento.

—Você pode contar comigo, amor.

Ele sorriu e pegou a mão dela com carinho.

—Está vendo o prédio do Dia?

Renata olhou para trás para ver o que Alan estava dizendo, em cima do prédio do supermercado.

—O que tem ele?

—Assim que saímos do carro, eu tenho certeza que vi um morcego gigante, pousado lá em cima. Agora não está mais lá.

—Morcegos não pousam de cabeça para baixo?

—Ah, sim. É verdade. Mas, então, o que era?

—Um urubu?

—Não era urubu. Mas era muito grande. Estava olhando para nós.

Arthur Kobeski e Helena Mesquita se levantaram e resolveram dar uma volta no Riviera Shopping, para aproveitarem o restante da tarde. Ele vestiu calça de sarja bege, camiseta tipo polo azul marinho e sapato casual. Ela pôs um vestido comportado, de figuras geométricas em preto e branco, sandália baixa prateada e bolsa branca da Hugo Boss. Ela ligou o carro, andaram um quilômetro e meio, e estacionou. Estava um final de tarde claro e ameno. Foram direto para a Amor aos Pedacos, ela estava louca para comer bolo de fubá cremoso. Ele preferiu bolo de banana. Estavam famintos. Conversaram um pouco sobre política, sobre economia. O mercado imobiliário estava dando sinais de expansão, e o Pedro estava planejando construir um shopping na zona sul de São Paulo.

—O Pedro está se dando muito bem sem o pai, é um homem muito competente. Duas empresas de engenharia o procuraram para fazerem um consórcio e construir um shopping na zona sul. Estão fazendo pesquisas de mercado para avaliar a viabilidade.

—Quando eles virão te visitar? Estou com saudade das crianças.

—O Pedro deve vir de novo na próxima semana, tem mais papéis para eu assinar. As meninas não marcaram. Se demorarem, eu vou

Yitzhak Ben-Gurion

visita-los. Não quero ficar muito tempo sem vê-los. Sinto falta das crianças, e sei que elas também sentem minha falta.

Helena baixou os olhos para a mesa, sobre os pratos vazios, e fez uma cara introspectiva. Nos pratos havia apenas os garfos sujos e guardanapos amassados. Recolheu qualquer noção de sorriso. Pegou outro guardanapo e limpou novamente a boca. Olhou para o papel e viu o resto de batom nele. Amassou-o e o colocou dentro do prato. Cruzou as mãos sobre as pernas, debaixo da mesa e perguntou, olhando nos olhos dele. Ele parecia feliz.

—Nossa vida vai ser sempre assim, às escondidas?

Ele olhou para ela sem expressão. O sorriso escorreu para debaixo da mesa. Estendeu as mãos sobre a mesa, dando a entender que queria segurar as mãos dela. Ela respondeu ao gesto e ele as segurou. Ele ficou olhando para as quatro mãos entrelaçadas. Fez carinho nas mãos dela. Tentou sorrir, mas não conseguiu. A pergunta dela atingiu como uma faca o coração dele. Ele estava calado, procurando uma resposta que fosse satisfatória para os dois, mas não conseguiu encontrar. Suspirou. Puxou a mão direita dela e a beijou com carinho, ainda sem falar nada. Beijou cada dedo, depois repetiu o gesto, mas sem olhar para ela. Ele estava engasgado. Ela percebeu e resolveu salva-lo de sua própria impotência.

—Quero comprar uma sandália e um vestido. E talvez umas lembrancinhas para as crianças. Você me ajuda a escolher?

Ele tirou os óculos e enxugou os olhos com os dedos. Colocou de novo os óculos e respondeu:

—Claro que ajudo. Sempre. Foi para isso que eu nasci. — Ele sorriu e ela respondeu ao sorriso para quebrar o gelo.

Saíram dali e começaram pela Carmen Steffens. Ela não comprou nada para as crianças, mas comprou um vestido, uma sandália, um sapato, uma bolsa e três pares de brincos. Ele comprou uma camisa social e uma calça jeans, e um presente para ela.

—Podemos comer massas hoje?, — perguntou ele, sem olhar para ela, segurando várias sacolas, quando saíram da última loja.

—Claro que sim. Aqui?

—Não. Eu vi no site, tem uns restaurantes bons na região. Vamos para o hotel, deixamos as compras e trocamos de roupas. Pode ser?

—Ótimo. Depois de uma sobremesa, preciso mesmo de algo salgado. Vou querer espaguete à carbonara. Hoje estou liberta da

minha dieta. – Ela fez biquinho e juntou os olhos para parecer vesga. Ele sacudiu a cabeça e sorriu do gracejo dela.

–Eu é que estou precisando entrar num regime, minha barriga está ficando saliente.

–Os padres geralmente são barrigudos, você ainda tem muito crédito, – respondeu ela, fazendo graça.

–Não quero ser um padre comum, preciso me cuidar. Afinal de contas, estou muito bem acompanhado e não quero relaxar.

Ela clicou no botão da chave para desativar o alarme. Ele abriu o porta-malas e guardou as sacolas. Ligou o carro e foram para o hotel, conversando sobre queijos e vinhos.

O quadro clínico dele continuou progredindo e a memória ficava cada vez menos útil. No lugar da memória estava surgindo um campo de batalha onde haveria embates frequentes entre sonhos e realidade, e a sua impotência o levaria fatalmente a tragédias. Um labirinto que retardaria a morte pelo puro prazer de fazê-lo sofrer, de vê-lo definhar. Pouco mais de dois anos depois dos primeiros sintomas Kobeski precisou ficar internado. Sua irmã Lucia foi quem o acompanhou e deu todo apoio. Foi então que tomou plena consciência de que estava entrando num beco sem saída. Até então procurava se manter alheio a esse assunto, fingia que nada estava acontecendo. Foi um baque. O médico foi bem claro, era uma doença com fortes características genéticas, e ele fora escolhido dentro de um emaranhado de fatores de probabilidades. Era se preparar para o pior. Desde então começou a criar situações imaginárias, começou a tecer hipóteses de situações que poderiam lhe acontecer. Tragédias, calamidades, infortúnios, catástrofes. Tudo o destinava a uma irremediável impotência e degradação. Mas seria mais fácil absorver as fatalidades se as projetasse em outras pessoas. E mais fácil ainda se se colocasse como vítima de escolhas diabolicamente planejadas. Afinal de contas todo dia muitas pessoas são separadas para sofrer, são escolhidas a dedo por seres infernais que ficam por aí vagando, espalhando maldade. Pelo simples prazer na maldade. Não foi assim com aquele homem dos espíritos do livro de Marcos? Não foi assim com a própria Eva? Agora mesmo, neste exato momento vários seres sinistros estão espalhados pelo mundo para transformar a vida de muitas pessoas num inferno, vivem para isso, têm nisso a sua função única de vida. E nunca será uma pessoa só a sofrer, muitas irão sofrer juntas.

Deixaram as compras no quarto, puseram roupas mais elegantes e saíram. Ela conseguiu vaga a cinquenta metros da cantina, que estava a poucos metros da praia. Chegaram de mãos dadas, um verdadeiro casal. Ele trajava calça e camisa social, e sapato de couro. Ela, um vestido justinho, verde escuro, todo trabalhado com babados cor de goiaba e detalhes em vermelho. Tentou ser discreta. Pediram uma mesa mais ao fundo do restaurante, perto da parede à direita. O garçom ofereceu o cardápio. Um rapaz bem jovem, magro, baixo e cabelos pretos. Usava um avental e tinha postura elegante.

–Eu não conheço o senhor?, – perguntou o garçom, olhando sorridente para Kobeski. Ele procurou avaliar todo o semblante do cliente.

Kobeski gelou. Helena ouviu e olhou apreensiva para ele, temendo o que ele responderia. Suspirou e consertou o corpo para observar as próximas palavras.

–Acho que não. Mas meu rosto é mesmo muito comum, muitos me confundem. Isso já me aconteceu várias vezes.

–O senhor não trabalhou na última novela das sete? Não me lembro o nome do personagem. Não acompanhei a novela, vi apenas algumas cenas; é que eu trabalho à noite.

–Não, não. Nem consegui terminar meu curso de teatro e dramaturgia, nunca fui bom nisso. – Kobeski deu uma risadinha forçada para disfarçar o nervosismo.

–Desculpe o incômodo, é que achei muito parecido mesmo. Aqui vem muita gente famosa, confidenciou o rapaz em voz baixa.

–Não tem problema. Mas se me derem uma chance de ser ator, acho que vou aceitar sim, pagam muito bem. Eles têm uma vida muito confortável.

Os três riram educadamente. Kobeski e Helena ficaram aliviados e fizeram o pedido.

–Que susto, – confidenciou ela, com ar de aliviada. Esfregou o rosto, apertou os olhos e suspirou, com as mãos sobre a boca.

Ele apertou os lábios e suspirou também, dando a entender que também passou um apuro. Mas não disse nada.

–É um grande prazer estar aqui com você. – Ele se declarou olhando nos olhos dela, sem os óculos. – Apesar do susto. – Sorriu gentilmente. –Você resgata a minha vida todo dia. Eu amo você.

Ela se encolheu, apertou os lábios e marejou os olhos de felicidade. Ficou sem saber o que responder. Era tudo o que ela gostaria de ouvir. Era tudo o que ela gostaria de viver. Ela se sentiu pequena diante daquele grande homem. O garçom voltou com uma sugestão de vinho e eles pediram um tinto italiano. Brindaram e beberam à maturidade e ao amor. O ambiente estava gostoso. Lá fora o clima estava ameno, mas dentro do restaurante a temperatura estava aconchegante. Uma música tranquila pairava no ar. Quase não havia mesas vazias. Enfim, chegaram os pratos. Ela era uma mulher muito elegante, e ele apreciava isso. Ele era um homem original em suas palavras e na sua maneira de pensar, e ela o admirava. O espaguete estava no ponto que ela apreciava, bem firme. O bacon estava bem frito, em pequenos cubos, e magro. Ele colocou um pedaço de lasanha na boca e sorriu para ela. Ela se fez de tímida e desviou o olhar. Ele ouviu barulho de pneus freando na rua e olhou para a porta. Ela acompanhou os olhos dele e se virou para trás, olhando sobre os próprios ombros. Uma mulher e dois adolescentes entraram correndo. Outras pessoas também olharam para a porta. Ouviram um estampido seco. Ele olhou novamente para a porta, assustado. O burburinho das pessoas conversando e rindo, cessou.

—Isso foi um tiro? — Helena limpou a boca com um guardanapo e perguntou, olhando de novo para a porta. Estava séria.

—Parece que foi.

A mulher que entrou correndo caiu sobre uma mesa. Os garotos continuaram correndo para o interior do restaurante. O maior parou para ver o que acontecera com a mãe, mas o outro não parou. Os clientes da mesa viram sangue no ombro dela, ficaram assustados e se levantaram. Um homem entrou correndo com uma pistola, viu o garoto parado e foi até ele. Deu um tiro certeiro na cabeça. Houve alvoroço geral, o pânico começou a se instalar. Algumas pessoas ainda estavam tentando entender a situação, mas outras estavam tentando se esconder ou se abaixar. As pessoas que estavam mais perto ficaram horrorizadas com a brutalidade da cena. O corpo do garoto caiu sem vida, e o homem percorreu o salão com os olhos, procurando o outro, mas ele havia se enfiado debaixo de uma mesa. Um tiroteio começou do lado de fora. Helena ficou desesperada. Abraçou Kobeski e se jogaram ao chão.

—Será que a polícia chegou? Estão trocando tiros lá fora. O que está acontecendo?

Yitzhak Ben-Gurion

—É o que parece, — respondeu ele com semblante preocupado. Ele a abraçou para a proteger.

—Assalto ou briga de gangues.

Saiu de debaixo da mesa, à frente deles, o garoto que entrara com a mulher que fora baleada. Veio gatinhando. Estava assustado, tenso, desamparado. Os olhos cheios de lágrimas.

—Garoto, se abaixe, — ordenou Kobeski em tom paternal. — Cadê o seu pai?

—Olhe, ele está lá perto da porta. Estão tentando atirar nele. A minha mãe morreu. — Ele desabou a chorar. — Vocês viram o meu irmão? Ele é maior que eu. Acho que ele morreu também.

—Fique tranquilo, ele deve estar por aí. Daqui a pouco vai ficar tudo bem. — Helena abraçou o garoto, ainda agachados, e olhou gravemente para Kobeski, um olhar que era mais um pedido de socorro para o garoto.

Ouviram mais tiros. Dois homens entraram atirando para acertar o pai do garoto, mas ele estava armado e revidou. Os tiros acertaram nas mesas e quebraram muitos copos, pratos e garrafas. Alguns clientes ficaram feridos. Um garçom que tentou acudir uma mulher foi baleado e caiu. O tiro seguinte acertou fatalmente a mulher. Ouviram mais pneus cantando. O ronco de pelo menos dois motores impressionou os clientes e funcionários pela potência. De repente os motores sumiram. A balbúrdia cessou. Todos ficaram receosos de se levantarem e preferiram esperar um pouco. O garoto pediu que queria ir até o pai, mas o homem havia sumido. Então Helena não permitiu que ele saísse, pediu para ele esperar um pouco.

Arthur Kobeski olhou para o garoto e não resistiu:

—Quem é o seu pai? Onde vocês moram?

O garoto ficou calado um instante, soluçando. Estava desolado.

—A gente mora em São Paulo. A gente só queria passear um pouco. Era aniversário da minha mãe. Aí meu pai comprou passagens para a gente ir para a Espanha semana que vem.

O burburinho de pessoas se perguntando o que estava acontecendo começou a aumentar, mas poucos se arriscaram a ficar de pé. Alguns estavam em choque. Algumas pessoas se levantaram para prestar socorro aos feridos. O urro de um dos motores voltou e veio se aproximando. Ouviram uma freada brusca. Três homens entraram correndo, com armas em punho, dando ordens a todos. O da frente fez uma varredura visual e localizou o garoto, e foi correndo até ele.

–Pai? A mamãe morreu? Cadê o Henrique?

O homem abraçou o garoto, enquanto olhou para Arthur Kobeski e Helena com olhos ameaçadores. Pegou na mão dele e saiu sem falar nada. Passou pelo filho morto e parou. No seu olhar havia uma mistura de ternura e ódio. Olhou para a esposa sem vida, fechou os olhos e algumas lágrimas escorreram. Sacudiu a mão com a arma num gesto de desespero. O garoto ficou em choque ao ver os miolos do irmão e o corpo inerte da mãe, de braços, sobre uma poça de sangue. O homem apertou a mão do garoto e saíram apressados. Os dois homens armados foram atrás, tendo a precaução de olhar para trás e para os lados. Arthur Kobeski e Helena viram tudo, completamente apreensivos. Novamente o carro cantou pneu e se foi. O silêncio se instalou novamente. Todos se entreolharam atônitos.

–Acabou? – Helena perguntou enquanto olhava à volta, tentando identificar algum sinal de perigo.

–Deus tenha misericórdia de nós, espero que não voltem mais.

–Ouça. Uma sirene. Acho que agora é a polícia, – disse Helena com algum alívio no semblante.

Dois carros da polícia pararam na frente do restaurante, e desceram oito policiais fortemente armados. A maioria dos clientes e funcionários ainda estava no chão.

–Todos para o chão. Quem se mexer leva chumbo. Quem é o gerente?

–Eu. – Uma mulher bem vestida, magra e baixa, se levantou de detrás do caixa. Tinha menos de quarenta anos.

–Documentos, – intimou o policial, com cara nervosa.

A mulher estava tremendo. Pegou a bolsa e sacou a identidade.

–o que aconteceu aqui?, – inquiriu de novo o homem da lei.

Ela resumiu a história o mais que pôde. Ele a chamou num canto para confirmar se não haveria algum suspeito infiltrado entre os clientes. Ela disse que não. Ele pediu que todos continuassem em seus lugares até terminar de fazer o boletim de ocorrência. Então sorteou cinco pessoas e tomou o depoimento delas, uma a uma. Kobeski olhou para Helena e disse:

–Perdi a fome. Que pena, estava tão gostoso.

–É, eu também. Que azar, o nosso. Esses infelizes não podiam ter escolhido outro lugar para fazer guerrinha?

–Vamos embora, – sugeriu Kobeski.

Yitzhak Ben-Gurion

—Temos que esperar os policiais fazerem o trabalho deles. Ouça. Parece sirene de ambulância.

Uma ambulância estacionou na porta do restaurante e os paramédicos chegaram com uma maca. Assim que os feridos foram atendidos e os corpos foram levados, a polícia liberou o local. Kobeski e Helena resolveram voltara para o hotel, estavam exaustos.

Atravessaram a balsa de Guarujá para Santos às seis e meia da tarde do dia seguinte. Assim que atravessaram, ele desceu do carro.

—Eu queria que fosse diferente, — disse ele, com certo pesar no olhar. — Queria muito que não fosse às escondidas.

Despediram-se e ela se foi. Ele andou até à porta do mercado, sacou o celular e chamou um taxi *app*. O motorista o deixou na rua detrás da igreja, no mesmo lugar de onde ele saía. Assim que colocou a chave na fechadura do portão ele ouviu o latido desesperado de Cleópatra. Ele sorriu, sentira falta dela. Mas estranhou que ela estivesse no pátio. Abriu o portão e a cachorrinha pulou nos braços dele.

—Que saudade de você, minha querida. O papai deixou você sozinha. Mas já estou aqui, se acalme. Já vou fazer festa para você.

Ele fechou o portão, pegou a cachorra com um braço, a mochila no ombro e a bolsa com a outra.

—Hermínia, cheguei. — Ele falou em voz alta, pois não sabia em qual compartimento da casa ela estaria. E continuou andando para a sala.

A porta estava entreaberta. Colou a bagagem no chão e a empurrou, com Cleópatra no braço esquerdo. Teve um choque quando viu o corpo de Hermínia estendido.

—Hermínia. — Ele falou o nome dele em voz baixa. Não falou para ela ouvir, falou para ele mesmo ouvir e se situar no que havia acontecido. — Meu Deus todo poderoso. Hermínia, acorde.

Ele se abaixou rapidamente, colocou a cachorrinha no chão e sacudiu a mulher. Mas notou que ela estava dura.

—O que houve aqui, minha Cleópatra? Diga para mim. Quem fez isso?

Ele se levantou, ficou pensativo. Não podia crer no que estava vendo. Lembrou-se da mulher morta no restaurante na noite anterior. Duas mortes? Três? Quatro? O que teriam em comum? Nada, apenas coincidência.

—Cleópatra, preciso ligar para a polícia, eu não tenho o que fazer.

A História do Padre Kobeski

Ele pegou o celular e ligou para Helena.

–A Hermínia está morta.

–Como?

–A Hermínia, ela morreu. Está morta, aqui no chão da minha sala. Eu a encontrei caída. Está dura no chão.

–Como foi isso? – Helena mostrou espanto na voz. – A porta está arrombada? Tem sangue? Ela se matou?

–Não tem sangue. Ela já está dura, então já tem algumas horas.

–Foi assalto? Quero dizer, será que foi alguém que entrou aí?

–Não há sinal de arrombamento. Vou ligar para a polícia. Mas aí vão querer saber onde estive ontem e hoje. Estou encrencado. Paciência, preciso fazer o que é certo, não posso ser acusado de homicídio.

Kobeski ligou para a polícia e explicou o caso. Em quatro minutos uma viatura parou diante do portão. O policial perguntou o que aconteceu, e ele contou como a encontrou ao chegar em casa.

–O senhor não estava em casa?

–Não, era meu dia de folga, e fui descansar em Bertiooga.

–Foi sozinho?

–Sim. – Kobeski respondeu a essa pergunta com um nó na garganta, não conseguiu olhar nos olhos do policial. Mentiras são pequenos precipícios que engolem pessoas. Até quando poderia sustenta-la?

–Há quanto tempo ela trabalhava aqui?

–Quase três anos.

–Ela deixou família?

–Sim, marido e um filho.

Kobeski estava sendo interrogado de pé, à porta da sala, que ficava de frente para o portão do pátio. Ele não parava de olhar para o corpo. Os peritos estavam fotografando e anotando todos os detalhes. Mediram o ambiente, conversaram em particular entre si. O investigador estava intrigado. Pegou o celular e ligou para alguém, mas foi para o portão em busca de privacidade. Kobeski respondia às perguntas, e ao mesmo tempo prestava atenção ao andamento das coisas. Levantou os olhos e observou a janela do corredor, perto do quarto onde Paulo e Marcia haviam se hospedado. Baixou os olhos ao chão e pensou.

–Com licença, vou ali no andar de cima conferir uma coisa e já volto.

Yitzhak Ben-Gurion

O policial estava concentrado em suas anotações, apenas meneou a cabeça e continuou escrevendo. Kobeski subiu a escada que dava acesso ao andar superior, e no final entrou à esquerda. Deu alguns passos e parou diante da porta do escritório. Suspirou e colocou a mão direita na maçaneta. Torceu-a devagarinho, imaginando o que veria lá dentro. Empurrou a porta e a deixou semiaberta. Conseguiu ver a arca, estava fechada. Deu uma olhada geral na sala antes de prosseguir. Aproximou-se da arca com a respiração acima do normal. Abriu-a de uma vez.

Alan, Renata, Arlete e Michel estavam no Toninho do Bacalhau. Pediram duas porções de bolinhos. Renata pediu suco de melancia, Arlete, de limão, e Michel pediu guaraná. Só Alan pediu cerveja.

—A Arlete disse que você deu entrada num apartamento, Michel. Conte aí. — Renata andava meio introspectiva e quis aproveitar o momento para pensar em coisas boas. Ela estava limpando os lábios finos, mas bem desenhados, da gordura do bolinho. Gordura com batom.

—Ah, sim, é verdade. — Michel respondeu com a boca cheia. Parou para engolir e continuou. — Fiz um acordo com a empresa e usei meu fundo de garantia. Dois quartos. Setenta e dois metros, garagem.

—Onde?, — quis saber Alan.

—Encruilhada.

—Que legal, ali é muito bom, — respondeu Alan entusiasmado. — Já morei ali quando era adolescente. Era alugado. Depois meu pai comprou uma casa em São Vicente e fomos para lá.

—E você está comprando seu escritório, certo? — Michel estava feliz por compartilhar a conquista. Limpou a boca e pegou outro bolinho. —Gente, esse bolinho é uma delícia.

—Eu também acho. O purê também é muito bom, — completou Alan. —Ainda não está certo, mas é quase certo. Estou aguardando o andamento de umas ações que ganhamos.

—Essa é a parte boa de ser advogado, não é? Você recebe uma ‘bolada’ de uma vez.

—Ah, sim, precisa ter algum benefício, a vida é muito dura, a gente compra briga dos outros e passa por situações absurdas.

—Imagino, — disse Arlete. — Tem gente de todo tipo.

—Muitas vezes a gente defende cliente que a gente sabe que está errado. Tem hora que eu entro num conflito moral, mas com o tempo

a gente acostuma. Por isso tenho atuado mais como tributarista e na área de contratos. Também tem muita falcatura, mas, enfim, é isso que eu sei fazer.

Todos riram descontraídos. Arlete arriscou uma piada sobre advogados. Para manter o clima animado o próprio Alan também contou algumas.

–Gente, eu não consegui falar com a Priscila de novo, – comentou Arlete. Parece que ela está me evitando. Queria que ela viesse aqui com a gente. – Alan e Michel continuaram comendo, de cabeça baixa, não demonstraram interesse no comentário.

–Eu liguei para ela hoje, depois do almoço, – disse Renata com o copo de suco quase no fim, na mão direita. –Eu também queria convidá-la, mas ela disse que estava saindo e que depois me ligaria. Não ligou até agora.

–Com certeza ela não está bem. – Arlete fez esse comentário mastigando, revirando a língua para limpar a boca. Ela estava com uma blusa cacharrêu vermelha, de malha fina. O clima estava esfriando de novo.

Não havia nada na arca. – Arthur Kobeski gelou. Pegou o celular e foi em contatos. Clicou em Helena.

–Eles não estão aqui.

–Do que você está falando, Arthur?

–Dos esqueletos. Eles estavam aqui. Foram eles, eu tenho certeza.

Ele guardou o celular e continuou olhando dentro da arca.

–De que mesmo o senhor tem certeza, padre? – O investigador, Samuel Schbane, estava parado atrás dele, com seu caderninho e caneta na mão esquerda. Chegou em completo silêncio e o ficou observando. Kobeski quase desencarnou de susto.

–Oi. Nada. Você aqui? Ah, sim. Eu estava falando com uma pessoa. Eu tenho umas relíquias que uso para os meus estudos. E elas não estão aqui. Olhe, está vazia. – O homem se aproximou e deu uma olhadinha rápida. Não entendeu nada.

–E o que isso tem a ver com a morte da mulher?

–Nada. Nadinha. Nadinha mesmo. Se quiser pode olhar à vontade.

O homem fez que não tinha interesse, então Kobeski o convidou a descer. Samuel Schbane anotou alguma coisa, e em seguida eles desceram. A ambulância do IML já estava no portão, e os peritos já estavam levando o corpo numa maca. Alguns repórteres também já

Yitzhak Ben-Gurion

havia invadido o pátio com suas perguntas desconcertantes e suas câmeras bisbilhoteiras.

Kobeski virou-se para um dos técnicos e perguntou: – Na sua opinião, de que ela morreu?

– Ainda não temos essa informação precisa, mas com certeza vamos descobrir. Mas, pela minha experiência, uma crise de asma ou ataque cardíaco.

Arthur Kobeski arqueou as sobrancelhas, fez uma careta e balançou a cabeça. Estava tentando tirar suas próprias conclusões. O marido de Hermínia saiu junto com o corpo, e olhou estranho para o padre.

– Vamos precisar que o senhor compareça amanhã à delegacia, para prestar depoimento. – Samuel Schbane, o investigador, surgiu de novo, do nada, para dar essa informação a Kobeski. Era um homem cauteloso, observador. Seus olhos estavam sempre atentos, procurando pistas para suas teses. Tinha cinquenta e dois anos, e já estava nessa carreira havia vinte e dois; cinco em Guarulhos, quinze em São Bernardo do Campo e dois em Santos. Quando entrou para a vida pública pensava em ser juiz, mas se apaixonou pela polícia científica. Quase sempre resolvia os casos.

– Prestar depoimento? E isso que vocês fizeram aqui foi o quê?

– Aqui só fizemos o levantamento dos fatos. Agora um delegado vai acompanhar o caso. Normalmente o senhor teria que depor ainda hoje. Mas como é conhecido e tem endereço fixo, podemos deixar para amanhã. A noite é para descansar. – O homem sorriu cortesmente e se despediu. Três repórteres se aproximaram com microfones em punho.

– Quem era essa mulher?

– Era empregada doméstica da casa paroquial. – Ele respondeu por educação, mas tinha vontade de mandar todos para o fim do mundo.

– Onde o senhor estava quando ela morreu?

– Quarta é minha folga, fui dar uma volta.

– Foi dar volta onde? Ela tinha família? Tem ideia do que pode ter acontecido? Ela usava drogas? O que mais ela fazia aqui além de trabalhos domésticos? Tinha mais alguém na casa? Tinha alguma doença conhecida?

Kobeski despediu a todos e fechou o portão. Foi correndo pegar Cleópatra, a coitadinha estava trancada no quarto. Havia arranhado a porta com as unhas e feito xixi ao lado da cama. Quando ele abriu a porta ela pulou nos braços dele com ganância.

–Coitadinha da minha queridinha, ficou trancada. Que pai desnaturado eu sou. Essas pessoas insensíveis ficam atrapalhando a nossa vida, não é? – Ele desceu com ela para a sala. Deixou-a sobre o sofá e foi limpar a bagunça. Mas estava preocupado. – Deus está me castigando?, – pensou.

Às nove e meia da noite ele pegou o celular, entrou na opção contatos. Clicou em Helena.

–Estou exausto. Foi muito estressante. Ainda estou abalado. Pense, dois casos policiais com mortes em dois dias, é muita coisa. Não mereço isso.

–Queria muito ter passado esses momentos aí com você. A vida a sós não é legal.

–Sim, concordo. É muito solitária. Mas consegui organizar tudo, já está tudo limpo. Estou preocupado.

–Com que?

–Os esqueletos. Não sei onde estão. E isso não é boa notícia.

–Pelo menos não estão aí mais.

–Não penso assim. Podem matar mais gente. Não sabemos nada sobre eles. O certo seria enterra-los. Amanhã de manhã irei à delegacia prestar depoimento.

–Fique em paz, vai dar tudo certo.

–Esse tipo de coisa sempre me deixa nervoso. Não gosto de ser questionado, não sou criminoso.

–É, mas eles não sabem disso. Vão saber quando você esclarecer tudo.

A luta do Bem contra o Mal foi um tema que Kobeski escolheu assim que entrou para a faculdade, e o acompanhou a vida toda. Sempre foi convicto de que muitas pessoas eram separadas para algum tipo de obra do Mal. Nada a ver com maldição, nada a ver com alguma sentença de destino. Apenas uma escolha aleatória em que o Mal vai se instalar para se fazer sentir e ouvir, algo como um animal que mijá para marcar seu território. O Mal se instala, causa sofrimento e angústia em várias pessoas. Desestabiliza e destrói, depois descarta e se vai, a procurar outras vítimas. *“O ladrão vem para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.”*

Às dez horas da manhã Alan estava no sétimo distrito policial, na Pompéia. Recebera uma ligação no final do dia anterior, solicitando seu

Yitzhak Ben-Gurion

comparecimento, com urgência, para prestar depoimento relacionado com a morte de uma mulher. Pensou nisso a noite toda. Não quis dizer nada a Renata para não preocupa-la. Apresentou-se na portaria e pediram para ele aguardar. No interior da delegacia uma investigação estava em curso. Um policial chegou para Samuel Schbane em particular, com alguns papéis na mão:

–O padre falou a verdade, ele estava em Bertioga. Fez reserva há duas semanas só para ele. Um hotel de bom gosto. Mas tem um detalhe importante. Talvez não seja importante para essa investigação, mas é importante para alimentar o imaginário popular. – O policial abriu um sorriso malicioso e olhou direto nos olhos do investigador, que continuava sério e batia levemente a caneta contra a mão.

–Diga. –Samuel estava na copa, adoçando uma xícara de café.

–Antes de ir ele comprou um conjunto de lingerie com o mesmo cartão.

O investigador baixou os olhos, franziu a boca e meneou a cabeça negativamente. Mas não sorriu. Soprou o café e sorveu um gole. Pareceu bem quente.

–E tem mais. Comprou um vestido num shopping quando chegou lá.

–Esse pessoal não tem jeito, – comentou o investigador. – Tomou outro gole. –Esse mundo está mesmo perdido.

Alan foi chamado para depor.

–O senhor sabe por que está aqui?

–Não tenho nem ideia.

–Há cerca de três meses houve um acidente na serra, na Imigrantes. A delegacia de São Bernardo do Campo é que estava encarregada, mas por conta de comodidade nos pediram para tomar esse depoimento.

–Sim, pode dizer.

–O senhor se lembra do acidente?

–Sim, eu e uns amigos estávamos voltando de São Paulo, quando um dos motoristas bateu na mureta e caiu na ribanceira.

–Só ele?

–Não, a namorada dele também caiu, mas não foi nada grave. Só ele que morreu. O pessoal da Ecovias conseguiu resgata-la sem problemas.

–Qual o nome dela?

–Priscila.

–Sabe o sobrenome?

–Acho que é Cavalcante ou Carvalho.

–Nome dos pais?

–A mãe é a dona Rosana, mas não sei se tem pai. Mas, o que está acontecendo. O que ela fez?

–Reconhece essa foto? – O policial mostrou um documento de identidade para ele.

–Essa é a Priscila. Ela foi roubada?

–Olha, ontem pela manhã o pessoal da Ecovias viu um monte de urubus no local do acidente, e resolveram conferir o que era. Encontraram o corpo dessa moça na ribanceira. Está bem desfigurado. A carteira estava no bolso da calça, com identidade, carteira de motorista, cartões de crédito.

–Você está de brincadeira. Então é por isso que a minha namorada não consegue falar com ela desde ontem à tarde. A Pri sumiu ontem depois do almoço, ninguém dá notícias.

–Oi? Você não está entendendo, o corpo está em estado bem avançado de putrefação. Três meses.

A visão de Alan ficou turva por um momento. Ele não sentiu o chão. Os pensamentos dele vagaram longe. Estava tentando processar as informações. Ou seria um sonho? Ele esfregou o próprio braço e passou a mão no rosto para limpar os olhos. Ah, sim, devia ser um daqueles sonhos de muito mau gosto.

–Eu conversei com ela há poucos dias. Minha namorada é amiga dela. Ela e outra amiga saíram juntas.

–Senhor Alan, tem alguma coisa muito errada nessa história. Ligamos para o senhor por que foi o número que ficou no boletim de ocorrência naquele dia. Conhece a mãe dela?

–Já vi algumas vezes. Minha namorada conhece.

–Precisamos falar com ela.

Alan ligou para Renata e relatou a história que o policial contou para ele. Ela ficou em choque, desnorreada mesmo. Conseguiu o telefone da mãe da amiga. A mãe ouviu a notícia do policial como se estivesse num pesadelo. As pernas ficaram bambas. Puxou uma cadeira para não cair, mas não conseguia raciocinar. Não tinha notícias da filha havia quase vinte e quatro horas. Ela devia estar por perto, talvez tivesse dormido no escritório ou na casa de alguma amiga. Ela andava muito desligada, aérea e desmotivada, estava passando momentos difíceis. Mas, morta? O policial estava enganado. Com certeza, estava.

Yitzhak Ben-Gurion

—Eu vou aí, à delegacia, saber direito dessa história. Não bate, não fecha, não consigo entender.

Rosana pegou um taxi *app* e foi para a delegacia. Renata e Arlete já estavam lá. Chegou atônita.

—Olha, agora eu estou ficando confuso, — confessou o policial. —Se todos vocês afirmam que ela está viva, então precisaremos fazer exame de DNA.

O policial ligou para a delegacia de São Bernardo do Campo e acertou os detalhes.

—A senhora pode fazer exame de sangue ainda hoje?

—Olha, moço, vocês não podem chamar uma mãe aqui para dar uma notícia falsa como essa. Você tem noção de como eu estou me sentindo? Tem noção de como estou transpassada? Posso fazer agora. Quero esclarecer esse mal entendido com a minha filha. Isso não pode ficar assim. Por outro lado, de quem será o corpo que foi encontrado no local do acidente? Outro acidente? Muita coincidência.

Arlete olhou para Renata e perguntou: — Aquele ali não é o padre Arthur, da igreja do Embaré?

—Parece que é sim. Eu vi ontem no jornal, morreu uma mulher na casa paroquial. Que estranho. Ele estava viajando.

—Deve estar prestando depoimento. Era a empregada. Parece que foi ataque cardíaco.

—Na internet diz que foi asma. Ele parece abatido.

—Não é para menos, foi na casa dele.

—Aquela igreja é linda, quero me casar lá.

—Linda? Acho sinistra, — comentou Alan.

—Complicado vai ser enche-la de convidados. E se encher, a festa vai ficar muito cara. Se não encher, vai ficar parecendo que a igreja está vazia, que os convidados não foram.

—Arlete, de quem você acha que é o corpo que encontraram? Estou assustada. História estranha, — comentou Renata, bastante aérea.

—Sei lá. Imagine a dona Rosana... Ontem a Pri estava em casa. De repente ela some e acham um corpo e dizem que é dela. Loucura.

Arthur Kobeski estava aguardando o investigador voltar para continuar o depoimento. Havia saído para confirmar algumas informações. Ao lado dele dois policiais conversavam em voz baixa:

—Aquele pessoal ali, está vendo? O pessoal da Ecovias encontrou o corpo de uma mulher, morta há uns três meses. Mas todos eles afirmam que ela está viva, que falaram com ela ontem. Estranho.

—Caramba. E onde está o corpo?

—No IML de São Bernardo. Aquela é a mãe. Acharam os documentos e os cartões de crédito no bolso do cadáver, tudo bate. Mas eles juram que ela está viva, conversaram com ela várias vezes nos últimos meses.

Kobeski apurou os ouvidos e ouviu a história da outra defunta. Prestou bastante atenção. Muito curioso, ele achou. Levantou a cabeça e ficou olhando para a mãe aflita e os três jovens. Mas ele também tinha um enrosco para resolver, um cadáver na sua sala. Samuel Schbane voltou e continuaram o depoimento.

—O senhor está liberado, mas provavelmente vamos precisar de mais esclarecimentos depois.

Kobeski chegou em casa nervoso. Estava ansioso. Pensou em pegar um cigarro, mas pensou que não podia ter outra recaída. Pegou uma cerveja na geladeira e sentou no sofá da sala, todo jogado. Abriu a latinha e tomou um gole. Olhou para o teto. Olhou para o chão. Observou cada objeto à vista. Ficou assim alguns minutos. Levantou-se e chegou à porta da sala. Olhou para a janela do corredor no andar de cima. Estava fechada. Andou e subiu a escada que dava acesso ao corredor. Andou destemidamente até à porta do escritório. Parou, pensou. Abriu a porta e entrou. A arca estava fechada. Ficou parado, olhando. Aproximou-se e levantou a tampa. Nada. Estava vazia. Colocou a mão esquerda na cintura e com a direita tomou outro gole. Ouviu alguns passos subindo sem pressa a escada. Os passos se aproximaram, vindos pelo corredor. Ele olhou para trás.

—É você, minha menina? O papai já estava de volta.

Cleópatra chegou abanando o rabinho, toda feliz por ver seu dono. Ele a pegou no colo, fechou a porta e desceu. Passou pelo corredor e entrou na igreja, queria esvaziar a cabeça. Foi até a porta principal e sentou-se no último banco. Olhou para cima, contemplou as obras de arte. Olhou para os lados. Um emaranhado de obras disputando a atenção de quem chegava. A poluição visual impressionava pelo cansaço. Figuras medonhas, formas neogóticas, um mundo sombrio. Nunca tinha visto o ambiente daquela maneira. Muito da mão humana, pouco da mão de Deus. Os vitrais eram lindos. A luz do sol entrando pelas laterais criava um ambiente fluído, um ambiente vaporizado. Mas era só isso. Voltou para a casa paroquial, pegou Cleópatra, que estava do outro lado do corredor, e subiu a escada para seu quarto. Pegou o notebook e desceu a escada para a sala. Colocou o notebook sobre a

mesinha da sala e foi à cozinha. Abriu a geladeira e pegou um pote de sorvete, de baunilha e flocos. Encheu um copo com metade de cada sabor, guardou o pote e voltou para a sala. Se jogou no sofá e saboreou boas colheradas. Os dois incidentes não lhe saíam da cabeça. Três. Agora estavam falando de uma mulher que morreu, mas estava viva. Que coisa mais absurda. Lambeu os dedos e colocou o copo na mesinha. Limpou os dedos na camiseta branca. Pegou o notebook, colocou-o no colo e o abriu. Digitou a senha s@piens. Clicou no ícone do Chrome e digitou o domínio tulips.com. Digitou a senha mestre e entrou na opção clientes. Seiscentas e vinte e duas novas inscrições nos últimos trinta dias. Novecentas e setenta e sete novas prestadoras de serviço. Depois dos enrosocos das últimas horas, essa notícia era uma brisa fresca no rosto. Ficou feliz. Pegou o celular e entrou no *app* do banco, para conferir se o dinheiro na conta estava de acordo. Estava tudo certo. Resolveu transferir quinze por cento para quatro instituições de caridade. Era o mínimo que podia fazer. Estava sendo muito abençoado. O restante, transferiu para a conta de poupança.

Fechou o site, clicou no *Explorer* e procurou a pasta estudosepesquisas. Deu dois cliques no arquivo AnjosXHumanos.docx. Releu todas as páginas. Depois escreveu mais algumas coisas. O diabo continua entre nós, ele escreveu. Mas ele não é um líder ou algum príncipe. É apenas um agente. A nossa moral, a nossa índole, o nosso sistema de justiça. Ele está sempre a influenciar quem somos. Através dele Deus filtra os seus. Ele de fato veio para roubar, matar e destruir. Mas isso faz parte do grande plano. Ele não tem redenção, por isso leva tão a sério a vingança, o dano. É astuto, sagaz. Embora sua sagacidade não o salve, não o redima. Ignorá-lo é abraçar a morte. O certo é estar atento. Persegue o homem através do tempo e do espaço. Não admite a nossa felicidade, vive para destruí-la. É um mensageiro do inferno; e lá ele não é rei; lá será jogado como tantos que ele cooptou. O dragão continua solto, e quer sangue, injustiça e lágrimas.

Arthur Kobeski agora estava mais aliviado. Cleópatra estava deitada no sofá, com o dorso encostado na sua perna esquerda. Ele a olhou com ternura, ensaiou passar a mão no pelo dela. Desistiu, não quis acordá-la. Quem dorme um sono daquele não deve ser acordado. A realidade sufoca, causa trepidação nos nossos sonhos. Ele próprio sabia que estava sonhando. Lá no fundo de sua alma, sabia. Mas não queria ser acordado. Estava vegetando havia tempos, e tinha

momentos de lucidez e cognição. Mergulhava aos poucos nas sombras, e sabia disso. Precisava ser rápido.

Estava com fome, só havia tomado café da manhã. Foi até à cozinha, quebrou três ovos num prato. Pegou um sachê de queijo ralado e despejou por cima. Colocou uma pitada de sal e misturou tudo com um garfo. Coçou a testa com o dorso da mão esquerda. Pegou no congelador um pote de salsinha que Hermínia havia congelado, e misturou uma porção. Pegou uma frigideira de teflon, mas colocou algumas gotas de óleo. Esquentou a frigideira e deitou os ovos sobre ela. Pegou uma colher de plástico e ficou observando o frigar da mistura. Omelete é assim mesmo, não dá para vacilar, precisa ficar de olho. Os olhos estavam na frigideira, mas os pensamentos estavam nos últimos acontecimentos. Cleópatra estava deitada ao lado dos pés dele, toda enroladinha. Tinha que sepultar os esqueletos, se não, nunca teria sossego. Colocou o omelete num prato, sentou-se à mesa e comeu gostosamente.

O telefone tocou. Ninguém atendeu. Tocou de novo.

—Alô.

Rosana estava ansiosa. Estava procurando alguma coisa no quarto da filha quando ouviu o telefone. Priscila não dava notícias havia quase quarenta e oito horas. A última pessoa que deu notícias dela foi sua sócia no escritório. Ela esteve no escritório, mas a moça não sabia dizer para onde ela fora depois do almoço. A mãe estava aflita, havia chorado toda a noite. Já havia ligado e acionado todas as pessoas que poderiam ter alguma notícia. Ainda não havia registrado boletim de ocorrência, mas ia fazer isso assim que voltasse à delegacia. Era alguém da delegacia.

—Sim, sou mãe dela.

O exame de DNA já estava pronto, o agente queria marcar uma entrevista com ela.

—Posso ir agora, se você quiser.

Chamou um taxi *app* e foi para a delegacia. Ela estava na recepção quando Alan chegou, parecia apreensivo. Eles se cumprimentaram.

—Cadê a Renata?

—Ela não pôde vir, está no trabalho.

—O que eles disseram para você?

—Nada. Não quiseram antecipar nada. Tem alguma notícia da Priscila?

Yitzhak Ben-Gurion

Ele batia os dedos levemente no balcão, olhando para Rosana. Estava nervoso, enjoado. Quis vomitar.

—Nada. Já fiz um monte de contatos, fui ao escritório dela, falei com o pessoal do trabalho dela. Ninguém dá notícia.

—Desde a morte do Medeiros ela anda muito desconectada com o mundo. Acho que foi muito traumático. Cada um reage de um jeito, — ele comentou, sem olhar para ela.

—Verdade. Mas, o que você está achando disso tudo?

—Estou meio perdido nessa história. Uma maluquice. Surreal. Eu já falei com ela várias vezes depois do acidente. Falei com ela há poucos dias. Com certeza está havendo confusão, ela está escondida em algum lugar.

—Escondida de quem? — Rosana fez cara amargurada, de indagação, e movimentou as mãos. —Ela tem tudo. Ela vive bem com a família e com os amigos. Não tem porquê. Já pensei em tudo, mas não encontrei nenhum motivo para essa atitude. Se fosse uma adolescente. Mas já passou dessa fase.

—Às vezes algumas coisas que acontecem tiram a gente do eixo, — comentou Alan, olhando para a parede na frente dele, mas sem um ponto definido. Aí é preciso de ajuda. Muitas vezes é difícil achar o caminho de volta. Eles se davam muito bem. E mais, ela viu a morte de perto, isso deve tê-la assustado.

Um agente chamou pelo nome de Rosana Fortes Cavalcante. Alan foi junto. Na porta que o agente abriu estava escrito delegado. O agente pediu para eles se sentarem e saiu. O delegado levantou a cabeça com uma pasta na mão.

—Bom dia, — disse ele, sem muita simpatia. Eles responderam mecanicamente. Tentaram parecer calmos. Ele estava sério. Alguma coisa o preocupava. As informações não estavam fechando.

—A senhora é Rosana, mãe da Priscila Fortes Cavalcante?

—Isso mesmo.

—E você é Alan Muller Cornacchini?

—O próprio. — Essa resposta veio com uma tentativa de sorriso de Alan. Apenas tentativa.

—A senhora tem quantos filhos?

—Duas filhas. A outra se chama Poliana.

—Alguma delas nasceu com irmã gêmea?

—Não, as duas nasceram sozinhas.

Rosana tentava se manter calma, esperava que as próximas palavras do delegado dessem um basta nesse assunto.

—Foi encontrado um corpo de mulher com todas as características da sua filha, inclusive com os documentos pessoais no bolso. E esse corpo está no IML de São Bernardo. Concluíram agora de manhã o exame de DNA do corpo. É 99,99% compatível como descendente da senhora.

—E o que isso quer dizer?

—Que, tecnicamente, ela é sua filha.

Rosana gelou, sentiu o chão sumir debaixo dela e a chupar para dentro. Cobriu o rosto com as mãos, respirou fundo. Ficou ofegante. Lubrificou os lábios com a língua. Ficou de pé para tentar relaxar.

O agente trouxe água para ela beber.

—Eu estive com a filha dela várias vezes depois do acidente, inclusive nos encontramos há poucos dias. — Rosana olhou para Ala confusa, com uma interrogação entre os olhos. — Se você dissesse que o corpo é de alguém que morreu ontem, tudo bem. Ela não dá notícias há quase dois dias. Faria sentido. Mas um corpo em putrefação? Não fecha.

—É, não fecha. Minha filha foi vista por muita gente. Ontem estavam aqui duas amigas de muitos anos, que confirmaram isso.

—Não vou pedir para vocês fazerem o reconhecimento visual, o corpo não pode ser reconhecido. Mas o DNA não mente. Para evitar questionamentos, o exame já foi repetido. Além disso, por que os documentos dela estariam no bolso da morta?

O delegado descreveu a jaqueta de couro e a botinha que estavam no cadáver, e Rosana confirmou que a filha tinha iguais.

Rosana estava desolada. Olhava para o delegado ali sentado, em busca de respostas. Ele deveria dar respostas, não fazer perguntas. Um homem da lei precisa ajudar. Ela sentou-se novamente, ainda calada, e colocou os cotovelos sobre as coxas. Estava muda, segurando as bochechas. Ficou olhando para os próprios pés. O delegado ajustou o corpo na cadeira, colocou as mãos sobre a mesa e ficou olhando para ela, num silêncio condescendente e definitivo. Com isso estava dizendo que o caso estava concluído. Ela não tinha aquela filha, estava morta havia três meses, sem dúvida nenhuma. Alan ficou olhando a comunicação silenciosa entre os dois e tirou suas conclusões. Mas eram conclusões totalmente equivocadas, com certeza. Ele havia conversado com Priscila. Havia abraçado calorosamente seu corpo, beijado com

Yitzhak Ben-Gurion

intensidade sua boca. Ele transou com ela. Assim que a encontrasse ele comprovaria tudo isso. Para si mesmo, claro. Ele não estava ficando louco. Mas onde ela estaria? Rosana continuava de cabeça baixa, estava alisando uma mão com a outra, perplexa. Estava ensaiando um choro, mas o choro não saía. Precisava falar com alguém, precisava de consolo, precisava de explicações.

—Olha, eu entendo que vocês estejam em choque. Voltem para casa. Vamos abrir o boletim de ocorrência e vamos procura-la. Quando ela aparecer, vamos resolver essa sinuca de bico. Espero que ela seja encontrada logo, para o bem de todos nós.

Depois do almoço Arthur Kobeski deitou-se no sofá e dormiu um bom sono.

Helena estava voltando do mercado, foi comprar frutas e legumes. Entrou no seu apartamento, trancou a porta e colocou os saquinhos no chão da cozinha. Voltou à sala, pegou o celular e sentou-se no sofá. Na agenda, clicou em Arthur. Tocou uma e duas vezes, ninguém atendeu. Na quarta vez Kobeski acordou com Cleópatra lambendo seu rosto.

—Alô. Oi, tudo bem com você? Estava tirando um cochilo. Estou com saudade de você.

—Você, dormindo durante o dia? O que está acontecendo?

—Sei lá, estou muito cansado e muito estressado. Estou com dor de cabeça. O chão parece estar se mexendo.

—Como foi na delegacia?

—Insistiram nas mesmas perguntas. Queriam saber se eu ia entrar em contradição. Tinha uns jovens lá, era um caso de uma moça que morreu num acidente há uns três meses, num acidente na Imigrantes. A mãe e os amigos insistem que ela está viva.

—Isso passou no jornal da tarde, eu vi. A mãe falou que ela esteve esse tempo todo em casa, mas agora sumiu. A dona Júlia conhece a família, me contou sobre o acidente na época. O que você vai fazer hoje?

—Preparar o sermão de domingo, estudar e escrever um pouco mais do meu livro. Apesar dos sustos que levamos lá e aqui, foi muito bom passar esse tempo com você. Me faz muito bem olhar nos seus olhos e ouvir você falando comigo.

Helena fez uma pausa. Suspirou e disse: – Tenha certeza de que o seu sentimento é correspondido. Fez outro silêncio. Estava refletindo. – Só queria que isso acontecesse mais vezes. Talvez sempre.

Kobeski esfregou o rosto com a mão direita. Depois passou a mão sobre a cabeça. A dor não estava ajudando a refletir.

–Eu entendo. Confesso que estou numa situação difícil. Você é livre para fazer o que quiser. Se quiser se casar de novo, todos vão ver como coisa normal. Mas o meu caso é complicado. Ninguém vê como normal. Eu já tenho uma vida de dedicação à causa, não vejo como abrir mão disso no momento.

–Então vamos continuar vivendo como Romeu e Julieta? Queria que você estivesse aqui comigo. Você poderia dormir no meu colo. Eu cuidaria de você, pegaria o remédio para curar a sua dor.

Kobeski gostou de ouvir isso, mas não estava num momento bom para resolver esse assunto.

Fez uma pesquisa na internet e descobriu que tem uma aldeia em Bertioiga que aceita visitas turísticas. Ligou e agendou para sábado. Depois ligou para Helena.

–Em Bertioiga tem uma aldeia chamada Rio Silveira. Liguei lá e agendei uma visita. Vou lá sábado conversar com o cacique e ver se consigo enterrar os esqueletos.

–Que esqueletos? Você não disse que eles não estão mais aí?

–Não estão, mas tenho certeza de que vão voltar.

–E o que te dá essa certeza?

–Na verdade não é certeza, é intuição.

–Intuição? Lembre-se de que você está lidando com seres de outra dimensão. Você acha que intuição é suficiente para resolver isso? Arthur, eu estou muito preocupada com essa situação.

–Está bem, eu entendi, minha querida. Eu também estou preocupado. Mas é por isso mesmo que preciso tomar alguma atitude. Não posso ficar parado.

–E o que você pensa em fazer?

–Na noite em que o Paulo e a Bárbara dormiram aqui, lembra?

–Lembro.

–Acho que te contei que encontramos os esqueletos sentados na capelinha, olhando para o altar pequeno. Lembra?

–Sim, eu me lembro. E?

–Notei que eles estavam observando as imagens. Há centenas de anos os índios foram catequisados à força, e os religiosos sempre

Yitzhak Ben-Gurion

estavam com alguma imagem de ídolo para simbolizar o que eles queriam ensinar. De certa forma acho que eles voltaram no tempo quando viram aquilo. Acho que eles sentiram aqui um ambiente familiar.

—Você está louco? Se é que eles se lembraram do passado foi com muito rancor, muito ódio. Eles sofreram nas mãos dos portugueses. Foram escravizados, foram assassinados. As lembranças não podem ser boas.

Kobeski baixou a cabeça do outro lado e apertou os olhos. Ela tinha razão. A cabeça ainda latejava.

—Concordo com você. Mas, o que devo fazer então? Que mais gente morra? Eu me sentiria culpado.

—É. Isso é verdade. Faça o que o seu coração mandar. Tenho certeza que vai dar certo.

Sábado Kobeski alugou um carro de manhã e foi para Bertioxa, divisa com São Sebastião. Juntou-se a outros turistas que já estavam lá, na altura do km 183 da rodovia Rio–Santos, do lado de São Sebastião. Foram recepcionados por um guia turístico da aldeia, que era qualificado para essa função pela Funai. Uma aldeia bem pequena, apenas um pequeno símbolo do que foram as dezenas de tribos que viveram na baixada santista no tempo da colonização portuguesa. Apenas quinhentos e cinquenta membros, das etnias mbya e nhandeva, que são ramos do tronco guarani. Dividiam-se em cinco núcleos familiares. O próprio cacique se encarregava de conduzir os passeios com os turistas. Uma aldeia outrora orgulhosa, agora reduzida a um roteiro turístico. Depois da calorosa recepção à entrada da aldeia, Kobeski e os outros dezessete turistas entraram por uma trilha selvagem. Selvagem por que era destituída dos elementos da cultura moderna, não por que apresentasse algum risco quanto a feras ou canibais. Ficaram duas horas passeando pelas margens do rio Silveira. Kobeski se perguntou várias vezes se conheceriam o cemitério dos silvícolas. Pensou em interromper os ensinamentos sobre a cultura e a história daquele povo e ir direto ao assunto, mas achou melhor esperar. Em seguida voltaram à tribo, para uma pequena imersão na cultura através de conversas, contato com objetos e utensílios do dia-a-dia. Ele achou interessante, mas queria pular aquela parte. Finalmente foram apresentados ao artesanato e aos produtos da terra, como o palmito jussara, que para os brancos o comércio é proibido. O passeio durou meio dia. Kobeski estava decepcionado. Não avistou cemitério

nenhum. Se tivesse algum o teriam mostrado. Ou talvez não mostraram por considera-lo especial demais para coloca-lo num roteiro turístico. Nesse caso, a viagem estava perdida. Tirou algumas fotos e fez algumas filmagens com o celular, mas não conseguiu a informação mais preciosa.

–Não consegui o cemitério. Foi uma viagem perdida.

–Eles não têm cemitério?

–Não sei, nem consegui saber isso. Preciso partir para o plano ‘B’.

–E qual é?

–O Engenho dos Erasmos tem um cemitério indígena. Não pertencia a uma tribo específica, eram índios que trabalhavam no engenho.

–Então deviam ser escravos.

–Acredito que sim. Mas é um cemitério.

Houve um pequeno silêncio. Ambos estavam pensando.

–Só tem índios lá?

–Não, dois esqueletos são de africanos.

–Não consegue nada melhor que isso, certo?

–Certo. Não vejo alternativa.

–Melhor que nada, – disse ela. – Agora só faltam os esqueletos.

–Não, falta saber se posso enterrar os ossos lá. Preciso de uma autorização.

–E é claro que não pode, não sabe disso? Lá é um museu, nem adianta pedir. Tem que ser em *off*. E esses ossos nem existem oficialmente. O Thomas devia ter registrado o achado na época. Teria facilitado tudo. Agora estamos com esse ‘BO’ gigantesco.

Kobeski se propôs a ir ao antigo Engenho dos Erasmos para conhecer o lugar, e se preparar para enterrar os esqueletos quando estes aparecessem.

Yitzhak Ben-Gurion

Capítulo VIII

“Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, estrela da manhã! Como foste lançado à terra, tu que debilitavas as nações!”

Isaías 14:12

Um vendedor de amendoins ia andando pela calçada da praia. Saiu do Canal Dois e ia para o Três. Parou no terceiro banco, de frente para a praia. Um casal estava olhando para o mar. Estava estático. A bem da verdade, olhava para algum ponto indefinido no infinito. O vendedor chegou animado, bem educado, e anunciou os gostosos amendoins torrados, mas o casal continuou olhando para o infinito. Estavam distantes, pareciam não vê-lo. Eram bem magros e tinham olhos bem fundos. Ela trajava um vestido que parecia ser uma peça de Marcia, mas estava bem folgado. A calça e a camisa que ele usava pareciam um antigo andrajo de Paulo, e também parecia ser dois números acima. Estavam com os rostos um pouco cobertos, apesar do sol quente. Pareciam alheios ao que o vendedor simpático dizia. O vendedor não se deu por vencido ainda, continuou brincando, tentando vender. Era um casal sinistro no seu aspecto. Pareciam dois jovens, e ao mesmo tempo o semblante fazia pensar em duas múmias. Eram duas criaturas tão sem graça e sem vida que logo o vendedor parou de falar e firmou os olhos neles, para descobrir de onde vinha tanta frieza. De fato, a total falta de emoções causava impacto negativo a todos que passavam. Outras pessoas estavam passando, e notaram a desconexão daqueles dois com o mundo deles.

Yitzhak Ben-Gurion

O vendedor deu um passo para ir embora, com o semblante introspectivo. Sua energia e seu ânimo foram esvaziados de repente. Saiu olhando para trás, mas o casal continuava imóvel, como dois defuntos.

Quatro anos depois o quadro de Kobeski já estava bem adiantado, já não conseguia mais trabalhar, precisava de alguém por perto para ajudar nas tarefas básicas. Ainda assim a evolução estava mais lenta do que a do pai, e talvez da avó também. As visitas ao médico eram feitas a cada três ou quatro meses, no máximo, e tomava medicações diárias. Pouco depois dessa época a deficiência da memória evoluiu para confusões mentais. Lembrava-se mais do passado antigo do que do recente, e misturava realidade com fantasias. Passou a trazer à tona muitos fatos de décadas atrás para mistura-los com as imaginações mais descabidas. Na falta de futuro passou a viver do passado: recordações modificadas, velhos sonhos distorcidos, realidades adaptadas e muita fantasia.

Mais tarde Helena ligou de volta:

—Arthur, vou te fazer uma proposta para podermos passar mais tempo juntos. Não vai ser a coisa ideal, mas pelo menos vamos ter uma rotina, vamos poder conversar pessoalmente todo dia.

Arthur Kobeski ouviu atenciosamente. Era isso mesmo que ele queria, mas tinha consciência de que não havia uma solução simples.

—Estou com medo de ouvir essa proposta. A voz saiu descontraída, em tom de gracejo, e chegou do outro lado com certa hesitação.

—Eu sei que não temos muitas opções, mas vou dar um passo de fé.

—De fé? — De novo a voz chegou do outro lado com uma leve carga de gracejo. — Pois diga, talvez seja a nossa salvação.

—Agora você está sem empregada, eu pensei em ser voluntária para trabalhar na casa paroquial.

A reação de Kobeski foi imediata e explosiva.

—Você ficou doida? Nunca. Isso não pode ser, esquece.

—Por que não? Seria só a parte da manhã. Eu iria só para fazer o seu café, varrer o chão e deixar seu almoço pronto. Poderíamos almoçar juntos todo dia. Imagine.

—O que iriam dizer sobre você? E sobre mim? A igreja não aprovaria.

—O mesmo que diziam sobre a Hermínia.

A História do Padre Kobeski

–Como? O que diziam sobre a Hermínia?

–Nada. Nadinha. Era a empregada da casa. Eu só serei voluntária, como você.

–Mas eu sou padre, é uma vocação.

–Limpar casa e fazer comida também pode ser uma vocação, concorda?

–Não neste caso, seria óbvio demais. Você é uma mulher conhecida, pessoa da sociedade. Eu nunca deixaria você sujar seu nome por minha causa.

Kobeski estava irritado com a proposta de Helena. Completamente descabida. Onde já se viu uma mulher do nível dela se sujeitar a esse ponto. Ele a amava demais para permitir isso. Mas, e se fosse só de fachada? Ela nem precisaria limpar nada, só passar o dia. Mas seria dar mole ao azar, poderia chegar alguém e notar o disparate. Não poderia ser.

Helena apertou a campainha às oito e vinte e oito.

–Quem é?

–Sou eu, Arthur, Helena. – Ele ficou cego.

Foi ao portão, destrancou a fechadura e o abriu. Ela tinha alguns objetos na mão que ele não aprovou. Puxou-a para dentro sem se mostrar do lado de fora. Fechou rapidamente o portão. Estava nervoso. Ainda estava à mesa do café, de pijama. Correu ao quarto para se vestir. Pôs uma calça jeans azul desbotada e vestiu uma camiseta cor vinho, na qual estava estampado em amarelo ‘The sea is dying’.

–Por nosso senhor, o que você está fazendo aqui? – Ela vestia uma calça jeans velha, uma camiseta branca muito simples, e calçava chinelos de borracha Havaianas. Numa sacola de papel, embalagem de uma loja de sapatos, ela trazia outra muda de roupas, toca para os cabelos, escova de dente e luvas de borracha.

–Vim começar. Não precisa assinar minha carteira ainda, estou em período de experiência, – gracejou ela, tentando dar um bom rumo para a conversa.

Ele bufou, quase soltou fogo pelo nariz. Olhou para ela com raiva.

–Não vai começar nada, vá embora daqui agora. Você quer prejudicar a nós dois?

–Você não me ama?

–Amo, e é por isso que não posso permitir isso. Vai arruinar a nós dois. Nós dois temos muito a perder. Por favor, vá embora agora.

Yitzhak Ben-Gurion

Kobeski não contava com a determinação daquela mulher, teimosa e apaixonada. Ela não aceitou retroceder. Durante toda a noite ela maquinara a melhor maneira de viver perto do seu amado. Não dormira quase nada, tinha que dar um rumo digno para sua vida. Não nascera para ser a outra, tinha que ser protagonista. Desviou-se da fúria dele, foi à lavanderia e pegou a vassoura. Colocou água num balde e pegou um pano de chão limpo. Arthur Kobeski ficou observando, atônito.

—Isso é sério mesmo?

—É sério. Me dê licença, tenho que limpar isso aqui, está imundo. Como você deixa isso ficar assim?

Kobeski continuou olhando, boquiaberto. Ele elevou o tom.

—Estou mandando você embora. Saia já daqui.

—Não estou te ouvindo. — Helena estava indo para a escada que dá acesso ao piso superior, cantarolando alguma coisa para abafar a voz dele. Isso o deixou ainda mais irritado.

Ele se apressou e atravessou na frente dela.

—Vou chamar a polícia.

—Chame. Mas acho que não seria uma boa ideia.

Ela o contornou e prosseguiu para a escada.

—Você não entende que essa atitude pode pôr tudo a perder?

—Do jeito que estamos, já está perdido. Eu preciso de um companheiro, não de uma companhia para determinadas ocasiões.

—Mas, e se chegar alguém aqui? E se seus filhos chegassem aqui? — Ela olhou para ele, mas fez que ia continuar andando.

—Aí eu teria que contar a eles que a Bebel é sua filha.

Arthur Kobeski ficou pálido. A boca estava aberta, mas não saía som e nem conseguia fecha-la.

Os pensamentos dele viraram uma sessão de fogos de artifício. De novo tentou dizer alguma coisa, mas as palavras não saíram. Ela parou ao pé da escada, colocou as coisas no chão e virou-se para ele, cínica, para ouvi-lo, caso ele conseguisse dizer alguma coisa. O queixo firmado no cabo do rodo e os olhos bem arregalados, olhando com firmeza nos olhos dele.

—A Bebel o quê? Isso não é brincadeira que se faça. Por tudo que há de mais sagrado, não brinque com essas coisas.

Ele disse isso, mas no fundo percebia seriedade e sobriedade nas palavras dela, apesar do clima de discussão.

—Isso é verdade. Agora não preciso mais esconder de ninguém.

—Então...

—Isso mesmo, já viu que ela tem um carinho todo especial por você? Não é à toa. No fundo ela deve desconfiar. A maneira da mãe lidar com o pai faz o filho saber quem ele é.

—Todos estes anos... Helena, por que não me contou? Eu amo aquela menina.

—Agora é a minha vez de perguntar: Você ficou louco? Queria levar um tiro na cara? O Thomas era homem para isso. Ele faria picadinho de você.

Helena pegou as coisas no chão e virou-se para subir a escada. Pronto, dissera tudo o que sentia. Agora ele sabia de onde vinha o sentimento de urgência que a movia. Ele foi atrás.

—E agora, como vamos resolver isso? Quero dizer, você pretende mesmo fazer acampamento aqui até eu me casar com você?

Ela ia subindo e ele ia atrás. Parecia sem norte.

—Mais ou menos isso. Ela parou na escada, virou para trás de novo e o encarou. — Agora estou desimpedida, tenho um bom dinheiro. Você também está ganhando muita grana com o seu aplicativo. O que nos impede de viver juntos? Podemos nos mudar daqui, podemos ir para outro país.

—Mas é questão de vocação, é a minha vida, ele respondeu, com ar de criança quando explica que merece um presente.

—Vocação é um grande amor que a gente tem por alguém ou por alguma causa. Certo?

—Certo.

—E o grande amor que você sempre disse sentir por mim? E o grande amor que eu sinto por você? Isso não conta?

Ela se virou para frente e continuou andando. Chegou ao final da escada e entrou à esquerda. Foi até o final do corredor, colocou o balde e o pano no chão, e começou a varrer. Ele ficou pasmo, olhando.

—Eu te entendo, e você está coberta de razão. Não sei como deixamos chegar a esse ponto. Vivemos como dois adolescentes cujos pais não aprovam o namoro.

—Entende mesmo? O que vai fazer para resolver isso?

Ele ficou calado. Ela continuou varrendo. Ele ficou estático, ao lado da porta do escritório. Ela foi varrendo até passar por ele. Varreu o pé dele de propósito, de vingança, para irritá-lo. Ele ficou olhando, reflexivo, enquanto ela ia virando o corredor. Então ela voltou, molhou

Yitzhak Ben-Gurion

o pano e foi esfregando. Ele continuou olhando, inerte. Então ele pegou na mão dela e a segurou.

—Pare, por favor. Não está certo isso. Temos que resolver de outro jeito.

Ela fincou o queixo no cabo do rodo e ficou parada, olhando para o chão. Não falou nada.

—Deixe essas coisas aí, depois eu pego. Vamos descer.

Ela cedeu, encostou o rodo na parede, mas continuou de cabeça baixa. Ele pegou na mão dela e a levou para a escada. Desceram e foram para a sala. Sentaram de frente um para o outro.

—Me perdoe, estou sendo inconsequente, —reconheceu ela, olhando para ele. Os olhos dela estavam úmidos. Precisamos resolver do jeito certo.

—Me fale mais sobre a Bebel.

De Limeira os pais de Kobeski se mudaram de volta para São Paulo. Rua Pangauá, número trezentos e cinquenta e cinco. Ele tinha dezenove anos. Aprendera a gostar de livros no tempo do internato. Leu em um jornal que a livraria Saraiva estava contratando vendedores para a loja da Sé. No mesmo dia foi à estação Patriarca do Metrô e pegou o trem para a Sé. Havia guardado algum dinheiro durante o tempo em que trabalhara na floricultura. Estava de calça jeans, bem velha, camisa de manga comprida branca, de tergal, sapato Vulcabrás preto, e gravata preta. Não tinha telefone em casa. Procurou pelo gerente e disse que estava ali pela vaga de vendedor. O gerente o mandou para uma sala, no andar de cima, e pediu para esperar uns quinze minutos. Ele nunca havia vendido livros, mas o gerente sentiu que o rapaz tinha paixão pelas letras, e isso poderia encantar os clientes. Marcou para começar na segunda feira seguinte.

Chegou cedo, sete e quarenta e seis. O gerente o chamou para sua sala e deu instruções durante duas horas. Ele desceu para a loja e começou a fazer o reconhecimento de todo o estoque. Os livros estavam organizados por ordem de assunto. Primeiramente ele foi à seção de história e arqueologia. Ficou encantado, sentiu prazer em estar ali. Na hora do almoço quis ir com Orlando, um vendedor com sete anos de experiência na mesma loja, mas ficou sabendo que teria que revezar, a loja estava com a equipe desfalcada. Indicaram um boteco onde serviam um prato-feito caseiro sem igual. Comeu almôndegas fritas e salada. Cobriu o almoço do colega com a ajuda do gerente, mas

nem precisava. No meio da tarde ajudou a repor estoque, chegara um carregamento de manhã. Fez isso com gosto. No final do expediente bateu o ponto e foi para a estação Sé. Não estava acostumado a ver tanta gente num mesmo lugar. Um mar de gente maluca, todos apressados, todos com horário apertado. Ao descer a escada rolante viu, à sua frente, logo abaixo, um menino de uns doze ou treze anos deslizar a mão, com suavidade, para dentro do bolso de um velhinho. Lá se foi a aposentadoria do coitado. Arthur Kobeski sentira neste momento que precisava proteger o próprio bolso. Seu objetivo de ser padre ficou ainda mais forte, precisava trabalhar por um mundo melhor.

Nem todos os trens do mundo seriam suficientes para transportar tanta gente, pensou, olhando a multidão. Mas teria que se acostumar. Seria sua nova vida daí em diante. Tivera sorte. Pouco mais de duas semanas que viera de Limeira e já estava empregado. Poderia ajudar o pai, que ainda não tivera a mesma sorte. Não tinha do que reclamar. O trem chegou, centenas de pessoas se atropelaram para conseguir uma vaga, mas uma grande parte não conseguira entrar. Kobeski estava tentando entender como funcionava aquela engrenagem. Dentro de dois minutos chegou outro trem, mas ainda não conseguira entrar. Não havia nenhum centímetro de espaço livre lá dentro, parecia difícil até para respirar. E quando começasse a faculdade? Seria um terror. Sim, era seu objetivo. O Thomas já estava indo para o segundo ano de administração, não podia ficar para trás. Teria que se esforçar o dobro para compensar a grande sorte do primo. O pai de Thomas era dono de duas lojas de aviamentos no Brás, por isso não precisava trabalhar.

Kobeski desceu na estação Patriarca e passou numa mercearia. Comprou três litros de leite, meio quilo de café, um quilo de carne moída, um de batatas, uma dúzia de ovos e quatros pães. Abraçou a mãe, feliz pelo bom começo na cidade grande. O pai chegou logo em seguida, de sua saga atrás de um emprego. O irmão mais novo ainda estava na rua. A mãe colocou uma colher das de sopa de óleo na frigideira. Deixou aquecer e deitou um ovo em cima. Semeou uma porção de sal com os dedos e pegou uma colher grande. Pegou o óleo quente com a colher e deitou sobre o ovo. Fincou a colher na gema para ficar bem passada. Fez quatro ovos. A janta foi pão com ovo, com muita gratidão a Deus. A mãe ensinou desde cedo que deviam agradecer pelo que têm, e não reclamar pelo que não têm.

Yitzhak Ben-Gurion

—Mãe, vou fazer teologia.

—Não desistiu disso, filho? É uma carreira complicada. Você é um homem de boa aparência, inteligente, distinto. Tem muita chance de ter uma boa profissão, ter família. A religião é um caminho cheio de restrições.

Kobeski não estava em busca da religião, nem de profissão. Estava em busca do próprio Deus, do Criador do universo. Sempre tivera curiosidade sobre as coisas além desta vida. A morte e a eternidade batiam em sua cabeça como martelo numa bigorna. Considerava essa questão mais urgente que todas as outras. Não suportava as imagens e estátuas que ficavam estacadas nas igrejas, não via sentido nisso. Isso era mundano demais para se relacionar com um ser tão grande como o criador. Mas não conhecia outra explicação.

—Veja o Thomas, vai seguir uma carreira para ter uma família. Os irmãos dele já estão se arrumando.

Outra coisa que atraía Arthur Kobeski para a carreira religiosa era a possibilidade de passar a vida estudando, fazendo pesquisas, rodeado de livros. Seu pai, assim como o pai de Thomas, viera adolescente da Alemanha para o Paraná, não tiveram muitas oportunidades para estudar, mas incentivavam os filhos a ter uma vida mais assertiva. A família da mãe viera da Polônia.

No terceiro dia Arthur Kobeski entrou na loja às sete e quarenta e oito. Aguardou dez minutos para bater o ponto. Enquanto isso ficou ajeitando os livros nas prateleiras da frente. O gerente explicou que a loja tinha alguns livros que os vendedores poderiam levar emprestados para casa. Kobeski já se imaginou mergulhando naquele mundo maravilhoso do conhecimento. Poderia até descobrir como chegar ao céu. Alguém poderia explicar isso a ele. Correu e foi bater seu ponto. Voltou para ver com o gerente quais os livros estavam à disposição. Quando entrou na sala do gerente havia uma moça sentada diante dele, com uma bolsa bege pequena, no colo. Linda e elegante. Cabelos castanho-claros, batendo abaixo dos ombros. Pouco mais de um metro e setenta. Sorriso fácil e dentes perfeitos. Usava um vestido vermelho, cinturadinho, de alças largas sobre os ombros. Por um momento ele esqueceu o que fora fazer ali.

—Kobeski, essa é Helena, começa hoje.

Ela ficou de pé e ambos se cumprimentaram. Os olhos dele brilharam.

—Kobeski começou segunda feira, também é novo aqui. Mas já está se destacando. — O gerente balançou a cabeça em aprovação. — Dê uma força a ela, — disse ainda, olhando para ele.

Eles trocaram felicitações e Kobeski se comprometeu a ajuda-la. Helena era de família simples. Tinha três irmãos e uma irmã; era a segunda filha dos pais. Havia trabalhado quatro meses numa livraria pequena, mas seu sonho era trabalhar na Saraiva. Morava na Penha. Ela estava passando um momento difícil, o pai havia falecido vinte dias antes.

Kobeski esqueceu o que foi fazer na sala do gerente, e voltou para a loja sem perguntar. Daí uns oito minutos Helena apareceu, tentando se passar por tímida. Não era tão tímida assim. Era mulher bem resolvida. Dizia o que queria dizer, sem meias palavras. Era perspicaz e lúcida.

—Que tipo de livro você gosta de ler? Você gosta de ler, certo? — Kobeski perguntou tentando socializar.

—Sim, gosto. Confesso que tenho lido pouco. Não estou podendo comprar livros, mas gosto de ficção e romances.

—Aqui a empresa tem livros para levarmos para casa. Vou ver se pego um hoje. Eles incentivam a gente a conhecer os livros.

Entrou um cliente e Kobeski passou à frente para atendê-lo, mas acenou para Helena se aproximar. O cliente queria uma dica de livro de história da arte. Nenhum dos dois tinha algo pronto na mente. Kobeski já sabia a parte da prateleira onde procurar. Os três foram para lá e, juntos, conseguiram fazer a primeira venda do dia, dois livros. No restante do dia Kobeski procurou deixá-la à vontade, mantendo distância.

Na volta do almoço havia uma vendedora ambulante na calçada, e Kobeski comprou uma cocada. Era uma mulher de uns setenta anos, ou pelo menos parecia bem velha. Havia uma menina de uns doze do lado dela, sentada em um caixote de madeira. Não comprou tanto pelo doce. Era observador, viu naquela mulher o sofrimento de uma vida. Tentou decifrar o motivo de ela estar ali, naquela idade, acompanhada daquela menina. Pegou o doce, pagou com duas moedas e o levou à boca. Mas continuou parado, observando as duas. Estavam sujas, rostos encardidos. A pele da mulher era bem enrugada. Os cabelos eram bem grisalhos, e a parte que fugia de debaixo do lenço sujo era desgrehada e sebosa. A menina estava agitada, na contramão do ânimo da mulher. Esta olhava para a menina com algum pesar dentro

Yitzhak Ben-Gurion

de si. Parecia fazer um grande esforço para se manter controlada. Kobeski capturou essa comunicação visual, e sentiu a dor da mulher. Pediu mais um pedaço de papel para limpar as mãos, comprou outro doce e continuou para a loja. Depois do expediente ele fora com Helena para a estação Sé.

–Você é de São Paulo? – Kobeski perguntou enquanto iam andando pela calçada.

–Sim, nascida e criada. E não sei se gostaria de morar em outro lugar. Eu gosto daqui. Pode parecer estranho, mas eu gosto dessa correria da cidade.

–É sério que você gosta de andar nesse metrô? Parece lata de sardinha.

–Gostaria que fosse melhor. Gostaria de poder entrar e sentar. Não gosto do aperto, se é o que você quer saber. Mas gosto da praticidade dele, da tecnologia. – Ela virou para ele com sarcasmo, mexeu a cabeça e entonou a voz. – Está bom, eu queria mesmo, de verdade, é ser rica. Muito rica. Ter um carrão e não precisar andar de metrô.

Ele balançou a cabeça, concordando com ela pelo óbvio, e os dois riram. Passaram perto de um ponto de ônibus, havia umas oito pessoas, e três estavam entrando no ônibus. Eles passaram, ouviram quando o ônibus fechou as portas e acelerou.

–Eu morava no interior, tinha mais contato com a natureza. Ainda estou me acostumando. Mas aqui vai ser bom por que pretendo estudar.

–Quer fazer o quê?

Ele hesitou um pouco, não queria dizer para ela que pretendia fazer teologia.

–Tenho vontade de estudar história.

–Quer ser professor?

–Não quero ser professor, mas gosto de história. E você?

–Secretariado ou relações públicas.

–Combina com você.

–Como assim, combina com você? Você não me conhece. Já está tirando conclusões? – Ela forçou uma risadinha para não parecer autoritária.

–Não me leve a mal, é o meu jeito. É que você conversa bem, é desinibida.

No dia seguinte conseguiu ir almoçar com ela. Foram ao prato-feito que ele conheceu. Durante o almoço ela o convidou para jogar Can Can com uns amigos num bar, ali mesmo, na Sé, na sexta.

Quando eles chegaram ao bar, já tinha dois rapazes e uma moça. Um dos rapazes havia trabalhado com ela em outra empresa, e os outros dois eram amigos de muitos anos. Depois chegaram mais duas moças. Pediram espetinhos de carne assada. Para beber alguns pediram cerveja, outros, refrigerante. Kobeski já havia brincado de Can Can duas vezes, em Limeira. Mas o jogo que interessava a ele era outro, queria fazer amigos e se aproximar de Helena. Brincaram até onze e meia da noite. Kobeski foi para a estação Sé com ela. Aquela multidão horrível do horário de pico já não estava mais lá. Desceram a escada para a linha vermelha, sentido Itaquera, e entraram no trem. Ele desceu com ela na estação Penha, não poderia deixá-la sozinha àquela hora da noite. Andaram trezentos metros até a casa dela. Foram conversando como dois grandes amigos. Falaram sobre futuro, sobre amigos, sobre família e sobre trabalho. Chegaram à porta da casa dela. Era uma casa térrea, amarela, com um pequeno quintal e garagem na frente. Não era o momento para ficarem ali parados, conversando; não era seguro. Eles se despediram, ele esperou que ela entrasse e se foi. Voltou para a estação do metrô, pegou o trem e continuou até a estação Patriarca.

Arthur Kobeski tinha uma irmã um ano mais velha. Havia ficado em Limeira, com o namorado. Mas chegou no sábado pela manhã, decidida a se estabelecer na cidade grande. Lúcia desembarcou na estação Tietê com uma mala e uma mochila. Foi até à estação Sé e lá pegou a linha vermelha sentido Itaquera. Ao embarcar colocou a mala no chão e a mochila sobre ela. Levantou as mãos para segurar no corrimão, mas percebeu que a saia, um pouco justa, havia levantado demais. Abaixou uma das mãos, consertou a saia e seguiu. O irmão a esperava na estação Patriarca. Cumprimentaram-se calorosamente. Passaram na mercearia e ele comprou um quilo de bife, um de tomates maduros e um de cebolas médias. Ele falou sobre as possibilidades e dificuldades na nova vida. Explicou os cuidados que ela deveria ter. Os descuidados são facilmente enganados. Era mulher bonita e teimosa. Mais baixa que ele, mas muito mais atrevida e determinada. Não concordava com todas as diretrizes dos pais, por isso era fonte de embates em casa.

–Você pensa em estudar aqui?, – perguntou Kobeski quando estava abrindo o portão da casa. Ela parou e ficou observando a nova morada.

Yitzhak Ben-Gurion

Em Limeira moravam num bairro simples; numa cidade pequena como aquela, tudo era perto e aconchegante. Ali, tudo parecia muito intenso, perigoso e competitivo. Mas sabendo lidar com as oportunidades, dava-se um jeito, ele explicou.

—Não sei ainda. Estudar não é a minha praia. Quero arrumar um emprego, ganhar meu dinheiro e cuidar da minha vida. Acho que vou gostar daqui.

Kobeski datilografou um currículo para ela e tirou algumas fotocópias, para ela distribuir nas agências de emprego. Durante o almoço a mãe cobrou dela definição sobre o futuro profissional. Afinal, quem não tem profissão não tem futuro.

—Mãe, o Arthur quer ser padre, isso é profissão? E se não for ordenado?

—Eu já falei com ele também, tem que pensar direito. Onde já se viu? Viver rodeado por aquelas estátuas? Deus não pode estar no meio daquilo.

Kobeski compartilhava da mesma posição da mãe. Se tem idolatria, Deus não podia estar lá. Mas, então, onde encontrar Deus? Talvez, estudando, ele aprendesse.

Segunda estava um dia chuvoso. Trovejou e os relâmpagos cruzaram o céu durante a tarde quase toda. No final do expediente ainda chovia, mas era uma chuva mais mansa. Mansa, mas persistente. Também esfriou. Helena tinha um pequeno guarda-chuva na bolsa, e ofereceu carona a Kobeski. Precisavam se abraçar para conseguir ficar juntos. Saíram da porta da loja e a sarjeta estava um verdadeiro rio. Tentaram pular juntos a correnteza, mas afundaram os pés na água. Um pequeno desastre, para começar. Mas aproveitaram para rir escancaradamente. Nem alcançaram o outro lado da rua e já estavam totalmente molhados dos joelhos para baixo. Quando pularam para alcançar a calçada do outro lado, se desequilibraram e o guarda-chuva abaixou, e com isso uma rajada de vento o virou do avesso. Ela deu um grito por causa da água fria. Ele rapidamente manobrou o apetrecho, colocando-o na posição correta. Helena levou a mão esquerda à cabeça, para constatar se os cabelos estavam a salvo. Não estavam. Ficou indignada, disse alguns impropérios, mas logo se acalmou. Eles continuaram andando pela calçada, e o vento continuou apertando. Apertaram o passo. Pararam na entrada da estação para se enxugarem. Kobeski fechou o guarda-chuva e o sacudiu.

—Meu guarda-chuva não resolveu nada. Estou toda molhada. Olhe para você, está ensoopado.

—Poderia ser pior. Chuva dessa, não tem guarda-chuva que dê jeito. Mas eu gostei de correr na rua com você. Você esbravejou, mas também sorriu. Você é divertida.

—Nada, sou chata. Você não me viu nervosa. Nem deu tempo de ficar nervosa, tivemos que correr. Estou exausta.

Ela abriu a bolsa e encontrou uma blusa de malha.

—Olha o que eu encontrei. Ela enxugou o rosto, o cabelo e os braços. Depois a ofereceu para ele fazer a mesma coisa.

Quando passou a blusa no rosto ele a deteve para investigar algum aroma que pudesse associar a ela, e encontrou. Depois agradeceu a gentileza. A dupla gentileza. Ela olhou para ele para dizer que não precisava agradecer, mas aí ela notou que naqueles olhos serenos havia mais que gratidão por uma gentileza pontual. E isso fez disparar um gatilho bem no fundo da alma dela. E ela percebeu que isso era bom, bem gostoso. O brilho dos olhos dele fez brilhar os olhos dela. Involuntariamente ela suspirou e se sentiu indefesa. O sorriso de ambos mudou de formato. Cada formato de sorriso expressa um estado da alma, e o estado daqueles dois era de uma linda rosa, quando nasce num jardim sem graça e malcuidado. Ele a convidou para um café quente, ali mesmo na estação. Na moldura daquele sorriso sóbrio ela mordeu levemente o lábio inferior, sem saber o que dizer. O sorriso se transformou numa expressão de modéstia. Ela suspirou de novo. Ele pegou na mão dela e a levou para a lanchonete. Desde então seus olhares e atitudes, de um para com o outro, se tornaram mais calorosos e comprometedores. Dois dias depois ele escreveu para ela uma poesia, com três versos rimados. Ela ficou encantada. Foram meses de pleno amor, juras, sonhos e planos.

Dez meses depois entrou na livraria um rapaz, falante, audacioso e bonito. Era início de fevereiro.

—Moça, cadê o Arthur?

—Ele foi embora agora há pouco. Tinha consulta médica marcada agora à tarde. É só com ele?

—Não, pode ser com você mesmo. Preciso de um livro de cálculo integral e outro de resistência dos materiais. — Ele mostrou a ela os títulos e os nomes dos autores.

Yitzhak Ben-Gurion

Ela o levou à prateleira de exatas. Havia retocado a maquiagem assim que voltara do almoço, bem como os cabelos. Estava cheirosa, e a simpatia dela não passava despercebida.

–Você é estudante de engenharia?

–Sim. E pretendo abrir uma construtora e ganhar muito dinheiro. – Ele tinha um ar confiante e não se acanhava de demonstrar isso.

–Que bom. Acreditar em si mesmo já é um bom começo. Onde você estuda?

–Na USP. Você estuda?

–Ainda não, mas pretendo. Em breve.

Ele olhou o crachá dela.

–Helena, você trabalha aqui há muito tempo?

–Alguns meses. Porquê?

–Estou pensando em construir um edifício que lembre o formato de um corpo feminino. E vai ser em homenagem a você. – Rapaz atrevido.

–Jura? – Ela ficou encantada com o elogio gratuito do cliente, e esboçou um sorriso avermelhado que deixou o rapaz desnorteadado. Ele tinha a mesma altura dela, cabelos castanhos partidos da esquerda para a direita. Usava um bigodinho ridículo, ligado a um cavanhaque que o deixava perto de um daqueles mafiosos do tempo de Al Capone.

–Onde você mora?

–Na Penha.

–Eu moro ali na Mooca, é bem perto. Posso te levar para casa hoje?

–Melhor não.

–Podemos tomar um café? Só um café de amigos.

–Vou pensar. – Ela respondeu sem demonstrar muito entusiasmo. Mas ele entendeu como sim.

Ele pegou o cartão dela e se foi com os livros. Cinco dias depois ele ligou para a livraria. Para a moça do caixa, que atendeu, ele dissera que era um cliente e precisava de um livro. Não disse o nome. Helena e Kobeski estavam na porta da loja, parados, conversando. Quando a moça a chamou ela piscou para Kobeski e foi. Ao ouvir que era Thomas, ela perdeu o sorriso e pareceu preocupada. Da porta da loja Kobeski olhou para ela e piscou, sorrindo. Ela tentou corresponder, mas apenas baixou a cabeça e continuou conversando. Precisava despistar o falastrão. Ele a exaltou, teceu mil elogios, e a deixou fragilizada com seus encantos. Ela aceitou tomar um café com ele. Mas seria só aquele encontro, apenas para ele não a procurar mais.

Marcaram de se encontrar depois do expediente dela, num bar na Liberdade. Ela disse para Kobeski que precisava encontrar uma amiga do colégio, que naquele dia não iriam juntos para casa. Ele compreendeu e consentiu.

Quando Helena chegou ao bar, Thomas já estava lá, com seu famoso violão de cordas de aço. Um Takamine lindo. A noite estava fria, ele vestia uma calça de sarja marrom, camisa social azul escuro e uma jaqueta de couro também marrom. Jaqueta bem cortada. Havia tirado o bigode e a barba, estava com a pele lisa. Dissera algumas palavras ensaiadas e deu a ela um arranjo com três rosas colombianas, bem escolhidas. Ela engasgou. Empunhou o violão e feriu as cordas com maestria. Atreveu-se a cantar Garota de Ipanema olhando nos olhos dela. Cantou baixinho para não incomodar os outros clientes. Mas eles ouviram, e gostaram. O dono do bar propôs a ele despesas por conta da casa se ele cantasse mais algumas músicas, usando um microfone. Ele topou, e fez bonito. Cantava olhando para a moça. Bossa Nova, Chorinho e Samba Canção. Helena não esperava tamanha receptividade, e nem o rapaz imagina que teria tão grande ocasião para flechar o coração dela. Thomas tocava violão desde os doze anos, por direcionamento do pai, mas não fazia apresentações. Era apenas em casa e entre os amigos. Uma vez, quando ainda fazia o curso de administração, os alunos da sala promoveram uma festa no sítio dos pais de um dos alunos, e ele se apresentou. Tocou e cantou MPB e rocks nacionais.

Helena chegou sem entusiasmo, e procurou se manter neutra, apenas amigável. Mas o rapaz conseguiu impressioná-la. Era inteligente e bem articulado para se expressar. Já havia viajado para os Estados Unidos, Alemanha e Espanha. Tinha muita história para contar. Depois desse encontro vieram outros, e cada vez mais animados. Dois meses depois ela conseguira emprego numa loja de eletrodomésticos, a comissão seria maior. Mas sentia que precisava se descolar de Arthur Kobeski. Nesses dois meses Kobeski viu sua amada se distanciando de forma dolorosa. Ele não podia entender, o seu amor por ela não diminuiria. Pouco tempo depois ela rompeu com ele, definitivamente, sem dizer o real motivo. Mas ele ficou sabendo, através de um amigo em comum. Foi um golpe forte, principalmente vindo do primo. Foi aí que ele resolvera, definitivamente, que seguiria a carreira religiosa. Entrou para o seminário e fez teologia. Ele e Thomas terminaram a faculdade na mesma época. O primo estivera na frente, mas resolvera

mudar de curso, e isso os deixou iguais. Thomas e Helena se casaram, e cada um seguiu o seu rumo. Com o tempo, tanto Thomas quanto Helena se arrependeram da crueldade. Mas, aí já era tarde. O casal foi morar na Lapa, e Kobeski foi aceito como auxiliar na igreja da Vila Maria. Um dia, já nessa igreja, ele entendeu que deveria perdoar os dois. Então ligou para Thomas e perguntou se poderia fazer uma visita a eles. Foi, e foi muito bem recebido. Desde então parece que a relação entre os três foi restabelecida. Pelo menos parcialmente. Helena parecia constrangida com tudo que acontecera, e a maneira como Kobeski lidara com a perda e a humilhação só aumentara a admiração que ela tinha por ele. O que ela fizera foi muito feio, ela pensava. Ele não merecia passar pelo que passou, foi culpa dela. Ela que não colocou limites nas investidas de Thomas. Então tentava reverter o mal. Um dia, quando Pedro e Isadora já haviam nascido, Kobeski foi convidado para almoçar com a família, na casa da Lapa. Era domingo. Saiu da missa e foi. As crianças estavam brincando no quintal, e Thomas precisou levar o carro à borracharia para remendar um pneu. Helena estava terminando de fazer o almoço, quando Kobeski apareceu na cozinha pedindo água. Ela o serviu e ficou parada na frente dele. Pegou o copo de volta e continuou parada.

—Era para sermos nós dois aqui. Como eu fui idiota. Como eu fui cruel com você. Fui infantil e prepotente. Arthur, por tudo que há de mais sagrado, me perdoe. Eu não mereço você. Mas se eu pudesse voltar no tempo, faria tudo diferente.

—Eu não penso mais nisso. Era para ser assim. Não se preocupe. Toque a sua vida normalmente. Agora você tem seus filhos, seu marido. Você tem uma vida que eu não poderia te dar.

—Mas não era isso que eu queria. Na verdade, era. Naquela época calculei errado o valor das coisas. Mas eu faria tudo diferente, se tivesse outra chance. Eu não perderia você de novo, por nada desse mundo. Fui muito covarde.

Ela colocou o copo sobre o balcão, pegou na mão dele e o abraçou. Ele ficou estático, até segurou a respiração um momento. Hesitou, mas gostou. Mas em seguida segurou a cintura dela e ficaram de rostos colados. Fecharam os olhos e ficaram pensando, sonhando. Ele falou ao ouvido dela.

—Precisamos ficar firmes nas nossas escolhas, não podemos magoar mais ninguém.

Apesar de dizer isso ele não tinha convicção do que dizia; afinal, ela era uma de suas escolhas. Em seguida se beijaram, calorosamente. Essa cena se repetiu algumas vezes ao longo dos primeiros cinco ou seis anos de casamento dela. Depois se afastaram de vez, ficaram vários anos sem se ver.

Era véspera de natal. Os Mesquitas iam comemorar em família na casa da praia, e iam ficar para receber os amigos no ano novo. Helena foi de manhã, com Pedro e Isadora, para adiantar os preparativos. Thomas iria à noite, com uma irmã. Mas teve uma infecção alimentar de última hora e achou melhor ir no dia seguinte.

Arthur Kobeski fora convidado para auxiliar nas festividades da igreja do Embaré, era amigo do pároco na época. E ficaria hospedado na casa de um ex-colega de seminário. Chegou a Santos no meio da tarde e foi para a casa dele. Deixou sua mala e foi dar uma volta na praia. Ao passar na altura da Avenida Senador César Lacerda Vergueiro, número 19, ele parou. Sentiu vontade de passar na porta da casa. Ficou sabendo que Thomas havia comprado essa casa para veraneio da família. Atravessou a Almirante Saldanha da Gama e entrou na Afonso Celso de Paula Lima. Foi até à praça Dante Alighieri e de lá entrou na Cidade de Cunha, até a praça Coração de Maria. Dali andou poucos metros e já estava na porta. Memorizou bem o endereço quando Helena explicou onde era. Ficou parado, admirando. Nunca poderia ter dado aquele conforto a ela. Ela fez a opção certa. Helena apareceu na janela do andar de cima. Viu que tinha um homem lá fora, parado, olhando para a casa dela. Ficou preocupada e se esquivou para observar. Reconheceu Kobeski. Ficou pasma. Gritou, mas ele já ia saindo e não ouviu. Ela desceu correndo e foi para o portão.

—Arthur. Arthur. O que está fazendo aí na porta?

—Olá, Helena. Me desculpe, eu só ia passando. Eu me lembrei de que você falou desta casa, aí parei só para observar. Já estou indo, estou na casa do Décio.

—Nada disso, entre, venha ver as crianças e conhecer a casa. Por favor, não fique aí.

Eles se abraçaram e ele entrou. Pedro e Isadora estavam brincando na sala. Eles se sentaram no sofá e conversaram um pouco. Depois ela o chamou para a cozinha, para fazer um suco de laranja. Ela tinha um bolo e ele comeu um pedaço. Continuaram conversando, lembrando do passado, falaram das perspectivas para o ano seguinte. Ela resolveu

Yitzhak Ben-Gurion

leva-lo para conhecer o piso superior. Ao chegar à porta do quarto ela parou, olhou para ele e o abraçou.

—Me perdoe, Arthur, me perdoe. Não era para ser assim. Ela encostou a boca no pescoço dele e suspirou.

—Helena, eu preciso ir. Isso não vai dar certo. As crianças estão lá embaixo.

—Vai dar certo sim. Me beije. — Ela o olhou intensamente, quase exigindo um beijo.

Ele a obedeceu, educadamente, e a puxou para dentro do quarto. Ela fechou a porta e o puxou para a cama.

—Então foi assim? Foi naquele dia?

—Isso mesmo, Arthur, a Izabel foi concebida naquele dia. Mas o Thomas chegou no dia seguinte, e ficou tudo certo. — Ela deu uma risadinha venenosa e piscou para ele.

—A Bebel é minha filha. Aquela criaturinha meiga. Isso é lindo. Que pena que eu nunca vou poder conversar sobre isso com ela, nunca vou poder trata-la como filha. Mas é um consolo tê-la por perto de vez em quando. Você deve ter sofrido para guardar esse segredo todos esses anos.

—Não foi fácil. Mas agora, de certa forma as coisas se ajeitaram. Você entende agora o meu sofrimento?

—Entendo. Eu prometo que vamos resolver isso em breve. Me dê mais um tempo.

Helena pegou suas coisas, guardou o balde, o pano e a vassoura, e voltou para casa.

Com o tempo a compulsão de Kobeski por Helena foi ganhando proporções extremas, passou a falar abertamente com ela e sobre ela, sozinho, em seus delírios, onde quer que estivesse. Era tão enfático em suas afirmações que qualquer um que não o conhecesse acreditaria em tudo, tudinho mesmo. Eram histórias muito bem elaboradas, de uma realidade que impressionava. Tamanha era a sua ânsia de que seus sonhos se tornassem realidade.

Três dias depois de sair da delegacia de polícia Alan ainda estava em choque com o desfecho do caso Priscila. Não podia crer que ela estava morta. Por outro lado, ela continuava sumida, não dera notícias. Era melhor se conformar, mesmo sem ter uma explicação lógica na qual se

apegar. Sentiu que estava mais realista, mais responsável. Mas sentia um fogo estranho dentro de si, uma vontade louca de se limpar das atitudes inconsequentes tomadas nos últimos três meses. Isso mesmo, se sentia sujo. Ou usado. Se não era Priscila, então, quem era? Resolveu dar um passo de redenção. Convidou Renata para comer sanduíche no Jerônimo da Barão de Penedo, no Canal Um. Comprou um anel de ouro, um arranjo de tulipas e usou seu perfume novo. O arranjo ele combinou com um amigo de leva-lo só quando ligasse para ele. Renata não esperava receber um pedido de casamento tão cedo, ficou flutuando, ali naquele restaurante chique no Canal Cinco. E não foi só pelo pedido em si, foi por entender que Alan acreditava de verdade na recuperação dela. Continuaría viva por muitos anos, e ao lado do seu companheiro.

Rosana nunca mais foi a mesma pessoa. Depois de três meses e meio em tratamento psiquiátrico, a médica determinou a internação dela para aprofundar o tratamento com medicamentos. Estava debilitada, confusa, dividida. Passou a responder por duas personalidades; em certos momentos era a mãe, e no momento seguinte se comportava como a própria Priscila. E as duas conversavam delongadamente, uma com a outra. Falavam principalmente sobre questões da adolescência, e tentavam resolver questões supostamente pendentes daquela época. Rosana ficou dois meses no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP, até conseguir se relacionar com a realidade novamente.

Kobeski estava determinado a ir ao Monumento Engenho dos Erasmos, para avaliar como seria, na vida real, ir até lá sem ser visto. Resolveu que seria naquela noite. Pegou o celular e chamou um taxi app. O endereço era rua Engenheiro Gercino Hugo Capareli, número cento e três, Vila São Jorge. Precisava ensaiar como seria levar os esqueletos até o cemitério indígena do Monumento Engenho dos Erasmos. Eram nove e dez da noite. Estava de calça jeans azul escuro, camiseta marrom e tênis baixo, da Puma. Por cima da camiseta vestia uma jaqueta azul, também da Puma. Desceu do carro e ficou parado um instante, enquanto o motorista se distanciava, com as mãos nos bolsos. Virou-se e entrou na rua Alan Cíber Pinto, uma rua pequena e sem saída. Foi andando na calçada, pelo lado direito, devagar. Do lado direito um conjunto habitacional de prédios, e do esquerdo um complexo de sobrados geminados. Parou três vezes para olhar para

trás. Quase no final da rua, do lado direito, parou em frente ao portão da Escola Estadual Gracinda Maria Ferreira. Olhou lá dentro, observou as árvores. Estava bem escuro por causa da sombra das árvores e do prédio. Deu mais alguns passos e estava quase diante da portaria do monumento. Do outro lado da portaria o sítio arqueológico era todo cercado por um alambrado de tela com arame farpado, que ladeava o morro e ia contornando para a esquerda. Não era hora de visitação, o guarda não permitiria entrar. O cemitério estava a poucos metros dele, no meio do pátio. Havia visto no site algumas imagens do local, já tinha uma noção de como era lá dentro. Não podia arriscar ser visto e barrado. Se isso acontecesse poderiam ligá-lo a qualquer incidente que houvesse no futuro. Seria melhor ficar oculto. Voltou alguns passos, até a entrada do colégio, onde os dois muros se encontravam.

O monumento e o colégio ficavam bem ao p  do morro, de modo que além dos muros uma elevação abrupta se estendia íngreme, rumo ao céu, coberta de árvores da mata atlântica. Do lado do colégio o muro era baixo, poderia ser facilmente pulado. Postou-se diante do muro do colégio, olhou para os lados. Ninguém   vista, tudo calmo. Mas com certeza a portaria do monumento tinha sistema de sensores de segurança. Mas tinha que arriscar. Firmou as palmas das mãos sobre o muro, contou até três e jogou o corpo. Nada. Estava muito fora de forma para conseguir isso, e ainda quase bateu o queixo. Muito pesado.   sua direita havia um poste de energia elétrica, bem perto do muro. Andou e ficou entre o muro e o poste. Usou o poste para firmar o p  para tr s e criar impulso. Firmou as palmas das mãos de novo, firmou o p  e se jogou. Ficou pendurado, com o peito encostado no muro. Não aguentaria ficar naquela posição mais que vinte segundos. A respiração acelerou.

Se soltasse, a queda seria impactante. Precisava fazer um esforço extra para completar o objetivo. Respirou fundo e deu outro impulso. Conseguiu colocar o umbigo em cima do muro. Estava a salvo. Descansou três segundos e jogou a perna direita para cima. Quase distendeu o músculo. A perna estava dura, não queria ir. Dobrou-a e colocou o joelho. Descansou por cinco segundos estendido, deitado de bruços sobre o muro, com a perna esquerda pendurada. O rosto estava avermelhado pelo esforço. Jogou a perna direita para o outro lado e sentou-se com as pernas abertas. Consertou rapidamente a cueca para não esmagar os testículos. Agora tinha que ir, não podia ficar

parado. Firmou as mãos de novo, e movimentou o corpo para o outro lado. Preparou-se para bater as pontas dos pés, para reduzir o impacto, e para evitar barulho. Conseguiu. Estava atrás do muro do monumento. Agora tinha que andar e passar atrás da portaria, sem ser notado. Porém tinha um portão de ferro no caminho. Esse foi fácil, firmou o pé direito na grade e se jogou.

Depois da portaria começava uma cerca de tela de arame. No total teria que andar cerca de oitenta metros até o ponto de pular a cerca, atrás da casa de pedras da antiga moenda. Abaixou-se e foi, andando devagar. Estava atento. Passou atrás da portaria. Tudo certo. Ouviu um rádio ligado lá dentro, um locutor bem animado, mas nenhum movimento. A administração do monumento mantinha um espaço limpo entre a mata atlântica, do lado direito, e a cerca de arame, do lado esquerdo, de um metro e meio de largura, para evitar problemas com algum possível incêndio na mata. Kobeski continuou andando, procurando manter-se mais à direita, para se ocultar na sombra da mata. O caminho ia se elevando cerca de dez graus. Do lado esquerdo viu as paredes de vidro do centro administrativo e do auditório, a poucos metros. Tudo escuro. Já estava vendo as ruínas, cerca de cinquenta metros à sua esquerda.

Há quinhentos anos antes aquele lugar fora uma das primeiras fábricas de açúcar do país. A luz fraca da lua e mais a iluminação que vinha da vizinhança permitiram ver os contornos do amontoado de pedras em formações geométricas. Estava atrás da casa da moenda, a única construção coberta das ruínas. Na portaria, tudo parecia quieto. Tinha que pular a cerca. Subiu um amontoado de pedras que havia ao lado da cerca, perto de um dos postes de concreto que sustentavam a cerca. Não dava para o guarda vê-lo, estava protegido por uma pequena curva que a cerca fazia à direita. Fincou a ponta do tênis na tela, na altura do joelho, firmou as mãos no arame superior. Deu um impulso para subir, mas o tênis escorregou e cortou a mão em uma ponta de arame solta. Aprumou-se e olhou para o machucado. Nada grave, apenas limpou o sangue no próprio poste. Se ao menos tivesse um portão ali, tudo seria mais fácil. Mas quem planejou a cerca não sabia que ele precisaria passar ali. Tudo bem. Fincou de novo o tênis na tela. Desta vez procurou se firmar mais no poste. Conseguiu jogar a perna para o outro lado. Mas a cerca estava balançando, e estava firmada no poste por fios de arame. Estava montado em um cavalo bravo, não podia fazer movimentos bruscos. Fincou o pé direito do outro lado,

bem devagar, e procurou não se mexer muito. Mesmo assim o fio de arame mais alto arrebentou, e o cavalo deu um salto que quase o jogou no chão. Os óculos caíram. Sorte que foi do lado do monumento. Ou foi azar? Ele não sabia se conseguiria chegar do outro lado, o guarda poderia aparecer e puxar o gatilho, sem avisar. Tarde demais, tinha que continuar. Se fosse visto, se seu plano fosse descoberto, sua carreira religiosa estaria arruinada, estaria encrocado com a justiça. Um padre tentando burlar um sítio arqueológico federal para enterrar dois esqueletos indígenas ilegais? Isso renderia uma bela matéria jornalística, e ele ficaria famoso da pior maneira. Deu outro impulso e ficou pendurado na cerca. Antes de soltar as mãos procurou ver onde estavam os óculos. Jogou o corpo ao chão e dobrou os joelhos para amortecer a queda. Mas não caiu. Pegou os óculos e os colocou no rosto. Olhou para a esquerda, para a portaria. Nenhum movimento. Agora teria que andar uns trinta ou quarenta metros, em linha reta, até o pequeno cemitério. Até aqui tudo bem, mas quando estivesse com os ossos teria um peso extra para carregar. Não eram muito pesados, estavam totalmente secos. Poderia coloca-los numa mochila. Teria que pensar melhor depois em como carregar esse peso.

Passou ao lado da casa da moenda, à sua direita, com o corpo encolhido. Os ossos secos eram apenas ossos; mas, e se o coisa-ruim se apoderasse deles bem no momento desse trajeto? Não tinha pensado nisso. Ele se apodera de coisas e de pessoas. Sempre fez isso, desde a Criação. É assim que ele procura destruir as pessoas e tudo o que Deus fez. O cemitério, assim como o monumento, estava sobre um pequeno elevado, cerca de dez metros acima do espelho d'água do rio São Jorge, que corria ali perto no século dezesseis. Kobeski deu mais alguns passos. Se o guarda olhasse para aquele lado e visse aquele vulto, certamente entraria em choque. Aquela alma corcunda devia ser daquele cemitério, devia estar voltando para a sua morada. Ele parou diante de um pequeno elevado. Uma mureta de pedras brutas à sua frente, de um metro de altura, escorava um pequeno lote de terra. Era o cemitério. Um terreno de uns dez metros por cinco, ou menos. As ossadas deviam estar no mesmo nível de seus pés.

À sua direita estava o que sobrou de um antigo edifício de quase quinhentos anos de idade. Um muro de quatro metros de altura por sessenta centímetros de largura. Pedra sobre pedra, unidas com uma poderosa liga de gordura vegetal e calcário de conchas. Esse muro estava dividido em duas partes; havia outro muro que saía dele e vinha

na direção de Kobeski, fazendo um ângulo de noventa graus. Na verdade, os restos desse muro. Os dois muros formavam parte das paredes do que fora uma capela, oferecida a um ídolo, de um lado, e um paiol de armas, do outro. O cemitério, então, ficava diante da porta dessa antiga capela. Kobeski ficou admirando o local, e planejando o que fazer. Não seria simples trazer os ossos, escavar, coloca-los na cova e depois jogar a terra de volta. Mas a grama ficaria revirada. Alguém poderia notar. Então poderia fazer um buraco pequeno, afinal, eram só ossos. Porém teria que enterra-los do jeito como os índios acreditavam ser o certo, na forma fetal. Não poderia apenas joga-los. E se o coisa-ruim não quisesse abandona-los? E se depois de enterrados eles saíssem da terra para continuar a assombrar? Por outro lado, antes de serem desenterrados em Pinheiros, eles não incomodavam ninguém. Pelo menos que se saiba. E se, depois de enterra-los, ele orasse a Deus, pedindo que ele os libertasse, assim como Jesus libertou o endemoniado?

Kobeski estava reflexivo, perturbado, precisava achar um jeito definitivo de interromper a maldade. E se, ao invés de enterrar no cemitério, ele colocasse os ossos dentro da capela? Sim, podia ser. Atrás daqueles restos de muros seria mais fácil de esconder a cova. E a grama logo cresceria de novo. Não é um lugar tão frequentado assim. Deu dois passos para a frente, para conferir melhor o espaço dentro da capela, atrás das pedras.

—Quer mesmo fazer isso? — Kobeski gelou, arrepiou todos os pelos.

A voz rouca de ancião, cheia de pigarro, veio para os ouvidos de Kobeski de debaixo de um chapéu de couro bem velho. Debaixo do chapéu um homem muito velho enrolava um cigarro de palha, de cabeça baixa, todo encolhido. Estava sentado em uma das pedras no chão. Passou a língua na palha, enrolou o fumo e colocou o cigarro na boca. Pegou uma binga e correu o polegar direito no fusível dela. O fogo brilhou, e ele acendeu o cigarro. Tragou e soltou uma baforada. Kobeski já estava apavorado, mas entrou em choque quando o homem olhou para ele. Não tinha olhos, nem nariz, nem pele. O homem deu outra baforada fétida.

—Hoje é minha noite de sentinela.

Kobeski ensaiou sair correndo, mas as pernas não obedeceram. Não podia ser, aquilo ali não podia ser deste planeta. Quem era? Algum mendigo que se acomodou para passar a noite? Que porra é essa de sentinela? E como ele sabia de suas intenções?

Yitzhak Ben-Gurion

—Cada morto tem o seu lugar, assim como os vivos. Não é bom misturar as coisas. Essas pessoas aqui são muito sofridas, merecem um descanso sossegado. Merecem respeito no seu espaço.

O ancião fez menção de ficar de pé. Arthur Kobeski arregalou os olhos e seu sangue ferveu. O pânico se apoderou dele. Não estava preparado para esse encontro. Era um encontro? Era real? Buscou forças no tempo da infância para dominar os músculos das pernas, deu três passos para trás e saiu disparado. Tropeçou e se esborrachou no chão. Mas não ficou parado, usou o impulso do tombo para se levantar e continuar correndo. Foi direto para a portaria, gritando, berrando. Firmou as mãos sobre o portão e jogou o corpo do outro lado, em um movimento só, como um atleta. Estava desesperado. O guarda só acordou, e bem assustado, com a arma na mão, quando Kobeski já havia passado o muro do colégio. Só quando chegou à esquina foi que teve coragem de olhar para trás. Bateu as mãos na roupa, para limpar a sujeira, e continuou correndo.

Desceu do taxi na avenida da praia, em frente à igreja. Não foi para casa, precisava pensar, precisava relaxar. Andou no sentido do mar e sentou-se, em um banco em frente ao mar. Gostava de observar o mar. Fechou a jaqueta para se aquecer e ficou olhando para o horizonte. Tinha que ter um jeito. Viu as luzes dos navios lá adiante, mas não podia ver seus contornos. Dentro da igreja, atrás dele, estava tudo escuro. As figuras de dragões entalhadas na madeira começaram a se mexer, como pequenos vermes saindo do lixo. Logo começaram a se desprender da madeira e ganhar corpo próprio, corpos que cresceram até atingir cerca de um metro e meio de altura. Vários frangões desajeitados, de pescoços compridos e uma cauda que era o prolongamento do próprio corpo. Coisa horrível de se ver. Tinham pele terrivelmente flácida e pegajosa. Tinham boca e dentes de ratos. Juntaram-se diante do altar—mor e começaram a pular, estavam agitados. De suas gargantas saía um ganido desafinado que dava arrepios. Depois de alguns minutos nesse frenesi, um a um se lançou através das janelas fechadas, atravessando-as como se elas não existissem, e se foram, não se sabe para onde.

Uma viatura da polícia encostou no número cento e setenta e sete da rua Carlos Gomes, no Canal Um. Era um prédio baixo e antigo, de cor branca com detalhes em azul. Os vizinhos reclamaram que um odor fétido que vinha de um dos apartamentos estava emporcalhando

todo o prédio, e os moradores provavelmente foram viajar. Três policiais desceram do carro e se aproximaram do portão marrom. Uma mulher de uns cinquenta e poucos anos estava varrendo o pátio. Um dos policiais a chamou e explicou por que estava ali. Ela já sabia do fato e fez uma cara de horror, disse que ninguém estava aguentando ficar no corredor.

–Os moradores têm animal em casa?

–Não sei, estão aqui há pouco tempo, é um casal.

–Sabe o nome deles?

–Não senhor.

Ela os conduziu ao primeiro andar, pela escada. Pararam em frente ao número quatorze. Os três policiais fizeram careta e recuaram para não vomitar.

–Há quanto tempo está esse mau cheiro?

–Uns dois ou três dias. Todos que passam aqui na porta sentem isso.

O prédio não tinha portaria, portanto ninguém tinha chave reserva do apartamento.

–Vamos ter que arrombar.

O corredor era estreito, então ficou difícil pegar impulso para jogar o corpo contra a porta. Um deles lembrou-se de que havia uma banca de revistas na porta do prédio.

–Na banca de revista tem chaveiro? – Perguntou o policial à mulher.

–Não sei, nunca prestei atenção nisso.

O policial resolveu descer e perguntar. Desceu a escada, a mulher abriu o portão e ele foi perguntar. Não faziam chaves nem trocavam fechaduras. Ele voltou e disse que teriam que fazer o serviço do jeito antigo mesmo. O mais corpulento, um homem de um metro e setenta e cinco, com cento e cinco quilos, se ofereceu para a empreitada. Ensaçou ir direto, mas o espaço não parecia suficiente para pegar embalo. Ensaçou correr e fazer uma curva, mas foi desaconselhado, bateria a cara no portal. Resolveram pedir para o vizinho da frente abrir a porta dele, para terem um espaço para correr. O vizinho abriu a porta. O policial deu três passos para dentro do apartamento dele e acelerou. Um barulho de madeira trincando e porta batendo na parede irrompeu no corredor. Conseguiu na primeira tentativa. Duas vizinhas apareceram imediatamente para ver o que estava acontecendo. Quando viram a polícia ficaram espantadas. Uma fechou a porta na hora, deixou apenas uma greta para observar sem ser vista. A madeira do portal era

Yitzhak Ben-Gurion

muito velha, e a fechadura já havia sido mexida outras vezes. Quando entrou, o homem quase vomitou. Voltou correndo para conseguir respirar. Os dois que estavam no corredor, mais a mulher e a vizinha, também tamparam o nariz imediatamente. Era um fedor de carne podre, de carne estragada no lixo. Respiraram fundo, tamparam o nariz e entraram.

Não havia nada de estranho na sala. Um sofá velho, uma mesa velha com duas cadeiras. Foram ao primeiro quarto, estava vazio. Foram ao segundo quarto. Havia um pequeno armário, com uma porta aberta, com algumas roupas dentro. Uma mesinha com roupas dobradas sobre ela. Um par de sandálias e outro de tênis ao lado da cama de casal. Sobre a cama havia dois corpos. Abriram as janelas do apartamento para arejar, e voltaram correndo para o corredor, para respirar. O mau cheiro estava sufocante.

Voltaram para o quarto com a mão no nariz. Era um casal. Sobre a mesinha estava uma bolsa de mulher, e nela encontram um documento de identidade. A mulher se chamava Bárbara. Ao lado da bolsa estava uma calça jeans do homem, e no bolso havia uma carteira com documentos. O homem se chamava Paulo.

Pela experiência dos policiais os dois estavam mortos havia uns quatro dias ou mais. Não havia sinais de sangue, então não foram assassinados. Talvez envenenamento. Mas eles tinham uma expressão de horror nos rostos, como se não conseguissem respirar, como se estivessem se afogando. De qualquer forma não era a especialidade deles, teriam que chamar a polícia técnica para investigar. Não poderiam nem mexer nos cadáveres. Um deles pegou o rádio e ligou para a central, pedindo reforços para iniciar a investigação. Pegou um bloco de notas, registrou um boletim de ocorrência com vítimas, sem causa aparente das mortes.

Capítulo IX

“Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônia, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados.”

Ezequiel 28:13

Lúcia Kobeski morava na Vila Santa Catarina, região do Jabaquara. Entrou na padaria Periquito, na avenida Santa Catarina, e pediu três pães franceses. Recebeu o pacote, agradeceu e passou no caixa. Atravessou a avenida e desceu até a rua dos Paulistanos, número trezentos e dez. Destrancou o portão e entrou. Foi até à cozinha, colocou pó de café e água na cafeteira, e a ligou. Na geladeira pegou margarina e leite. Pegou a açucareira e talheres, e os colocou na mesa. Tinha duas filhas; a primeira era filha de um ex-namorado, do tempo de Limeira. Estava divorciada e tinha uma filha, morando ambas agora com Lúcia. Lúcia casou-se alguns anos depois, mas ficou viúva nove anos depois. Com esse marido teve outra filha, que estava casada e vivia com o marido e três filhos. Marília, de dezesseis anos, chegou à cozinha com cara de sono e cabelo despenteado.

—Bom dia, vó. Tudo bem?

—Bom dia, querida. Dormiu bem? E sua mãe, não vai se levantar?

Yitzhak Ben-Gurion

–Ela está num sono profundo, ficou até tarde conversando naquele aplicativo. É um cara da Alemanha.

–Da Alemanha. Sua mãe precisa criar juízo e arrumar um emprego. Deve parar de ficar sonhando. Isso é coisa de adolescente. Precisa viver o mundo real. Você tem mais juízo do que ela. De gente que vive no mundo da lua já estou bem servida.

–Estou com fome.

–Claro que está. Esse corpinho em fase de crescimento precisa de muita energia para se manter de pé. – Lúcia falou com a neta sorrindo, tentando se divertir com ela. – O pão está aqui. Ponha o seu café. Depois do café vou ao Hospital das Clínicas. Por favor, não deixe louça suja, lave tudo que sujar.

Lúcia embrulhou três pedaços de bolo, uma maçã, um caderno, uma caneta e colocou tudo numa bolsa. E se foi para o ponto de ônibus, perto da padaria Periquito. De longe viu o que tinha o logo do Metrô. O ônibus soltou uma guinchada ao parar. Ela subiu com dificuldade. Estava com artrose no joelho direito. Sentou-se na cadeira preferencial e acomodou a bolsa no colo. Havia conseguido se aposentar nove anos antes, mas até então trabalhara por doze anos seguidos como vendedora de carros, em duas lojas. O ônibus parou na estação Conceição e ela desceu. Pegou a escada rolante e desceu para o subsolo. Lúcia entrou no trem e foi até à estação Ana Rosa. Pegou a escada rolante e baldeou para a linha Verde, e foi até à estação Clínicas. Andou até à rua Doutor Ovídio Pires de Campos, número setecentos e oitenta e cinco.

–Vim visitar um paciente, – anunciou Lúcia ao chegar diante da recepção.

Era um prédio moderno, bem arejado e bem iluminado. Já havia estado lá outras vezes, dezenas de vezes. O Hospital das Clínicas é um grande complexo hospitalar da Faculdade de Medicina da USP, e conta com uma estrutura moderna de ensino e de pesquisas em várias áreas.

–Qual o nome do paciente?

–Arthur Kobeski.

–É parente?

–Sim, sou irmã dele.

A moça pegou o documento de identidade dela, preencheu uma ficha e imprimiu uma etiqueta com o nome da visitante.

–Pode ir. A senhora já sabe onde é?

Lúcia pegou o elevador e subiu ao segundo andar. Já estava acostumada. Segurou instintivamente a bolsa junto ao corpo. Havia mais quatro pessoas, além do ascensorista. Quando o elevador se abriu tinha um corredor comprido à sua frente. Ela passou no postinho da enfermagem para pegar informações.

—Bom dia, Iolanda. Como tem passado? E como tem passado meu irmão?

—Eu diria que ele está melhor esta semana. Está bem calmo. Menos produtivo do que antes, mas dentro do quadro dele, está bem. — A moça estava sentada atrás do balcão de atendimento, com uma pilha de fichas, fazendo anotações. O celular estava ao lado das fichas, e ela dividia o tempo com ele e as anotações. Miúda, pele negra, cabelos crespos. Muito atenciosa, parecia saber tudo que acontecia com os pacientes daquela ala. Havia se formado dois anos antes.

—Tem alguma coisa aí para mim?

—Tem sim. Na volta passe aqui que eu entrego.

Na ala feminina de psiquiatria estava sendo registrada uma nova paciente. Era de Santos. Na ficha ficou registrado Rosana Fortes Cavalcante. Falava muito, parecia ansiosa e aflita, por isso recebeu mais uma dose de calmante.

Lúcia era uma mulher esperta, inteligente. Desde a juventude amava se produzir para sair. Estava sempre combinando roupas e calçados. Andava meio cansada com problemas em casa, e a dor no joelho a deixava irritada. Mas era otimista, batalhadora. Sempre fora bem ligada ao irmão. No tempo em que ele estivera no internato, ela ficou com a mãe, em casa. Precisava ajudar a mãe. Lugar de mulher direita era dentro de casa. Era uma festa quando ele ia passar finais de semana ou férias em casa, eles sempre brincavam muito. Ele sempre arranjava um jeito de contar muitas histórias para ela. Sobre a disciplina rígida, sobre a construção antiga, sobre as matérias ensinadas; e sobre pequenas transgressões, como ficar acordado, conversando, depois do horário permitido, e ainda levar restos de lanches para comer dentro do dormitório. De certa forma ela se sentia responsável por ele.

—Bom dia, meu irmão. Como você está se sentindo? O sol lá fora está lindo, você precisa sair logo deste quarto para andarmos no Ibirapuera. Ou podemos ir à praia e ficar na casa da Roberta. O que acha?

Yitzhak Ben-Gurion

Quando Lúcia entrou no quarto Kobeski estava sentado em uma cadeira de rodas. Quando ouviu a voz da irmã ele virou-se para vê-la. Abriu um sorriso discreto. O melhor que pôde. O corpo dele estava arreado sobre a coluna vertebral, bem curvado. Nas últimas semanas ele vinha intercalando entre momentos de euforia e outros de depressão. Às vezes estava falante e criativo, e em outros momentos ficava pensativo, com o olhar distante e vazio. Passava grande parte do tempo sob efeito de medicamentos. Mas Lúcia não descuidava, estava sempre por perto. Ela se abaixou e o abraçou, e deu-lhe um beijo no rosto. Aproximou seu rosto do dele e abriu um sorriso honesto, olho no olho.

—Não vejo a hora de você sair daqui, vou fazer um bolo de banana para você, do jeito que você sempre gostou. E por falar em bolo de banana, adivinha o que eu trouxe para você?

Kobeski parecia distante, não estava inteiramente conectado às palavras dela. Olhava para ela com olhar perdido.

—Você não está me entendendo, não é mesmo? Não tem problema, isso vai passar. São os remédios. Esses remédios estão acabando com você. Mas também estão ajudando bastante, temos que reconhecer.

Lúcia se afastou um pouco com a bolsa, para servir o irmão com o bolo, e ele a acompanhou com os olhos. Ela tirou um pote de plástico com tampa azul da bolsa. Em um saquinho estava uma colher e alguns guardanapos. Ela puxou uma cadeira, abriu o pote, pegou a colher e ofereceu a ele. Ele tentou segurar o pote e a colher, mas sua coordenação estava afetada.

—Tudo bem, eu vou te ajudar. Mas precisa abrir a boca. Abra a boca.

Ele abriu a boca e ela colocou um bocado de bolo. Ele saboreou com vontade. Baixou os olhos para o pote, dando a entender que queria mais. Ela o serviu de novo. Ele mastigou, fechou os olhos e saboreou. Abriu de novo os olhos e olhou fixamente para ela. Conseguiu sorrir. Foi seu gesto de gratidão. Seus olhos ficaram repentinamente debaixo d'água, e duas lágrimas escorregam pelo rosto. Ele não teve como disfarçar-las, não tinha como limpar o rosto. Ela esboçou um sorriso enternecido, sentindo a dor do irmão. Ela pegou um guardanapo e limpou as lágrimas.

—Fique tranquilo, Arthur, assim que o médico reduzir a dose desses remédios você vai conseguir se movimentar direito.

Uma enfermeira entrou na sala quando Lúcia ia colocar mais um pedaço de bolo na boca dele.

A História do Padre Kobeski

—Bom dia, seu Arthur. Estou vendo que está sendo paparicado. Também vou querer desse bolo.

—Bom dia, Rose, como tem passado? Tenho mais bolo, quer um pedaço?

—Não obrigada, hoje não. Já tomei meu café. Mas da próxima vou querer sim. — Ela sorriu olhando para Kobeski, em tom provocador. Ele tentou sorrir, mas estava sem expressão.

—Como ele tem estado nesses últimos dois dias?

—Está estável. O médico prescreveu um medicamento mais forte, mas hoje foi a última dose. Esse estado de apatia vai diminuir muito, e ele vai voltar a ter momentos de euforia e de depressão, mas menos acentuados.

—Ele tem conversado muito?

—Sob efeito do remédio, nem tanto. Mas antes estava sim. Continua criativo. Sinceramente, nunca vi nada igual. O médico também ficava encabulado com a imaginação dele. De pouco em pouco ele conta muita história. Não é normal, ele tem foco, tem continuação. Na verdade tinha. Tem diminuído. Tem falado bem pouco nos últimos dias. O médico acha que ele está mudando de fase. E para piorar, tem tido dificuldade para respirar, acorda de noite agitado.

Helena e Thomas Mesquita despontaram soberbos no portão de desembarque do aeroporto Internacional de Guarulhos. Estavam de mãos dadas. Ela trajava uma calça pantalonas azul bebê e uma camisa branca, de manga comprida, amarrada com um nó na altura do umbigo. Por cima da camisa usava um blazer despojado, desabotoado, da mesma cor da calça. Estava de cabelos soltos, anelados. Calçava uma sandália de salto de seis centímetros branca, e a bolsa também era branca. Quando despontou tirou os óculos de sol do rosto e os colocou acima dos cabelos, para se ajustar à luz ambiente.

Thomas usava um terno preto, com paletó aberto, camisa azul turquesa, sem gravata. Estava com uma barriga que já precisava de atenção. Mas tinha quase um metro e oitenta, o que ajudava diluir visualmente o impacto. A calvície já havia tomado a parte superior da cabeça. Mas, com aquela mulher do lado, é pouco provável que alguém prestasse atenção nesses detalhes. Ele aproveitou uma viagem de negócios de oito dias para se deliciar com a esposa pelas praias da Espanha. Foi em busca de uma parceria para erguer um empreendimento na cidade de Santos. Depois de concluir as

Yitzhak Ben-Gurion

negociações em Barcelona passaram quatro dias em Ibiza, no Hotel Grand Palladium Palace Ibiza Resort&Spa, com varanda privativa e vista para a praia d'en Bossa. Tiveram à sua disposição quatro piscinas de água doce, um spa, sete campos de tênis e uma academia de ginástica. Para as refeições o hotel tinha dois restaurantes com serviço de buffet e dois com serviço à *la carte*. Mas à noite eles preferiam o bar da piscina. Tudo com vistas privilegiadas para pontos turísticos de dar inveja a qualquer mortal. Toda manhã faziam uma caminhada de pelo menos uma hora pelas praias deslumbrantes, pisando a areia branca e olhando as águas profundamente azuis. Comeram e beberam do melhor que se pode comprar. À noite, na varanda do apartamento, Thomas dedilhava as cordas mágicas do seu violão e fazia Helena transcender a outros paraísos imaginários. Ela cantava com ele velhas canções da bossa nova, chorinhos e samba canção. Um casal verdadeiramente feliz. No quarto dia pegaram o avião para Madri, e de lá para São Paulo.

Ele pegou um carrinho de mão e foram até à esteira de desembarque de bagagens. Dentro de dez minutos a bagagem deles chegou. Foram até o portão de saída do aeroporto e pegaram uma van de traslado até o estacionamento, onde o carro deles havia ficado estacionado. Era um Land Rover Discovery Sport, motor a diesel. Um carrão. Ele colocou as malas no bagageiro e foram para casa. Inicialmente conversaram sobre a estadia na Espanha, depois Helena ligou para Isadora, Bebel e Pedro, nessa ordem. Verificou se estavam todos bem e como estavam as crianças. Thomas Mesquita parou diante do número quatrocentos e trinta e dois, da rua João Lourenço, na Vila Nova Conceição, e clicou no botão do controle remoto. O portão se abriu e ele avançou com o carro.

Abriu a porta do apartamento no penúltimo andar, tirou as malas do carrinho de mão e fechou a porta.

—Preciso ir a Santos dar início às obras. Esse trem suspenso de turismo vai dar o que falar. Vai colocar o litoral paulista no primeiro mundo do turismo.

—Parabéns pela iniciativa. Depois de mais de dois anos de idas e vindas, finalmente esse sonho vai virar realidade. Então vai ser mesmo do Emissário até o Ferry Boat?

—Isso. Com quatro ou cinco paradas no meio. Além de ponto turístico vai servir de transporte público. Já vou ligar para o prefeito para resolvermos os detalhes finais.

–Você vai ter que ir constantemente para a baixada, certo?

–Vamos abrir um escritório lá. Vamos aproveitar os benefícios do Alphaville de Santos para entrar no mercado imobiliário de lá. Vamos construir edifícios em Santos. – Thomas disse isso sorrindo para Helena, orgulhoso. Ele a abraçou como se já estivesse comemorando as novas perspectivas.

Na saída da visita Lúcia passou no postinho da enfermagem. Iolanda não estava.

–Onde está a Iolanda?

A substituta era uma mulher bem mais velha, com um óculos fundo-de-garrafa. Procurava alguma coisa na gaveta. Ela ouviu a voz de Lúcia e prontamente olhou para ela.

–Ela já volta, só foi aplicar uma injeção. Pode se sentar para esperar. A mulher não achou necessário sorrir, mas foi bem profissional.

Lúcia não disse nada, apenas se sentou em uma das três cadeiras encostadas na parede. Pegou sua bolsa e a colocou no colo. Ficou ereta, ombros aprumados, como sempre fazia, para não parecer uma velha quadrada e derrotada. Pegou o celular, tinha uma mensagem de bom dia, retransmitida pela neta. Entrou no Facebook e viu algumas fotos que Roberta postara do último final de semana, na praia de Itararé.

–Lúcia, desculpe a demora. Anotei algumas coisas nos últimos dias. Tem muita coisa que faz sentido. Se tiver um pouco de paciência dá para entender, tem coisas lindas. Parece que ele vai receber alta amanhã.

–Está bom, minha querida, agradeço muito sua colaboração. Sim, o médico esteve lá agora há pouco, e me confirmou isso. Amanhã eu venho busca-lo. Já era tempo.

–Me diga uma coisa: ele é padre mesmo?

–Não, querida, ele nunca foi padre. Depois eu te explico com detalhes essa história, é bem longa. A propósito, este bolo eu trouxe especialmente para você. Não ficou tudo isso, mas fiz de coração. Lúcia abriu a bolsa e pegou outro pote de plástico. Dentro havia um pedaço generoso de bolo, embrulhado com uma folha de alumínio.

Iolanda se derramou toda, fez profusas demonstrações de gratidão pelo excesso de consideração de Lúcia. Lúcia pegou da mão dela um envelope tamanho A4, com várias folhas de caderno anotadas. Dobrou com cuidado, colocou dentro da bolsa e se foi. Ao sair do elevador, na portaria do hospital, o celular dela tocou.

Yitzhak Ben-Gurion

—Lúcia, tudo bem? É a Helena. Estou ligando para saber se você não quer ir amanhã para a casa da Roberta com o Arthur. O Thomas e eu chegamos ontem de viagem, e ele precisa ir a Santos resolver uns negócios.

—Poxa, Helena, que coincidência. O Arthur vai receber alta amanhã de manhã, e estou mesmo pensando ir para São Vicente.

—Alta? Ele está internado de novo?

Lúcia explicou que Arthur Kobeski tivera outra crise, e ficou agressivo. Mas já estava estabilizado. Marcaram de se encontrarem na porta do hospital no dia seguinte pela manhã. Lúcia pegou o metrô na estação Clínicas e foi até a estação Paraíso, e lá pegou a linha azul até a estação Jabaquara. Quando o motorista do ônibus parou na Padaria Periquito, ela desceu. Ao chegar em casa sentou-se no sofá da sala e conversou um pouco com Marília. A neta deitou-se no mesmo sofá e colocou a cabeça no colo da avó. Lúcia se recostou ainda mais na poltrona, para abrir mais espaço para a menina. Passou a mão no cabelo dela, alisou o rosto. Estava exausta, ela mesma precisava deitar um pouco, mas resolveu dar aquele momento para o aconchego da neta. Marília dormiu, e Lúcia, mesmo de mal jeito, também cochilou.

Depois Lúcia foi preparar a mala para viajarem para São Vicente. Pegou o envelope que recebera de Iolanda no hospital e tirou várias folhas de caderno com anotações. Pegou uma pasta de plástico com capa de elástico, num armário no quarto, e tirou de lá um calhamaço de folhas de caderno, todas com anotações feitas à mão, enumeradas, por ordem de data. Pegou o caderno que havia levado para o hospital e juntou tudo numa mesma pasta.

De manhã Arthur Kobeski parecia estar bem. Levantou-se da cama quando Lúcia chegou, para a cumprimentar. Aprumou a coluna, olhou para algum lugar no horizonte e bateu continência para ela. Marchou até ela dando três passos. Ela sorriu, meneou a cabeça como se não acreditasse no que estava vendo, mas continuou sorrindo e respondeu à altura. Ela colocou a bolsa sobre a cama e o abraçou, mas ele continuou em posição de continência e marchou, olhando para o horizonte.

—Hoje é dia de missa, preciso preparar o sermão. — Ela o encarou.

—Está bem, meu irmão, você vai ter muito tempo para preparar seu sermão. Vamos para São Vicente, visitar a Roberta.

—À noite vou enterrar os esqueletos, já avaliei o local. É perfeito. Eles não podem continuar matando pessoas inocentes. Ele disse isso

com muita dificuldade de raciocínio, língua pesada e palavras pela metade. Estava bem confuso. Ela precisou se esforçar para compreender, mas entrou na *vibe* dele.

—Eu entendo e concordo com você. Esses malditos esqueletos precisam voltar para o lugar deles, debaixo da terra. Você está com saudade da Roberta? Nós vamos para lá com o Thomas e a Helena. Eles vêm nos buscar daqui a pouco.

Ao ouvir o nome de Helena, Kobeski pareceu mergulhar num abismo confuso. Continuou em posição de continência, mas fechou os olhos e ficou em silêncio. Alguma coisa dentro da mente dele parecia estar em curto circuito. Repentinamente ele virou-se para outro lado e marchou de novo. Parou, mexeu as pernas e começou a marchar em círculo. Continuava se desligando da realidade.

—Vou enterrar os esqueletos, vou enterrar os esqueletos, vou enterrar os esqueletos.

Na ala feminina Rosana se mexeu na cama a, mas não mostrou nenhuma reação de que estivesse consciente.

—Está bem, se você colaborar comigo eu até te ajudo. Vista sua roupa e volte para a cama, enquanto eu pego as suas coisas. Eles já devem estar quase chegando.

Kobeski baixou as mãos e relaxou os ombros. Ficou parado alguns instantes, mas continuou de pé, olhando para o chão. Mexeu-se e foi para a cama. Pegou uma calça de brim e vestiu por cima do short do pijama. Despiu a camiseta do pijama e vestiu outra que Lúcia havia colocado sobre a cama para ele. Colocou as mãos sobre a cama e ficou parado. Parecia estar com alguma dúvida. Firmou as mãos e ensaiou jogar o corpo em cima da cama.

—Eu estive no Engenho dos Erasmos. Eu pulei o muro e fiz o reconhecimento do cemitério. Mas tinha um homem misterioso lá. Eu fiquei com medo. Muito medo. As palavras saíram enroladas, com várias pausas e raciocínio truncado. Kobeski começou falando em tom normal, mas com desenvoltura corporal um tanto exaltada e afetada. Fez gestos ansiosos e foi baixando a voz, como se quisesse que só ela soubesse. Franziu a testa e fez parecer que era segredo.

—Entendo, eu também teria ficado com medo. Pessoas que a gente encontra em cemitérios não são boa coisa. Ainda mais quando dizem que moram lá. Deus que me livre.

Yitzhak Ben-Gurion

Kobeski deitou-se e ficou olhando para o teto, em silêncio. Lúcia continuou ajeitando as coisas. Recolheu roupas em cima da cama, um pote vazio que ela havia esquecido. Materiais de higiene que estavam no banheiro. Ela havia ligado um aplicativo de músicas e estava ouvindo e cantarolando.

–Para onde vamos? – Ela quase não entendeu.

–Para São Vicente, para a casa da Roberta. Está com saudade dela? Ele ficou calado. Apontou o indicador direito para o teto e ficou mexendo, como se estivesse escrevendo alguma coisa.

–O que você está fazendo?

–Escrevendo. Estou escrevendo um livro sobre os dragões. Eles estão por todo lado. Você acredita?

–Acredito sim, o diabo está sempre em volta das pessoas, para destruí-las. Você pretende publicar esse livro? – Ele continuou calado, mas continuou escrevendo no teto.

–Você sempre quis saber como é a vida depois da morte, essa coisa de salvação. Eu encontrei uma igreja em São Vicente. Muito interessante, estou gostando. Fica na rua Marquês de São Vicente. Se quiser eu te levo lá. O nome dela é Maranata. Tem uma fachada simpática e as paredes são de tijolinhos à vista, coisa linda. Eles falam nesse assunto de um jeito que nunca vi. O nome é estranho, mas vale a pena. Só que vai ter que se comportar.

Lúcia se sentou na cadeira encostada à parede e olhou para Kobeski. Nesse momento o médico entrou no quarto. Um homem alto e magro. Cabelo preto, liso, penteado pra o lado direito. Devia ter uns quarenta e cinco anos. Nariz fino, queixo comprido. Os olhos eram negros e fundos. No crachá do jaleco branco estava escrito Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMUSP. A voz saiu espremida, mas transmitia segurança.

–Bom dia, Lúcia. Como tem passado? – Em seguida olhou para Kobeski e perguntou: – O que você está fazendo, Arthur? Parece feliz. Arthur ou padre Arthur? – Gracejou o médico.

–Escrevendo. Um livro. – Ele não parou. Lúcia ajudou a traduzir o que o irmão queria dizer.

–Sobre o que?

–Já te falei.

–Ah, sim, é verdade. Os dragões, certo?

—O nosso paciente progrediu bastante, já pode voltar para casa. O medicamento continua o mesmo. O estoque da prefeitura já está normalizado, pode pegar lá.

Lúcia o cumprimentou e sorriu, não fez nenhum comentário nem perguntou nada. Ele olhou a ficha que trazia numa prancheta e fez algumas anotações. Kobeski ficou olhando de esgueira para o doutor Bernardo, desconfiado. Desceu da cama e marchou duas vezes, sem alarde, e fez continência para ele.

—Posso confiar em você?

—Pode sim, Arthur, sou seu amigo. Tem algo a me dizer?

—Eu vi os dragões dentro da minha igreja, isso não é bom sinal.

—Ah, é? E o que isso quer dizer? — Continuou escrevendo e olhando para o papel.

—Eles são do mal. Estão planejando algo muito sinistro.

—Ah, sim, eles estão sempre planejando coisas horríveis. Muito cuidado com eles. Quer saber? — Bernardo terminou de escrever, guardou a caneta no bolso e olhou nos olhos dele. — Fique longe daquela igreja, eles vão desaparecer, vão voltar para o mundo das trevas, que é o lugar deles.

Kobeski pareceu decepcionado com o conselho. Ainda estava com o corpo ereto diante do médico. Mas os olhos estavam vagando, procurando algum sentido para aquelas palavras. Começou a bater uma mão contra a outra, devagar, como se estivesse batendo palmas, mas sem fazer barulho. Precisava se expressar fisicamente, sentia necessidade de dissipar sua repentina angústia.

—Não posso. — Kobeski respondeu pausadamente, franzindo a testa. Baixou a cabeça. — É a minha vida. O que seria de mim? — Deixou o queixo cair levemente, sua mente navegou distante.

Lúcia interveio.

—Fique tranquilo, Arthur, vamos achar um jeito. Vou pôr todos aqueles dragões para correr. Ninguém vai assustar você. — Ela disse isso e continuou séria. Bernardo a acompanhou na solução.

Kobeski continuou parado. A engrenagem da mente dele parecia um carrossel enferrujado. Era lamentável ver o homem que outrora fora um incansável batalhador, um coração incrível, um erudito, agora se batendo para compreender as coisas mais rudimentares.

—O tratamento segue normalmente. O medicamento que foi aplicado nele vai durar seis meses. Então daqui seis meses precisa vir para repetir a dose.

Yitzhak Ben-Gurion

Bernardo e Lúcia se despediram, e ele se foi. Arthur Kobeski voltou a escrever em sua lousa imaginária, agora de pé, apontando o dedo para o chão. Imaginária, não, num plano um pouco diferente do de Lúcia.

– Pronto, Arthur, agora é só esperar. Nossa carona deve estar chegando. – Ele mudou de mão e continuou escrevendo. – Quantos capítulos você já escreveu?

Nesse momento o telefone dela tocou. Era Helena. Pediu para descerem e esperarem na entrada do hospital, já estavam quase estacionando. Lúcia pegou sua bolsa, uma sacola com alguns pertences de Kobeski e pediu para ele se levantar. Ele desceu da cama e a acompanhou, com andar trôpego.

– Você pegou a minha batina? – Os lábios pareciam grudados um no outro, e a língua amarrada. E a cognição estava cada vez pior.

– Peguei, está aqui na sacola.

– Hoje vai ter batizado.

Saíram do quarto e foram para o elevador. No corredor passaram por um homem um pouco mais velho que Kobeski, que estava dançando. Havia tirado a camisa e a colocado sobre o ombro. Mas Lúcia não sabia qual música estava tocando na cabeça dele. O homem fez sinal para eles se aproximarem e também dançarem. Nem Lúcia nem Kobeski responderam. Mas Kobeski olhou de novo. Adiante viram uma mulher em uma cadeira de rodas. Ela estava segurando uma toalha sobre os olhos, e gritava muito. Duas enfermeiras tentavam acalmá-la, mas ela parecia estar com medo de alguma coisa. Entraram no elevador e Kobeski clicou o botão zero. Lúcia ficou de frente para ele e sorriu. Ele continuou sério.

Quando chegaram à calçada do hospital Thomas já estava manobrando para estacionar.

– Ainda bem que não fiz vocês demorarem, chegamos juntos.

Eles se cumprimentaram e trocaram gestos e palavras de simpatia. Thomas abriu o bagageiro e colocou a bagagem de Lúcia. Helena estava com sua cachorrinha Cleópatra, uma Yorkshire de seis anos de idade. Ela a havia comprado na Cobasi, em São Paulo. A cachorrinha tinha três meses quando Helena a viu na vitrine da loja e se apaixonou. Desde então já fizera várias viagens com ela, principalmente para seu apartamento no litoral. Kobeski gostava de brincar com ela quando sua consciência ainda estava boa.

– Cleópatra, quanta saudade. Você está linda com esse lacinho.

A cachorrinha ficou agitada quando Lúcia e Kobeski se aproximaram, e abanou o rabinho de felicidade. Ela quis se atirar no colo de Lúcia, então Lúcia a abraçou carinhosamente. Depois olhou para Kobeski, em busca do carinho dele, mas ele não conseguiu corresponder. Ela pareceu decepcionada com isso. Kobeski ficou observando, imóvel. Mas demonstrou algum afeto. No seu íntimo ele pareceu ter alguma ligação com o animal.

–Bom dia, Arthur, como tem passado?

Thomas apertou a mão do primo, e em seguida o abraçou. Thomas fez alguns elogios, enfatizou o grande valor da amizade deles e lembrou algumas coisas dos velhos tempos. Arthur Kobeski ficou imóvel, com os braços pendurados. Thomas se afastou e continuou falando, simpaticamente, olhando para Kobeski.

–Thomas morreu. Os esqueletos o mataram. – Kobeski parecia confuso. Ficou compenetrado olhando nos olhos de Thomas, buscando entender o que ele estava realmente vendo.

–Não, Arthur, eu estou bem vivo. Já fiquei sabendo desses esqueletos e dragões, sei que eles mataram várias pessoas. Mas eu consegui engana-los direitinho. Eu sobrevivi. – Thomas fez um gesto e um ar de vitorioso. Helena e Lúcia sorriram pela suposta vitória de Thomas. –Vamos, precisamos chegar cedo em Santos.

Entraram no carro e se foram para a baixada Santista. Na parada do primeiro semáforo que estava fechado Thomas virou-se para trás e disse a Kobeski:

–Arthur, comprei salgadinhos para nós, você quer?

–Ah, sim. Lúcia, por favor, abra esse saquinho que está aí do seu lado, tem para você também. Passamos agora no posto de gasolina e o Thomas comprou para nós. E tem uma lata de refrigerante para cada um também.

Arthur Kobeski pegou um pacote de salgadinho e um refrigerante das mãos de Lúcia. Parecia uma criança sonolenta.

–Os esqueletos mataram Marcia e Paulo. Foram encontrados pela polícia, estavam apodrecendo. –A fala continuava quase incompreensível. – Eles não vão parar. – Kobeski estava olhando através da janela para o Monumento às Bandeiras, no Parque Ibirapuera, quando passavam pela Avenida Vinte e Três de Maio. As janelas estavam fechadas. Helena olhou para o banco detrás, curiosa.

–Quem é Marcia e quem é Paulo?

Yitzhak Ben-Gurion

—Pelas anotações que temos feito, das histórias que ele conta, é uma moça chamada Bárbara. Era filha da dona da floricultura onde ele trabalhou, quando morávamos em Limeira. Eu me lembro dele falar sobre ela antes de tudo começar. Paulo, eu não sei quem é. Nem sei se é. São histórias bem estruturadas, fazem bastante sentido. Uma colagem muito criativa da imaginação sobre a realidade. Para ele, andam juntas. Tem muita história interessante. As enfermeiras também anotaram alguns delírios dele. Agora ele está entrando numa fase em que não consegue mais se expressar tão bem. Então não vamos mais saber o que se passa na mente dele.

O Monumento às Bandeiras é uma escultura gigantesca, em pedra, de Victor Brecheret, que homenageia os homens que desbravaram os sertões durante os séculos XVII e XVIII. Os bandeirantes. Além de fazerem o reconhecimento dos rincões mais remotos do país, e mapearem vários pontos de riquezas naturais, eles também executaram tarefas menos nobres, como escravizar índios para trabalhar nas lavouras. Aonde eles iam, incutiam pânico e destruição.

—As caveiras mataram a Bárbara. Ela morreu no apartamento. — Kobeski falou e colocou mais salgadinhos na boca. O saco já estava quase vazio. Olhava para fora, através do vidro, com olhar perdido.

—Você deixou cair, Arthur. Deixe que eu pego. — Lúcia se abaixou e pegou três flocos caídos no assoalho do carro.

—Não se preocupe, Lúcia, o Thomas vai mandar lavar o carro mais tarde. Deixe ele se divertir.

—Eles vão me matar também.

—Quem vai te matar, Arthur?, — perguntou Lúcia.

—Os esqueletos. Eles sempre voltam.

—Quando tudo começou, eu não tinha noção de que era tão grave, — ponderou Lúcia, olhando de lado para o irmão, que estava atrás de Thomas. Suspirou, apertou os lábios e olhou para fora do carro. Estavam entrando na avenida Bandeirantes.

—Ninguém tinha, Lúcia. A medicina depende de pessoas falhas, como nós.

—Foram necessários muitos exames e muito tempo. A doença se desenvolveu muito lentamente, e isso dificultou o diagnóstico. No começo ele tinha muita depressão. Depois só queria ficar isolado. Não que ele fosse uma pessoa expansiva, mas sempre foi de fácil relacionamento, carismático, dócil. Hoje eu entendo melhor que meu pai estava entrando no mesmo quadro. Mas foi interrompido pelo

acidente. Se não tivesse morrido naquele acidente acho que estaria na mesma situação.

—Os esqueletos mataram ele. Eu vi. — Kobeski soltou o saco de salgadinhos vazio no colo e agitou o indicador direito em riste. Baixou levemente a cabeça para aproxima-la do dedo. Quase encostou a cabeça no banco de Thomas. Baixou a voz para dizer um segredo. — Eu vi. — Helena olhou de lado e viu Arthur definhando.

Arthur Kobeski estava mastigando e ouvindo as duas conversarem. Sua cognição estava afetada demais para entender tudo. Alguns raios de luz às vezes brilhavam em sua mente, e remotamente compreendia partes desconexas. A afeição pela irmã estava bem corrompida pela desestruturação da sua capacidade emocional. A química que administra nossas ações e reações estava cada vez menos produtiva. A espécie humana é absurdamente controlada por hormônios, ligações químicas, líquidos exóticos que precisam fazer conexões com estruturas feitas de sais minerais. Somos pequenos robôs que não usam fios elétricos, mas fluídos. Pequenas máquinas que sucumbem facilmente a pequenos defeitos. Somos pequenos demais para comportar todas as nossas ambições e vaidades. Quanto a Helena, algum referencial lá no íntimo dele dizia que ela era especial demais para ele, apesar do tempo e das circunstâncias. Mas não sabia mais em que parte da história ela entrava ou saía. Pela mesma métrica ele quase podia concluir que Thomas era um ser muito mal, alguém sem sentimentos, sem escrúpulos. Quase. Mas a falta de capacidade para chegar a conclusões tão simples o colocava numa perspectiva indefesa. Quando conseguimos levar nesse patamar de inferência, temos tendência para sacar do nosso coldre atitudes ligadas a vaidade e valores morais, o que geralmente impacta em nossas relações sociais. Arthur Kobeski agora era uma borboleta.

—Lúcia, você está guardando todas essas anotações? — Thomas perguntou olhando para ela através do retrovisor. Tinha acabado de ligar a seta à direita para entrar na Imigrantes.

—Sim, tenho anotado o máximo possível. Está tudo aqui, conforme você pediu. Como eu disse, de algum tempo para cá ele tem falado menos. Está mergulhando dentro de si mesmo. Ele contava muitas histórias, coisas totalmente descabidas. Muita coisa faz sentido, muita coisa era da vida real. Coisas que ele viveu e coisas que ele ouvia, de nós e na TV. Misturava tudo, ficava difícil separar o que era real e o que era delírio.

Yitzhak Ben-Gurion

Helena estava pensando. Suspirou em segredo. Estava vendo aquele pobre homem definhando daquele jeito. Não era culpa dela os curtos-circuitos da cabeça dele. As ligações bioquímicas que determinavam as atitudes e reações dele não estavam no seu poder. Mas um dia esteve no seu arbítrio jogar na lama os sentimentos mais nobres dele. Ela fora cruel, mesquinha. E isso sempre pesou no final das contas.

Cleópatra estava agitada no colo de Helena, por conta do cheiro dos salgadinhos. Ficou de pé no colo dela e ficou olhando para Kobeski. Queria pular no colo dele. Em outros tempos ele a pegaria no colo e faria carinho. A cachorrinha não entendia por que ele mudara tanto. Kobeski apenas moveu os olhos para vê-la de esguelha, mas rapidamente olhou para baixo.

Arthur Kobeski encostou a cabeça atrás da poltrona de Thomas, fechou os olhos com força, e ficou movimentando o indicador direito contra a poltrona dele, como se fosse uma faca. Um gesto repetitivo e intenso. Estava em silêncio, mas o semblante fazia parecer que estava com raiva. Movia os lábios, mas não se ouvia nenhum som. Estaria dizendo algo para si mesmo? Estava dizendo algo ou era apenas um gesto instintivo como outro qualquer, considerando o seu quadro clínico? Lúcia olhou para ele e teve pena. Apertou um lábio contra o outro e não conseguiu sorrir. Entrelaçou os dedos de uma mão contra a outra e apertou forte. Helena olhou de esguelha e seu coração se partiu. Sua leitura do que viu envolveu, em um quarto de segundo, uma história antiga, em que ela partiu o coração dele de forma definitiva. Ela já sabia que seu nome era frequentemente mencionado por ele, nos seus delírios, nas suas alucinações. Ele sonhava com ela, imaginava histórias belas para tentar prolongar suas alegrias de um passado distante. Uma chama que nunca se apagou, um amor único. Ah, se ela pudesse reparar esse dano. Carregou o peso da culpa todos esses anos. Um homem bom demais para ser tão cruelmente descartado. Uma alma generosa, um coração precioso. Thomas não percebeu o gesto, então não tirou nenhuma conclusão, apenas não viu a cabeça de Kobeski ao olhar de novo pelo retrovisor. Mas viu Lúcia. Baixou o volume do rádio. Estava tocando uma música dos anos oitenta.

—Lúcia, essas anotações vão dar um bom livro. Vou me dedicar, vou ver o que consigo fazer.

—Sim, Thomas, uma bela história. Não tenho dom para essas coisas, vou deixar com você. Seria bom ter a memória dele guardada no papel.

Não gosto da ideia de que ele não está mais aqui. Ele não me reconhece mais como antes, não consegue demonstrar carinho nem nada. Está ficando vazio. Mas eu sinto que bem no fundo da mente dele ainda há um laço entre nós, algum resquício da grande pessoa que ele era.

–Vou pegar essas anotações e vou ler tudo. Colocar tudo em ordem.

–Não sei se tem alguma ordem, são histórias esparsas e muitas vezes desconexas. Ele misturava realidade e fantasia. Quem não o conhece não consegue separar. Até coisas que via na TV ele assumia para si, como se fosse a história dele. Assumia. Ele está piorando. De alguns meses para cá já não consegue mais nem fantasiar. Está mais quieto, sob efeito de remédios, e mais confuso.

–Vou dar um jeito. Se for preciso eu complemento com criatividade.

Cleópatra se mexeu no colo de Helena e novamente olhou para Kobeski. Latiu, pedindo atenção, e um bocado daquela comida cheirosa.

Thomas teve o ímpeto de abrir a boca para dizer, mas se conteve. Ele pensou que devia isso ao primo. Sempre soube que Kobeski escolhera uma vida mais reservada depois que perdera Helena. Ele observou, ano após ano, que Kobeski nunca mais se interessou por outra mulher. Poderia sentenciar o ocorrido como uma mera disputa do mundo animal, onde o mais forte sempre suplanta o mais fraco. Mas a forma nobre como Kobeski lidou com a perda sempre o incomodou. Kobeski era um homem grande por suas atitudes.

Quando tinha quatorze anos, Pedro foi levado ao médico. Teve febre noturna durante dois dias seguidos. O médico diagnosticou uma virose comum. A febre desapareceu durante uma semana, mas voltou persistente. Helena notou manchas rochas pela pele dele em vários pontos. Depois surgiram infecções nas axilas e na virilha. Sentia cansaço sem motivo aparente. Depois surgiu sangramento nas gengivas, dores de cabeça. Helena ficou angustiada quando viu o filho perdendo peso, e nenhum dos três médicos conseguia chegar a uma conclusão. Trinta e dois dias depois da primeira febre foi diagnosticado com leucemia. A mãe entrou em pânico. Chorou copiosamente quando o médico, dentro do consultório, com olhar grave, estimou um curto prazo de vida para o garoto. Thomas já tinha uma condição financeira confortável, mas não poderia comprar a saúde do filho. Foram sete meses de angústias, de idas e vindas a vários hospitais e clínicas, na esperança de conseguir um tratamento certo. Foram para

Yitzhak Ben-Gurion

Nova Iorque, mas os médicos de lá também não sabiam fazer mágica. Um médico disse que um transplante de medula tinha boas chances de salvar o garoto. Porém se depararam com a hostil realidade da falta de doadores. E os poucos que se candidataram, inclusive o pai e a mãe, não eram compatíveis. Os limites das emoções deles foram testados de forma cruel. Kobeski ficou sabendo da luta da família e se candidatou. Era compatível. Providenciaram a cirurgia e o transplante foi feito. A saúde de Pedro se restabeleceu dentro de poucas semanas. Thomas tinha uma grande consideração pelo primo.

Thomas parou na porta da casa de Roberta, na Vila Cascatinha. Kobeski se recusou a descer. Abraçou a poltrona do motorista num gesto frenético e começou a bater a cabeça contra ela. Resmungava alguma coisa, mas era indecifrável.

—Por favor, Arthur, você precisa descer, chegamos à casa da Roberta. Você se lembra da Roberta? Lembra da Adriana e da Joyce? E do Samuel? Olhe para eles.

Helena estava de pé para cumprimentar Roberta. Cleópatra estava de pé, na poltrona, mas agitada por causa das crianças. Latiu para elas. Fez menção de saltar, mas Helena a pegou no colo para mostra-la às crianças. As crianças brincaram com ela, riram e gritaram muito.

Kobeski continuava atarracado à poltrona. Parecia querer chorar. Começou a bater as mãos contra a poltrona. Ficou assim uns dois minutos. Levantou a cabeça e vergou o corpo para trás. Ficou olhando compenetrado para o teto do carro, mas parecia ver alguma outra coisa.

—Eu vi os dragões.

—Onde você viu dragões?

—Na estrada. Estavam voando. —Com muito custo Lúcia interpretou para Roberta o que o tio tentava dizer.

—De vez em quando ele fica assim, faz birra, parece criança. Ele sempre vê coisas, não se assusta. Olhou de novo para Kobeski e disse: — Arthur, não me faça passar vergonha, me ajude.

Arthur Kobeski resolveu descer. Thomas e Helena se foram. Roberta abriu o portão, e a mãe e o tio entraram. As três crianças, de dez a quatorze anos, se divertiram vendo as desventuras do tio avô. A mãe explicou a situação, então elas se contiveram. Mas ficaram olhando estranho para ele. Ao descer do carro ele fizera xixi na calça, então precisou tomar banho. Lúcia separou uma bermuda e uma camiseta para ele usar dentro de casa. Levou-o até o banheiro, tirou a camiseta dele, deixou-o de costas e pediu para ele tirar a calça e a cueca.

A História do Padre Kobeski

–Vou ficar de costas, não precisa ficar com vergonha.

Ele tirou o restante da roupa e ficou parado.

–Agora vou lavar suas costas e você lave seu pinto. Entendeu?

Depois do banho Roberta serviu o almoço: arroz, feijão, ensopado de coxinhas da asa do frango com batatas, salada de tomate com alface e cenoura.

–As crianças e eu já almoçamos, só faltam vocês.

–Sente-se, Arthur. Olhe o almoço delicioso que a Roberta fez para nós. Ele não olhou para a mesa. Estava olhando para as crianças brincando. As crianças corriam para a sala e para o quintal, e Kobeski as observava. As crianças foram para a sala e ficaram conversando. Kobeski não as estava vendo, mas parecia curioso com o que elas estariam fazendo. Vestia short de náilon preto, de elástico, camiseta de malha amarelo-claro, e chinelo de borracha. A barba estava por fazer. Lúcia fazia dia–sim, dia–não, mas recentemente estava dando um espaço maior. O cabelo também já estava precisando de um retoque. Ele começou a bater uma mão contra a outra. Na verdade apenas as pontas dos dedos se tocavam. Estava aéreo. De novo.

–Arthur, sente-se, pediu Lúcia, com muita paciência. Ele pareceu não ouvir e continuou agitando as mãos, olhando para a sala. – Ele tem feito muito isso, não ouve, não responde.

–Mãe, isso deve ser difícil. Não sei se eu teria tanta paciência. Ainda bem que ele tem você.

–Tem momentos que eu acho que não vou aguentar mais. Mas ele só tem a mim, não posso desistir.

–Agora há pouco ele falou alguma coisa sobre uns esqueletos, o que é isso?

Kobeski resolveu se sentar. Roberta o serviu. Tirou os ossos e deixou só a carne. Evitou deixar muito caldo para não derramar. Mesmo com dificuldade ele conseguiu se alimentar sozinho. Lúcia o incentivava para ele ter alguma independência. Lúcia sentou-se numa cadeira ao lado.

–Alguma coisa ligada aos vários anos lecionando história e arqueologia na faculdade. De alguns meses para cá é raro ele lembrar alguma coisa. Antes ele fazia um mix de vários momentos da vida; seminário teológico, faculdade de história, infância, nosso tempo em Limeira. Ele cria histórias, mistura fatos e fantasias. Ele tem um mundo todo dele. A parte constrangedora é quando ele mencionava o tempo em que namorou com Helena. Ele nunca a esqueceu.

Yitzhak Ben-Gurion

–O Thomas foi um cafajeste com ele. Tudo bem que ela acabou fazendo a escolha certa para ela. Se estivesse com meu tio, ela é quem estaria no seu lugar, cuidando dele.

–Eu acho que por isso é que ela me ajuda tanto. Peso na consciência. Quando ele ainda conseguia falar com alguma desenvoltura, num momento de delírio ele disse que a Izabel era filha dele. A Helena estava ouvindo, e eu quase morri de vergonha.

–Você acha que essa desilusão tem a ver com a doença dele?

–Acredito que sim. A verdade é que os médicos nunca conseguiram chegar a um diagnóstico preciso.

Em casa, no apartamento da praia, Helena estava assistindo a um filme no Prime Vídeo. Thomas estava em uma reunião de negócios em algum lugar da cidade. Estava gostando do filme, mas estava dispersa. Seus olhos não estavam na TV, vagavam pela sala. Sua mente estava inquieta, tentando alinhar questões de foro íntimo. Arestas incômodas. Certas coisas do passado não podem simplesmente ser jogadas debaixo do tapete, precisam ser resolvidas com dignidade. Resolveu tomar um banho, não estava conseguindo pensar diante da TV. A água quente do chuveiro não estava lavando suas memórias. Não estava bem consigo mesma. Enxugou-se, vestiu uma bermuda cinturadinha, de bocas largas, com barras italianas, cor salmão, e uma blusinha branca, de alcinha. Abriu uma gaveta do guarda-roupas e pegou um caderno tipo universitário, e uma caneta. Foi para a sala, desligou a TV e sentou-se no sofá, escorada, mas com as pernas encolhidas sobre o sofá. Colocou o caderno e a caneta no colo e ficou olhando para o teto, procurando alguma coisa dentro do seu coração. Ficou assim alguns minutos. Abriu o caderno, tirou a tampa da caneta, e começou a escrever.

Na tarde do dia seguinte Lúcia resolveu levar Kobeski para andar no calçadão da praia. Era um hábito dele nos anos em que morou em Santos, nos últimos cinco anos antes de a doença se agravar. Desistira de ser padre logo depois do curto período como auxiliar na igreja da Vila Maria, e ingressara na vida acadêmica. Mas alguma coisa sempre o atraía na igreja do Embaré. Talvez a referência histórica ou arquitetônica dela. Nada espiritual. Ele andava na praia de uma ponta à outra, e às vezes se sentava num banco ou num quiosque perto da igreja, e ficava apreciando o mar, as pessoas indo e vindo, e o movimento dos navios, na entrada do porto. Chamou um taxi app e se foram, apenas ela e Kobeski. Prometeu cortar o cabelo dele em breve.

Ela pediu ao motorista para os deixarem em frente à igreja do Embaré, junto ao calçadão. Quando desceu do carro Kobeski recebeu no rosto uma lufada de vento morno. Uma delícia. Encheu o peito e expirou. Olhou lá longe, o sol baixo; pareceu mais animado. Não que risse ou demonstrasse felicidade eloquente, mas pareceu mais atencioso quanto ao ambiente ao seu redor. Antes andava curvado, mas agora estufara o peito. Os bons tempos talvez estivessem insistindo para sua memória acordar, e para o seu entendimento ter o bom senso de aproveitar a visão. Mas estava complicado, para o Arthur Kobeski de outrora, relacionar o lugar com as sensações e as experiências do passado. Ele apenas olhou, como se fosse a primeira vez, sem a devida emoção. Lúcia pegou na mão dele e o levou ao quiosque para comprar um refrigerante. Ele levou a lata de guaraná à boca e bebeu. Uma parte escorreu pelo queixo e molhou a camiseta. Lúcia viu e não se importou, apenas riu, e deu a ele a oportunidade de se expressar como quisesse, sem ser repreendido. Ela quis dar a ele a chance de ser alguém, e não alguma coisa. Ele não passou a língua para lambar o líquido que escorreu, apenas ficou abrindo e fechando a boca, como se estivesse mastigando algo invisível e sem gosto. Um peixe no aquário. Ficou olhando para o mar. Lúcia também olhou, tentou ver o que o entretinha tanto. Não viu.

–Você quer ficar mais perto do mar, da praia? Então vamos lá, meu irmão querido.

–Praia. – Arthur Kobeski repetiu a palavra praia com ênfase no final. Ele fechou as duas mãos, juntou uma contra a outra e as ficou sacudindo. Ele pareceu gostar do que ouviu. Continuou mastigando nada.

Lúcia se colocou na frente dele para o ajudar a se levantar, mas ficou olhando para ele. Sua mente viajou para a infância, quando eram grandes amigos. Fizeram muitas travessuras juntos. Quando começaram a trabalhar tiveram que ajudar os pais nas despesas de casa. Às vezes eles combinavam de um ajudar mais enquanto o outro realizava algum pequeno sonho, como comprar um eletrodoméstico, ou mesmo roupas. Raramente viajavam. Isso fazia com que eles entendessem as limitações uns dos outros, e esse aprendizado serviu para toda a vida. Nesse momento ela sentiu pena, sentiu amor, sentiu remorso, sentiu saudade de quem ele realmente era. Ele continuava olhando para o horizonte, mesmo ela estando na frente dele. Ela esboçou um sorriso discreto. Pegou a mão dele e pediu para ele se

levantar. Ele se levantou, alinhou a coluna e marchou levemente, sem andar. Apenas batia os pés no chão, com olhar vazio. Ela o conduziu com paciência até um banco de frente para a praia. Ele foi marchando, sem oferecer resistência. Diante do banco ele parou de marchar e esperou o comando dela. Ela o ajudou a se sentar. Ele se encostou e relaxou o corpo para trás. Logo depois desse banco havia outro, e nele havia um casal. Os rostos estavam cobertos por um tipo de lenço, e trajavam roupas terrivelmente sujas e gastas. Lucia não prestou atenção, mas tinham olhares perdidos, vazios, mesmo não tendo olhos. Nem pele. Havia uma frieza no semblante deles que dava arrepios. Nem pareciam seres deste mundo. Lucia achou que fossem mendigos. Enquanto ela falava com Kobeski um deles olhou discretamente para ele. Ela teria caído dura de susto, se o tivesse visto. Um horror. Depois as criaturas continuaram olhando para algum ponto indefinido no horizonte. Um navio gigantesco estava se posicionando lá adiante para aportar, com uma infinidade de caixinhas coloridas para descarregar. Ela também se sentou. Ficou em silêncio, apenas observando. Suspirou, parecia cansada. Tentou entrar na sintonia do mundo onde ele estava. O telefone dela tocou.

—Lúcia, boa tarde. Tudo bem? Quero ir com você naquela igreja que você me falou, neste final de semana. Sinto que estou precisando muito. Pode ser? E queria ir aí hoje para conversar com você. O Thomas está em uma reunião com o prefeito, foi aprovado o projeto do Trem Turístico Suspenso. Vão começar as obras dentro de um mês. Estou sozinha em casa, quero sair um pouco.

—Eu estou aqui na praia com o Arthur, venha para cá. Estamos apreciando o mar. Ele sempre gostou disso, parece até que se acalma.

—Ah, que bom. Então estou indo aí.

Dentro de quinze minutos Helena chegou, arrastada por Cleópatra. Veio a pé. As duas se abraçaram. Sentou-se ao lado de Lúcia e colocou Cleópatra no colo. A cachorrinha estava ofegante e resolveu ficar quieta. Começaram a conversar banalidades. Kobeski continuou olhando o movimento das águas. Falaram sobre a dificuldade de criar filhos e netos no mundo moderno. Falaram sobre saúde, família. Helena mencionou alguns detalhes sobre sua última viagem, mas evitou priorizar esse assunto.

—Helena, o refrigerante está fazendo efeito, preciso fazer xixi.

Lúcia pediu licença e foi ao banheiro público mais próximo. Helena olhou para Lúcia se levantando, mas não olhou para Kobeski. Olhou

para baixo, depois olhou para o horizonte. Tentou encontrar o olhar dele no infinito. Criou coragem e olhou para ele, à sua direita, na outra ponta.

—Olá, Arthur. — Ele continuou olhando para o grande navio. Ou algo naquela direção. O reflexo do navio podia ser visto nos olhos dele. — Aqui deste banco não podemos ver o que há debaixo dessa imensidão de águas, não é mesmo? Não sei se você entende alguma coisa do que falo, mas pelo menos eu preciso me ouvir. Sei que você está mergulhando cada vez mais num mundo tão desconhecido quanto o fundo do mar, e eu nunca tive coragem de me retratar sobre o meu rompimento com você. E não vou ter tempo de falar sobre isso agora. Mas gostaria muito. Sei que nada do que eu disser vai mudar a história, nem consertar os estragos que causei. Nem você vai me entender. — Kobeski baixou os olhos, agora estava olhando para a calçada, ou para os próprios pés. — Ah, Arthur, me perdoe. Eu fui cruel com você. — Os olhos dele ficaram úmidos. Ela percebeu e se calou, ficou engasgada, olhando para as próprias mãos sobre os joelhos.

—Olha, eu escrevi uma carta para você. Isso mesmo, uma carta. Eu precisava passar essa questão a limpo. Não vai adiantar eu ler para você, nem vou ter esse tempo. Eu escrevi mais para mim do que para você. Então vou ali joga-la ao mar. Ninguém precisa saber o que eu sinto, apenas você.

Ela abriu a bolsa e pegou uma folha de caderno, toda escrita à mão. Aproximou-se e a mostrou para ele, mas ele continuou de cabeça baixa. Ela recolheu a mão e pensou um pouco. Olhou para a carta, olhou para o mar. Amassou a folha, fez uma bolinha com o papel.

—Você segura a Cleópatra para mim, por favor, enquanto vou ali? Prometo que já volto.

Ele não respondeu, mas ela amarrou a guia no banco e colocou a mão dele sobre a cordinha. Levantou-se, tirou a sandália de tirinhas, olhou para os lados e andou para a areia. Andou rápido com os pés descalços sobre a areia quente. Kobeski levantou a cabeça e a acompanhou com os olhos. Não estava mastigando, nem batendo as mãos. Algo lá dentro dele o reconectou com o mundo externo, como um mergulhador que emerge para respirar. Cleópatra estava sentada, do lado dele, e também ficou observando, atenta, mas parecia cansada demais para tentar correr atrás. Só teve forças para latir três vezes. Kobeski olhou para a cachorrinha, curioso, depois olhou de novo para Helena, caminhando para o mar. Ele viu quando ela jogou a bolinha

de papel na água. O grande navio estava se aproximando do canal do porto, para descarregar. Trazia mercadorias que movimentam o mundo dos negócios, que fazem girar a roda do mercado, que geram lucros. Os lucros que pagam as nossas vaidades, que constroem o nosso egocentrismo, e nos fazem cada vez mais inescrupulosos. A bolinha bateu na água e flutuou. Foi se soltando, foi se abrindo, até ficar totalmente aberta. Ficou boiando, para lá e para cá. Tinha o desenho de um coração com dois olhos e uma boca sorrindo depois da última palavra. O movimento da água foi levando a folha, lentamente, para o meio do mar. Para a mais profunda escuridão do oceano, afogando as palavras que nunca poderiam ser ditas.

—Querido Arthur. Todos esses anos foram difíceis para mim. Eu imaginava que ficando longe de você eu esqueceria o tempo em que passamos juntos. Mas isso não aconteceu, você sempre ocupou um cantinho dentro de mim, e isso foi como um espelho diante de mim, a me acusar. O lado determinado e competitivo de Thomas me arrebatou num momento de muita fraqueza minha. Mas, creia, o Arthur, romântico e apaixonado, nunca saiu completamente do meu coração. Você nunca deixou de ser importante para mim. A primeira vez que você me deu flores foi a primeira vez na minha vida que eu ganhei flores. E foi lindo. A sua capacidade insuperável de valorizar as coisas que parecem as mais insignificantes fez você criar raízes permanentes dentro de mim, pois eu me sentia pequena. Estava num momento tumultuado; meu pai havia falecido, minha mãe doente, e eu perdi meu emprego. Você me salvou como pessoa. E eu fui ingrata, insensível, egoísta. Me perdoe pela minha maldade. Eu me lembro dos nossos encontros furtivos naqueles tempos, quando o Thomas viajava. Não posso dizer que me orgulho disso, de modo algum. Foi outro erro meu. Porém tenho algumas boas lembranças. Mas nem tudo são apenas lembranças ou fumaça que o vento leva. Eu li algumas anotações feitas pela Lúcia e pelas enfermeiras, das suas alucinações, dos seus delírios. Para mim esses delírios nada mais são que a criação de um mundo ideal; imaginário, mas perfeito, para compensar o que não temos e o que não somos. Uma vez, num delírio, você disse que a Bebel era sua filha. Quase morri de susto. Seu bobinho, você estava redondamente certo. E não apenas ela, mas também a Isadora e o Pedro. Isso mesmo, Arthur, você já é avô. Sei que você não vai contar isso para ninguém, não é mesmo? É o nosso segredo, é a nossa

A História do Padre Kobeski

cumplicidade. Agora eu me libertei, estou calma. Fique em paz, Arthur. Pode mergulhar em paz no seu mundo imaginário, no seu mundo de sonhos. Vou cuidar muito bem dos nossos filhos e dos nossos netos. Com carinho, Helena.